FERREIRA DE BRITO

Joaquim de Araújo e a expansão europeia da Cultura Portuguesa

Instituto de Estudos Franceses da Universidade do Porto
2000

JOAQUIM DE ARAÚJO E A EXPANSÃO EUROPEIA DA CULTURA PORTUGUESA

© 2000, Ferreira de Brito

Capa de Luís Mendes

Execução Técnica: *Humbertipo* - Porto

Depósito Legal N° 144040/99

Editora: Instituto de Estudos Franceses da Faculdade de Letras
da Universidade do Porto
Via Panorâmica, s/n.°
4150 Porto

FERREIRA DE BRITO

JOAQUIM DE ARAÚJO E A EXPANSÃO EUROPEIA DA CULTURA PORTUGUESA

INSTITUTO DE ESTUDOS FRANCESES DA UNIVERSIDADE DO PORTO
2000

ÍNDICE

PREFÁCIO 9

I. O TRAJECTO 17
1.1. O fundador de revistas e jornais 26
1.2. O animador de números especiais 52
1.3. O Camonianista 78
1.4. O Garrettianista 89
1.5. O Camilianista 100
1.6. O Divulgador de João de Deus e da **Cartilha Maternal** 105
1.7. O Teofilanista 121
1.8. O Anterianista 130

2. O Poeta 138
2.1. O Crítico literário 179
2.2. O Epistológrafo 182
2.3. O Bibliófilo / Bibliógrafo 184

II. O PROJECTO 187

3. A expansão da Cultura Portuguesa na Europa 187
3.1. Na Espanha 189
3.2. Na França 199
3.3. Na Itália 260
3.4. Na Alemanha 280
3.5. Na Inglaterra 285
3.6. Na Suécia 291
3.7. Noutros países 306

III. CONCLUSÃO 313

IV. SELECÇÃO DE CORRESPONDÊNCIA 317
1.1. Carteggio di Joaquim de Araújo 321
1.2. Cartas de Rafael Altamira a Joaquim de Araújo 327
1.3. Cartas de Achille Millien a Joaquim de Araújo 351
1.4. Cartas de Wilhelm Storck a Joaquim de Araújo 411
1.5. Cartas de Edgar Prestage a Joaquim de Araújo 435
1.6. Cartas de Göran Björkman a Joaquim de Araújo 479

PREFÁCIO

Há mais de um século, Victor Hugo declarava em carta a Brito Aranha que Portugal, por ter abolido a pena de morte, estava «*à la tête de l'Europe*»[1] e justificava a asserção afirmando que «*proclamer des principes, c'est plus beau encore que de découvrir des mondes*». Reconhecia nestes termos o maior, porque o mais universal e universalista dos génios do seu tempo, que os portugueses se tinham já libertado dos traumas da Inquisição castradora e enveredado pelo pioneirismo das grandes causas humanitárias. Noutra carta tendo como destinatário Guilherme Braga, em 1870, lançava Hugo um vibrante apelo a um *europeísmo* sem fronteiras, iluminado pela mensagem universalista da Revolução de 89 e pelas Luzes da tolerância religiosa, política e cultural, cujo foco mais intenso brilhava em Paris: «*Ce jour-là 89 sera accompli et la Révolution de la France sera la Révolution du monde. Ce jour-là les frontières s'effaceront; nous aurons tous la même patrie, la République; il n'y aura plus ni France, ni Portugal, ni Allemagne, ni Italie; il y aura Paris, capitale du monde, et l'Europe, centre et lumière des continents. Attendons. Espérons.*»[2]. Espera sem esperança! O messianismo parisiense de Victor Hugo, escutado em Portugal como um eco cósmico de ressonâncias proféticas, esbarraria, de facto, com todo o tipo de fronteiras naturais, políticas, económicas, culturais, religiosas, e, se Paris continua a ser um pólo de atracção cultural importante, é, por mera convenção comunitária, em Bruxelas, que se joga, política e economicamente, o futuro dos "Estados-Unidos da Europa", agora já sem o federalismo e o paternalismo ostensivos, mas inofensivos, do poeta/profeta Hugo. Unidade política, unidade alfandegária, unidade monetária, unidade militar(?), esse projecto, mais sonhado do que conseguido, vem encontrando obstáculos muito sérios nas várias fases da sua tramitação, dados os ritmos diferentes dos povos que constituem

ou tentam constituir a União Europeia. A unidade económico-política é o resultado de um trabalho apreciável de cúpulas estruturalmente economicistas, mas a união das forças culturais europeias (*união* e nunca *unicidade*), essa implica um processo de capilaridade, a partir das bases, que conduza a opções de convergência/divergência no respeito sagrado pelo *Diverso*. Não se poderá impor por tratado multilateral um *modelo cultural* que seja o somatório das partes envolvidas nessa mesma União. Neste domínio essencial, o todo nunca poderá ser soma algébrica das partes. É basicamente por isso que a União Europeia, com todos os seus avanços e recuos, se ficou pelas questões, já de si complexas, da política e da economia, sem, à partida, ter mexido nos valores idiossincráticos de cada povo. A unidade linguística, um novo esperanto que alguns tendem a ver na internacionalização das linguagens artificiais da informática ou no *americano* imperialista e nivelador, essa não é possível nem desejável obtê-la. Sabemos, pela experiência da abordagem da História política e cultural enfocada nos seus ritmos de longa duração que o *cultural* precede e condiciona o *político,* resistindo-lhe e persistindo-lhe nos tempos e nos espaços. O *político* em si mesmo é convencional, provisório, sujeito a bruscas mutações de interesses económicos de classes e/ou de países. O *cultural* está de tal forma arreigado no arcano da memória colectiva dos povos, no seu imaginário sempre marcado por traços fortíssimos de ancestralidade e de afectividade, que as grandes forças massificadoras da opinião pública, capazes de momentaneamente o abalar, se mostram impotentes para o destruir ou substituir. Começou-se tarde de mais e muito medrosamente a falar da Europa linguística e cultural. O sistema político e económico europeu gerido não por humanistas, mas por *eurocratas* pouco motivados para os grandes problemas da Cultura (que tentam ignorar ou secundarizar numa *práxis* arrogante ou alienada), corre sérios riscos de minimizar os valores matriciais e fundadores de cada povo radicados na religião, na filosofia, na história, na antropologia, na mitologia,

na língua, na ética, na estética, na gastronomia, na etnologia. A Cultura suscita problemas muito complexos e matizados, porque não se submete a decisões monolíticas de cúpulas sem base de sustentação afectiva susceptíveis de provocar fenómenos violentos de rejeição colectiva resultantes do choque de mentalidades desnecessariamente agredidas no seu ser e no seu querer histórico. É fundamental pois que os tecnocratas nunca esqueçam que o consumismo não esgota a gama de temas e problemas que afectam a vivência e a convivência dos povos. A harmonia desejável do racional e do irracional, do consciente e do inconsciente, do apolíneo e do dionisíaco, do real e do imaginário, não se consegue com normativos baseados em regras cientificamente previsíveis e economicamente quantificáveis. A Economia, aliás, não é uma ciência exacta. O homem não se define numa tabela de cifrões. O irracionalismo de certos movimentos de massas (que se traduz ciclicamente em revoluções e guerras que põem fim brusco a tratados económico-políticos aparentemente duradoiros) é uma arma apontada à cabeça dos que impõem e dos que aceitam planificações económicas que destroem os tecidos produtivos dos pequenos países, que, em caso de crise política nacional ou internacional, ficarão expostos à mais extrema penúria. Pelo que a União Europeia não pode consistir numa aplicação mecânica do Tratado de Maastrich e de seus actuais ou futuros apêndices de adaptação ao evoluir histórico-político do mundo.

A nossa perspectiva de leitura dinâmica da Cultura, um património herdado em constante enriquecimento e mutação, sem atavismos é certo, mas sem acelerações biologicamente forçadas, não poderá ser catalogada de *euro-pessimismo*. É que a única visão optimista e razoável de um concerto europeu de Culturas passará necessariamente pelo *respeito à diferença*, à qual Victor Segalen chamou *Cultura do Diverso*. Sem entrarmos em pormenores relevantes de descaracterização nacional por via da circulação da moeda única, não pertencendo ao rol dos que vêem na supressão das polícias de fronteira e das taxas

alfandegárias uma ameaça possível e terrível dos mais fortes sobre os mais fracos e, embora exprimindo inequivocamente todo o nosso empenho na permuta económica sujeita às leis de um liberalismo regulado e regulador de contenção de mercados, não podemos deixar de manifestar, ao mesmo tempo, todas as nossas reservas à implementação tardia e provavelmente desajeitada de medidas culturais que não garantam a viabilidade de uma harmonia polifónica na construção de uma Europa solidária. À *Cultura do uno,* de tipo colonialista, contrapomos a *Cultura do múltiplo,* a única que é verdadeiramente genuína e democrática. O respeito pelas minorias culturais, étnicas, linguísticas, religiosas, pode, numa leitura superficial, parecer um factor impeditivo de desenvolvimento para quem analisa a História pelo monóculo de uma actualidade sem raízes, sujeita aos ímpetos despóticos e egoístas do mercado. Mas, na realidade, não se trata de um entrave e muito menos de um travão. Os povos afirmam-se no palco da História muito mais pelas suas diferenças antropológicas do que pelas suas semelhanças. O enriquecimento adveniente de se pertencer a um bloco político-económico planificado e unido em defesa de interesses comuns face a outros grandes blocos económicos mundiais nunca poderá resultar da mitigação da idiossincrasia de cada uma das suas partes integrantes. Um país é tanto mais rico quanto mantiver viva a diferença específica da sua História. O regionalismo e a regionalização, em vez de estorvarem o crescimento económico e social em lutas improfícuas de bairrismos vesgos e guerras de campanário, são factores de progresso afectivo e efectivo de um todo necessariamente variegado em busca permanente de um equilíbrio de forças aglutinadoras de uma Nação. Dizer hoje que o mundo é uma *aldeia global* já não passa de uma banalidade que toma como referente a vertiginosa planetarização da comunicação social. Só que ela não elimina os grandes mitos e os grandes medos dos povos, não alimenta nem sacia os seus imaginários, não satisfaz os seus anseios mais íntimos. A utopia é um dos nervos

da História. O onírico é uma força propulsora do indivíduo. A *diferença* e a *diversidade* dos povos, independentemente da sua grandeza ou pequenez geográfica e dos índices da sua produtividade económica, deveriam ser a preocupação maior das partes que subscrevem um tratado de união internacional, porque só elas garantem e salvaguardam a sua durabilidade e a sua fiabilidade. É que, mais cedo ou mais tarde, todos os tratados cedem à força irresistível de uma nova vaga de interesses económicos e estratégicos, sobretudo quando agridem as axiologias dos povos que foram forçados a subscrevê-los pela mão das suas cúpulas políticas. O *político* passa e o *cultural* sedimenta numa calorosa dialéctica de conservação e inovação.

Joaquim de Araújo era, como quase todos os literatos portugueses do Século XIX, um grande admirador da França e de Victor Hugo, mas nunca se fez eco do seu apelo a uma *união europeia*, com sede em Paris, a qual não revelava, aliás, no seu étimo e no seu íntimo qualquer sobranceria em relação às outras culturas e nações. Com uma justificada ponta de *chauvinismo*, Victor Hugo indicava o primado de Paris, capital das Luzes, mas o alcance da sua mensagem abrangia uma Europa humanista, universalista, solidária, fraterna, diversificada, tolerante, modelo para outras civilizações.

O que Joaquim de Araújo percebeu exemplarmente foi que o *intercâmbio* cultural é o suporte de todas as restantes actividades, mesmo das económico-comerciais. Na qualidade de Cônsul, responsável sobretudo por tarefas administrativas do seu país em Génova, nunca descurou, privilegiando mesmo com afinco a *exportação* da Cultura do seu povo. Ele apercebera-se com profundidade do *deficit* na balança das relações culturais de Portugal com os restantes povos da Europa e lutou abnegadamente por lá fazer chegar a Cultura lusa. Não passou o tempo a lamentar ou a ironizar, como Eça de Queirós e tantos outros seus contemporâneos *estrangeirados*, a acrítica submissão portuguesa aos figurinos franceses. Enveredou, isso sim, pela positiva e tentou levar, num esforço hercúleo, os valores

culturais lusos aos cantos mais afastados da Europa e a alguns dos seus prolongamentos coloniais das Américas.

O estudo que, de seguida, apresentamos, é um inventário não exaustivo das principais actividades intelectuais de Joaquim de Araújo e de mais alguns agentes culturais, que, em ligação com ele, se empenharam generosamente numa campanha de *portugalidade* sobretudo na Europa na segunda metade do século XIX, já a caminhar a passos largos para o fim de século e durante os primeiros anos dessa viragem, fazendo surgir um grupo importante de *lusófilos* que difundiam nos seus países, servindo-se da sua prestante colaboração, uma imagem de Portugal, visto não como o 'bout' longínquo da Europa, mas como o seu "début", a sua sentinela avançada de Sagres sobre o Atlântico, cuja navegabilidade tanto lhe ficou a dever. Sem complexos de inferioridade, Joaquim de Araújo tentou mostrar a Cultura portuguesa à Europa intelectual interessada em redescobrir um país, que, depois das glórias de Quinhentos, se ensimesmara e deixara amordaçar e adormecer, ao não resistir à Inquisição, à pirataria e à concorrência desenfreada dos principais mercados europeus. Em vez de se deslumbrar com os modelos culturais franceses e germânicos, em moda na sua geração, Joaquim de Araújo, num trabalho ininterrompido de formiguinha obreira, deu a conhecer à Europa do seu tempo não só os grandes nomes da Cultura portuguesa polarizada em torno da figura emblemática de Camões, mas, sobretudo, todos os grandes e pequenos autores da *Geração Nova*, que a Europa pôde ler em várias línguas: castelhano, francês, italiano, alemão, inglês, finlandês, sueco, romeno. Trabalho ciclópico exemplar que não foi exclusivamente obra sua, mas em que ele se creditou como o primeiro. Face à recepção maciça da Cultura francesa em Portugal, a exportação cultural lusa via Joaquim de Araújo, Xavier de Carvalho, António de Portugal de Faria e de vários outros agentes diplomáticos, alguns deles poetas-cônsules como ele, António Feijó e Jaime de Séguier, revelava-se ainda incipiente e tímida, embora decidida a confrontar-se em qua-

lidade com as outras Culturas do areópago europeu. Quando devidamente quantificado todo esse trabalho, depois de um paciente levantamento extraído de livros e gazetas de difícil acesso e manejo, ele surpreende-nos pelo seu volume e pela sua natureza. Crente nas virtualidades potenciais da Cultura do seu povo, na especificidade da sua missão no xadrez político europeu, Joaquim de Araújo, sem grandes alaridos e numa estratégia inteligentemente definida, sentindo uma forte necessidade de um *intercâmbio* vivo e solidário de todas as vozes no concerto europeu, realizou um trabalho que bem poderá servir da paradigma a todos quantos estão apostados na construção de uma *Europa das culturas*, diferentes e complementares, no respeito indispensável pela *Estética do Diverso*. Se o seu exemplo cultural norteasse os que querem fazer uma *união europeia* assente em critérios predominantemente economicistas, esbater-se-iam as desinteligências e picardias entre *euro-optimistas*, *euro-cépticos* e *euro-sépticos*...

A expansão da Cultura portuguesa realizada pelos lusófilos europeus na segunda metade do século XIX contou essencialmente com esse excitante e incitante (e às vezes irritante) *animador cultural* que foi Joaquim de Araújo, motor e mentor de parte substancial dessa expansão em Espanha, França, Itália, Alemanha, Inglaterra, Finlândia, Suécia, Rússia, Suíça e Roménia. É para esta *viagem* (a qual prenunciou uma *viragem* na balança das permutas culturais portuguesas com a Europa, no sentido de se tentar remar contra a maré-cheia do *francesismo* e de se exportar as marcas genuínas de uma *portugalidade* assumida e operante) que convido os meus leitores, consciente de que, se a Cultura é a primeira auto-estrada para a Europa, há que percorrer caminhos e veredas, porque o excesso de velocidade apaga a beleza do arco-íris.

I. O TRAJECTO *

O trajecto e o projecto de Joaquim de Araújo articulam-se de modo tão perfeito que a separação entre ambos é de natureza meramente metodológica. Se Antero de Quental foi o mentor da sua geração, Joaquim de Araújo haveria de ser o seu grande divulgador, tanto em Portugal como na Europa. Ele impusera-se desde a adolescência uma consagração a tempo inteiro à criação e à difusão da Cultura do seu país e afirmou-se, não como um génio criativo original, antes como uma "longa paciência organizada", com rara e persistente teimosia intelectual de bibliófilo/bibliógrafo insaciável na procura. Foi ele quem, numa visão apaixonada da Cultura portuguesa, pouco frequente na sua época de servilismo acrítico para com o Estrangeiro, e sobretudo para com a França, incentivou, obsessiva e devotadamente, os escritores lusos seus contemporâneos de maior nomeada, como Camilo, João de Deus, Teófilo Braga, Antero de Quental, e outros de menor esplendor, a divulgarem as suas obras na Europa, para rivalizarem, sem demérito, com os seus pares estrangeiros. Júlio Brandão, na revista **Nova Alvorada**, nº 5, 1896, dava-se conta desse fenómeno de expansão da Cultura portuguesa na Europa e dela traçou um rápido esboço, que, num período durante o qual o país estava a ser submetido a uma forte perda de identidade cultural, não deixa de ser agradavelmente surpreendente no quadro crítico estereotipado de dependência estrangeira a que andamos habi-

---

* 1. *Neste estudo, actualizamos a ortografia portuguesa, espanhola, francesa e italiana, corrigimos alguns erros evidentes nas transcrições, em nome de uma maior legibilidade desta obra.*

2. *Queremos agradecer penhoradamente ao Director da Biblioteca Nazionale di San Marco di Venezia e ao Prof. Mea a preciosa colaboração prestada no fornecimento dos microfilmes por nós solicitados.*

tuados: «*A Literatura portuguesa, que não vingava dantes passar os Pirinéus, ei-la que voa traduzida e comentada, desde Upsala, cidade pálida do Báltico, até Messina, nessa ilha dos amores italiana.* Os **Sonetos**, *de Antero,* **Os Simples**, *de Junqueiro, e florilégios magníficos de escritores modernos, chegam-nos aqui um primor incomparável de edições fidalgas*». Ora, o agente mais dinâmico de todo este processo de expansão cultural lusa na Europa da segunda metade do séc. XIX foi, indiscutivelmente, o penafidelense Joaquim de Araújo, que a memória selectiva e nem sempre justa da História da Cultura vem esquecendo ou secundarizando. Uma vez quantificado e sopesado o seu trabalho de divulgação da Cultura portuguesa - e é esse o balanço que procuraremos fazer neste livro -, ele revela-se-nos verdadeiramente ciclópico. Joaquim de Araújo foi um intelectual-tipo do fim do século XIX, herdeiro do saber enciclopédico iluminista, sôfrego de conhecimentos histórico-literários e incansável na sua difusão nacional e internacional. Passado que foi o áureo período da expansão da Literatura lusa quinhentista, ondas sucessivas de influências e servilismos estéticos de matriz castelhana, italiana e francesa iam descaracterizando progressivamente o estado intelectual do Reino. Ao movimento de importação de modelos europeus não correspondia um esforço competitivo de exportação dos nossos valores culturais, pelo que a unilateralidade desta permuta só poderia ter como compensação o eco monótono de decantadas glórias culturais das longas viagens marítimas e das obras científico-literárias que elas fizeram surgir. A partir da segunda metade do século XVIII, o modelo cultural francês foi adoptado com tal espírito de subserviência que a especificidade cultural lusa parecia irremediavelmente submersa. Na **Revista Literária do Porto** (n. 29, 1877), ao reflectir sobre a influência dos livros franceses, D. de Macedo considerava que a "*virilidade nacional*" se esgotara em Portugal no século XV, passando desde o reinado de D. Manuel para cá a viver «*de reflexos, de miragens, de ideias alheias, de infelizes reproduções.*» (p.145).

O ponto de vista é discutível, porque excessivamente generalizante, mas não deixa de traduzir um estado de espírito muito comum na inteligência portuguesa oitocentista. O mesmo crítico afirmava: «Os literatos hodiernos ambicionam fama de estilistas unicamente. Fazer estilo, escrever com novidade, traduzir pensamentos alheios, converter o dicionário francês em gramática portuguesa, misturar alhos... com bugalhos finalmente, é aí que consiste o grande mérito.» (p.146).

Assim não entendia Joaquim de Araújo, cônscio de que a maré-cheia do francesismo não esterilizara a "*virilidade nacional*" e de que espíritos originais como Garrett, Herculano, Antero, Eça de Queirós, João de Deus, Teófilo Braga, não desmereciam dos grandes nomes da Literatura de Quinhentos e poderiam expandir-se com grandes vantagens entre os povos mais civilizados da Europa sua contemporânea. Também para ele, como a natureza, a Cultura não faz saltos. Ela é um processo vital com sístoles e diástoles, que enfrenta enormes resistências psíquicas e biológicas, individuais e colectivas, mas resiste a todas as vagas de servilismo esterilizante, ressurgindo, em momentos de crise, como Fénix, das suas próprias cinzas. Joaquim de Araújo, o grande impulsionador e divulgador da *Geração de 70*, nunca se perguntou, até por falta de distanciação histórica, se essa Geração apresentara para Portugal um projecto original ou se limitara a embeber-se nas ideias novas das Culturas francesa, inglesa e alemã, passando-as muito embora por um filtro selectivo de adequação e adaptação idiossincrática. Questão muito delicada, sem dúvida, mas que não deverá ser escamoteada no grande debate de ideias dessa época.

Joaquim de Araújo não foi um teórico dado a grandes especulações filosóficas e ideológicas. Foi, isso sim, um executivo incansável, que tudo sacrificou, como veremos de seguida, em prol da expansão da Cultura lusa. Ele apercebera-se e consciencializara-se, ainda adolescente, da originalidade da Cultura do seu povo e quis acabar com aquele hiato de séculos em que só alguns viajantes e/ou exilados portugueses tiveram

voz activa na Europa (depois de Camões, João de Barros, Garcia da Orta, Pedro Nunes, no Renascimento), tais como Cavaleiro de Oliveira, Ribeiro Sanches, Filinto Elíseo, Abade Correia da Serra, Alexandre de Gusmão e poucos mais, no período do Iluminismo. Para Joaquim de Araújo, Alexandre Herculano e Almeida Garrett, apesar de "estrangeirados", em virtude do seu exílio forçado em Inglaterra e em França, preço bem alto do liberalismo político e estético de ambos, assumiram com coragem o relevante papel de consciência aguda da originalidade da História e da Cultura portuguesas, embora não tenham logrado grande fortuna na Europa enquanto vivos. Foi sobretudo por iniciativa de Araújo, muito coadjuvado, aliás, por Xavier de Carvalho, que Almeida Garrett se tornou conhecido na Europa, aquando do centenário do seu nascimento. Araújo compreendera que o trauma maior da consciência nacional, metaforizado num sebastianismo paralizante e inibidor, consistia na falta de capacidade crítica para descobrir e assumir a sua originalidade no concerto das Nações da Europa projectadas nas Américas. Ele não se coibia de pensar e de afirmar, sem complexos de inferioridade, que a Cultura portuguesa e os seus protagonistas mais destacados nada ficavam a perder quando cotejados com as figuras proeminentes das restantes culturas europeias. E nessa tarefa de divulgação empenhou todas as suas energias e todas as suas economias, numa verdadeira cruzada nacional e internacional, utilizando todos os meios ao seu alcance (livros, gazetas, revistas, jornais, opúsculos, cartas, exposições) para difundir os valores estéticos, literários e culturais lusos, numa perfeita e viva interpenetração sincrónica e diacrónica. Formado como todos os homens da sua geração pelo figurino francês e alemão, nunca subverteu a ordem de valores, num apego genuíno à Cultura nacional. Escrevendo fluentemente em francês, espanhol e italiano, ainda jovem e muito antes de iniciar a sua carreira diplomática em Génova, carteava-se já com lusófilos de vários países europeus, tais como o alemão Wilhelm

Storck, o inglês Edgar Prestage, o sueco Göran Björkman e outras individualidades de grande prestígio, como Platon de Waxel, na Rússia, tentando abranger geograficamente toda a Europa, a partir destes focos de irradiação cultural. Movia-o um justo sentimento de verdadeiro *intercâmbio* que evitasse os perigos de uma subserviência aos modelos europeus, especialmente franceses, que uma forte corrente nacionalista vinha escalpelizando pelo sarcasmo já desde o século XVIII e que João Penha, um dos maiores amigos e colaboradores de Araújo, fulmina nesta quadra:

Vês aquele asno que além passa, vês?
Vestido à moda, alto o chapéu, correcto,
A minha dama o declarou completo,
Que o seu ideal é o manequim francês.[3]

Araújo tinha uma consciência apurada do vaivém cultural que permite o enriquecimento mútuo das nações em constante permuta axiológica, estabelecendo a diferença e garantindo a identidade no respeito pelo *Diverso*. O artigo "O Francesismo", de Eça de Queirós, em **Últimas Páginas**, traçara um quadro da grave desvitalização da Cultura portuguesa esterelizada pela onda avassaladora vinda de França e a irónica lucidez queirosiana (um afrancesado confesso e relapso, hesitando entre a cidade e a serra, entre Paris e Tormes), mais do que uma jubilosa constatação da perda de identidade, soa como um alerta geracional para a degradação sentida e consentida da Cultura nacional. Não foram sem consequência os múltiplos protestos dos "castiços" contra aquela invasão bem pior, porque pacífica, do que as invasões militares napoleónicas, na medida em que minava subrepticiamente a alma nacional, desfigurando-a pelo ridículo da imitação macaqueada. Joaquim de Araújo nunca se questionou se essa Geração, no seu conjunto, alguma vez apresentou um ideário original para a transformação do estado do Reino.

Antero, esse sim, ousou esboçar um programa, mas acabou por rasgá-lo, sem que alguma vez tenha explicado a falência (ou a valência?) do seu gesto. Se o espírito mais original desta Geração (aliás tão díspar na sua origem de classe, no seu nível etário, na sua procedência geográfica e nos seus gostos filosóficos, políticos e estéticos, que vão do idealismo romântico ao positivismo rígido, do iberismo franco ao anti-iberismo monolítico, da Monarquia constitucional ao Republicanismo jacobino) foi Antero de Quental e, se foi ele quem, na sua análise das causas da decadência dos povos peninsulares, diagnosticou as principais mazelas do imobilismo cultural luso, não se poderá esquecer que uma parte essencial do seu pensamento tem raízes germânicas e francesas. Assim, em pleno auge de afirmação da *Geração de 70*, D. de Macedo, já acima referido, insistia no mesmo artigo: «as nossas letras, com raras excepções, restringem-se a um pálido reflexo da literatura francesa. Quem se importa hoje com a leitura dos nossos clássicos, esses esquecidos tesouros cobertos de pó e roídos pela sarna dos anos? Todos criticam ou lastimam o pobre diabo que se abstém de escrever uma certa linguagem mista e desnaturada a que chamam estilo fresco ou moderno. Um pensamento revelado nacionalmente na culta e delicada frase de Lucena e de Vieira é arcaísmo que derranca o tímpano dos leitores; um período conceituoso e arredondado que exprima claramente uma ideia ou retrate com fidelidade uma imagem é prosa narcótica banida para sempre dos lares domésticos. Antes se aproveitam e estimam os folhetins dos jornais, as graciosas anedotas, as traduções de novelas. Bastará um termo novo, um sonoro galicismo, uma ninharia qualquer para se criar nome e consolidar foros de escritor, embora a nossa bela e suave língua portuguesa perca de todo a sua feição própria, a sua velha índole, a riqueza e pompa que tanto a assimilavam à latina.». Sendo a língua a trave-mestra da Cultura, o desvirtuamento daquela abre enormes brechas na sua identidade. Era o que pensava também Joaquim de Araújo ao pretender que ela reassumisse, como no período de fulgor

quinhentista, um impacto europeu, fazendo valer a sua importância, na Europa e no mundo, como língua de comunicação intercontinental e como veículo literário e cultural. Ele nunca se deixou seduzir, como os *afrancesados*, pela sereia da última novidade literária com carimbo francês. **Os Lusíadas** serão para ele o pilar sobre que assenta a Cultura da Pátria, que com eles metonimicamente se identifica. Garrett, ao reassumir no poema **Camões** a epopeia de Quinhentos (agora matizada pela sensibilidade romântica), ergue uma nova ponte que parece garantir a continuidade e a vivacidade da Cultura lusa. Um dos maiores méritos de Joaquim de Araújo consistiu em ter descoberto o valor histórico da geração que saiu de Coimbra, das Escolas Politécnica e Médico-Cirúrgica do Porto, do Cenáculo de Lisboa, e se afirmou com garra ideológica e política nas **Conferências Democráticas do Casino**, mas sem nunca a descontextuar relativamente a todos os outros grandes momentos e figuras de proa da História da Cultura portuguesa desde o século XV. Foi esta visão dinâmica e integradora que lhe permitiu realizar um trabalho de expansão cultural coeso, eficaz e duradoiro. Para isso, o jovem Araújo, mais novo 16 anos do que Antero e 15 do que Teófilo, tentou colar-se a esta Geração que lhe parecia brilhante, fazendo-lhe a sua história, motivando-a nas suas produções estéticas e dando-as a conhecer ao país e à Europa do seu tempo. Araújo encostou-se, como tantos outros, ao grupo dos "acutiladiços" que quiseram pôr Portugal ao ritmo europeu, mas nunca renegou a idiossincrasia lusa. Pelo contrário, tudo fez para que as suas vozes se ouvissem no concerto das nações mais polidas. Meio neo-romântico, meio parnasiano, Araújo pensava, como o seu conterrâneo Germano Vieira de Meireles [4], de quem fora, aliás, muito amigo, que as **Odes Modernas** de Antero de Quental constituíram uma espécie de manifesto da *ideia nova*, que abandonava agressivamente o ultra-romantismo lamechas e cemiterial de Soares de Passos e seus epígonos e abria uma frente de modernização poética em sincronia com o que de melhor se produzia na Europa afinada

pelo diapasão humanitarista e universalizante de Victor Hugo. Araújo gozou do privilégio de entrar na privacidade dos dois espíritos mais influentes desta Geração, ainda por cima desavindos entre si: Antero e Teófilo. E teve a arte bem difícil de os congraçar, como o documenta uma abundante correspondência a propósito das suas revistas **A Harpa** e **A Renascença** [5]. Araújo revelou-se um talento precoce com uma ardente paixão pela *coisa literária,* independentemente da pessoa do artista criador ou da ideologia que ela veiculasse. Tentou evitar guerrilhas institucionais e pessoais, embora nem sempre o conseguisse, tendo mesmo estado na origem de várias. Avesso a todo o tipo de uniformização estética, soube distinguir no alvo desta Geração, António Feliciano de Castilho, o que era um pontificado conservador e paternalista e a importância exemplar do trabalho realizado pelo grande Mestre no enriquecimento do património cultural luso, furtando-se habilmente à sacralização de gostos e à ritualização intolerante de ideias. A riqueza dessa geração histórica assentava exactamente na pluralidade de vias e de vozes que a animava. Todas as querelas de campanário lhe pareciam inúteis face às tarefas ingentes de renovação política, social, moral e estética a que ela se propunha e à necessidade imperativa de se afirmar, além fronteiras, como testemunho de uma *portugalidade* originária e original, viva e actuante. Por isso, Araújo nunca aceitou (como já antes não tinham aceitado os aguerridos coimbrãos) que Herculano, símbolo vivo da consciência da nacionalidade e do progresso, se tivesse retirado tão cedo da liça e não tivesse protegido com a sua auréola intelectual e moral uma Geração convencida de que prosseguia o mesmo de tipo de luta. Capaz de atrair às suas revistas os artistas mais díspares, tantas vezes incompatibilizados entre si, Araújo, com uma beneditina paciência, acabava sempre por levar a água ao seu moinho e apaziguar os ânimos exaltados. O caso mais exemplar da magnanimidade crítica de Araújo talvez seja o da sua relação com Camilo, que, intervindo com cautelas na **Questão do Bom Senso e Bom Gosto**, procurou

moderar aquela refrega geracional, ao sustentar com maturidade que nenhuma facção literária tinha o exclusivo do *bom senso* e do *bom gosto*, conceitos comensurados por balizas históricas que os tornam inevitavelmente mutáveis, provisórios e caducos. Temperamento tão irascível como o de Teófilo, foi estrondoso o choque entre o romancista passional monárquico e o açoriano positivista republicano. Pois Araújo, vinte e sete anos mais novo do que Camilo, conseguiu que aqueles dois temperamentos de artistas irritadiços se reconciliassem quando a tragédia se abateu sobre Teófilo e lhe levou os dois filhos. Joaquim de Araújo arrancou a Camilo um poema para elegiacamente consolar Teófilo que sempre considerara o romancista seu figadal inimigo. "A maior dor humana" é um texto poético de fina inspiração elegíaca e marcou uma nova etapa de relações de apreço entre ambos, graças ao espírito superior de Araújo, que, depois, daria a conhecer, em múltiplas versões, a toda a Europa esse dorido poema de simpatia na morte.

Mal-grado algumas tentações políticas condicionantes da sua actividade cultural, pouco consistentes, diga-se de passagem, motivadas por herança ideológica paterna, em que chegou a ser eleito deputado pelo concelho de Valongo ao serviço do Partido Regenerador e, apesar de algumas fugazes veleidades positivistas e republicanas por influência de Teófilo enquanto adolescente, Araújo manteve-se fiel ao seu Rei, revelando-se sobretudo como um agente cultural muitíssimo empenhado na difusão dos valores literários da sua Pátria, distinguindo lucidamente entre Cultura e Ideologia. A dedicação canina que teve para com Camilo e Antero, os dois grandes suicidas, fez com que tentasse identificar-se com eles na dimensão trágica com que leu o seu destino e ousasse interrompê-lo com um suicídio frustrado do mesmo tipo, em Itália. Ele que tanto havia chorado, mas respeitado moralmente, a atitude desesperada daqueles génios sofredores, acabaria por repetir o mesmo gesto catártico ou ascético, quando, na qualidade de Cônsul de Portugal em Génova, via crescer, nacional e internacionalmente, o seu pres-

tígio e desafogar-se um pouco mais a sua sempre delicada situação económica. Agora a Europa, reunida diplomaticamente em Roma, estava ao seu alcance. E, como nessa época, os agentes diplomáticos não se limitavam a tarefas de natureza política e administrativa, pois eram, muitas vezes, literatos de mérito, Araújo soube tirar o máximo proveito do relacionamento com os seus pares estrangeiros, convertendo-os à *lusofilia* ou incentivando-os (no caso de outros já há muito a ela convertidos) a prosseguir essa benemérita tarefa. Algumas vezes violentamente acusado por políticos e críticos, nem sempre bem humorados e justos, de se ocupar com minudências de bibliófilo e em eflúvios de poeta enamorado do "eterno feminino", ele nunca cedeu a remoques, completando o seu labor poético com uma cruzada de expansão dos valores culturais lusos não só em Itália (onde desenvolveu uma imensa actividade literária), como também um pouco por toda a Europa, conforme veremos nas rubricas respectivas.

1.1. O fundador de revistas e jornais

O século XIX português conheceu uma verdadeira explosão de gazetismo contra o qual se insurgira já no séc. XVIII o panfletário José Agostinho de Macedo. Em todas as cidades e vilas do Reino, o jornalismo difundia, graças ao aperfeiçoamento mecânico da tipografia, em consideráveis tiragens destinadas a públicos alargados, as ideias que, outrora, os livros, raros e de difícil acesso, reservavam a grupos de leitores muito restritos. Desde o Século das Luzes, a *opinião reinante* vinha sendo paulatinamente substituída pela *opinião pública,* que, na sequência das teorias enciclopedistas da soberania popular, se impusera a partir da Revolução Francesa como a força essencial que deveria conduzir a *res publica.* Sem quadros redactoriais especializados, como hoje acontece, sem o recurso a meios técnicos que actualmente transformam a profissão jornalística num trabalho técnico de noticiarista, o periodista do séc. XIX,

contando apenas, no caso dos diários economicamente mais prósperos, com os despachos internacionais do telégrafo que então se desenvolvera rapidamente, tinha de ser criativo num trabalho solitário, esgotante e desapoiado. Jornais e gazetas proliferavam, apesar de tudo, com um tempo de sobrevivência geralmente muito curto, dada a sua identificação personalizada com o redactor principal, tantas vezes único, que tinha de socorrer-se de colaboradores literários voluntaristas geograficamente muito dispersos. Todo este processo implicava atrasos ou desvios no correio e, por consequência, provocava forte instabilidade redactorial, pois não era possível satisfazer normalmente os compromissos assumidos com os assinantes, os quais, por via de regra, pagavam adiantadamente a sua assinatura para desse modo garantirem a periodicidade aprazada.

Joaquim de Araújo convivera desde a sua infância em Penafiel com a feitura de um dos jornais portugueses mais famosos da época que se publicou nesta cidade e teve igualmente curta duração. Referimo-nos ao **Século XIX** (réplica portuguesa do correspondente francês **Le Dix-neuvième Siècle**), fundado pelo seu pai Dr. António Joaquim de Araújo e pelos seus conterrâneos Germano Vieira de Meireles e Rodrigo Teles Meneses. Seu pai era correligionário político do bacharel coimbrão Germano Vieira de Meireles e do seu irmão, lente de medicina na Universidade de Coimbra, António da Cunha Vieira de Meireles, e, na base do seu desaparecimento, depois de ter contado com a famosa colaboração do *Bacharel José,* pseudónimo de Antero, parece ter estado um ataque violento de outras forças políticas à loja maçónica que ele representaria – tese que nos mereceu algumas reservas científicas já patenteadas no nosso estudo sobre Germano Vieira de Meireles. O jovem Araújo vivenciou esta experiência familiar jornalística e criou a sua primeira revista, **A Harpa** [6], em 1873, quando tinha apenas 15 anos e era estudante liceal no Porto. O seu projecto tinha um cunho eminentemente literário, mas Sampaio Bruno, que juntamente com ele apadrinhara o nascimento dessa revista acadé-

mica, escrevia já por essa altura a **Análise da Crença Cristã**, que, no manuscrito respectivo, vinha subtitulada **Bíblia dum incrédulo**, conferindo-lhe desde logo, pelo seu liberalismo confesso e pelo seu anticlericalismo mal disfarçado, que não escapou ao olhar inquisitorial dos mestres, um toque suspicioso que a idade muito verde dos seus responsáveis vinha agravar. Era a dita gazeta impressa na tipografia Coelho Ferreira, ao fundo da rua das Taipas, com bastante irregularidade, e prolongou a sua existência até 1876, com a tiragem de dois números por mês. Inseria prosas, versos, artigos, charadas, procurando compatibilizar o criativo com o recreativo. O número do dia 9 de Julho de 1873 foi impresso a tinta azul e encimado com o escudo nacional para comemorar o desembarque do Mindelo. Colaboraram nessa revista alguns nomes de vulto – o que demonstra a aceitação que aquele periódico de adolescentes merecia da parte da intelectualidade portuguesa de vários quadrantes ideológicos - Guilherme Braga, Simão Rodrigues Ferreira (conterrâneo de Araújo e muito mais velho do que ele, com o seu romance histórico O **Castelo de Agam** [7]), José do Amaral, Acácio Antunes, Gerardo de Vasconcelos, José Sampaio, Maximiano Lemos, Teófilo Braga, Antero de Quental, Gonçalves Crespo, Cândido de Figueiredo, Inocêncio Francisco da Silva, Adolfo Coelho e vários outros. Elenco respeitável, sem dúvida, que conferia a uma experiência literária juvenil um alcance de respeitabilidade que a credenciou para voos mais altos. Foi, de facto, neste balão de ensaio literário que Araújo entrou em intimidade com grandes vultos intelectuais que apostavam na inteligência daquele adolescente que sacrificava todo o seu tempo de lazer ao prazer estético da escrita e aprendia a entrar nos meandros labirínticos das capelas literárias de então. Segundo António Ferrão, *«Joaquim de Araújo pertence a uma plêiade notável de grandes espíritos: poetas eminentes, romancistas e folhetinistas de grande valor, pensadores e críticos admiráveis, etnólogos e folcloristas muito sabedores, historiadores e eruditos de alto mérito.»* [8]. Todas as grandes figuras

da literatura e da ciência portuguesas da época foram seus colaboradores, seus admiradores e seus amigos. Ao terminar a 1.ª série com o seu número 20, Araújo, em carta a Teófilo Braga, indicava já o cômputo brilhante de 110 colaboradores portugueses e brasileiros [9]. Teófilo Braga era acusado de vários ângulos de ser uma figura odienta e despeitada e Araújo multiplicou os seus esforços para desfazer esta má reputação do seu Mestre no Curso Superior de Letras, apresentando-o como um homem afável e amigo do seu verdadeiro amigo. Teófilo, por seu lado, incentivava o noviço no mundo das letras, fornecendo-lhe alguns originais e apoiando-o nas horas críticas de maledicência invejosa do *homo homini lupus*, agravado no caso dos hipersensíveis artistas. Estreou-se em **A Harpa**, não com a "Parábola da Semente", como Joaquim de Araújo desejara, mas com um estudo sobre Camões, que muito deve ter desvanecido o jovem penafidelense, camonianista desde a sua adolescência. Da abundante correspondência trocada com Teófilo se depreende que, em meados de 1875, acalentava já o sonho de uma nova revista, de alcance mais ambicioso. **A Harpa** dispunha apenas de seis páginas em média e ele congeminava então um projecto intelectual melhor definido e aberto à colaboração europeia, sua preocupação dominante. Consultado sobre o nome a dar a esse novo órgão literário, Teófilo, talvez ainda animado pelo espírito aguerrido das suas **Teocracias literárias**, avançou-lhe um título de conotações militares: **Falange** [10]. Araújo nada vocacionado para a guerrilha institucional, não querendo magoar o seu patrono, mas revelando uma autonomia moral a realçar, contrapôs-lhe outro, mais abrangente e moderno: **Novo Mundo** [11]. Queria deixar, no entanto, a última palavra a Teófilo, a quem ousara pedir lhe concebesse um plano global orientador dessa revista, cujo primeiro número sairia em 1875. E, neste aspecto, afastamo-nos de António Ferrão quando afirma que Araújo planeava criar essa nova revista inspirando-se nos princípios da filosofia de Comte e de Littré. Tal juízo parece resistir mal a uma análise mais atenta que tome em consideração a verdadeira persona-

lidade de Araújo. Ele não foi em nenhum momento da sua carreira um filósofo dado a especulações teóricas; nunca manifestou o menor interesse pessoal pelo cientificismo positivista em curso. Ele que colaborava em verso ou em prosa em quase todas as revistas e jornais do tempo, nunca escreveu uma linha para **O Positivismo** de Teófilo Braga e Júlio de Matos, que se publicou no Porto entre 1878 e 1882. Araújo não tinha a "disciplina mental" exigida aos redactores dessa revista, que, apesar de positivista, não era ortodoxamente comtiana, pois seguia mais de perto as ideias difundidas por Littré e Wyrouboff na **Revue de Philosophie** e por Lafitte na **Revue Occidentale** [12]. A prova mais cabal da razão que nos assiste, julgamos vê-la na crítica que Júlio de Matos fez à **Lira Íntima**, de Joaquim de Araújo, publicada em **O Positivismo**, na qual, por princípio, não deveria ter cabimento a poesia intimista, dado que era incompatível com o espírito determinista daquela publicação. É certo que **O Positivismo** não foi monolítico na sua feitura e daí que Júlio de Matos tenha acolhido o primeiro livro de versos de Araújo, pondo em destaque a sua subjectividade temática, que o salva aos olhos do leitor positivista, uma vez que ele não metrifica «*velhos temas, como o ourives que faz custódias à maneira das que se fabricavam na idade média. Proceder assim é cair no automatismo que nos torna alheios ao nosso tempo e ao nosso meio social, é persistir na teimosia clássica dos académicos, de que tivemos um exemplo frisante em Castilho, o poeta que, em 1870, ainda ouvia cantar sob as olaias a cigarra de Anacreonte.*» [13]. O facto de o **Novo Mundo** nunca ter visto a luz do dia parece confirmar o nosso ponto de vista. Liberal, sonhador, poeta de afectividade centrada na figura vaga, indefinida e vaporosa da mulher-anjo, Araújo, por temperamento, era incapaz de uma observação fria e impassível dos factos históricos e sociológicos, sem, contudo, menosprezar a ciência teórica europeia na moda, como se depreende da sua primeira carta a Teófilo, em que lhe solicitava informações acerca do «*jornal de Filosofia Positiva de Littré*».

Não se recusa que tal interesse pudesse ter representado uma verdura da sua mocidade, mas o que se pode garantir é que o poeta penafidelense optou por uma estética neo-romântica e enveredou por um panteísmo difuso. Da análise da sua correspondência com Teófilo se infere que Araújo tinha como preocupação dominante não desagradar ao seu Mestre e patrono, que, por seu turno, começava a ser excessivamente dirigista, incorrendo nos erros que, em 1865, tão severamente criticara na pessoa de Castilho. Na sua primeira carta a Teófilo, confidencia: «Fique V.Ex.cia descansado que não porei ao lado do seu nome outros que o desonrem. Nesse 1° n° a q. aludo colaboram G.me de Azevedo, Lopes Praça, Fernando Garrido, Gonçalves Crespo, Bruno, Manuel Duarte de Almeida, Simões Dias, e V. Ex.cia. Creio que não terá dúvida do dos escritores apontados.» [14]. A adesão do positivista Lopes Praça ao projecto indefinido da **Harpa** testemunha que não havia barreiras bem delimitadas nestes projectos literários e parece esvaziar os argumentos de António Ferrão ao pretender identificar o **Novo Mundo** com **O Positivismo** que Araújo teria planeado *in pectore* [15]. Essa correspondência permite ainda detectar algum seguidismo de Araújo relativamente a Teófilo quando lhe confessa: «escuso de lhe dizer que na 2ª série da **Harpa** não colaboram Magalhães Lima, Correia Leite e tutti quanti.» [16]. Mas tal seguidismo teve os limites que lhe impunha um discernimento cada vez maior, como o demonstra outra carta ao mesmo destinatário, em que lamenta o desaguisado entre Adolfo Coelho e Teófilo Braga, que teria feito adiar a concretização do projecto da revista positivista. Araújo lamentou esse adiamento, porque, no seu ponto de vista, «*esse novo periódico quase que todo consagrado ao estrangeiro iria lá fora dar uma ideia do nosso adiantamento progressivo e da nossa cultura científica.*» [17]. Para contentamento de Araújo, aqueles dois vultos literários congraçaram-se mais tarde, colaborando lado a lado em **O Positivismo.** Muito mais conciliador do que Teófilo, Araújo sempre desejou ultrapassar as questiúnculas académicas dos seus colaboradores, mais

preocupado em fomentar e difundir os valores nacionais do que em atiçar rivalidades domésticas – o que, naturalmente, nunca conseguiu por completo, até porque as susceptibilidades caracteriológicas dos seus colaboradores eram múltiplas e complexas. O caso Camilo/Teófilo parecia mesmo irreversível. Araújo viu-se apanhado naquela teia e experimentou o que se lhe afigurava impossível: «Amigo leal e dedicado de V. Ex.cia vou mais uma vez provar-lhe que o sou. Tenho ensejos de publicar na **Harpa** escritos de Alexandre Herculano e Antero de Quental. Posto que estes dois escritores não estejam – servindo-me da frase de V. E. a respeito de Adolfo Coelho – no caso dum Camilo público galeriano e dum Chagas vendilhão assalariado, eu exponho-lhe isto muito lealmente. Ainda recentemente num almanak, publicado nesta cidade aparecem os nomes de V. Ex.cia e o de Antero. Por isso é que eu falo nisto, que, ao contrário, não iria ofender as suas susceptibilidades e perder um dos primeiros colaboradores do meu jornal. **A Harpa** é como sabe uma espécie de 'grinalda'; seguindo a sua indicação eu faço aparecer nela o maior número de nomes possível. /.../ Se o meu amigo transigisse neste ponto, obsequiava-me.» [18]. O tempo acaba por ser o melhor juiz de todas as coisas e Araújo haveria de entender o papel de complementaridade que cada um desses escritores desavindos representava no grande palco da Cultura e viria a ser mais tarde admirador de Pinheiro Chagas e amigo íntimo de Camilo nos últimos tempos da sua vida, como se pode verificar na série de onze cartas que publicou juntamente com o seu elogio fúnebre **Sobre o túmulo de Camilo** [19]. Foi, aliás, Joaquim de Araújo quem salientou cerca de trinta anos mais tarde, em 1906, no prefácio ao opúsculo **Frei Luís de Sousa**, de Garrett: «Camilo Castelo Branco, nos últimos tempos de sua vida, consagrou-me tal estima, que deixou, desde o dia em que nos relacionámos, de agredir sistematicamente os trabalhos de Teófilo Braga. Fiz-lhe ver, sem ambages, a injustiça das suas agressões, e recebi dele a confidência dos nomes de dois ou três literatos que continuadamente o espicaçavam nesta

inglória campanha, que empanou as fulgurações do seu talento.» [20].

Encerrado o ciclo experimental de **A Harpa**, Araújo, já mais emancipado da tutela teofiliana e capacitado das suas qualidades intelectuais, reconhecidas em vários quadrantes, lançou-se num projecto mais arriscado. A sua segunda revista, **A Renascença** conheceu as honras do prelo em 1878. Neste interregno de três anos, Araújo crescera e tivera tempo suficiente para conceber um plano e alargar a lista dos seus colaboradores. Subtitulou-a **Órgão dos trabalhos da geração moderna.** Foi estampada no Porto, na Imprensa Portuguesa, à rua do Bonjardim, 181, e a propriedade era pertença sua e de J. Pinto Barbosa. Ela haveria de conhecer dificuldades editoriais de toda a ordem. Teve dez fascículos, muito embora na contracapa do último se anunciem o XI e o XII: «Com os fascículos XI e XII da **Renascença** termina o 1° volume desta revista. Esses números verão a luz o mais cedo que possamos. Encerrarão os retratos de Oliveira Martins, Soares dos Reis, Júlio de Vilhena e Guerra Junqueiro, além de uma primorosa gravura do sr. Pedroso, desenho do sr. Soares dos Reis, representando a estátua do **Desterrado** deste grande artista. Deste modo os srs. assinantes desta revista ficam largamente compensados das gravuras que por falta de espaço temos dado a menos nos últimos fascículos da **Renascença,** e nós teremos dado os doze retratos indicados e muito mais que as gravuras que prometemos.» [21]. Contrariamente àquilo que se afirma em várias indicações bibliográficas, ela não se extinguiu em 1878, se bem que no seu último fascículo se leia, de facto, essa data, ao lado de outra que indica MDCCCLXXX. A revista sofreu longos atrasos motivados pela não entrega atempada dos originais dos colaboradores dispersos pelo Reino e por dificuldades de ordem financeira que arruinavam os modestos proventos do seu editor. Os fascículos VI, VII e VIII correspondem ao ano de 1879, porque é essa a data com que vêm assinados alguns artigos e poemas. Os fascículos IX e X são de 1880-1881. Um dos textos que integra estes

dois últimos números, "Notas Mitológicas", de Adolfo Coelho, está mesmo datado de 1881. Foi esta revista uma das glórias e um dos dramas de Joaquim de Araújo. Tinha ele nessa altura vinte anos já bem tirocinados nas lides literárias. Na contracapa do primeiro fascículo, lia-se: «esta revista, **órgão dos trabalhos da Geração Moderna**, publicar-se-á mensalmente, em fascículos de 16 páginas de impressão, formando ao fim de cada ano um volume colaborado por muitos escritores notáveis de Portugal e alguns estrangeiros que prometeram auxiliar-nos.». E acrescenta: «Cada número de **A Renascença** será adornado com duas gravuras pelo menos, sendo uma delas o retrato de um escritor ou artista português. Não impede esta disposição que de vez em quando dêmos ingresso na nossa galeria aos escritores e artistas estrangeiros, principalmente àqueles cujas obras actuaram mais ou menos na nossa sociedade.». Mas, de verdade, nenhum estrangeiro (com uma excepção apenas) entrou nessa preciosa galeria onde foram biografados e criticamente estudados os melhores escritores portugueses da época. Araújo, sentindo o peso excessivo da literatura estrangeira no seu país, sempre colocou, numa opção pouco vulgar nessa maré cheia de imitação desnacionalizante, a Cultura portuguesa em primeiro plano. Foi um exemplo permanente de crença na criatividade original do seu povo.

O salto de **A Harpa** para **A Renascença** foi qualitativo. Estava-se a 7 anos das célebres **Conferências Democráticas do Casino** e o ideário nestas anunciado pelo seu líder incontestado, Antero de Quental, era uma referência obrigatória para todos os intelectuais que se associaram a esse grupo geracional. **A Renascença** propunha-se como objectivo fundamental fazer *renascer* a Cultura e a sociedade portuguesa, alinhando, portanto, com o espírito dessa Geração. Só que, mais uma vez, não foram definidos de maneira inequívoca os princípios, métodos e estratégias que orientariam esse *renascimento*. A *renascença* social e literária anunciada por Araújo cabia no mais amplo quadro ideológico, do Liberalismo ao Republicanismo, numa

perspectiva política, e do Romantismo, ao Realismo e ao Parnasianismo, numa perspectiva estética. Ora, em **A Renascença,** espaço poliédrico de intencional pluralismo ideológico e estético, avesso a todas as pusilanimidades de capela literária, couberam membros da Escola antiga, lídimos representantes do Portugal velho, em perfeita simbiose com membros da Escola *moderna*. Os dois grandes motores dessa Geração, Antero e Teófilo, juntamente com uma plêiade de talentos poéticos e críticos seus satélites, avalizaram com a sua participação esta iniciativa tão prometedora. Lado a lado com Antero, assinavam textos Júlio César Machado, João de Deus, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, Cândido de Figueiredo, Gomes Leal, Cesário Verde, João Penha, Manuel de Arriaga, Adolfo Coelho, Tomás Ribeiro, Joaquim de Vasconcelos, Guerra Junqueiro, Alexandre da Conceição, Júlio de Matos, Gonçalves Crespo, Filipe Simões, Rodrigues de Freitas. Estes os nomes mais conhecidos, porque omitimos outros que a rasoira da História sepultou no esquecimento. Apercebemo-nos facilmente de que Araújo tinha uma noção muito clara da Cultura enquanto processo vital, dinâmico e ininterrupto, em que os valores que permanecem são sempre tão importantes como os que mudam. Assim, na sua revista, cruzam-se com alguma harmonia linhas de tradição e de inovação, de ruptura e de continuidade. Se bem que muito mais moderado, Teófilo continuava a ser o mentor de Araújo na feitura de **A Renascença**. Não foi só um assíduo colaborador como também um seu protector atento. Chegaria mesmo ao ponto de sugerir ao seu Aluno no Curso Superior de Letras em Lisboa que desse algumas faltas para que **A Renascença** «saia um primor tipográfico.» [22]. E saiu! Teófilo tinha sobejas razões para acreditar na sua viabilidade. Foi por isso que o açoriano aceitou o encargo de biografar, logo no primeiro número [23], o mais consagrado poeta dessa geração, João de Deus, em que historia o percurso agitado da *dissidência* coimbrã e destaca a originalidade do poeta algarvio, exemplo consumado do perfeito himeneu entre a tradição lírica nacional e a poética da *ideia nova*. Salienta

que João de Deus fora o primeiro a subtrair-se às influências deletérias do ultra-romantismo e do neo-classicismo de Castilho, a quem chamou «parafrasista que tanto esterilizou a nossa literatura.» [24]. Araújo pensava de maneira semelhante. Com um pé em Lisboa, outro no Porto, estava em excelente situação para ajuizar do estado das Letras nacionais nos três grandes focos de irradiação cultural de então. O quadro sinóptico [25] que serve de nota de abertura ao primeiro número de **A Renascença,** ainda que feito de tópicos repetitivos das ideias de Teófilo sobre a existência de uma escola *revolucionária* em Coimbra (que se convertera em escola *democrática* em Lisboa e *crítica* no Porto), manifesta uma adesão incondicional de Araújo ao novo espírito de *renascença* cultural: « A literatura portuguesa, à parte o poema do Dom Jaime, chegara a um estado de marasmo, que era preciso romper. Coube esse papel a Teófilo Braga e a Antero de Quental – devemos-lhe esse grandíssimo serviço. Foram eles que sós e desajudados, iniciaram essa luta, que não era, como erradamente se julga, entre coimbrãos e lisboetas, mas sim entre o privilégio e o espírito, entre a Musa que tinha por ideal a Humanidade e a que batia palmas nas libações dos outeiros. Mas após a destruição era necessário edificar, construir. Foi isso que fez a Escola mal denominada de Coimbra, que ainda na infância apresentava as **Odes Modernas** e a **Visão dos Tempos.**» [26]. A força aglutinadora desta Geração foi tão empolgante que escritores mais jovens, como Araújo, se sentiram galvanizados por aquele projecto de *regeneração*, incapazes que foram de propor algo de mais profundo e inovador.

Araújo começara, entretanto, a conquistar a simpatia de Antero (que mais tarde haveria de converter-se em calorosa amizade) e sustentava no seu editorial que o espírito filosófico moderno tinha entrado em Portugal na poesia, no romance, na crítica histórica e literária, e que a sua **Renascença** queria estar para a geração contemporânea como o **Panorama** estivera para a geração romântica, representando a sua época « com todas as suas tendências e aspirações.» [27]. Ora, por esta altura, andava

Antero numa das suas crises nevróticas e rasgara um ensaio que daria pelo título de **Programa para os trabalhos da Geração nova**. Não podemos deixar de sublinhar as coincidências de facto entre o subtítulo de **A Renascença** e o *programa* de Antero. Tratar-se-á de um mero acaso de captação simultânea de ideias e expressões que andavam nos espíritos? Em carta a Teófilo Braga, Antero informava-o: «Eu tenho entre mãos um livro sério, **Programa para os trabalhos da Geração nova**, que é uma exposição das ideias revolucionárias, filosóficas, políticas e morais.» [28]. Teria Araújo tomado conhecimento junto de Antero (ou de algum dos seus confidentes) deste texto que lamentavelmente foi rasgado pelo seu autor? Não vale forçar dados para se arrancar a ferros uma hipótese, mas conhecida a sofreguidão com que Araújo farejava e recebia a notícia de ocorrências literárias e de trabalhos no prelo ou a caminho dele, não seria de espantar que pudesse ter ouvido falar desse escrito anteriano. Uma coisa se nos afigura certa: é que Araújo não tinha bossa para delinear e redigir um programa em termos abstractos, como o de Antero alinhavado no **Espírito das Conferências**. Por isso, **A Renascença** não conseguiu ser o espaço de definição teórica da *Geração Moderna*, mas afirmou-se como o cadinho em que a "*modernidade*" se exercitou, muito particularmente no domínio inovador da poesia. Com a data de Agosto de 1880, J. Simões Dias publicou em **A Renascença** o poema muito insípido, intitulado "A Musa Nova", onde se surpreendia com a dificuldade em encontrar uma definição correcta e precisa da "*modernidade*":

«Não tem nome de baptismo
A musa da nossa idade:
Uns chamam-lhe - Realismo,
Chamam-lhe outros - Liberdade.» [29].

O poema com dez quadras exprime a desorientação que experimentava o poeta quando pretendia encontrar o termo

apropriado e funcional na sua extensão para caracterizar um movimento complexo de elaboração poética inovadora, mas que não podia prescindir das suas raízes clássicas sempre fecundas. É, aliás, na revista de Araújo, como também em outros periódicos do mesmo período cultural, que se pode ver com exactidão a falta de homogeneidade de projecto da *Geração de 70*. Os jovens intelectuais que se agruparam e aceitaram, mais tácita do que explicitamente, um projecto comum de regeneração intelectual, social e política, não tinham uma visão homogénea desse mesmo projecto. O caso mais flagrante é o de Antero e do seu "irmão gémeo" Germano Vieira de Meireles [30], sendo o primeiro metafísico, iberista e republicano, enquanto o segundo era positivista, anti-iberista e monárquico liberal. António Cândido [31], saído do meio hirtamente conservador do seminário de Braga e trasladado posteriormente para Coimbra, teve um perfil intelectual e moral muito diferente do de qualquer outro do grupo dos mais tarde conhecidos por "Vencidos da Vida", integrando-se com dificuldade, pelo seu decurso e pelo seu discurso, no grupo jantante do Hotel Bragança. Araújo percebeu as divergências e as convergências, pois partilhava uma concepção plural e abrangente da "*modernidade*" e fê-la valer na sua revista. Para ele, a Cultura, como a natureza, é um *continuum*. Tem, isso sim, ritmos lentos e ritmos acelerados, conforme a respiração dos povos. Mas nada começa que não continue. Considerava, apesar de tudo, que a *Geração Moderna* era uma geração privilegiada e sobredotada. Os retratos que fizeram uns dos outros nas colunas de **A Renascença**, numa espécie de circuito fechado de *elogio mútuo* (embora com algumas alfinetadas críticas de passagem para ajuste de contas pessoais), constituem um ritual suspeito de iniciados que posam para a posteridade. Ramalho Ortigão foi biografado por Eça que aproveitou para delinear em largas pinceladas o retrato mitificado (mistificado?) da sua própria geração. Logo em 1878, quando essa Geração estava no auge da sua euforia intelectual e moral, o dandy e diplomata Eça de Queirós aureolou-a com uns laivos

de vencidismo postiço [32], incompatível com o que todos e cada um deles ainda tinham para dar no tocante à execução do programa da modernização mental do país. O quadro traçado pela magia estilística de Eça foi uma carta a um pedido que Araújo lhe fizera para Newcastle, datada de 25 de Fevereiro de 1878, e ficou como uma espécie de texto fundador dessa Geração, que passou a rever-se um pouco narcisicamente nessas sedutoras páginas queirosianas. O texto em causa é uma *mise en scène* de uma desistência antes do tempo, de um "fradiquismo" convencionado. Joaquim de Araújo não comungava nessa ideia de *vencidismo* geracional; muito pelo contrário, tudo empenhava para que cada um dos seus membros pusesse a render os seus talentos diversificados e complementares ao serviço da grande causa da Cultura nacional. Ele não subscreveria aquela frase lapidar de Eça: «Esta geração tem aspecto de ter *falhado*.» [33]. Eça, de facto, traçou apenas um quadro parcial da dinâmica global da sua geração, esquecendo-se de que ele próprio, com a sua tão badalada conferência "A Literatura Nova – o Realismo como nova expressão de Arte" e com a sua adesão à técnica ficcional realista escalpelizadora, abrira novos horizontes culturais à conservadora mentalidade lusa. Intencionalmente ou não, ignorava o seu contributo positivo para a crítica à história literária, social e política do seu tempo, desenvolvida nas **Farpas**, que ajudaram a abrir brechas no tecido social da época. E, embora se defenda nessa biografia sobre Ramalho Ortigão, alegando neutralmente que «Constitucionais, Socialistas, Miguelistas e Jacobinos, de resto, para mim, como romancista são todos produtos sociais, bons para a Arte, quando são típicos, todos igualmente explicáveis, todos igualmente interessantes; o dever do artista é estudá-los, como o botânico estuda as plantas, sem se importar que seja beladona ou a batata, que envenenam ou nutrem» [34], essa neutralidade não passava de disfarce, porque nenhum leitor ficava indiferente ao impacto do seu imaginário ficcionado. Ter a honra de publicar este texto foi umas das não poucas glórias de Araújo. Tratava-se, efectivamente, de um juízo

sem distanciação, demasiado fulanizado em torno de Ramalho, Teófilo, Oliveira Martins e Junqueiro. Num período de intenso periodismo, Eça quer centrar-se exclusivamente nos que deixaram livros escritos: «*Onde estão os livros*?» [35]. Mas o livro não era necessariamente o único nem até o mais importante reagente cultural nesse contexto oitocentista. Germano Vieira de Meireles nunca escreveu nenhum livro e desenvolveu em folhetins uma actividade intelectual apreciável no ambiente frenético da sua geração. Eça foi apanhado na vertigem do movimento da modernidade em curso, mas, se fotografou a torrente, esqueceu-se das margens. Se atentarmos bem, o retrato que ele traça da "ramalhal figura"contradiz linearmente o pessimismo que se instalou naquele quadro genérico de aparente falhanço geracional ao fazer-se o cotejo do ideal sonhado com o real vivido. No plano de Araújo, **A Renascença** traçaria não perfis recortados pela evidente subjectividade do analista, mas antes grandes quadros globalizantes de objectividade crítica. E foi exactamente o que aconteceu quando encomendou a Teófilo um juízo de valor global sobre Eça. Teófilo entendeu que Eça julgara com alguma precipitação o estado geral da "*modernidade*" lusa adstrita a um punhado de intelectuais mais na moda, com o esquecimento ou a marginalização de um conjunto mais multifacetado. Teófilo integra nos parâmetros positivistas **O Crime do Padre Amaro** e **O Primo Basílio**, cotejando o seu conterrâneo com os próceres do romance francês realista e naturalista como Balzac, Champfleury, Flaubert e Zola, para, de seguida, recusar a teoria da arte pela arte. O que Teófilo não perdoa a Eça é que tenha considerado Antero como o único filósofo de merecimento da sua geração, «*a mais poderosa organização filosófica e crítica da península neste século*» [36], apesar da falta de sistematicidade do seu pensamento metafísico, omitindo o próprio nome de Teófilo, muito sólido e conceituado positivista, bem conhecido e apreciado na Europa. Estas pontadas críticas do seu patrono permitiu-as Araújo nas colunas da sua revista, mas tudo fez para que elas não assumissem um grau de confli-

tuosidade que afectasse o seu projecto de conjunto. A verdade é que foi nestas biografias ilustradas que surgiram os primeiros grandes juízos de valor sobre a produção literária dos principais motores da *Geração Nova*, com uma tal concatenação entre si que permite ler entre elas uma esperta intencionalidade por parte de Joaquim de Araújo. Não foi por acaso que ele também escolheu João Penha para figurar nessa galeria. Compreendera a importância do poeta bracarense, que, em Coimbra, reunira em torno de **A Folha** (1868-1873) um elenco famoso de colaboradores, em que se defendera também um projecto aberto a todos os gostos dos poetas contemporâneos, desde os "*metrificadores do ai*" até "*aos sacerdotes da ideia vaga*". João Penha, que aparecia como adjacente no contexto desta Geração, a inicial e a aumentada, era para Araújo um dos poetas mais dotados e na sua revista coimbrã foram surgindo muitas questões que só tiveram resposta adequada com a entrada em cena do grupo do Cenáculo lisboeta. Araújo considerava-o como um mestre do soneto, da mesma craveira artística que Antero e não se cansava de o estimular para a escrita, conforme documenta a sua abundante correspondência. O biógrafo do autor de **Vinho e Fel** era antigo conhecido, porque colaborador de Araújo na **Harpa**. É o poeta de **Miniaturas** quem retrata o sonetista satírico de Braga, cantor do paio e do vinho, inserindo-o numa geração que pinta numa tela humorística, bem de acordo com o estilo do poeta sarcástico bracarense, desmitificante quando comparado com o quadro geracional traçado por Eça de Queirós. Ouçamos o seu testemunho geracional: «À lendária, turbulenta e entusiástica geração de Antero de Quental, de Azevedo Castelo Branco, e de José Falcão, sucedera uma geração doentia, de gengivas moles e desbotadas, tímida, curvando a espinha na passagem do seu lente, engolindo a *sebenta* até às fezes...» [37]. A caricatura é por demais evidente e serviu para preparar uma alfinetada de Gonçalves Crespo aos coimbrãos da nova vaga poética: «A revolução dos coimbrões fora platónica, filosófica; a estranheza dos assuntos das poesias de

Antero de Quental e de Teófilo, quase sempre metafísicos, transcendentais e nebulosos para a maioria dos leitores, apavorou os tímidos, agastou os antigos, desanimou os principiantes. A poesia caíra num desânimo e numa hesitação extraordinária, sintomas tristíssimos que se dissiparam com o aparecimento de **A Folha**, periódico dirigido por João Penha.» [38]. Faltaram-lhes, segundo Gonçalves Crespo, os discípulos e os prosélitos. Claro está que Araújo não subscreveria tais afirmações, ele que nunca cavou um fosso entre aqueles coimbrãos e muitos outros que, não tendo frequentado a Escola de Coimbra e sendo, em média, uma dezena e meia de anos mais novos, procuravam navegar com os mais velhos na crista da onda. Mas pouco importa esta diferença de pontos de vista. O fundamental foi que Araújo tivesse solicitado e aceitado uma perspectiva histórico-literária inovadora consignada na biografia de João Penha. **A Folha** foi, na opinião de Gonçalves Crespo, uma lufada de ar fresco no contexto coimbrão, tenso e mal-humorado. O riso, a pantagruelização de João Penha, o seu sarcasmo rude, o seu provincianismo assumido como forma de terapia mental, foram, juntamente com a ironia queirosiana, válvulas de escape de uma geração que se tomou demasiado a sério, mas não deixou de apreciar o humor cortante, se bem que sadio, de **Vinho e Fel**. **A Folha** e **A Renascença**, com a pouca distância temporal que separa o fim da primeira do começo da segunda, cerca de 5 anos, completam-se e esclarecem-se, permitindo assinalar uma linha de continuidade que existiu entre ambas, com praticamente os mesmos nomes de autores a rubricar textos, que vão do mais insulso e tísico romantismo ao envinagrado revolucionarismo de Guerra Junqueiro, o qual naquela revista coimbrã assinara "O Livro dum doido", sob o pseudónimo de Vasco Hermínio, quando tinha apenas dezoito anos, pondo contrastivamente à mostra a amplitude ideológica e programática (ou a sua ausência?) destes periódicos sem especialização definida. Araújo prosseguiu este trabalho delicado de encomendar biografias de figuras prestigadas da vida intelectual portuguesa, onde se

explanavam juízos de valor pessoal e geracional, os quais, em qualquer momento, poderiam desencadear uma tempestade de susceptibilidades que começavam pela escolha ou pelo esquecimento. Mas, tal não aconteceu, sem dúvida por artes de Araújo, no esboço literário das restantes figuras da galeria de retratados: Teófilo Braga pelo vigoroso Ramalho Ortigão; Eça de Queirós pelo irritadiço Teófilo Braga; Gonçalves Crespo pelo "fototípico" Teixeira de Queirós; Custódio José Duarte pelo fogoso Alexandre da Conceição e Guilherme Braga (biografia incompleta em virtude da interrupção de **A Renascença**) pelo enamorado Joaquim de Araújo. O primeiro parágrafo da biografia de Custódio José Duarte, assinada por Alexandre da Conceição, repete o *cliché* da renovação literária portuguesa iniciada a partir de 1862, com os versos de João de Deus, os primeiros trabalhos de Teófilo e o panfleto **Bom Senso e Bom Gosto** de Antero de Quental. O seu desenvolvimento, contudo, é bem mais interessante, quando faz emergir outras «figuras, que circunstâncias complexas tornaram obscuras e mesmo ignoradas da maior parte do público leitor, mas que apesar disso exerceram uma acção poderosa e decisiva na direcção e intensidade desse movimento de regeneração intelectual, que, em dezasseis anos de combate, tem dado menos frutos do que havia a esperar do alto entusiasmo das suas primeiras explosões. É que a esse movimento faltou, logo depois do seu começo, a coesão indispensável a toda a acção revolucionária: a direcção superior de um chefe, que, pela elevação do talento e pela autoridade moral, fizesse convergir para si, como para um grande foco intelectual, as simpatias e os votos de todos os combatentes.» [39]. Alexandre da Conceição, saído da Escola Politécnica do Porto, onde obtivera uma formação académica de engenheiro, apresentava deste modo a sua distanciação relativamente a Antero de Quental enquanto líder incontestado de uma Geração tão matizada. Nos nossos estudos **A Renascença e a Escola do Porto** e em **A Escola do Porto e Victor Hugo** [40], traçámos já demoradamente o perfil da "Escola do Norte", que soube

acolher com grande solidariedade os "dissidentes coimbrãos", quando a Academia revoltada contra o Reitor Basílio decidiu, num gesto ímpar da vida universitária portuguesa, transferir-se temporariamente para o Porto. Foi exactamente em casa de Custódio José Duarte e de seu irmão Manuel Duarte de Almeida que se albergou Antero de Quental. A *Escola do Porto* tinha um cunho mais positivista. Não teria sido por essa razão que Teófilo Braga escolheu o Porto como sede da sua revista **O Positivismo**, onde seria possível recrutar uma gama mais alargada de colaboradores? Germano Meireles, embora saído de Coimbra, era positivista e defendia a existência de uma *Escola do Norte*, sediada sociologicamente «*num recinto mercantil e industrial*» [41] como uma terceira voz no conflito geracional em causa. Oliveira Martins era oriundo de Lisboa, mas radicou-se no Porto. Sendo basicamente autodidacta, cedo se identificou com a *Geração Nova*, tornando-se grande amigo de Antero e de Araújo. Ferido com uma resposta de Horácio Ferrari a uma sua carta publicada por Araújo em **A Renascença,** envia a este último uma segunda missiva, em que invectiva os nortenhos positivistas: «esses senhores da Escola Médica estão cheios de basófia porque leram uns Darwins e uns Spencer, e supõem que o mundo começou com esses, que antes deles nada havia. Que se rebolem na sua suficiência: eu não os incomodarei, não entrarei em polémicas. Não estou para isso. Se se sentem possuidores da verdade indiscutível, e se isso os faz pedantes e malcriados, que lhes faça muito bom proveito.» [42]. A aguilhoada crítica não era totalmente descabida, embora muitos dos artistas saídos daquela Escola não tenham enveredado pelo Positivismo de Comte e de Littré, preferindo alistar-se no humanitarismo lírico de Victor Hugo [43]. Araújo, iniciado por Teófilo na problemática da periodização literária, não seguia a posição queirosiana marcada por uma fina ironia: «Em Portugal sempre houve uma tendência tenaz para subdividir a arte em escolas – o que prova, de resto, uma literatura de gramáticos e de retóricos. Inventamos assim toda a sorte de escolas literárias – mais

certamente em número, do que a instrução primária! Chegamos a ter a escola de Lisboa, a escola de Coimbra, a escola de Castilho... coisas que nos parecem hoje tão antigas como o rapto de Helena ou as façanhas do impetuoso Ajax.» [44]. Araújo, na última biografia publicada em **A Renascença**, assina com o seu próprio punho um texto sobre Guilherme Braga, que, no Porto, optara por um percurso poético de inspiração confessadamente hugoana e se impusera como um dos mais prestigiados poetas da Escola do Norte. O director de **A Renascença** integrou o autor de **Heras e Violetas** do seguinte modo: «Quando o belo panfleto de Antero de Quental – **Bom senso e bom gosto** – a proclamação dos direitos do homem da escola coimbrã, como lhe chamou recentemente um escritor distinto, caiu como um raio sobre a pacatez banal do compadrio das gazetas do Poço de Borratém, havia muito já que no norte de Portugal se operava lentamente uma revolução, posto que indefinida e vaga, contra os modelos convencionais de poesia pastoril de que o sr. Castilho era grão-sacerdote. A epopeia victor-hugoana encontrara no Porto uma valente legião que a recebera com os braços abertos, como quem recebe a boa nova, e quando as **Odes Modernas** e a **Visão dos Tempos**, dois livros que hão-de ir pelas idades fora, como verdadeiros monumentos, foram conhecidos do público, já as valentes e heróicas estrofes de Custódio José Duarte tinham atraído todos os moços poetas do norte, como o sino grande das comunas chamava outrora os populares à defesa dos seus direitos consagrados. Pressentia-se no horizonte alguma coisa de grande e de desconhecido, e a revolução literária, que mais tarde havia de se afirmar tão poderosamente, começava a radicar-se na poesia portuguesa.» [45]. Descontado o exagero hiperbólico da comparação, trata-se, da verdadeira certidão de nascimento da *Escola do Norte*, que Araújo antepõe cronologicamente às de Coimbra e Lisboa. Ele tinha, de facto, como poucos críticos do seu tempo, um vasto conhecimento da crítica literária da época, que comentava com muita pertinência na sua «revista das revistas», englobando as **Farpas**, o **Panorama**,

o **Ocidente**, **Dois Mundos**, **O Contemporâneo**, o **Museu Ilustrado** e **O Positivismo** [46].

Somente num aspecto particular Araújo não cumpriu o compromisso editorial assumido: foi no tocante à anunciada colaboração de estrangeiros. Admirador crítico dos grandes vultos da literatura europeia, nunca se quedou no espanto beato do seu culto, secundarizando a produção do génio nacional. A única peça literária em língua estrangeira publicada em **A Renascença** foi um hino à cotovia, de Ventura Ruíz Aguilera, com dedicatória a Benigno Joaquín Martinez [47]. Só bastante mais tarde, concretizaria Araújo esse projecto de *intercâmbio* de sentido duplo entre artistas de vários países, impelido pela sua preocupação maior de eliminar fronteiras e fazer circular na Europa a produção cultural portuguesa.

Com todo este capital de experiência literária, Araújo abalançou-se de seguida a um novo empreendimento que colmatasse a brecha aberta pela extinção da menina dos seus olhos – **A Renascença**. Passou em 1883 a editar um vespertino nortenho, **O Diário Nacional**, que lhe permitiu conhecer a especificidade da direcção de um quotidiano não estritamente literário e entrar no mundo subterrâneo da confrontação ideológica e política directa. Liderou esse diário voltado para a «reorganização das forças económicas, base essencial da nossa vida política e social» [48], que se publicou durante cerca de dois anos de vida muito irregular. Muito mais vocacionado para o jornalismo literário do que para o político, Araújo conferiu a esse jornal um cunho acentuadamente cultural, numa altura em que esses dois códigos estavam ainda muito entrelaçados, reunindo colaboração de Eça, Sampaio Bruno, Camilo, Machado de Assis, Pinheiro Chagas e Oliveira Martins. Em 31 de Dezembro de 1883, foi interrompida essa publicação, que veio a ser retomada em 11 de Março de 1884, com um editorial de Anselmo de Andrade, com quem Araújo tinha laços de amizade desde os tempos da **Harpa**. E, nesta vertiginosa labuta literária, Araújo, pendendo sempre muito mais para a Literatura do que para a Política,

fundou, em 1889, o **Círculo Camoniano**, revista *internacional* de especialidade, composta na tipografia Elzeviriana, no Porto, entre 1889-1890. Saíram 4 volumes, em que se acentuou a sua vocação internacional, pois nela figuram vários colaboradores estrangeiros e camonianistas de renome: Karl von Reihardstoettner, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Wilhelm Storck, Nicolaus Delius, Maxime Formont, Ake Wison Munth, Cannizzaro, Peragallo, Cellini, Canini, Marqués de Jerez de los Caballeros, Theodorus Johanes Kerkhoven. Araújo transcreve mesmo uma carta de Gaston Paris, disponibilizando-se para eventualmente colaborar nesse projecto camoniano, embora fosse um medievalista [49]. Publica igualmente o seguinte encómio, de Ferdinand Denis, datado de Paris, Março de 1890, e destinado ao **Círculo Camoniano**: «*Les portugais sont grands, parce qu'ils honorent un homme gigantesque, grand comme le monde... Camoëns sort de cette auréole que l'on nomme l'arc--en-ciel... Ils sont deux, avec leurs couronnes sur la tête: Camoëns et Dante Allighieri...*». Tinha 90 anos quando escreveu este elogio a Camões e ao seu povo, e Araújo chama-lhe «glorioso velhinho» [50]. Era sua pretensão ser uma revista *internacional* para, deste modo, entusiasmar e motivar os camonianistas lusos e lusófilos na grande cruzada intelectual de divulgar pelo mundo o génio de Camões e do povo que o teve por excelso cantor. Foi este, na realidade, o seu primeiro projecto integrado e exequível de expansão da Cultura nacional, apoiado na sua figura de maior prestígio em toda a Europa culta. Erudito de um saber vivido como paixão permanente, Araújo tinha a mais lúcida consciência de que o conhecimento internacional da idiossincrasia portuguesa passava pela divulgação daquele que simbolicamente a representava e a universalizara em tons de epopeia, à laia das grandes gestas da História literária do Ocidente: Luís de Camões. Foi um projecto ambicioso que cedo se esgotou, tendo-nos legado, entretanto, documentos de grande valia crítica e bibliográfica para o desenvolvimento dos Estudos Camonianos.

Imparável no seu dinamismo intelectual, Araújo, pela mesma data, publicou ainda os **Anais da bibliografia portuguesa**, que, segundo o seu contemporâneo Joaquim Martins de Carvalho, director de **O Conimbricense**, se propunha «informar os leitores do movimento bibliográfico do país; reproduzir e comunicar os documentos que mais interessam à nossa história literária, científica e ainda social e política: dar à publicidade os documentos importantes, que se encontram nas bibliotecas e arquivos; *informar os leitores do curioso movimento, que em torno das coisas portuguesas se opera, dia a dia, no estrangeiro* *; inserir nas suas páginas, reimprimindo-os, muitos livros preciosos, cuja divulgação se torna de necessidade» [51]. Foram também esses **Anais** sol de pouca dura, porque se tornavam de elaboração difícil e custos muito elevados para servir um público naturalmente restrito e susceptível. A única crítica que se pode fazer a este motor entusiasta da Cultura portuguesa e da sua divulgação é que na sua actividade intelectual febril revelou sempre uma grande fragilidade e inconstância na manutenção dos seus projectos. Diríamos hoje que tinha um complexo de paternidade, multiplicando a criação de órgãos literários de longevidade muito reduzida. Em Dezembro de 1894, investe numa nova publicação, menos especializada e, consequentemente, mais fácil de aguentar: a **Revista Portuguesa**. Pelo título se vê a fidelidade ao projecto cultural de sempre, esparso pelas suas inúmeras publicações, porque o referencial básico da *portugalidade* mantém-se inalterável. A **Revista Portuguesa** foi fundada no Porto e teve como secretário de redacção Manuel de Moura. No seu número 2, Janeiro de 1895, Araújo declarava enfaticamente na contracapa, realçando mais uma vez a sua não vinculação a capelas literárias, que os artigos publicados não coincidiriam sempre com a sua opinião pessoal [52]. Por outro lado, o seu elenco de colaboradores não se afastou muito do

---

* *O sublinhado é nosso.*

das revistas já citadas. Mas não podemos deixar de destacar que, pela primeira vez, colaboraram nelas lusófilos de nomeada, que manterão, a partir dessa data, relações de estreita amizade e de colaboração e *intercâmbio* literário com Araújo, que vieram a ser essenciais para o desenvolvimento do seu plano relativo à expansão da Cultura portuguesa na Europa. Assim, no número 4, Março de 1895, Achille Millien publica o poema «Misère», que glosa o «Era já noite cerrada...» de João de Deus, enquanto Edgar Prestage publica em inglês «Funeral salutes», glosando «Ditosa duma augusta personagem». Todo esse número é consagrado a João de Deus e abre com uma carta do poeta algarvio que recusa um convite de Xavier de Carvalho para ir a Paris festejar o seu aniversário na companhia dos «amigos Nobre, Barreto e Eça de Queirós, e distintos franceses e brasileiros das suas relações» [53]. De resto, os grandes luminares do seu tempo, João de Deus, Antero, Camilo, já mortos, e Guerra Junqueiro, este cada vez mais conhecido, continuavam tutelarmente presentes nas suas colunas. O primeiro número da **Revista Portuguesa** abriu com um texto de Teófilo Braga, outra presença quase obsessiva, sobre a correspondência de Camilo ao Conde de Ouguela, no qual emite juízos estéticos sobre Herculano, Castilho, Rebelo da Silva, Teixeira de Vasconcelos e sobre a nova vaga do romance realista. O segundo artigo deste primeiro número é da autoria do coimbrão de Ponta Delgada, Francisco Machado de Faria e Maia, que fez um depoimento sobre o germanismo de Antero ao momento da sua morte – opinião que não poderá ser tomada demasiado ao pé da letra, dada a instabilidade psicológica e a assistematicidade filosófica de Antero e tendo em consideração os seus juízos, sempre provisórios e, em alguns casos contraditórios, sobre os modelos culturais francês e germânico [54]. Teve ainda esta revista a honra de publicar o romance que Camilo deixara inédito, **Como Deus castiga**, e de comemorar o primeiro aniversário da morte de João de Deus. Em Fevereiro de 1895, Araújo despediu-se dos seus leitores, rumo a Génova, onde iria desempenhar funções consulares. A

Revista Portuguesa extinguir-se-ia logo a seguir, em Maio do mesmo ano. Génova abriu-lhe as portas da Europa, e Araújo acelerou o desenvolvimento do seu plano idealizado no decurso de todos estes anos de intensa actividade literária. De Génova, continuará a marcar presença de relevo na imprensa portuguesa, que, na sua maior parte, lhe era favorável, embora, por despeito, se multiplicassem os seus detractores. Assim, ele que já tinha sido um dos primeiros colaboradores da gazeta **Nova Alvorada**, de Famalicão, (que se afirmara desde 1891 como um espaço literário de grande merecimento, mas, paulatinamente, sofrera o inevitável desgaste do tempo), ao ver interrompida a sua publicação por alguns meses, fê-la ressuscitar, como prova a notícia exarada pelo jornalista Rodrigo Veloso na gazeta **A Aurora do Cávado** [55]. Nem as dificuldades de comunicação impediam Araújo de gerir à distância aquela revista famalicence, que acolheu um vasto elenco de colaboradores nacionais e estrangeiros numa então modesta vila do Reino. Em 1902, foi dada à estampa a última publicação periódica de Araújo. Teve como nome **Arquivo de Ex-libris portugueses**. Tratando-se de uma obra de bibliófilo para bibliófilos, foi, por isso mesmo, a que mais desgostos lhe provocou. Aníbal Fernandes Tomás, que já em 1902 tinha publicado na Figueira de Foz o seu estudo **Os ex-libris portugueses. Alguns subsídios para o seu catálogo**, viu uma passagem sua contestada por Araújo. Foi o rastilho de uma conflagração entre ambos que fez correr muita tinta. Fernandes Tomás desceu baixo de mais na sua verborreia malcriada. Araújo, por seu turno, perdeu a tramontana e respondeu com o opúsculo contundente "Gralha despavonada", que é um extracto do volume IV do **Arquivo**, editado em Génova, no ano de 1905. Estava assim travada uma das mais violentas e estéreis diatribes literárias do princípio do Século, em que também Araújo desliza da discussão académica para o piropo soez. Contra-atacou Fernandes Tomás com o opúsculo **Um sacripanta esfarrapado – Correctivo suave das aleivosias e insolências do Cônsul Joaquim da ilustre prosápia dos Araú-**

jos (Figueira da Foz, 1905), em que a violência verbal e o insulto desproporcionado atingem o paroxismo. Uma deselegância imperdoável em dois intelectuais de elevada craveira, mas parece apanágio destes homens amarem-se ou detestarem-se, desconhecendo a noção do meio termo. Mas voltemos esta página deslustrada de bibliógrafos engalfinhados e fixemo-nos, de preferência, no valor inestimável do material carreado por Araújo no decurso de quatro anos que enriqueceu inegavelmente o património cultural da Nação.

Joaquim de Araújo não foi seguramente director-fundador do periódico **Um Feixe de Plumas,** embora o seu nome tenha aparecido, ao lado do seu companheiro Sampaio Bruno, como responsável pela sua co-direcção. Só teve um número, por sinal muito importante pelas imitações quase perfeitas de diversos escritores, que passaram por autênticas, enquanto não se descobriu a *blague* atribuível a D. João de Castro, Júlio Brandão, Domingues Guimarães e a outros jovens bem humorados e irreverentes. (Veja-se «Jornais de minha terra», in **O Tripeiro,** 3ª série, n. 32, 15 de Abril de 1927, p. l). Esta falsa co-autoria, como, aliás, a da **Velhice da Madre Eterna** (1885), uma das peças fulcrais do ciclo paródico da **Velhice do Padre Eterno,** atribuída a Xavier de Carvalho, acarretou-lhe inúmeros dissabores, fazendo crescer à sua volta um grupo numeroso de atrevidos maldizentes.

Imparável nesta sua paixão jornalísitica que o acompanhou da adolescência à decrepitude e muito pouco tempo antes do atentado frustrado contra a sua própria vida, em carta de 2 de Março de 1910, tendo por destinatário o Professor Emílio Teza, escrevia Joaquim de *Araújo:«Eu estou pensando numa publicação mensal, intitulada Revista Crítica de História e Literatura Portuguesa, modelada sobre a Revue Critique de Bréal, Meyer, G. Paris e G. Monod. Aí se analisarão os livros de valor, que saírem em Portugal, ou fora de Portugal, em relação ao meu país. Conto com a sua colaboração: os outros*

são Th. Braga, Ad. Coelho, D. Carolina Michaelis, José Sampaio (Bruno), Farinelli e mais dois ou três. É preciso fazer uma coisa elevada e séria, de que ao menos se publiquem dois fortes volumes. Conto, repito, com a colaboração do meu amigo. Não nos ocuparemos de livros de versos (a não ser algum antigo) nem de romances.» (Biblioteca Nazionale di Venezia, Carteggio de Joaquim de Araújo). O projecto, por razões que não enxergamos, não foi por diante, mas a intenção confirma e corrobora a insaciedade jornalística e crítica do seu autor, num alerta permanente pelos valores literários da sua pátria.

1.2. O animador de números especiais

Não se circunscreveu a actividade literária de Araújo a este vasto rol de revistas que fundou, dirigiu ou orientou. Publicou igualmente em jornais e gazetas da época uma profusão enorme de poemas, artigos, comentários, notas, desdobrando-se num esforço impressionante de vitalidade literária. Tendo sido o principal colaborador de Sousa Fernandes na **Nova Alvorada**, foi ele quem esteve na origem da copiosa documentação literária publicada naquela gazeta logo após a morte de Antero. Com uma notícia necrológica repassada de mágoa pela tragédia do suicídio do autor dos **Sonetos**, a **Nova Alvorada** anunciava dedicar-lhe um número único, para o qual preparava os seus leitores nestes termos elegíacos: «Em luta com a adversidade e vítima de um temperamento menos propenso aos golpes da desventura e à transigência com as misérias do mundo, Antero de Quental mais preferiu o descanso do eterno sono do que a existência de fulgentes glórias salpicadas pela dor íntima de um crudelíssimo sofrer e pela derrocada sarcástica de tantas ilusões queridas. Atingiu o momento psicológico de pensar como Victor Hugo que é de luz e poeira que se compõe a glória, e tão desalentado da luta como descrente da sua missão na vida, quebrou de salto todos os liames que o prendiam ao mundo, transpondo a morada dos espíritos pelo mesmo pórtico

falso por onde aí penetraram a curto intervalo Júlio César Machado, Soares dos Reis e Camilo Castelo Branco.»[56]. Anunciou e cumpriu, consagrando-lhe o seu número 7, em que está patente a mão de Araújo, sem a qual esse número tão rico não teria sido possível. A presença de tantos colaboradores europeus a vibrarem de mágoa pela morte de Antero só poderia ter sido obra do seu poder de inter-relacionamento intelectual. O editorial revela um domínio perfeito do valor nacional e internacional da obra e da figura de Antero. No respeitante aos colaboradores portugueses, destaca o colunista responsável (supomos não ser neste caso o seu director nominal Sousa Fernandes, mas sim o próprio Araújo) que colaboravam nesse número «O poeta sentencioso da **Morte de D. João** e o cantor suavíssimo do **D. Jaime**, o filósofo das **Tempestades Sonoras** e o romântico da **Paquita**, o revolucionário do **Anti-Cristo** e o lírico das **Ocidentais**, o sentimental do **Vae Victoribus** e o humorístico das **Rimas**; poetas de diferente escola e temperamento artístico, escritores de vária orientação, pensadores de crenças heterogéneas»[57], numa demonstração inequívoca de amplitude intelectual e social que o espectro da imagem de Antero impunha e exigia. Se o estilo de Araújo não fosse suficiente para identificarmos este comentário como sendo da sua autoria, o desenvolvimento do mesmo atenuava a nossa dúvida: «Com referência aos mimosos e sentimentais sonetos do laureado poeta do **Vae Victoribus** temos uma declaração a fazer, e é aqui que mais de molde se ajusta. A composição destes admiráveis sonetos, para a qual podemos orgulhar-nos de ter contribuído, vale para nós como um dos mais apreciáveis e apreciados testemunhos de honrosa deferência do seu autor, visto haver sido feita para condescender e dar à redacção da **Nova Alvorada**, por uma forma tão eloquente, quanto magnífica e bela, a certeza do espírito de boa camaradagem literária e consideração pessoal do eminente poeta para connosco.»[58]. Se não nos enganamos, é Araújo que não assina o editorial (o qual, em princípio, seria da competência do redactor principal), mas, como faz em muitas

outras circunstâncias, deixa marcas que permitem a sua identificação, como no caso pendente, em que a aludida amizade que arrancou a Manuel Duarte de Almeida belos sonetos sobre a morte de Antero parece ter sido a de Joaquim Araújo e não a do director da **Nova Alvorada**. Mas, tenha escrito ou não este editorial, a verdade é que ele ostenta uma intenção notável, pois afirma a abrangência de todo o espectro crítico português apresentando e representando sensibilidades, mentalidades e gostos muito matizados ou mesmo opostos no momento da morte de Antero, em que participam em coro os que o hostilizaram e/ou o celebrizaram durante a vida. Certo, absolutamente certo, é que foi Joaquim de Araújo o grande mentor deste número que haveria de transformar-se naquilo a que já chamámos o primeiro **In Memoriam de Antero de Quental**[59], composto um mês após o suicídio do poeta. Aliás, nessa data, só Araújo conseguiria, em tão curto espaço de tempo, garantir a colaboração de tantos colaboradores estrangeiros. Ele estava em permanente troca epistolar com muitos escritores nacionais e com os principais lusófilos europeus e massacrava-os com uma inaudita teimosia para conseguir um original para as suas iniciativas editoriais. Relativamente aos europeus, refere o editorialista que estavam representados: «*Maxime Formont, distinto escritor francês e íntimo amigo do poeta das* **Odes**; *o dr. Wilhelm Storck, ilustre Catedrático da Universidade de Münster, tradutor dos* **Lusíadas** *e dos* **Sonetos** *de Antero; Giuseppe Cellini, o aureolado poeta italiano a quem se deve outra tradução dos* **Sonetos**; *Caldelas y Aguilera, o moço poeta que nos trouxe o contingente literário da língua de Calderón de la Barca.*»[60]. A figura de Antero irrompera já anteriormente na Europa, não tendo sido necessário esperar pela sua morte, a que o suicídio conferira, entretanto, uma auréola trágico-romântica. Guerra Junqueiro proclamava nessa homenagem que na obra de Antero o *poeta-filósofo* era de segunda ordem; de primeira grandeza na sua opinião era o *poeta do sofrimento*. Fora a dor e não a filosofia que o sublimara, até porque a filosofia anteriana assumiu

metaforicamente uma expressão dolorosa. Para Junqueiro, um poeta que não sofra é um absurdo. Ora foi o cadinho do sofrimento que tornou autêntica a poesia anteriana e a europeizou. O caminho da sublimação romântica é conhecido: *Pelo Amor e pela Dor*. Era essa a via-sacra dos poetas que aspirassem à universalidade e à imortalidade. Foi esta dimensão transcendental da dor física e metafísica que atraiu os europeus à mensagem de Antero. E Araújo pretendeu nesta homenagem marcar claramente a dimensão europeia do poeta suicida. Daí que tenha escolhido como intróito para essa mesma homenagem o texto de Maxime Formont, amigo e admirador de Antero. Está datado de 1 de Outubro. Antero suicidara-se em 11 de Setembro. Ora, tomando em linha de conta a lentidão da troca de correspondência da época, é notável a rapidez com que Formont correspondeu ao pedido, que julgamos ter sido de Araújo. Do conteúdo e teor deste e dos outros artigos daquele número nos ocuparemos mais adiante. Sublinharemos por agora que a presença de escritores panegiristas de Antero não se esgotou neste número especial. Joaquim de Araújo tinha um verdadeiro culto de latria anteriana e prosseguiria a sua recolha de material literário e crítico estrangeiro que desse uma noção da grandeza do génio que escolhera a via do suicídio como forma definitiva de ascese e de sublimação. Por isso, fez publicar ainda no número 9 da mesma revista textos complementares da grande homenagem anterior. Deu essa revista particular relevo a dois sonetos do poeta italiano Tommaso Cannizzaro, num dos quais chama a Antero *«Eraclito novello, Lusitano Leopardi»*, que foram transcritos da revista de Milão, de nome **Vita Intima.** Mas o pranto mais magoado desta necrologia poética é justamente o escrínio de 15 estrofes, intitulado **Na Morte de Antero,** da autoria de Araújo, que essa revista apresentou aos seus leitores nos seguintes termos: «Partindo de uma forma simples da antologia grega – **morrer é ser iniciado** – o ilustre poeta portuense, com uma sentimentalidade que emociona a alma, e uma unção filosófica que absorve o espírito, enfeitou em mimosa brochura um preito

de saudade à altura do grande poeta-filósofo que o inspirou. É um trabalho magistral, uma obra-prima.»[61].

Outro colaborador estrangeiro foi Wilhelm Storck com o seu soneto datado de Münster, 10 de Outubro, escrito um mês após a morte de Antero. Foi traduzido por Joaquim de Araújo, que, deste modo, se fazia passar por poliglota. Temos algumas suspeitas, e fundadas, de que os conhecimentos de alemão de Araújo fossem rudimentares, como veremos a propósito da sua versão do **Intermezzo**, de Heine. Giuseppe Cellini participa também com onze estrofes "Sul Tumulo". E o quarteto completa-se com Caldelas y Aguilera que preferiu ao arrebatamento poético uma reflexão em prosa, a qual, sob a capa do encómio, acaba por negar aquilo que Araújo quereria afirmar. Para aquele crítico espanhol, voz ibérica preconceituosa, Antero não pertenceria ao grupo dos mais famosos poetas do seu tempo, mas ficava colocado nos primeiros lugares da galeria dos poetas portugueses. A crítica espanhola sempre fora excessivamente magra nos seus elogios quando se tratava de valores portugueses. Velhas querelas de mútua história mutuamente redutora!...

De entre os colaboradores nacionais desse número único, é de destacar a presença da poetisa açoriana Alice Moderno, uma paixão eternamente adiada de Araújo, a qual enviou para a revista o texto que haveria de ficar como o testemunho precioso dos seu últimos e atormentados momentos: «Os Últimos Dias de Antero»[62], escrito sob a emoção da tragédia e que confirma ter sido Araújo o mentor e o receptor da correspondência para aquele florilégio crítico. Ela morava ali bem perto do jardim onde Antero se suicidou e, se estava em casa, bem poderia ter ouvido o estampido dos tiros fatídicos. Ou do tiro, como pretendeu na sua reconstituição balística do suicídio o perito Moita Flores[63]. Esta consagração de alto nível literário antecipara-se pois ao longo **In Memoriam de Antero** de 1896. Além desse monumento de erudição que é o levantamento da **Bibliografia Anteriana**, obra da sua beneditina paciência, não poderemos deixar de reconhecer que, não se contentando com o número

da **Nova Alvorada**, no seu entender apoucado para celebrar condignamente o génio anteriano, Araújo foi também o principal responsável pela vinda a público do consagrado **In Memoriam de Antero** (o único que é conhecido por tal designação), como se prova pela troca epistolar com os seus correspondentes, em que Araújo se assume como primeiro responsável na angariação dos colaboradores, suscitando-os e encorajando-os.

Interveio depois na feitura de um número especial da **Nova Alvorada**, o seu número oito, dedicado ao quarto centenário de Cristóvão Colombo, celebrado com pompa e cirunstância em Espanha. Ele tinha sido nomeado 2° Secretário da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina e quis honrar essa distinção. Conseguiu nesse sentido a colaboração de Teófilo Braga, Bernardino Machado, Xavier da Cunha, Eduardo de Carvalho e Pereira Caldas. Quase todos os restantes colaboradores foram estrangeiros e, como seria legítmo esperar, de nacionalidade espanhola, a saber: Braulio Alvarez Mendonza, Manuel del Palacio, Raphael Basto, Ubaldo R. Quiñones, Caldelas y Aguilera, Angel Lasso de la Vega, Frederico Iriarte de la Banda, Vitor Oscariz y Lazaga, Juan P. Criado y Dominguez. Colaboraram ainda outros estrangeiros: Maxime Formont, Prospero Peragallo, Grilli e Tommaso Cannizzaro. Nunca Joaquim de Araújo mostrara qualquer veleidade iberista. No fim de século, o Iberismo era já uma tese em decadência. A Espanha continuava a mostrar pouco interesse, senão um grande desconhecimento e, às vezes mesmo, uma incontida hostilidade à Literatura e à Cultura portuguesas. Ora, Joaquim de Araújo quis lançar uma uma pedrada no charco, mas sem azedume. Passando uma esponja sobre a conflituosidadade histórica entre os dois países, preferia acentuar a necessidade de um *intercâmbio* cultural bilateral, fraterno e compartilhado. No número 12 da **Nova Alvorada**, Araújo lançava uma nova cruzada de mitificação histórica e literária: o 5° Centenário Henriquino, consagrado a esse vulto proeminente da navegação oceânica. O espectro das relações de Araújo com a Europa ia-se alargando. Além dos espanhóis

Manuel Barradas e Angel Lasso de la Vega, do francês Maxime Formont e do italiano Prospero Peragallo, já referidos, colaborou o famoso lusófilo sueco Göran Björkman, tradutor de Antero, com o poema "Henrik Navigator", datado de Upsala, 13/2/94, e dedicado ao poeta Manuel Duarte de Almeida, vertido para português por Eduardo de Carvalho, a partir de uma tradução francesa do mesmo poema. Araújo tinha uma noção muito viva da importância da História lusa de Quinhentos como base de sustentação cultural da *Geração Moderna* que ele se propunha difundir pela Europa. Por isso, não deixava escapar nenhuma efeméride que permitisse celebrar os fundamentos históricos da identidade nacional. O poema de Göran Björkman vinha exactamente sancionar a epopeia marítima lusa que marcou todo o espírito de errância da *lusitanidade*:

Era ele que incarnava o génio lusitano,
Da pátria revelando a eterna aspiração!
E, crente, estimulava ao maior ceptro humano
O povo, que atestava ilustre geração.

Germina a sua ideia; a sua seiva amadurece;
E n'alma popular o entusiasmo cresce...
Em cada peito logo estua a intrepidez!
E cada peito então se sente português. [64]

De Münster, onde Storck se dedicava com empenho acrescido à Literatura portuguesa, mais uma voz alemã se levantou para cantar aquele que tomara por divisa o "Talant de bien faire". Foi Heinrich Der Seefahrer, que enviou um poema datado de 11 de Fevereiro de 1894, igualmente traduzido por Eduardo de Carvalho. Dele extraímos a última estância:

Olvidas dos irmãos a sina miserável,
Nem vês seu cativeiro e guerra lamentável;
Só te povoa a mente um plano de gigante:

À pátria revelar das Índias o caminho!
–É esta a tua ideia, ó Nauta, excelso infante.[65]

Prospero Peragallo, o italiano que melhor conhecia Portugal e a História do seu povo, deu também o seu contributo com a tradução do poema de Xavier da Cunha "A Epopeia das Navegações portuguesas", que haveria de despertar muito interesse em Espanha, onde foi vertido por D. José Lamarque de Novoa e por José Bénoliel numa dupla versão em espanhol e em francês, de que transcrevemos um excerto da última:

L'Océan Ténébreux était un gouffre immense,
Un Cocyte effrayant, hideuse résidence
De monstres, de dragons...
Quand, au magique effort d'une main bienfaisante,
Ces horreurs firent place à l'aube souriante
De douces visions.

Ce fut l'auguste Infant, au talant-de-bien-faire,
Qui sut initier cette epopée altière,
Et qui, d'un bras royal,
Grava profondément sur le front de l'Histoire,
Le signe avant-coureur de l'éclatante gloire
Promise au Portugal.[66]

Xavier de Carvalho, diplomata em Paris, ora tomava ele próprio a iniciativa da difusão da Cultura portuguesa na Europa, ora apoiava, com raro entusiasmo, as iniciativas de Joaquim de Araújo. Eram excelentes as relações pessoais e de trabalho entre ambos. Foi com uma carta de João de Deus a Xavier de Carvalho que Araújo abriu um número da **Revista Portuguesa**, quando já se encontrava em Génova. Joaquim de Araújo vivia de calendário na mão à cata de efemérides que pudessem dar lugar a um evento cultural com possível impacto europeu.

Ora, João de Deus fora a grande paixão da vida e obra de Araújo. Poeta sem modelos estrangeiros, criação sublimada do lirismo genuinamente nacional, Araújo, como Teófilo, fazia questão em apresentá-lo aos europeus como o supra-sumo da poesia portuguesa da *Geração Moderna*. Num artigo publicado na **Revista Portuguesa**, Teófilo Braga acentua a importância de João de Deus como propedeuta da gestação mental que eclodiu na *Questão Coimbrã*. E, como Araújo, Teófilo, sempre muito atento às vozes europeias que repercutiam as glórias nacionais, observa: «Este fenómeno da chamada Questão Coimbrã, que significou a dissolução final do romantismo, mereceu ser considerado por Goldbeck, Gubernatis, Paul Meyer, Monod, Gaston Paris e Fernandez de los Rios; mas não será bem compreendido, sobretudo na transformação da poesia lírica moderna em Portugal, se não estudar João de Deus como precursor. Precedeu o movimento filosófico e crítico dos **Dissidentes de Coimbra**, e /*não conheceu*/ a renovação das doutrinas metafísicas, nem as teorias sociais, nem a síntese monística das ciências físicas ou naturais, nem a indisciplina revolucionária.» [67]. Teófilo sustenta que o pessimismo baudelairiano, o satanismo byroniano, o cepticismo enervante de Musset e o trovão social de Victor Hugo tinham entrado em Portugal, mas que nos versos de João de Deus continuava a ouvir-se imperturbável a melodia matinal da natureza. Recusando o *pathos* ultra-romântico na moda, João de Deus assumia-se como mais um elo de ligação natural do lirismo português que tinha as suas raízes mais profundas e chorudas nos Cancioneiros galaico-portugueses. E era por isso que Teófilo Braga, sempre em busca da afirmação da identidade lusa, celebrava João de Deus como o mais genuíno artista português. Em tom idêntico se desenvolve o poema de Cesário Verde publicado no mesmo número da referida revista, quando o seu autor ainda assinava no feminino com o romântico pseudónimo de *Margarida*. Convirá salientar que o poema está datado de 1874 e reza assim:

Oh bom João de Deus, oh lírico imortal,
Eu gosto de te ouvir falar timidamente
Num beijo, num olhar, num plácido ideal;
Eu gosto de te ver contemplativo e crente,
/.../
E, oh meigo visionário, oh meu devaneador!
O sentimentalismo há-de mudar de frases;
Mas só quando morrer a derradeira flor
É que não hão-de ler os versos que tu fazes,
Oh bom João de Deus, oh meu devaneador! [68]

Araújo soube sempre ter do seu lado os melhores artistas e críticos para levar a bom despacho o seu projecto de expansão cultural. Cabe-lhe a glória de não se ter rodeado de escritores medíocres que não ofuscassem a sua imagem de poeta e intelectual. É certo também que Araújo não resistiu à vaidade de se anunciar e fazer anunciar em todos os jornais e revistas que lhe franqueavam as portas, num trabalho de auto-promoção que pode, hoje em dia, chocar a nossa sensibilidade crítica. Mas soube sempre distinguir entre o trigo e o joio, não fomentou, em geral, a mediocridade e procedeu a uma muito responsável selecção dos valores, sem, contudo, deixar de ter a noção de que a Cultura de um povo não é apenas obra de génios, mas contributo plural dos melhores e dos menos bons, numa síntese sempre delicada e provisória que os tempos e os modos seleccionam ou esquecem no exercício diacrónico de uma memória colectiva. A correspondência de João de Deus publicada neste número da **Revista Portuguesa** documenta que Araújo estava na brecha em todas as homenagens aos grandes homens, como no caso da festa do Ginásio ao autor da **Cartilha Maternal**, que Antero, alérgico a benemerências para com artistas, lhe desaconselhara. E, para chave de oiro desse famoso número, escolheu Araújo um dos textos críticos mais felizes de Antero de Quental: "O Soneto e João de Deus" [69], que define em poucas linhas, com muita originalidade e poder de síntese, essa forma privilegiada da poética europeia a partir do Renascimento, em

que ele próprio, o poeta algarvio e o seu amigo João Penha, na peugada de Camões e Bocage, foram exímios.

1498 era uma data que não poderia escapar ao faro centenarista tão apurado do Cônsul de Portugal em Génova. O número 1 de 1898 da **Nova Alvorada** foi consagrado a Vasco da Gama e nele se evocam quatro séculos de história e se salienta em que medida tal evento permitiu a redimensionação da Cultura Ocidental. Nesta data, a revista aparecia já sem nome de director. O editorial, que supomos atribuível a Araújo, defende que o achamento da Índia e da América, acrescido da descoberta da Imprensa e da revolução astronómica de Galileu, marcou o princípio da História moderna, acentuando «o triunfo alcançado sucessiva e cumulativamente pela ciência e pela indústria sobre o velho regímen teocrático-militar, cujos derradeiros vestígios ainda embaraçam fortemente os progressos das sociedades contemporâneas.» [70]. Colaborou também o poeta francês Achille Millien para deificar Vasco da Gama em 4 décimas de empolados alexandrinos:

Le grand Navigateur, héros, savant, apôtre,
Est le second de Dieu dans la création:
Il découvre, révèle et rejoint l'un à l'autre
Les mondes dont par lui prend fin la scission.
Cet aigle dont le vol, dominant notre terre
Veut dérober au ciel un peu de son mystère,
Pilote de l'humanité,
Quels accents faudrait-il pour célébrer sa gloire?
Et quel poète oserait croire
Que ses vers les plus beaux l'ont dignement chanté. [71]

Achille Millien, sem dúvida muito por intervenção de Joaquim de Araújo, viria a transformar-se numa espécie de cronista-mor das efemérides lusas. E outro tanto fariam alguns italianos que se renderam à presença e à simpatia cultural do Cônsul português em Génova. Entre estes últimos, Antonio Padula, correspondente da Real Academia das Ciências de

Lisboa, que escreveu um artigo "Il 20 maggio 1498", em que explana a importância civilizadora da viagem desses velhos lobos do mar imortalizados pela epopeia de **Os Lusíadas**, rematando com este juízo: «*Il poema immortale dei* **Lusiadi** *rimane valido testimone della grandeza di un popolo, che se un tempo fu il primo in Europa per le sue scoperte e le ricchezze delle colonie, oggi non è l'ultimo, certo, nelle manifestazioni del genio.*»[72]. Outro seu compatriota, Prospero Peragallo, em vésperas da tumulização de Garrett, traduziu 16 estâncias do Canto X do poema **Camões,** para se associar a essa homenagem:

E nell'ultimo spiro: *O Patria almeno*
Moriamo insieme.– E colla patria è morto.[73]

A prova inequívoca de que Araújo está por trás de toda esta colaboração é a carta que escreve ao director da **Nova Alvorada**:

Meu caro Sebastião
Génova, 5 de Junho.

Envio-lhe a carta que acabo de receber do meu ilustrado amigo Marquês Mac Swiney de Mashanaglass. Há males que vêm por bens: como vê, se por um lado falece a colaboração do erudito investigador para o número do centenário da Índia, temos a promessa de um belo estudo histórico para a **Nova Alvorada.** Quanto a colaboração própria, com o tempo tomado pela revisão de cinco ou seis opúsculos, consagrados à Festa portuguesa, não podendo escrever de pronto as linhas que me pede, se há espaço ainda, lembro-lhe que transcreva do meu **Camões** o soneto intitulado –"A Leitura da epopeia."[74]. Publicou também a **Nova Alvorada** a carta de Mac Swiney de Mashanaglass que tinha como destinatário Joaquim de Araújo e que este remeteu à revista de Famalicão:

Roma, Palazzo Falconieri, le 3 juin
Cher monsieur

Deux lignes à la hâte pour vous dire que des travaux inattendus et d'importance urgente venant de m'être confiés, je me vois obligé de laisser inachevé le petit article que j'avais commencé pour la "Nova Alvorada". Je vous serais donc infiniment obligé de vouloir bien faire savoir à son directeur de ne pas compter sur ma collaboration cette fois. Neanmoins je serai heureux plus tard de réparer cette "manquanza involontaria" en lui envoyant pour sa revue quelque étude inédite sur le sujet auquel je consacre mes travaux personnels: l'histoire des relations diplomatiques entre le Saint Siège et le Portugal.

Dans quelques jours je vous enverrai un exemplaire du discours que j'ai prononcé le 21 mai dernier à l'occasion du Centenaire.

Veuillez agréer, cher Monsieur, l'assurance de mes sentimets de très haute considération.

M.is Mac Swiney.[75]

Sem querer minimizar o excelente papel desempenhado ao longo dos anos por Manuel de Moura e Sebastião de Carvalho na direcção desta revista, constatamos, porém, que foi Araújo, primeiro em Portugal e depois em Itália, quem assegurou o material indispensável para a sobrevivência daquele periódico literário, recrutando a colaboração dos lusófilos seus conhecidos. Sebastião de Carvalho respeitou a vontade de Araújo e publicou-lhe o soneto escolhido, com uma dedicatória ao Baron Ch. de Tourtoulon:

Camões lê. El-rei ouve comovido,
Junto à corte curvada e silenciosa:
..." Brame convulso o adamastor vencido,
"Vénus aplaca Júpiter, piedoso.

"Inês murmura o último gemido,
Passa dos Doze a ala vitoriosa;

"E o velho do Rastelo, espavorido,
"Conjura as naus da armada clamorosa.

"Evocada do túmulo, surgia
" A doce e formosíssima Maria,
"Alvo contraste do perfil do Gama.

"A cruz fulgura iluminando o Oriente..."
"... A corte escuta, e El-rei, formoso e crente
"Contempla a Glória que de longe o chama!"[76]

Não sendo um dos melhores sonetos de Araújo, pois conseguirá uma 'perfomance' poética muito mais fina noutras composições do mesmo género, este conglomerado intertextual denuncia a paixão camoniana do seu autor, que assegurou ainda para este número evocativo da **Nova Alvorada** a colaboração do italiano Gustavo Uzieli sobre as relações diplimáticas de Portugal com a Santa Sé no período histórico em causa e sobre as relações de navegadores italianos com portugueses[77]. Conseguiu também a colaboração de Tommaso Cannizzaro, um fiel nestas andanças lusófilas, que enviou o seu longo poema "Pel IV Centenario Del Primo Approdo di Vasco di Gama Alle Indie", de que respigamos o seguinte passo:

O mar che tanti morti
chiudi nel vasto sen, dai flutti assorti
dimmi, o mar vorticoso,
vecchio senza riposo,
dimmi che porti?
/../
Su la Terra di Rama
invita il canto lor Vasco di Gama,
e la sua vela appare
come un alcion sul mare;
Iddio lo chiama![78].

Na viragem do século, data de ressonâncias escatológicas para muitos espíritos inquinados pelo *mal du siècle*, a **Nova Alvorada** acalentava uma constante preocupação programática de números monográficos, com unidade temática, onde não se vislumbrava o mínimo sintoma de 'vencidismo' geracional. A revista respirava saúde e fé no destino histórico português, mesmo depois do profundo abalo psicológico do Ultimatum inglês. Os seus números 10, 11 e 12 tentaram desmontar a frase pessimista de Garrett, segundo a qual «em Portugal nem póstuma vem a justiça a ninguém.». O jornalismo europeu, sobretudo pelo esforço conjugado de Araújo e Xavier de Carvalho, fez-se eco da campanha orquestrada a partir de Génova para a tumulização de Garrett no Panteão. Informa a rubrica "Homenagens a Garrett" que houve um sarau em Paris com a presença de vários escritores franceses, outro no Rio de Janeiro, e que foram divulgadas notícias sobre o assunto em gazetas da «*Coruña, Madrid, Paris, Allier, Cévennes, Bordeaux, Mende, Bruxelles, Nápoles, Parma, Milão, Génova, Saint Petersbourg, Constantinopla, Craiova, Rio de Janeiro, São Paulo, Pará, etc.*»* [79]. Prospero Peragallo e Leonnelo Moldonac publicaram opúsculos a propósito e Araújo esteve quase sempre presente em todas estas intervenções de extensão geográfica tão alargada. Nesse número especial, colaboraram ainda outros lusófilos de nomeada, como Henri Faure, que em " Le Centenaire de Garrett - 4 février 1899", escrevia: «*Lorsque, dans notre hommage à Camöens, à propos du centenaire de 1880, nous disions:*

Sois fier, ô Camöens! Brillantes Pléiades,
Étoiles de ton ciel, rayons de ton soleil,
Des poètes sont nés qui, d'un élan pareil,
Gravitent dans ton orbe, astre des Lusiades!

---

* *O sublinhado é nosso.*

Sois fier, ô Camöens! Sois fier, chantre immortel!
De ta gloire tes fils ont accru l'héritage,
Et par leurs soins jaloux, aux bords sacrés du Tage,
Sur ta tombe la Muse a dressé son autel!

nous pensions surtout au vicomte J.-B. d'Almeida Garrett, dont les oeuvres, marquées au coin du génie, n'ont rien à redouter des injures du temps. Lui, aussi, il a été centre d'une pléiade d'écrivains illustres, dont le Portugal a le droit de s'enorgueillir.» * [80]. Um outro lusófilo francês, Louis-Pilate de Brinn' Gaubast, em "Lettres Portugaises – Le Centenaire de Garrett", noticia demoradamente a sessão que decorrera em Paris com a presença activa de Catule Mendès, Jules Clarétie, Marc Legrand, René Ghil e Paul Redonnel, além de outros escritores gauleses menos conhecidos. Anota de passagem que os franceses interessados na Cultura portuguesa são raros, porque, segundo ele, a sua genialidade vedava-lhes os olhos, impedindo-os de descobrir os tesouros literários da terra alheia [81]. Insurgindo-se contra este estado de coisas, ele pronunciou uma conferência sobre Garrett e publicou na **Revue Encyclopédique**, no número de 11 de Fevereiro, um estudo acompanhado de extractos e de uma selecção de opiniões sobre o dramaturgo do **Frei Luís de Sousa**, apensando-lhe uma longa bibliografia. Para não se repetir, ele próprio transcreve uma longa passagem da brochura **O Centenário de Garrett**, de Joaquim de Araújo (Génova, 1898), que resume em grandes pinceladas a missão renovadora de Garrett no romance, no teatro, na poesia, no parlamentarismo, no jornalismo, que serviu de modelo a três gerações. E sobre as **Folhas caídas** emite Gaubast o seguinte juízo, que merece registo: «**Feuilles tombées** *demeurent, en même temps que l'un des sublimes livres de vers de la poésie amoureuse universelle, la fécondante révélation des sujets qui*

---

* *O sublinhado é nosso.*

conviennent le mieux au lyrisme mélancolique, ingénument sentimental et délicatement sensuel des Portugais.» * [82]. Era o nariz de cera habitual que caracterizava então o lirismo luso. Mas o que convém realçar é que na comemoração de Garrett em Paris foi sobretudo posto em destaque o traço da latinidade comum à Europa do Sul, a qual está bem patente no soneto apelativo de Paul Redonnel a Almeida Garrett:

De ceux qu'elle a bannis, mais sans les amoindrir,
La race glorieuse a belle souvenance,
La dure loi d'airan fier, à leur convenance,
Les âmes des héros afin de les grandir.

Encore qu'elle soit marâtre ou bonne mère,
La terre patriale aime les demi-dieux;
Si parfois, pour les siens, elle a la bouche amère
C'est que les dirigeants ont des haines de gueux.

Mais, toi, tu ne pris point souci de la tourmente.
Loué par tes égaux dont la pensée ardente
A ton coeur d'exilé chantait de clair matin,

GARRETT, ta grande voix conquérrait la mémoire,
Et les heures de deuil sont des heures de gloire,
Fils d'un peuple en renom, frère de sang latin. [83]

Convenhamos na mediocridade poética deste soneto (e da poesia laudatória em geral), de ritmo crispado e rima contrafeita, mas salva-se a ideia de engrandecimento do romântico português que residiu na "*gloriosa capital da inteligência*" [84], para nos servirmos da expressão de Xavier de Carvalho, que, naquela cidade, privava com o panegirista francês de Garrett. Não

---

* *O sublinhado é nosso.*

poderia faltar, como não faltou, o contributo de Achille Millien, tuba canora em todas estas evocações da *portugalidade*. Ele compôs um poema de cinco estrofes que tentam um himeneu das musas do Tejo com as do Sena para cantar a mesma latinidade:

A l'honneur de ton nom, Garrett, rien n'a manqué,
Toi qui partis, un jour, exilé par tes frères:
Plus l'arbre est haut, plus il souffre des vents contraires,
Le génie en tout temps pour l'épreuve est marqué.

Mais qu'importe! en quittant le sol de ta naissance,
L'Esprit du ciel natal t'accompagnait chez nous;
En toi couvait son souffle ardent non moins que doux,
Qui consolait ton coeur des rancoeurs de l'absence.

C'est lui qui t'inspirait lorsque si puissamment
Tu chantais Camöens en beaux vers d'épopée,
Car toujours ta grande âme était préoccupée
D'élever à ton peuple un noble monument.

Les Muses de la Seine avec celles du Tage,
D'un sot et vain exil vengeant l'inique affront,
S'unissant pour tresser en couronne à ton front
Le laurier glorieux que ne flétrit point l'âge:

Muses-soeurs, dont la main fit jaillir en flot clair
Nos deux parlers latins, des sources maternelles...
Et nous t'applaudissons de nos voix fraternelles,
*Ô fils du Portugal qui respiras notre air!** [85]

---

* *O sublinhado é nosso.*

A França fez-se ainda representar pela pena de Marc Legrand com "Plaintes de Camöens mourant" e de Edmond de La Lecque, confirmando este último que grande parte de toda esta divulgação de Garrett em França foi obra de Joaquim de Araújo e de Xavier de Carvalho, sem ser possível quantificar exactamente a intervenção de cada um. De la Lecque noticia, por sua vez, uma sessão da Société scientifique et littéraire d'Alais, em 2 de Fevereiro de 1899, consagrada ao estudo de "Garrett et les romantiques français". Na resenha crítica que faz dessa sessão, informa que nela usou da palavra Louis Sarraud d'Allard, que discorreu sobre o "Centenaire de Garrett", traçando a sua biografia e tentando determinar as relações que ele manteve com os românticos franceses. De la Lecque não esconde a origem das suas fontes, que lhe foram fornecidas por Joaquim de Araújo. Noticia ainda que António de Portugal de Faria, membro não residente da Sociedade de Alais, publicou em Paris, chez Paul Dupont, um estudo intitulado **Garrett em França** , formulando votos de que, em breve, fosse traduzido para francês. Inventaria mesmo os nomes dos lusófilos do seu tempo, cuja lista lhe foi, provavelmente, fornecida por Araújo, o qual na sua correspondência não se cansava de divulgar aos seus destinatários e amigos os nomes desses beneméritos simpatizantes e difusores da Cultura portuguesa dispersos pela Europa, para que lhes fossem enviados os trabalhos dos autores portugueses. Dado o interesse evidente dessa lista para a defesa do ponto essencial deste nosso trabalho ou seja o da divulgação lenta, mas persistente, da Cultura portuguesa na Europa, sentimo-nos na obrigação de a transcrever para assim podermos ajuizar da sua amplitude e significação em termos quantitativos e qualitativos: «Nos lecteurs nous sauront sans doute gré de leur donner la liste des *lusophiles* contemporains: 1° en France, M.mes de Rute et Edmond Adam, MM. Henri Faure, Louis-Pilate de Brinn' Gaubast, Pawlowski, Maxime Formont, Philéas Lebesgue, Marc Legrand, Achille Millien, Louis de Sarraut-d'Alard; les félibres Frédéric Mistral, Léon de Berluc-Pérussis,

Ferdinand Chabrier, etc.; 2° en Allemagne, M. Wilhelm Storck; 3° en Angleterre, M. Edgar Prestage; 4.°, en Italie, MM. Tommaso Cannizzaro, Antonio Padula, Prospero Peragallo, Vittorio Pica, Zoppone-Strani; 5° en Espagne, MM. A. Romero Ortiz, Emilio Ollqui, etc..»[86]. Muito incompleta está, de facto, a lista assim apresentada e, neste caso, os *etc.* dão uma ideia exacta da sua demasiada simplificação, sobretudo em Espanha e Itália, além de omitir nomes importantes da *lusofilia*, como, por exemplo, o de Göran Björkman, na Suécia.

O segundo interveniente dessa sessão comemorativa de Garrett foi M. G. Haon, que, a propósito de duas brochuras do italiano Antonio Padula, apresentou um resumo da poesia portuguesa de 1818 a 1890, em que falou da escola romântica que se prolongou até 1865, data em que João de Deus começou a preparar o advento de Teófilo Braga. O filão desenvolvido tem marcas notórias da mão de Araújo, que foi quem, em Portugal como no Estrangeiro, mais afirmou o valor poético do seu mestre Teófilo Braga, não muito apreciado pelos seus compatriotas lusos, que viam preferentemente em Antero o líder espiritual da sua Geração. A concluir, De la Lecque faz um aproveitamento muito característico do comparatismo francês, de sentido unilateral, em voga na época: «*Nous qui sommes des fervents adeptes des idées libérales, nous ne pouvons qu'applaudir aux tentations de nos compatriotes qui, à quelque opinion qu'ils appartiennent, nous montrent combien est grande, même en Portugal, l'action littéraire et philosophique de notre belle France.*»* [87]. Neste verdadeiro **In Memoriam de Garrett**, colaboraram diversos escritores italianos, não tendo marcado presença nenhum lusófilo espanhol, para o que não encontramos justificação plausível, sobretudo se tivermos em conta que eles estiveram bem representados em todos os outros números já referidos. Para compensar esta lacuna, Araújo, em

---

* *O sublinhado é nosso.*

"Ecos do 'Romanceiro'", historia a recepção do **Romanceiro** em Espanha e Itália, citando os nomes de vários espanhóis que se relacionaram com Garrett e a sua obra, tais como Amador de los Rios e o Duque de Rivas, acrescentando depois os nomes de personalidades inglesas e alemãs que contribuíram para a recepção de **Adosinda**, completando, deste modo, o que já escevera na **Revista Moderna** sobre Garrett e os Estrangeiros. Dos italianos, colaborou Antonio Padula, para quem Garrett era «*indubbiamente la figura più multiforme, che del suo nome abbia riempita la colta Europa in questo secolo; nel periodo rigeneratore del romanticismo.*»[88]. Assinalou também a sua presença Tommaso Cannizzaro, com os poemas de Garrett por ele traduzidos "Le mie ali" e "Barca Bella", enquanto Prospero Peragallo verteu para italiano três décimas do poema **Camões**.

Ora, todo este labor intelectual de Araújo, verdadeiro angariador de colaboração de lusófilos que já conheciam a Cultura portuguesa antes da sua mediação ou que a ela se converteram por seu intermédio, começou a ser reparado e muito favoravelmente comentado em Portugal. Assim, Rodrigo Veloso, director da gazeta **Aurora do Cávado**, de que Araújo também foi assíduo colaborador, conhecendo o trabalho por este desenvolvido na expansão da Cultura lusa, proclama na **Nova Alvorada**: «*É a ele que principalmente, e quase só, sempre o primeiro em ilustrar e espalhar nossas letras, quer no país, quer no estrangeiro, a ele que desde tantos anos já preconizava a comemoração do centenário de Garrett, se deve o que entre nós e lá fora se fez em honra do imortal cantor de Camões.*»*[89]. E a **Nova Alvorada** confirmava pela voz autorizada do seu director: « *A Joaquim de Araújo devemos nós uma apostolização tão fervorosa das nossas letras em toda a Europa, que ingratidão seria não a rememorar com agradecimento. Somos tão felizes, confessando-lho, como orgulhosos, por uma razão*

---

* *O sublinhado é nosso.*

de patriotismo, dos resultados práticos da sua obra.» *[90]. O termo "*apostolização*", extraído da área semântica religiosa, traduz com propriedade a autêntica paixão *cultual* de Araújo pelo património literário do seu país e justifica o título e o escopo deste nosso estudo. Foi, portanto, um fenómeno tão palpável que não escapou à análise dos seus contemporâneos, mesmo os mais desatentos. Ainda no referido número da **Nova Alvorada** se pode ler esta afirmação transcrita da **Tribuna**, mas publicada em primeira mão no **Journal des Débats**: «*Bom será que deixemos de nos colocar no centro do mundo, e que a homenagem, excessiva que seja, prestada pelos estrangeiros aos seus grandes escritores, nos lembre que há homens de génio, de grande talento, afora aqueles cuja glória é consagrada por Paris e pela França.»* *. Era também esse o entendimento de Joaquim de Araújo, que tomava como o primeiro dos seus deveres de cidadão e cônsul reverenciar pelo culto da difusão nacional e internacional o génio luso. Como no Panteão francês, também ele sustentava: «*Aux grands hommes, la Patrie reconnaissante*». Nunca pertencera ao vasto contingente de aduladores da cultura estrangeira e particularmente francesa. Não hesitara como Antero entre o modelo cultural germânico e o francês. Não se lhe conhece uma linha em que deslize, mesmo em raros momentos de derrotismo depressivo ou de desencanto finissecular, para o velho e atrabiliário vício português de menosprezo pelos seus próprios valores culturais. Não se vislumbra na sua actividade poética e crítica o menor sinal de servilismo ou subserviência e, quando traduz Heine, fá-lo com uma recriação muito subjectiva que ilustra a alma sensitiva nacional. Antecipando-se muito no tempo, ele tinha uma verdadeira noção do *intercâmbio*, que só o é verdadeiramente, se for bilateral. Com uma percepção aguda do património linguístico e literário românico, ele preocupava-se mais com a originalidade no tratamento do

---

* *O sublinhado é nosso.*

substrato comum a todos os países neo-latinos do que em estabelecer *confluências* ou *influências* no domínio da recepção activa ou passiva. Tal postura intelectual não o impedia de manifestar a sua admiração por alguns vultos estrangeiros, que, não se relacionando directamente com Portugal, deixaram nele marcas indeléveis. Foi o que se passou nos números 6 e 7 da **Nova Alvorada** de Outubro e Novembro de 1898, dedicados em exclusivo a Jules Michelet e redigidos só por portugueses – opção de per si muito pertinente na medida em que revela a forte personalidade crítica de Araújo e de seus colaboradores que dispensavam nesta matéria os depoimentos da «autoridade» gaulesa. A carta que Araújo enviou a Sebastião de Carvalho, e que este escolheu para editorial dessa homenagem, ostenta a sua devoção intelectual por aquele pensador francês: «Vai celebrar-se proximamente em Paris uma grande festa, que não é a da França apenas, porque é da humanidade inteira. Cuido que na renovação intelectual portuguesa, entre as duas últimas gerações, nenhum orientador exerceu a influência prodigiosa do singular e poderoso historiador-poeta. Em Oliveira Martins, T. Braga e Antero, essa influência foi vivíssima, e aos trabalhos destes escritores deve, me parece, alguma coisa o momento actual da Civilização portuguesa.»[91]. A sobriedade de Araújo revela um grande poder de contenção, não caindo no lugar comum do endeusamento da França num ritual de latria acrítica. Na realidade, depois de Victor Hugo, nenhum outro vulto da Cultura francesa lançara raízes tão fundas e sadias no pensamento português. Antero de Quental, sempre muito pàrco e contido nos seus juízos de valor relativos às *influências* de leituras estrangeiras sobre si próprio e sobre os homens da sua Geração, como Araújo, não hesitou em declarar: «*Michelet é um dos mestres da mais incontestada autoridade para a geração nova; não há uma única inteligência, dotada de certa elevação e cultura, entre os homens que não contam ainda 40 anos, que não recebesse, mais ou menos intensamente, o influxo daquela*

palavra eloquente e penetrante.» * [92]. Antero encontrou a palavra exacta, "*influxo*", que, não fazendo parte do léxico comparatista, define na perfeição o caso vertente da *influência* regeneradora de Michelet no generoso ideário da *Geração de 70* e dos seus satélites. Araújo corrobora: «*Foi com ele que aprenderam o segredo daquele espírito renovador da história, ao mesmo tempo crítico, filosófico e poético, e que às vezes com a luz do passado alumia tão profundamente o horizonte do futuro. Foi com ele que aprenderam a ver e a amar na Natureza uma existência espontânea, uma vida universal, e não uma sucessão de formas inertes, e na Humanidade, uma razão e uma consciência colectivas, uma alma, e não um mecanismo ou uma abstracção.*» * [93]. Fora este panteísmo vital que seduziu Araújo, de seu natural pouco afeiçoado a idolatrias estrangeiras. Três dos seus maiores amigos, Oliveira Martins, Teófilo e Antero confessaram publicamente a sua dívida a Michelet, e, embalado por esta admiração que o sensibilizava, Araújo escreveu três sonetos de "entronização" do autor de **La Bible de l'Humanité** e publicou-os na **Nova Alvorada** [94]:

IMMACULATA VIRGO

Como o sombrio e amargo Florentino
Evocara a Beatriz imaculada,
E, entre o fulgor da Celestial-morada,
Aspirava o seu hálito divino.

Assim tu, indomável paladino,
Do passado galgando a dura estrada,
Aureolaste a Virgem condenada,
Misterioso profeta do destino.

---

* *O sublinhado é nosso.*

Legendária figura primitiva,
Deste-lhe a força dos leões, altiva,
A graça ingénua, a crença em flor... Ovante,

Joana d'Arc rebrilha da fogueira,
Lírio na haste, pálida guerreira,
Mais pura ainda que a Beatriz de Dante!

O poeta evoca a recuperação que no tomo V da sua **Histoire de France** Michelet fizera dessa figura que a lenda aureolara e convertera em símbolo mítico. E no soneto "Dea admirabilis" recorda já não o historiador de longo fôlego, mas o poeta apaixonado pela sua jovem e exótica Athénaïs, o cantor da mulher, da ave e da montanha. Se Michelet pensava que a História passava necessitantemente por um filtro feminino, Araújo partilhava a sua opinião. Para ambos, a mulher é o centro da História; faz História quando sofre e sofre quando a faz. A mulher é para ambos pátria e exílio, impossibilidade e promessa, servidão e libertação, silêncio e inspiração, estabelecendo uma relação analógica perfeita com a Natureza:

DEA ADMIRABILIS

Adoraste as montanhas, o oceano,
O amor, o azul, a ave, a liberdade,
E abriste ao mundo a Bíblia da Humanidade
Como um evangelista soberano.

À tua voz, o negro véu do arcano
Descerrou-se em patente claridade,
E dentre heróis, vibrante de piedade,
Uma Deusa ascendeu no altar humano.

Doce lhe ouvimos a incantada prece,
Como bando de murmúrio que enternece,
Incenso alado pelo espaço mudo...

Soaram clarins e gritos de combate,
E eis-lhe nas mãos a lança do Resgate,
E um setestrelo a cintilar no escudo.

O terceiro soneto tem um carácter mais elegíaco, deixando de lado as referências aos títulos da obra de Michelet, e parafraseia até certo ponto as palavras de Antero escritas para a revista **Dois mundos** e, mais tarde, transcritas na **Nova Alvorada**:

PER OMNIA SAECULA

Mestre supremo! Em teu marmóreo leito,
Chovem loiros e rosas de esperança!
Ali palpita, em comovido preito,
O coração titânico da França.

Relicário de amor! É uma criança,
– Peito de arminho, couraçado peito! –
Quem o põe, como signo de bonança,
Por sobre o teu sarcófago de eleito.

Consolação ideal que reconforta,
A mocidade, que o teu vulto adora,
Nossa grandeza triunfal absorta,

Como que vês, pelas idades fora,
Sorrir o Morto à estremecida 'Morta',
Na "via láctea" da infinita aurora.

Como Antero, também Araújo não chorou em termos apocalípticos a morte de Victor Hugo [95], que, em Portugal, se converteu num pranto nacional. Com várias janelas abertas sobre a Europa, para além desta paixão muito circunscrita, Joaquim de Araújo reservou a sua veia poética e crítica para

cantar os poetas e artistas da sua pátria e difundi-los na Europa e nas suas extensões coloniais das Américas, numa abnegada e generosa entrega à expansão da cultura do seu país.

1.3. O Camonianista

Aos vinte e dois anos, Araújo já vibrara com o Tricentenário de Camões, mesmo antes da sua comemoração oficial em 1880. Em carta a Teófilo Braga, quando era director da **Harpa**, solicitara-lhe um "artiguinho" que preparasse os ânimos para a efeméride centenarista. Foi, porém, com a fundação da revista **Círculo Camoniano**, espaço gráfico aberto a todos os especialistas nacionais e estrangeiros, que ele se revelou um camonianista de muito merecimento. Bernardo Xavier Coutinho levantou já as principais peças do seu culto camoniano num estudo sobre Joaquim de Araújo [96], sublinhando com pertinência (embora não tenha analisado o problema em toda a sua extensão) a verdadeira obsessão daquele penafidelense pela figura emblemática de Camões. Joaquim de Vasconcelos foi de opinião que Araújo não tinha a preparação filológica adequada para dirigir o **Círculo Camoniano**, por falta de conhecimentos científicos bastantes. Dessa acusação se defendeu Araújo contestando e abrindo mais uma polémica, de que se fez eco a **Nova Alvorada**, seu porta-voz oficioso. Devemos reconhecer que ele não foi realmente um filólogo apurado; foi, isso sim, um divulgador convicto e apaixonado. E a obra deixada, se não desmente aquele conceituado publicista, testemunha, pelo menos, um culto inteligente e oportuno de Araújo, que empenhou, não as suas barbas como o Vice-Rei das Índias, mas todos os seus magros réditos na publicação, pouco selectiva convenhamos, de tudo o que se prendesse com **Os Lusíadas** e o seu autor, e que, muitas vezes, suscitava a discordância crítica de outros filólogos e historiadores cientificamente mais apetrechados e escrupulosos. O objectivo de Araújo, mal compreendido por alguns dos seus contemporâneos, era mais ideológico e menos

filológico. Ou seja, com a sua paixão minuciosa de bibliófilo, ele propunha-se continuar a universalização de Camões iniciada em Quinhentos, sobretudo agora que lhe parecia estar muito esquecido na Europa, apesar das múltiplas retomas de temas camonianos nas Literaturas europeias desde o séc. XVI até à época contemporânea. Xavier da Cunha, irmanado no mesmo projecto, entendia também que Luís de Camões era «o mais expressivo representante no opulento jardim da poesia portuguesa», acrescentando que «contribuir para que se divulguem mais e mais as melodias paradisíacas daquela suavíssima lira, é acender por sobre a cabeça do Poeta no panteão de imortalidade uma rutilante auréola de estrelas inextinguíveis, – e é simultaneamente colaborar na glorificação da Pátria, simultaneamente comungar na apoteose da Alma Humana.»[97]. Araújo fazia uma leitura semelhante. Em 1887, publicou o seu **Luís de Camões,** prefaciado com uma carta de Eça de Queirós e dedicado a outro grande admirador do autor de **Os Lusíadas,** Antero de Quental. Carta de verdadeiro e picante sabor queirosiano, em que o seu autor se escusa de não compor o prólogo solicitado com a extensão de dezasseis a vinte páginas (como lhe pedira aquele incorrigível mendicante literário), em que traçaria a evolução moderna da poesia, porque «teria de interromper obra que está na forja, quente fumegando, para ir malhar outro ferro.»[98]. No que toca aos sonetos que integravam este poemeto araujuano, Eça de Queirós furta-se a emitir um juízo valorativo, refugiando-se numa fina e veladamente irónica tirada romântica: «Os seus sonetos, para encantarem, não necessitam dos meus laboriosos comentários. Se os Rouxinóis, por motivos filosóficos, se decidissem a não cantar, sem terem ao lado um crítico hábil que lhes explicasse o canto – deve confessar, meu caro Araújo, que os arvoredos perdiam todo o seu idílio e todo o seu mistério. As obras de arte devem falar *por si mesmas*, explicar-se *por si mesmas*, sem terem necessidade de pôr ao lado um cicerone./.../ Creia que os seus sonetos serão mais belos, vistos sós, na sua pureza escultural de linhas nobres –

sem lhes pôr em redor toda a complicação da minha prosa. O meu prólogo seria um bocado de chumbo atado à asa duma linda e ligeira ave... Publique os seus sonetos sós, e os homens de gosto ficar-lhe-ão agradecidos.»[99]. Araújo apercebeu-se de que Eça escrevia para a posteridade e que, sendo de uma rara beleza o tecido literário desta carta, teria de o dar à estampa — e inseriu-o como prefácio, que veio valorizar enormemente o seu poemeto-panegírico. Como forma de retribuição, Araújo dedicou a Eça o soneto "Et nunc et semper", que lhe serve de epílogo. Esse poemeto é formado por dezassete sonetos que articulam em verso, com boa concatenação, toda a história de Camões, contextualizada logo no primeiro soneto,"Renascença", que serve de prólogo. Ao fazer emergir as figuras tutelares de Lutero, Miguel Ângelo, Benvenuto, Colombo e Gama, Araújo quer mostrar o arrojo marítimo dos "argonautas" lusos que deram «novos mundos ao Mundo», alargando as fronteiras do (des)conhecido:

E ecoa, entre a alvorada de cem povos,
O génio Lusitano aventureiro... [100]

O cantor de Camões evoca depois a Igreja das Chagas, a Boa Infanta Natércia (este soneto é dedicado a Leopoldo Alas), que estremece ao ouvir as endechas amorosas do Poeta; o Auto de El-Rei Seleuco (dedicado a Wilhelm Storck), em que D. João III se vê retratado, reagindo furioso contra Camões; a derrota da Índia (dedicado a Platon de Waxel), que lhe suscita um sopro épico; o céu do Tejo, que, numa visão romântica, contracena com os Paços da Ribeira, onde Natércia mirava os galeões da aventura; a Gruta de Macau, em que o génio se converteu em canto grandíloquo; o naufrágio (dedicado a F. Giner de los Rios) que narra a luta triunfal do Poeta arrancando à voragem do mar «a sagrada legenda sepulcral dum povo prestes a morrer escravo»; Camões no cárcere(dedicado a Curros Enriquez) , em queo Poeta é apresentado como estando "vergado ao peso de

cruéis reveses», com alucinações de compensação psicológica, descortinando a bela Inês morta nos braços do seu régio amante; o "Eterno Amor" de Camões (dedicado a Luís Murat) agora pela Bárbara escrava, «que o amor é emanação donde deriva / o Bem, que pelo mundo anda exilado», sem, contudo, conseguir esquecer Natércia; a noite escura da alma (dedicado a Léon Janssen) com ressonâncias místicas no título; o regresso à Pátria (dedicado a Armando Palacio) do «fulvo exílio marcial do Oriente», que fez as lágrimas rolar «como estrelas, nas faces enrugadas de Camões»; a Leitura da Epopeia (dedicado ao Baron Ch. de Tourtoulon), sobretudo nos episódios narrativos que a integram; o prelúdio da catástrofe, com Jau a pedir esmola e a Pátria em transe de agonia com a partida das "hostes altaneiras" para Alcácer Quibir; o roubo do Parnaso (dedicado a Carolina Michaëlis), em que a «tuba canora e belicosa» do Poeta se sobrepõe às Musas gregas e latinas; a Pátria, *mater dolorosa,* que vê o Poeta «amortalhado na mortalha da Pátria» para entrar na Imortalidade. O epílogo do Poemeto "Et nunc et semper" mostra a continuidade histórica do Homem de génio e da sua palavra profética:

A palavra de luz desse Profeta,
O verbo gigantesco de Camões.

O painel diacrónico é rico nos seus matizes neo-românticos. Esta grinalda de sonetos reveste-se de um tom hierático em que o verbo e o mito, com fugas ao rigor histórico, se combinam harmoniosamente numa unção de rara solenidade poética. Com a utilização do soneto, dado o espartilho que tal forma em princípio representaria, Araújo poderia ter corrido sérios riscos de prosaísmo rimado, se não tivesse sabido diluir numa abstracção mítica e numa auréola de majestade o revivalismo factual da História e da biografia camoniana evocada e romanceada. Estes sonetos são peças de mérito estético e impõem-se entre os melhores que se foram escrevendo sobre

Camões e a sua obra. E, se as dedicatórias em si mesmas são já condicionamentos de leitura, tendo em linha de conta os seus destinatários, as que abundam neste Poemeto elegem, com indesmentível intencionalidade, destinatários estrangeiros, grandes nomes da *lusofilia* europeia, acima referidos, captando-lhes a benevolência para o texto matricial e para a figura patriarcal da Cultura lusa. O Poemeto assumia assim uma função pedagógica em relação aos leitores do seu país, mas também mediática em relação aos estrangeiros, primeiros destinatários declarados. Para Araújo, Camões era uma espécie de ponte lançada sobre a Europa e tornava-se imperativo dos agentes culturais servir-se dele como estratégia pedagógico-didáctica indispensável para difundirem os valores passados e actuais da Cultura que ele incarnava. Reproduzia deste modo a sua paixão camoniana procurando atrair mais "apóstolos" da sempre antiga e sempre nova Epopeia, potencializadora de forças anímicas e históricas de um povo descrente das suas próprias energias, com uma classe intelectual enjoada, hesitando entre um *satanismo* inofensivo e um *vencidismo* de pose. Araújo, em vez de se entregar a lamentos de impotência e descrença no futuro do seu país ameaçado na sua integridade colonial, procura sobressaltar a pátria adormecida com a evocação excitante de Camões e da sua mensagem revitalizadora. Estava-se em 1887, a três curtos anos do Ultimatum inglês. O Poemeto de Araújo parece premonitório e tenta injectar sangue novo num país politicamente liderado pelos ingleses que o atraiçoavam e culturalmente submerso no vagalhão das imitações aparvalhadas da França, no vestuário, na culinária, nos penteados, na língua e na literatura. Antero de Quental, emergindo da sua crise de letargia vilacondense, encabeçou a Liga Patriótica do Norte num ronco de vulcão em vias de extinguir-se. A crise decorrente desse Ultimatum deixou traumatismos profundos na alma nacional. As potências europeias esmagaram o mais fraco num conflito de interesses geo-políticos africanos, redutores do Império luso. Mais do que nunca, Portugal sentiu-se impotente, traído e humi-

lhado pelo seu suposto aliado de mais velha data. E vociferou em verso e em prosa na folha **Anátema** (1890) pela pena de João Penha, Manuel Duarte de Almeida, Gomes Leal, Camilo Castelo Branco, João de Deus, Bulhão Pato, Teófilo Braga, Antero de Quental, Luís de Magalhães, Jaime de Magalhães Lima e outros. Juntaram-se-lhe as vozes de europeus prestigiados defensores da integridade territorial portuguesa: Campoamor, Emilia Pardo Bazan, Pi y Margall, Jean Richepin, Juliette Adam, Mario Rapisardi, Lombroso e Enrico Ferri. Joaquim de Araújo, não desejando entrar em frases retumbantes e incendiárias, escreveu a propósito do Ultimatum uma "Ode nacional", intitulada **A Estátua do Poeta**, em 1891, eco ligeiramente retardado da polémica do Ultimatum, apelando, como Antero, a uma moralização e a uma independência nacional, fora do grémio da Inglaterra. E o seu apelo retorna à fonte primordial da regeneração pátria, Camões:

Num vozear estrídulo e vibrante,
Irrompe a multidão:
Palpita como um hino triunfante,
Em cada coração.

Vai pagar uma dívida sagrada,
E, em francas ovações,
Junto à Estátua de bronze imaculada,
Vitoria Camões.

Três séculos havia, a morte escura
Fulminara esse herói,
Que até na doce paz da sepultura
Tão desgraçado foi [101].

Na primeira parte da Ode, Araújo alinha a sua visão de Camões pelo paradigma romântico do poeta desgraçado e incompreendido, contra o qual se insurgira Antero de Quental

numa carta ao lusófilo Maxime Formont [102], enfocando Camões numa perspectiva histórica mais realista. A segunda parte da Ode integra-se no brado colectivo português de revolta contra a espoliação feita pela 'amiga' Inglaterra. Araújo não menciona sequer o nome desse país, mas fala da «vilanagem do estrangeiro rancor» e o seu clamor telúrico passa pelo filtro animista que se transmite à estátua e a faz puxar da espada em defesa da Pátria ameaçada:

A Pátria! a Pátria! dá rebate e clama,
Chama por todos nós.
Há uma corrente eléctrica que inflama
Os netos e os avós!
/.../
Mas a Estátua que fora inacessível
Às grandes ovações
Num delírio de pomba indescritível,
A Estátua de Camões

Animou-se um momento e pela face
O pranto lhe rolou,
Como astro de esperança que raiasse...
E à espada a mão levou [103].

Neste culto camoniano, Araújo passava facilmente da publicação dos seus versos de glorificação nacional à discreta impressão de pequeníssimos opúsculos centrados em torno do vate nacional, sempre embalado pela vontade de difundir a génese do espírito português que o Poeta simbolizava. E preocupava-se mais com os aspectos plástico e estético desses opúsculos do que com a sua qualidade literária. Em reduzidíssimas tiragens, a raridade do espécimen aguçava o apetite de bibliófilos do seu género e do seu tempo em muitos países, sobretudo europeus. Apesar do seu alcance restrito por abranger um público limitado e especializado, o opúsculo era, todavia, mais

um meio à sua disposição para fazer chegar aos lugares mais recônditos do país e do Estrangeiro valiosas peças do culto camoniano. Em 1895, editou em Pádua, tipografia all'Università del Fratelli Gallina, **Uma Glosa Camoniana do Século XVIII, Sextinas finalizando com versos de Camões,** da autoria de Joaquim Franco de Araújo, em honra do príncipe D. António. Em 1896, publicou, em Pádua, um opúsculo de oito páginas com um soneto de Gaspar Fructuoso dedicado a Luís de Camões. No mesmo ano deu à estampa, em Livorno, o **Adamastor**, episódio marítimo do canto V de **Os Lusíadas**. O quarto centenário da chegada à Índia da frota de Gama mereceu uma revista de número único, **Centenário da Índia**, Génova, Stamp. di Fratelli Gallina, Pádua, 1898, em que participaram vários escritores estrangeiros – o que documenta também a impressionante capacidade de movimentação cultural de Angelo Gandolfo, primeiro responsável desse número único, que era Vice-Cônsul de Portugal em Génova, sem dúvida apoiado pelo Cônsul Joaquim de Araújo. Para além dos dois agentes consulares referidos, colaboraram: Francisco del Paso y Trancoso (México), Leonello Modona, P. Mac Swiney di Masshanglas (Roma), Vittorio Baroncelli (Veneza), Tommaso Cannizzaro, Antonio Padula (Nápoles), Rúben Tavares (Génova), Magalhães de Azevedo (Roma), J. de Araújo e Silva Tavares (Pádua), Avv. Angelo Cherchi (Génova), Emmanuele Agranta (Génova, Vice-Cônsul do Brasil), Angelo Boscani (Génova), Wenceslau da Silva (Nápoles), Nautilus di Pádova, J. Gerson da Cunha (Florença), Prospero Peragallo (Génova) e Magalhães de Azevedo (Florença). São nomes mais ou menos conhecidos na época, que a diplomática persistência de Araújo e de alguns dos seus amigos e colaboradores conquistaram para a cruzada da lusofilia. De grande destaque gráfico era a inscrição latina estampada no rosto da revista, da autoria de Leão XIII:

IV Exeunte Saeculo.
Posteaqum VASCUS DE GAMA

Intentato Cursu Calecutum Appulsus
Lusitanorum Imperium et nomen propagavit
Orientalibus terrarum finibus
Partae per Cristum Humanitati
Auspicato reclusis
Immortale factum gaudet
Roma memor

Leo P.P.XIII.
(Cf. Xavier Coutinho, **op. cit.**, pp. 55-59).

Atento a tudo quanto se publicava em Portugal, na Europa e no distante Brasil, Araújo deu à estampa o discurso que o Dr. Gustavo Pena proferira em Juiz de Fora, no Brasil, para comemorar o 4º Centenário do achamento da Índia. Em Pádua, editou ainda, na tipografia all'Università dei Fratelli Gallina, a propósito da tradução de **Visioni dei tempi**, de Teófilo Braga, em 1897, um opúsculo em italiano, extraído de Teófilo, em que este considera Camões da estirpe de Petrarca, Miguel Ângelo, Tasso e Cervantes.O tradutor italiano foi Francesco Paolo Pace. Araújo irmanava assim no mesmo opúsculo dois dos vultos preferidos do seu escol literário e sustentava que Teófilo Braga deveria ser considerado entre três mil biógrafos o maior "vidente" de **Os Lusíadas**. Esta sua azáfama febril de camonianista bibliómano, seduzido e sedutor, merece o nosso apreço intelectual na medida em que trouxe à luz do dia pequenas peças de valor ignorado, surgidas, em várias circunstâncias, quase sempre por encomenda sua. É o caso de **Luigi /de/ Camoens - Stanze**, de Giannina Milli, em edição de J. de Araújo, Pádua, Tipografia all'Università dei Fratelli Gallina, 1987, extraídas de **Nuova Antologia Poetica** de Chiaia, Nápoles, 1884, 2.ª edição. Em carta a Prospero Peragallo, Araújo diz-lhe que «são deliciosas flores, a que eu quisera que V. Ex.cia divulgasse o aroma, adaptando-a ao vernáculo português, com tanto esmero cultivado por V. Ex.cia, escritor de raça, na língua da terra onde eu nasci.» [104]. São doze oitavas de fôlego épico afinadas pelo

diapasão de **Os Lusíadas**. Outro tanto se diga de **Ignês de Castro - Notas de Bibliografia acompanhadas do Poemeto de D. Adolfo de Castro, «Camões moribundo y la sombra de Ignés de Castro»**, publicadas em Florença, na Imprensa de Salvador Landi, em 1897. São 7 oitavas que glosam a fonte coimbrã dos amores contrariados de Inês de Castro. E, dentro da mesma linha de evocação/divulgação camoniana, se pode mencionar **Camoens - Romanza,** Pádua, Tip. All'Università, 1889, da autoria de Flaminio Lolli della Mirandola (1797-1862), pelo casamento de Mademoiselle de Carvalho Monteiro com o Ex.mo Snr. Dom Francisco d'Almeida. Neste empenho e desempenho permanente de bibliófilo, a paixão camoniana de Araújo cruzava-se com a não menos intensa sedução inesiana, tendo-se encarregado de elaborar uma bibliografia de Inês de Castro no opúsculo acima referido. Xavier Coutinho transcreve--a nas páginas 93-97 do seu livro, pelo que nos dispensamos de a repetir aqui. Anotem-se ainda **Ignés de Castro. Summarios para uma monographia bibliográfica,** estampados em Pádua, na tipografia Fratelli Gallina, 1897. Convirá igualmente lembrar mais alguns opúsculos, hoje de difícil acesso, tais como **Parodie d'Inès de Castro. Tragédie de La Motte, sur l'air du mirliton** (Maestricht, MDCCLXXXVI), republicada por Araújo em Génova, em 1895, em cujo prefácio recenseia 24 versões, quase todas em italiano, daquela tragédia político-amorosa e que se converteu num dos grandes temas assumido e reescrito em várias Literaturas europeias (tip. Sordo-muti,1897); **Illustre Amori**, que acusa Camões de plagiar o Cavaliero Marino, teoria rebatida por Araújo e que tinha já sido recusada por falta de fundamento, como o demonstraram Manuel de Faria e Sousa e Duperron de Castera. Araújo, sem precisar de proceder a uma investigação pessoal, confirma peremptoriamente que «**Adónis** fora escrito muito depois do autor de **Os Lusíadas** ter descido aos covais da igreja de Sant'Ana.» [105]. Registe-se finalmente o opúsculo **Morte di Camöens**, de Almeida Garrett, traduzido pelo poeta italiano Domenico Perrero na comemoração do IV Centenário

da chegada à Índia, que Araújo reproduziu e custeou (Parma, tip. L. Battei, 1898).

Enfim, Araújo deu mostras sobejas de entender que o Camonianismo não era uma paixão inútil nem uma obsessão bibliográfica inconsequente; era, isso sim, a charneira da afirmação da *portugalidade* que a Europa glosara, escolhera e acolhera. Ele, que era anti-iberista, compreendera como o escritor espanhol Valera, que **Os Lusíadas** «*son el mayor obstáculo à la fusión de todas las partes de esta Península. Camões se levanta entre Portugal y España qual firme muro, más dificil de derrubar que todas las plazas y los castillos todos.*» * [106]. Em vez de cobrir de crepes a estátua de Camões, como o fizeram alguns patriotas no momento do Ultimatum, em lugar de pautar a sua conduta política pelo grito incendiário do género do «In extremis-extrema!!! Nada de contemplações com tais ladrões!!! Dinamite e mais dinamite!!!» com que se provocava em cartazes os aliados traidores, longe do tom agressivo de **Anátema** e de **Troça à Inglaterra**, de Gomes Leal, antes como depois do Ultimatum, Araújo optou lucidamente por um trabalho meticuloso de difusão do nome-símbolo da Cultura portuguesa, só por si capaz de fazer ressurgir energias escondidas num povo aparentemente adormecido e subjugado até pelo seu velho Aliado inglês. Foi ainda nesta atitude de espírito que pediu a Francesco Paolo Pace que lhe traduzisse um dos seus sonetos camonianos que correu com o título **Nel Sobborgo di Sant'Anna,** dedicado a Xavier da Cunha (Pádua, 1895), o qual preparava por essa altura uma monografia sobre a escrava Bárbara e uma antologia de traduções sobre essa canção. Esse trabalho de bibliógrafo camoniano estendeu-se ainda a vários números da **Aurora do Cávado** de 1901 na rubrica "Indicações camonianas", onde se encontram achegas preciosas para a determinação da irradiação da pessoa e da obra de Luís de Camões um pouco por todo o mundo.

---

* *O sublinhado é nosso.*

1.4. O Garrettianista

Outro dos grandes amores literários de Joaquim de Araújo, que se entrosa, aliás, com a sua paixão camoniana, foi o de Almeida Garrett *. Compreende-se a sedução: Garrett retomara com o seu romantismo de raízes profundamente nacionais e com o seu canto de Camões as principais linhas de força que Araújo considerava mestras no processo histórico cultural português. Entendera que Garrett tinha definido com a polifonia da sua obra um projecto vigoroso de revitalização nacional, que criou, juntamente com o trabalho enorme de Herculano, as condições culturais que permitiriam o advento da *Geração Nova*, em que ele próprio, chegado tardiamente por imposição de idade, procurava agarrar-se às suas margens. Por isso, não se poupou a esforços para divulgar o seu nome e a sua obra no Estrangeiro. Henrique de Campos Ferreira Lima em «Garrett no Estrangeiro» (**Memórias da Academia das Ciências de Lisboa**, 1948, tomo V, pp. 187-198) apercebe-se desta projecção garrettiana na Europa e traça dela um quadro bibliográfico bem documentado, se bem que incompleto, onde explana as influências do Estrangeiro em Garrett em Inglaterra, França e Espanha e o seu contributo pessoal para fazer chegar a essas paragens o papel de **Portugal na balança da Europa**, inventariando várias traduções e críticas naqueles três países e na Alemanha, Rússia, Grécia, Suécia, Itália, Checoslováquia, Polónia, Roménia, para as quais remetemos para não nos repetirmos e alongarmos. Joaquim de Araújo conhecia este texto e estava a par da irradiação cultural da figura de Garrett. Mas foi a ele que se ficou a dever o

---

* *Deve tomar-se em linha de conta, ao abordar-se a irradiação europeia de Garrett, o que sobre ele afirma José da Silva Terra no artigo "Os emigrados liberais portugueses em França" (**Les Rapports Culturels et Littéraires entre le Portugal et la France**, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1983, pp. 323-338).*

impulso definitivo desta expansão da sua obra tão variada na Europa atenta ao seu prestígio de polígrafo. Assim, lançou em Parma um opúsculo, em 1898, com o título **Morte di Camöens**, tradução de um fragmento de Almeida Garrett, feita por Domenico Perrero, a que já aludimos anteriormente. Para ele, o poema **Camões**, dado à estampa em Paris em 1825, era a síntese perfeita do espírito novo com a idiossincrasia histórica nacional, exemplarmente incarnada n'**Os Lusíadas**. Embora sob influências de Byron e Walter Scott, Garrett fez obra original e nacional, inspirando-se nos valores mais caros da Idade Média e do Renascimento. Araújo nascera quatro anos após a morte do autor do **Frei Luís de Sousa**, não os ligando, portanto, nenhum traço biográfico. Mas deixou-se encantar pelo generoso empenhamento de Garrett, poeta-cidadão, na sua luta pelo Liberalismo político e literário, posto ao serviço da revitalização do património cultural do Reino.

Foi na sequência desta importância assumida por Garrett como poeta, dramaturgo, novelista, folclorista, parlamentar e jornalista, numa fervorosa cruzada de afirmação e defesa pública dos valores lusos (ele reunira todas as condições biográficas para ser um 'estrangeirado' de gosto estético afinado pelo padrão anglo-francês) que Joaquim de Araújo resolveu travar a batalha árdua da tumulização do insigne artista no Panteão. Garrett ele mesmo concebera a Igreja dos Jerónimos como «um nobre e precioso relicário de tudo quanto fosse glória do nome português.» [107]. E acrescentava: «Em Belém, o nosso *Poets' Corner* para desagravar os manes de Camões, para dar poiso honrado às cinzas de antigos e modernos, que pobres e desprezados toda a vida, deviam ao menos ser acatados na morte.». Não reclamava o Visconde um lugar para o seu génio, mas para todos quantos, à sombra do Épico, fizeram da experiência poética vivida na intensidade um cadinho de sofrimento irreconhecido. Foram estas palavras que o autor da proposta do projecto de trasladação dos restos mortais de Almeida Garrett para o Panteão fez imprimir na nota de abertura do *In*

Senhor

Em um jardim ao abrir que nos trazes
Tem ramos orgulhosos, e amplidões, augustos:
Sobe nos ramos, e inclinai os galhos,
Que já vistes, nos intermínimos arbustos

Tomás Ribeiro.

Memoriam de Garrett no centenário do seu nascimento, em 1899, na **Nova Alvorada** [108]. O elo diacrónico ressaltava à vista e era o próprio Garrett quem o formulava, ao trazer à memória colectiva essa imagem romântica de Camões, profeta rejeitado, vítima da insensibilidade e da incompreensão de todo um povo ingrato, com a lendária figura de Jau mendigando para a subsistência do seu genial Amo. Joaquim de Araújo compreendera que, na diacronia da Cultura portuguesa, a obra garrettiana no seu conjunto era um monumento que consolidava e perpetuava a genuína consciência nacional. Ainda muito jovem, no editorial com que lançara **A Renascença**, traçou um painel esquemático dos movimentos estéticos a partir do Romantismo e colocou o autor do poema **Camões** na origem da *modernidade*, ao lado do indissociável Alexandre Herculano: «Garrett morrera; e como o sol, que ao cair ao longe no mar despede de si ainda um último clarão, as **Folhas Caídas**, prenúncio porventura do aparecimento de João de Deus, um dos dos maiores poetas deste século, saíram a lume, enchendo de espanto aqueles que, como Castilho à sombra da sua olaia, se entretinham fazendo loas às quatro estações do ano.» [109]. Na **Nova Alvorada**, Araújo salienta uma vez mais a importância do papel inovador de Garrett na mentalidade portuguesa: «Na renovação literária, que é uma das nobres páginas da história contemporânea de Portugal e que acompanhou paralelamente as grandes leis transformadoras de Mouzinho da Silveira, cabe a Garrett a honra insigne do mais proeminente lugar. O Romance, a Poesia, o Teatro, a História literária, o Estudo das Tradições, o Jornalismo, a Tribuna parlamentar – tais são os campos em que o seu talento genial fulgurou, deixando em algumas notáveis obras-primas da Arte Portuguesa os modelos que guiaram três gerações. Tinha, como ninguém, o poder da evocação. As grandes épocas e as grandes figuras da História nacional via-as ele, num lance, banhadas de esplendor, e à sua voz como que acordavam *de sepulcris*. No exílio, erguia-se-lhe em face Camões, o grande exilado; no cerco do Porto patenteava-se-lhe a visão dessa extraordinária

revolta contra o bispo-feudal da idade-média, tão altamente reconstruída no **Arco de Sant'Ana**; Gil Vicente desenrolava aos olhos da sua alma o culminante fulgor do antigo teatro nacional; o Alfageme e o Condestável diziam-lhe da velha honra e da intemerata lealdade portuguesa, por entre o ruído das novas lutas partidárias; **Frei Luís de Sousa** vinha trazer-lhe o segredo dessa tragédia única, que as nações modernas admiraram! Nas **Viagens na minha terra**, Garrett apurou a linguagem portuguesa a um grau de simplicidade e de elegância, que até então não fora sequer pressentido.» [110]. O que leva Araújo neste editorial, que, curiosamente, tem as crianças como primeiro destinatário explicitado (este texto fora escrito oito anos antes na sua antologia para o ensino primário intitulada **Primeiras Leituras**, e reimpresso em Génova), a escrever: «Cumpre às crianças de hoje, que hão-de ser a nação portuguesa de amanhã, gravar, em letras de luz, nos fastos da Pátria, essa data sublime, vitoriando o nome do colossal Apóstolo, numa apoteose gigantesca de aclamação, que o Século XX repercuta.» [111]. Para A. F. Maria Supico, que transcreveu este texto na **Nova Alvorada**, foi, graças a Araújo, que se fez a *«consagração gloriosa do único português que soube fazer vibrar a lira de Camões, emudecida desde 1580.»* [112]. Por isso mesmo, proclamava na sua carta datada de Ponta Delgada, em Fevereiro de 1899, que o patriota Joaquim de Araújo fora o *«iniciador do culto nacional ao génio de Garrett»* * [113]. Multiplicaram-se, na verdade, de todos os quadrantes, os encómios a Araújo por esta iniciativa de grande significado político e cultural, porque exprimia nesta data de *spleen* finissecular, sem ideal, uma consciência aguda da continuidade histórica duma Cultura, que, como todos os seres vivos, sofre pressões e depressões, euforias e disforias; arrebata triunfos e interioriza fracassos. A intervenção de Garrett correspondera a uma aceleração eufórica da História portuguesa

---

* *O sublinhado é nosso.*

no momento de uma viragem ideológica, política e estética, numa espécie de eco vivificante das glórias camonianas quinhentistas. É claro que não devemos omitir outros contributos importantes de beneméritos difusores da Cultura portuguesa para a tumulização de Garrett, juntando as suas vozes à de Araújo. Destaque-se de entre todos em primeiro lugar o nome do genealogista e bibliófilo de grande envergadura António de Portugal de Faria, que mantinha com Araújo magníficas relações de camaradagem e de colaboração literária. Na sua **Trasladação de Garrett**, Portugal de Faria declara logo na "Advertência"a dívida que o país contraiu com Joaquim de Araújo, que capitaneara a cruzada que a Sociedade Garrett e o Parlamento fizeram sua, corrigindo ao mesmo tempo Alberto Bessa, membro dessa Sociedade, que publicou um copioso trabalho historiando o movimento pró-garrettiano em que, sem dúvida de má fé, omitira o nome de Joaquim de Araújo. Estava assim reparada a injustiça para com o **Pró Garrett**, em que Araújo, primeiro entre os primeiros, arrancou com a ideia da trasladação e da comemoração a nível nacional e internacional do Centenário de nascimento daquele escritor. Foi também ele, assinale-se de passagem, quem, a expensas suas, publicou vários opúsculos de amigos seus, que defendiam o projecto de trasladação, como, v.g., Teófilo Braga, no artigo "Garrett e o Panteão" (in **O Conimbricense**), em 1900. Outro tanto se diga do artigo de de Sousa Viterbo "Garrett em Belém," saído no **Diário de Notícias**, n.12, e reproduzido em **O Conimbricense,** no n.5 do mesmo ano. Editou ainda oito exemplares do **Centenário de Garrett**, 1899, em que se transcreve a discussão travada na Academia Real das Ciências, por sugestão sua, e na Câmara dos Deputados, por iniciativa de Queirós Ribeiro. Redigiu também uma folha volante intitulada "Representação de Coimbra", que era propugnada pelo seu amigo Martins de Carvalho. Igualmente por sua conta, foi dado à estampa o opúsculo **Garrett no Panteão**, redigido pelo Dr. João Batista de Castro, em 1900. Correu ainda a expensas suas a publicação dos opúsculos – **Tumulização nacional de Almeida Garrett**

- **Representação da cidade de Elvas ao parlamento português** (Elvas, tip. Progresso,1902); **Garrett no Panteão – Representação da Cidade de Angra do Heroísmo à Câmara dos Senhores Deputados da Nação Portuguesa** (Separata do **Conimbricense**, nº 5672, Abril de 1902) e **Tumulização Nacional de Garrett – Representação da vila da Alagia (Açores) ao parlamento português**, em 1902, com uma tiragem de oito espécimenes. Registámos pelo menos três edições do seu **Pró-Garrett e Representação em demanda da trasladação dos restos mortais do insigne português para o Panteão nacional.** A terceira edição foi feita em Génova, em 1902. Com um sentido de equidade que caracteriza os espíritos superiores, Portugal de Faria corrigiu uma segunda vez Alberto Bessa, que, em **Almeida Garrett no Panteão** (saiu em Paris no **Le Portugal à l'Éxposition**, revista dirigida pelo Dr. Cisneros Ferreira), se esqueceu de novo de mencionar o esforço gigantesco dispendido por Araújo. Portugal de Faria acalentava um projecto idêntico de enaltecimento dos valores culturais lusos na Europa onde exercia o seu cargo como cônsul na cidade de Livorno. Por essa altura, compôs a sua homenagem ao autor de **Flores sem fruto**, a que chamou **Garrett em França**, que mereceu rasgados elogios da crítica nacional e estrangeira. Segundo ele, com a entrada de Garrett no Panteão dos Jerónimos, «paga-se a dívida de honra, verdadeiramente nacional, que estava em aberto, com o reformador do teatro português, o literato abalisado, o político eminente que transformou a sociedade portuguesa, refundindo a sua legislação e implantando, mercê dela, *um Portugal novo, que começa a ser apreciado na Europa, e que tem chamado as atenções dos críticos de França, Alemanha, Inglaterra, Holanda, Itália. Todos eles, à uma, têm feito a devida justiça ao génio de Almeida Garrett, dando-lhe o devido lugar, na evolução intelectual dos nossos dias.*» * [114]. Tal afirmação é

---

* *O sublinhado é nosso.*

corroborada pelo lusófilo francês Henri Faure quando escreve a propósito de Garrett: «*Ne désespère donc pas, ô nation généreuse; mais le coeur gonflé d'un noble orgueil, au souvenir des hauts faits de tes glorieux ancêtres, marche résolument vers la gloire à venir*!» * [115].

Xavier de Carvalho fomentava ao mesmo tempo em Paris as iniciativas que Araújo desenvolvia ou planificava em Génova e em Roma, centro nevrálgico da diplomacia europeia. Fundou por essa época a **Société d'Etudes Portugaises,** que se propunha a aproximação intelectual franco-lusa, a qual celebrou com alguma pompa o Centenário de Garrett na Câmara do IX Arrondissement. Ele próprio pronunciou uma conferência muito apreciada pelo público estrangeiro, que titulou "De Garrett à Théophile Braga et à Eça de Queirós", em 10 de Dezembro de 1903. Foi publicada em Paris no ano seguinte, dedicada a António de Portugal de Faria e começa por afirmar:«*La littérature portugaise est fort malheureusement trop ignoreé en France, malgré les travaux les plus récents de Maxime Formont, Henri Faure, Lebesgue, Achille Millien, Brinn Gaubast, Victor Orban, Sarran d'Allard, Marc Legrand et d'autres lusophiles. On ne connaît ici que Camöens et son merveilleux poème* **Les Lusiades**. *Et cependant, le Portugal a une littérature assez riche*» * (**op. cit.**, p.5). Araújo transcreve na **Nova Alvorada** (n.ºs 4 e 6, 1901, respectivamente pp. 30 e 40) a "Liste des ouvrages publiés par António de Portugal de Faria", bem como correspondência importante desse seu amigo e grande difusor da Cultura lusa (n.ºs 5 e 6, 1901, respectivamente pp. 31-32 e 33-34).

Araújo procurava também chegar o mais longe possível na Europa através dos lusófilos com quem se carteava para difundir o evento centenarista e tornar conhecida a riqueza da obra garrettiana, espelho do seu país. A sua paixão pelo opús-

---

* *O sublinhado é nosso.*

culo, que, numa primeira leitura, pode revelar a faceta de um bibliómano egoísta e elitista, foi sempre integrada numa perspectiva crítica mais alargada que o levava a saber combinar o apetite da raridade bibliográfica com a oportunidade da mensagem alargada a um público mais vasto. Também ele estava convicto, como Xavier de Carvalho, que «*une littérature qui a produit Camoëns, Garrett, João de Deus et Eça de Queirós, ces génies créateurs, ces tempéraments d'élite, mérite l'attention de la critique dans les grands centres cultivés de l'Europe moderne.*» [116]. Por obra e graça de Araújo, o italiano António Padula surge a defender com entusiasmo a tumulização de Garrett em Belém, como se português fora , com o **Per la traslazione delle cenere del Visconte d'Almeida Garrett nel Pantheon de Belém** (Nápoles, 1900). A **Aurora do Cávado**, de Rodrigo Veloso, confesso admirador de Garrett, fazia-se eco do interesse suscitado pela figura e obra daquele génio luso entre os lusófilos italianos e publicitou mesmo os seus nomes: Gemma Majonchi, Diego Garoglio, Farinelli, Cannini, Orinzilvalli, Cannizzaro, Peragallo, Cellini, Giuseppina d'Arntzen, Luigi Grande, Emilio Teza, Leonello Modena, Perrero, Gubernatis, Padula, Ettore Toce, Vegessi-Ruscala, Ernesti Rossi [117]. Nenhum escritor italiano merecera nesse enquadramento tanto entusiasmo em Portugal, apesar da grande admiração da *Geração Moderna* e, neste caso concreto, de Rodrigo Veloso, por Giacomo Leopardi. Aquele jornalista publicou mesmo uma recensão crítica a propósito de **El trionfo de G. Leopardi**, de F. Italo Guiffre [118]. Araújo era maçadoramente obstinado e tanto insistia com os seus correspondentes que, quase sempre, acabava por conseguir ver satisfeitos os seus pedidos de colaboração nacional e estrangeira. Carlos Magalhães de Azevedo, diplomata brasileiro em Roma, autor de **Procelárias**, na sua carta a Joaquim de Araújo sobre o centenário garrettiano, une na mesma exaltação Garrett e o seu principal difusor europeu [119], que fez chegar aos confins da Europa o nome do autor das **Viagens na minha terra**, de tal maneira que até a longínqua Rússia se associou à comemoração

centenarista pela pena de Nicolas Komaroff, no **Journal de St. Petersbourg**. Da festa que o embaixador de Portugal na Rússia, Agostinho de Ornelas, ofereceu para comemorar o Centenário garrettiano, dá-nos conta o lusófilo Platon de Waxel numa carta que tem Araújo como destinatário. Nicolas Komaroff vivera em Portugal e era grande admirador de Garrett. Joaquim de Araújo reproduziu esse artigo num opúsculo que saiu em Moulins, em 10 de Junho de 1901, juntamente com um artigo de Platon de Waxel intitulado "Le Portugal et le Saint Siège", um outro da autoria do já citado Marquês Mac Swiney Mashanaglass e alguns pequenos textos por ele próprio editados em Itália. Completa-o um apêndice com uma tradução francesa da balada de Garrett, "Rosalinda", feita pelo poeta Edouard Fournier [120]. Também em Moulins fora feito, em 1899, um opúsculo com quatro composições de Garrett traduzidas por Marc Legrand: "Mes ailes", "Les cinq sens", "Cascaes" e "Plaintes de Camoëns mourant", precedidas de algumas palavras prévias de Joaquim de Araújo. Por influência combinada de Xavier de Carvalho e de Araújo, foi o Centenáro garrettiano celebrado na Bélgica e na Turquia [121]. Igualmente Maria Chitiu, escritora romena, comemorou, por sugestão de Araújo, o centenário de Garrett no nº 102, ano V, do **Vointa Craiovel**. Cannizzaro, por seu turno, traduziu algumas poesias extraídas das **Folhas Caídas**, entre outras, "Os cinco sentidos", "Este inferno de amar", "Ignoto deo" e "Anjo caído". Precede a tradução um excerto de Araújo recolhido nas **Primeiras Leituras** acima mencionado. Poderá todo este trabalho de miniatura bibliómana parecer, insistimos, um culto da bagatela erudita a funcionar em circuito fechado e egoísta de bibliófilos mais apostados na fruição material do folheto impresso do que na do seu conteúdo, mas tal não era o entendimento de muitos intelectuais da época, muito menos o de Araújo.

Ora, toda esta sua longa paixão garrettiana atinge o clímax no seu estudo **O Frei Luís de Sousa,** estampado em Lisboa, em 1906, com um prefácio de Teófilo Braga. António Ferrão

refere esse pequeno ensaio como sendo o exemplo do culto de um erudito por um dos expoentes mais sólidos da Cultura portuguesa [122]. No aludido prefácio, o antigo patrono de Araújo exarou o seguinte testemunho: «*No seu modesto lugar de Cônsul em Génova, Joaquim de Araújo, por este culto votado à nossa história e literatura, à glorificação dos vultos que representam a nacionalidade, tem dignificado mais Portugal no conceito europeu, do que muitos portugueses altamente graduados, que desconhecem a vida mental e moral do país.*» [123]. E, debruçando-se sobre o estudo referido, remata o prefácio com esta apreciação global: «O estudo sobre o **Frei Luís de Sousa** não é o trabalho de um investigador, é um acto de culto, um recolhimento de espírito, em horas de saudade pungente, em que a pátria se incarnava no verbo do seu mais poderoso génio depois de Camões.» [124]. Ainda sobre Garrett, publicou Araújo mais dois opúsculos: **O Centenário de Garrett - 1799-1899** (Génova, 1898) e **O Frei Luís de Sousa de Garrett, Notas, com um prefácio de Teófilo Braga,** Lisboa, 1903), sustentando neste último, a propósito da refutação que em **O Encoberto** Sampaio Bruno fizera da teoria de Oliveira Martins sobre o eventual sebastianismo dessa tragédia romântica, que Telmo Pais «condensa o tipo verdadeiro do crente na religião sebástica.» [125].

Convirá registar finalmente o brevíssimo opúsculo **Garrett e José Agostinho** (Génova, 1899), em que lamenta as «chalaças arrieirais» daquele colérico polemista, que, no dizer de Garrettt, fora «o mais atrabiliário escritor que ainda creio que tivesse a língua portuguesa.».

O trabalho de Araújo na difusão nacional e europeia de Garrett foi, em suma, brilhante, generoso e crítico, reavivando a consciência nacional deprimida ao projectar na Europa culta do seu tempo uma figura de grande craveira artística junto de intelectuais muitos sensíveis aos valores culturais da Nação portuguesa.

1.5. O Camilianista

Joaquim de Araújo tinha créditos firmados como poeta e divulgador cultural, mas o romance era um género que não se coadunava minimamente com a sua têmpera de lírico solitário. Sempre atento, porém, aos talentos nacionais, era improvável que ele não tivesse cruzado os seus passos no Norte do país com o romancista que melhor representava o lado passional da alma portuguesa: Camilo Castelo Branco. Ciente de que nos seus romances palpitavam as forças anímicas da idiossincrasia nacional, consagrou-lhe Araújo uma devoção que não desmereceu da dedicada a Camões e a Garrett. Na **Harpa**, muito cedo se apercebeu do fosso aparentemente intransponível entre dois dos espíritos mais aguerridos e lúcidos do seu tempo: Camilo e Teófilo. Já referimos anteriormente uma carta de Araújo em que Camilo era olhado de soslaio pelo jovem penafidelense, com base na sua inimizade figadal com Teófilo Braga. Mas, como os ódios dos intelectuais não são por norma muito duradouros, Teófilo e Camilo acabaram por se congraçar pela mão amiga e apaziguadora de Araújo, como atrás explanámos. Foi por volta de 1882 que Camilo e Araújo encetaram uma relação amistosa que se reforçou nos tempos mais próximos do suicídio do romancista, epílogo fatídico do seu atribulado romance passional. Pela série de 11 cartas que Camilo endereçou a Araújo e que este, mais tarde, haveria de publicar, vê-se como essa amizade calou fundo na alma de ambos. Apesar de não esconder uma terna admiração por Camilo, pela sua vida e pela sua obra, Araújo nunca perdeu a sua independência crítica, como se torna evidente na missiva em que o romancista de São Miguel de Ceide lhe fala do seu **Perfil do Marquês**, que a maior parte dos leitores portugueses da época considerou odiento e injusto para com aquela figura ímpar de déspota iluminado na História portuguesa de Setecentos. Araújo ter-lhe-ia mesmo feito saber que projectava refutar essa obra, a mais infeliz que saiu da pena do romancista-historiador, mas que mais

parecia ter vindo directamente das línguas danadas dos jesuítas da **Viradeira** [126]. Camilo informava Araújo que haveria de responder, mas não de maneira avulsa, a todas as críticas reunidas, matando de uma cajadada todos os coelhos. Araújo estaria em boas condições para refutar aquele "perfil" envinagrado, pois há muito vinha carreando material bibliográfico para um longo ensaio sobre o Cavaleiro de Oliveira e a sociedade portuguesa do Século XVIII, cuja publicação chegou por diversas vezes a anunciar, mas que, infelizmente, nunca conheceu as honras do prelo e cujo original acabaria mesmo por se perder, pois não consta dos registos bibliográficos do seu espólio documental guardado na Biblioteca Nazionale di San Marco, Venezia, nem de qualquer outro registo público ou privado que seja do nosso conhecimento. Para a redacção desse trabalho, Araújo chegou mesmo a consultar Camilo, solicitando-lhe algumas informações relativas aos casamentos de Francisco Xavier de Oliveira, como se prova pelas seguintes palavras do romancista de Ceide: «Meu prezado Joaquim de Araújo. Não conheço, nem nunca ouvi citar casamento do cavaleiro de Oliveira, além do segundo. Caturrei acerca do famoso personagem com os falecidos conde de Azevedo e José Gomes Monteiro, e conservo reminiscência um tanto nítida de que eruditos ignoravam comigo o terceiro enlace de que V. me fala. Nos **Amusements**, penso que alude Francisco Xavier a um casamento, que eu cataloguei sempre de segundo. Verifique bem, meu caro Araújo, que não haja engano da sua parte. 14 de Junho,1884.» [127]. Sobre o projectado estudo de Araújo, de que lhe comunicou o respectivo plano, Camilo frisa: «É curiosíssima a trama do seu livro; oxalá que ele apareça, e quanto antes, para que eu possa dizer em público quanto sinto de uma tal monografia.» [128]. Camilo teria de render-se à melhor informação de Araújo, porque, na realidade, aquele aventureiro português e primeiro protestante lusitano desposou, em Inglaterra, Françoise Hamon, inglesa de ascendência huguenote, que contribuirá com a sua influência para o fazer abjurar o Catolicismo e converter-se ao Protestantismo. Mas há um texto mais

comovente das magníficas relações entre o poeta e o romancista a assinalar que as fronteiras geracionais são sempre muito fluídas. É a carta que Camilo escreve a Araújo, aquando da morte do pai do poeta, em 1883, que tinha sido um ilustre advogado e jornalista, grande admirador e admirado de Camilo. O romancista evoca essa amizade naquele momento doloroso do trespasse, sublinha o seu talento e chora a sua perda, rematando: «estas memórias põem lágrimas na pena que as passa ao papel, e do que se deve tratar agora é de conjurar as tempestades. O que farão de V. os pauis desta sociedade portuguesa? Pergunto-lho ao abraçá-lo junto do cadáver do seu pai.» [129]. Xavier Coutinho, no estudo já citado, transcreveu outras cartas camilianas que revelam, como, aliás, as que Araújo escreveu a Camilo e a Ana Plácido [130], uma profunda empatia entre estes dois paladinos da Cultura portuguesa. Araújo solicitara a João de Deus que interviesse junto de Camilo para o convencer a escrever uns versos para fazer um ramalhete poético a enviar a Teófilo chorando a morte dos seus filhos. Tratava-se de um florilégio nacional e *internacional* para consolar o luto de Teófilo. O romancista veste-se de poeta elegíaco e compõe o poema "A maior dor humana", repassado de compunção e mágoa. Araújo encarregou-se depois de o divulgar por toda a Europa como sendo uma jóia poética de raro valor saída da pena do novelista romântico. Torna-se indispensável neste contexto citar a seguinte carta de Camilo: «Meu prezado João de Deus. Nas onze dúzias de livros que fabriquei, não há uma elegia. As minhas elegias são tristezas incomunicáveis. Lida a sua carta, escrevi isso que remeto. Consulte o T. Braga. Fomos inveterados inimigos em letras. Que não vá a minha invenção na sua dor causar-lhe desgosto. Aqui estou quase cego, paralítico, ao lado de um filho querido e mentecapto que já tentou matar-me. Haverá grandes desgraçados que comparados comigo se considerem quase felizes.» [131]. Chorando por simpatia a dor de Teófilo, Camilo exprimia a sua tragédia pessoal e familiar, prenunciando a solução desesperada do suicídio como válvula de escape para a sua angústia depres-

siva. Dois anos depois, a **Nova Alvorada** anunciava aos seus leitores uma antologia de traduções daqueles versos de Camilo, destinada uma vez mais a bibliófilos [132]. Teófilo Braga não podia deixar de regozijar com toda esta fina diplomacia de Araújo e esta prova final da simpatia daquele que toda a vida o combatera como polemista verrinoso. Camilo continuava também a dispensar a Araújo as suas melhores atenções, como se depreende desta carta: «Meu prezado Joaquim de Araújo. Aprecio verdadeiramente o convite que V. me dirige para colaborar no **Círculo Camoniano**, e penso que essa revista pode prestar serviços de valia ao embora diminuto número dos que entre nós professam investigações literárias e críticas./.../ Finco neste momento os alicerces de duas monografias que alguma coisa dirão de novo, ou antes de desconhecido, acerca de Maria Teles e de Inês de Castro; a amante-mulher de Pedro o Cru, principalmente, está dentro da área que V. prescreve aos trabalhos do seu Círculo.» [133]. Camilo foi, na verdade, um dos colaboradores acidentais do **Círculo Camoniano**. E Araújo nunca esqueceu todas estas deferências.

Estando em Génova, abalançou-se a um estudo crítico sobre a narrativa, ao escrever um prefácio para a tradução italiana das **Pupilas do Senhor Reitor (Pupille del Signor Curato)**, feita por Vittorio Baroncelli [134]. Araújo coteja essa tradução com outra também feita em italiano, a do **Amor de Perdição (Amore sfrenato)**, e conclui pela necessidade de se traduzir igualmente na língua de Dante **O crime do Padre Amaro** e as **Viagens na minha terra**, que a Alemanha e a França tinham vertido já para as respectivas línguas. Com tal amostragem, ficaria o público italiano apto a conhecer em síntese as principais linhas da evolução do romance português do Romantismo ao Realismo. Foi, todavia, com o elogio fúnebre de Camilo – **Sobre o Túmulo de Camilo – Palavras pronunciadas nos funerais do eminente escritor** [135] – que Araújo levou mais longe o seu culto camiliano. O poeta esmerou-se e, numa dolente evocação panteísta tão a seu gosto, comenta:

«A Natureza vem associar-se ao luto, que nos vence. Parece que a sua alma pôde mergulhar nesta inifinita dor; e a névoa de desânimo, que passa dentro em nós, como que se foi desdobrar, de mundo em mundo, por esse espaço fora.» [136]. Coloca, de seguida, Camilo na galeria dos grandes artistas do seu século, dá-lhe por companhia os nomes consagrados de Goethe, Victor Hugo e João de Deus e apostrofa-o: «Pobre suicida e meu glorioso amigo: faltava-te a consagração da Morte, a única que ainda te não aureolara a fronte; faltava-te mais esse florão na coroa com que cingiram o teu nobre vulto.» [137]. Quando muitos dos admiradores de Camilo se escondiam ou calavam face ao incómodo moral e religioso do suicídio, Araújo ergue bem alto a sua voz para afastar o anátema. A religião da Arte não se esgota na aplicabilidade indiscriminada de um cânone romano. Neo-romântico até à medula, Araújo parece-lhe ver em torno do féretro «a doce galeria dos seus tipos femininos... Ricardina deixou de chorar ao pé do noivo ressuscitado; Teresa não murmura o adeus shakesperiano a Simão Botelho; a Sereia, já não canta a sua canção estremecida, nas trevas da loucura, pelo silêncio da noite, revoando de quebrada em quebrada, à luz dolente do luar; nem Maria Moisés contempla o berço em que boiava, em pequenina, sobre as águas... Uma por uma, essas doces figuras vêm beijar o rosto desfeito de Camilo, uma por uma, chorarão no seu caixão piedosamente, porventura como as santas mulheres choraram sobre o túmulo do Mestre.» [138]. Faz depois incidir a sua análise emocionalmente mais contida sobre as raízes sociológicas do romance camiliano e afirma: «Do mesmo modo que nos **Lusíadas** se fixaram heroicamente os estádios de Portugal antigo, nos livros de Camilo fica, como num alto relevo, a pitoresca representação viva e típica da nossa moderna existência social.» [139]. Araújo lembra de seguida, em pinceladas muito rápidas, os nomes de artistas estangeiros que se reflectem na obra polícroma de Camilo: observações sociológicas penetrantes de Balzac, ironias de Heine, análises psicológicas de Stendhal e de Flau-

bert, reconstruções históricas de Walter Scott e Paul Lacroix. A maior glória de Camilo foi, segundo ele, ter conhecido de sobejo todos os estrangeiros, mantendo-se sempre um criador independente. Araújo não perdia a mínima oportunidade de afirmar a originalidade dos artistas portugueses para assim os poder projectar na Europa como valores acrescentados ao património cultural luso.

A morte trágica de Camilo retumbara em Itália em que Araújo se movimentava às maravilhas. Baroncelli, o tradutor de Júlio Dinis, verteu para italiano a oração fúnebre atrás referenciada: **Sulla tomba di Camilo Castelo Branco** [140]. Os seus pequenos estudos reproduziam-se por cissiparidade no Estrangeiro. **A Revista** forneceu no quinto aniversário da morte do romancista uma lista das "Tiragens especiais da obra de Camilo" [141], elaborada por Henrique Marques, em que estão consignados vários opúsculos da autoria de Araújo. Registe-se, por fim, a publicação **Antero de Quental & C. Castelo Branco – Sá de Miranda – Com uma carta acerca da Bibliografia Camiliana, de Henrique Marques, por Joaquim de Araújo**, 1894, em que este bibliógrafo fornece esclarecimentos preciosos àquele camilianista [142].

1.6. O divulgador de João de Deus e da *Cartilha Maternal*

Araújo fomentou também o culto nacional e internacional de João de Deus, que reunia na sua pessoa os dons sublimes de poeta e pedagogo. O poeta de **Flores do campo** merecera a admiração unânime e inconstestada da *Geração Moderna*, a que, de algum modo, se antecipara, mas sem se macular na retórica agressiva e provocadora da **Questão do Bom Senso e Bom Gosto**. O seu lirismo de inspiração idiossincraticamente nacional, alheio ao pensamento filosófico-político alemão e francês, colocava-o como sonetista na senda de Camões. Em diversas ocasiões, Araújo destacou, como Teófilo Braga, a importância do contrapeso da poética de João de Deus para

contrabalançar a vaga de lirismo piegas dos lamartinianos à portuguesa. Teófilo, cujo pensamento encontra permanentes ressonâncias no jovem director de **A Renascença**, escreveu no seu primeiro número: «Não se poderá compreender a transformação da poesia lírica moderna em Portugal sem começar por definir bem a parte que compete a João de Deus neste fenómeno que os *críticos alemães, italianos, franceses e espanhóis observam com tanto interesse na nossa literatura.»* [143]. Teófilo explicita mesmo alguns nomes desses críticos europeus que emitiram juízos valorativos sobre a "Escola Revolucionária" (a expressão é sua): *Stengel, Goldbech, Gubernatis, Meyer, Monod, Gaston Paris e Fernandez de los Rios* *, com alguns dos quais ele próprio esteve em frequente *intercâmbio*. Nessa biografia traçada por Teófilo, este insere no corpo do texto um soneto de Joaquim de Araújo que glosa uma passagem da **Proclamação de Junot** aos habitantes do reino português, de 1808, onde apregoava as vantagens de Portugal vir a ser governado por um general napoleónico: «l'instruction, cette mère de la Civilisation des peuples, se répandra dans chaque Province, et les Provinces d'Algarves et de Beyra Alta, auront peut-être aussi un jour leur Camöens.». Araújo aproveitou a falaciosa promessa e escreveu inspirado nela uma emocionada homenagem àquele vate ímpar das Letras pátrias, filho dos Algarves, que marcou o princípio de uma amizade muito íntima entre os dois poetas e se traduziu numa mútua correspondência abundante e numa colaboração literária apreciável. A partir de 1873, o jovem Araújo assegurara já a assídua colaboração do afamado lírico algarvio. O primeiro soneto que lhe publica é o que tem por título Monarquia"(**A Harpa**, 1.ª série, 1873, p. 91). Segue-se-lhe o soneto "Ela era um anjo, linda inocente!"(**A Harpa**, 1.ª série, p. 140). Surge depois a "versão dum epigrama espanhol", que não consta no **Campo de Flores** nem nas **Flores**

---

* *O sublinhado é nosso.*

do campo coligidas por Teófilo com a preciosa colaboração de recolha feita por Joaquim de Araújo, e que transcrevemos, por constituir um exemplo da ironia cortante de João de Deus:

Um marido ardendo em zelos
Arrancou, dum repelão,
Um punhado de cabelos
E deitou-os ao fogão.

À mulher cheirou-lhe logo
E diz com ar espantado:
Tu, que deitaste no fogo,
Que cheira a corno queimado?!. [144]

Na **Harpa** foram ainda publicados "Linhas num álbum": «Que há-de escrever um poeta a outro poeta? Nada. Os aurúspices quando se encontravam, sorriam-se» (2ª série, p. 8); o epigrama "Aqui jaz um fidalgo português" (2ª série, p. 67) e "A propósito das prisões da Sé" (2.ª série, p. 69). Extinta **A Harpa, A Renascença** assegurou a continuidade de colaboração daquele poeta. O seu primeiro número, depois de logo na 'Advertência' ter declarado João de Deus como «um dos maiores poetas da Europa deste século» [145], publica os poemas "A Enjeitadinha" e "Mendigo", não constando este último da recolha do **Campo de Flores**, e, por isso, o transcrevemos, por se tratar de uma autêntica obra-prima de ritmo e singeleza:

Já traballhei quanto pude,
Regando do meu suor
Campos que não eram meus.
Velho e com pouca saúde
Faltam-me as forças, senhor...
Peço por amor de Deus [146].

Publicou ainda "Num álbum" (p.151) e o longo poema

"A Providência", que também não foi transcrito no **Campo de Flores**, mas que não registamos aqui por ser muito extenso, remetendo para **A Renascença**, revista de consulta infelizmente difícil, porque cada vez mais rara (pp. 156-157). Uma nota de rodapé explicita que este poema foi expressamente escrito para ser recitado por Joaquim de Araújo no oitavo aniversário de Maria da Graça Nogueira, em 29 de Dezembro de 1877 (p. 156). João de Deus esteve depois sempre omnipresente em muitas iniciativas editoriais de Araújo e a correspondência trocada entre ambos exemplifica a comunhão espiritual na amizade que unia os dois líricos. A epistolografia, quando não constitui uma pose para vindouros (e tal pose não existiu no caso destes dois poetas), é um manancial em que o vivido esclarece o criado e vice-versa. Alguma da correspondência entre ambos já a publicámos [147] e remetemos para ela, mas não podemos deixar de mencionar a carta em que João de Deus agradeceu o primeiro livro de versos de Araújo: **Lira Íntima**. É um texto muito castigado, que conheceu nada mais nada menos do que três versões diferentes. Araújo pedira ao vate de **Flores do campo** uma crítica, solicitando-lhe logo à partida que não lhe desse a forma intimista de carta. O poeta de Messines, pouco dado a críticas a outros poetas, retocou por duas vezes o texto original, para tentar agradar ao estreante, que insistia com ele para que retirasse todas as marcas epistolares e intimistas que desvalorizariam a sua crítica propedêutica. João de Deus sentiu-se desnorteado e foi mesmo incapaz de dar a volta ao texto e de o configurar num outro registo menos afectivo. Começa por referir-se ao belo soneto que Araújo lhe dedicara e o tomara como tema, acima referido, acabando por quase nada dizer sobre a **Lira Íntima**. Ei-la na sua terceira versão: «Meu amigo. – É tempo de lhe agradecer a sua **Lira Íntima**; desculpe a demora pelas razões que sabe. Do soneto não falo, que já é presente antigo, embora o leia sempre com delícias: quem não há-de gostar de ser Camões, ainda que não chegue a Jau? Mormente agora depois do Centenário, eu deixava vazar um olho, só para me parecer

Sans mère

C'est un chagrin bien gros sans doute
Qui fait que tu pleures ainsi,
Petit ange, au bord de la route ?»
— Hélas ! j'ai faim et froid aussi.»

— « Comme un oiseau, pauvre petite,
Tombé du nid, tout nu, transi,
Te voilà seule : es-tu sans gîte ?
Ta mère est-elle loin d'ici ?»

— « Je fus toujours seule sur terre,
A l'abandon. Je n'ai pas su
Si j'eus autrefois une mère ;
Je crois n'en avoir jamais eu.»

— « Je te plains, pauvre infortunée !
Et pourtant mon sort, je le dis,
Est pire que ta destinée :
J'eus une mère et la perdis !»

(d'après João de Deus.)

com ele. E isto peita-me, porque eu sou extremamente modesto, mas como o corvo, se me gabassem a voz, deixava cair o queijo. Gosto do livro, e gosto muito: será pelo soneto? Será, em parte. Mas há outras razões para que eu goste dele: sabe a minha predilecção pela poesia amorosa. Não desfaço na de altos conceitos, na poesia filosófica, na poesia científica, política e até industrial: mas se ela não existisse eu não a inventava. Ainda se me cantam o tremoço, como Virgílio, gosto e entendo, mas se cantam o panteísmo como às vezes Victor Hugo e o nosso Antero, ou não entendo bem, ou se entendo bem não gosto muito/.../. Cante e faça mais versos simples e formosos como aqueles tercetos, que se não acabassem numa hipérbole, talvez ímpeto sincero do coração, porque o amor tem ondas de loucura, mas suspeita de afectação literária, julgaria a melhor das composições. Cante e cante a mulher enquanto ama; tempo virá de cantar o José Dias, o Fontes ou o Sampaio, lá quando só eles sabem o segredo de nos inspirar.» [148]. Foi este esboço final que o insatisfeito, mas rendido, Araújo, mandou imprimir no jornal da sua terra, **O Penafidelense** (n.º 392, 30 de Setembro de 1881), depois de ter compreendido que o papel de crítico de encomenda não se ajustava ao espírito essencialmente lírico de João de Deus.

Mas, foi sobretudo em relação à **Cartilha Maternal** que Araújo se converteu no seu maior apóstolo nacional e internacional, convicto de que a reforma das mentalidades passaria pela sua alfabetização e que o método milagroso era o inventado por João de Deus. Essa cruzada prolongou-se por vários anos. Se o **Século XIX**, de Penafiel, se tornou um espaço privilegiado da afirmação da *Geração Coimbrã*, sobretudo pela mão de Germano Vieira de Meireles, foi em **O Penafidelense** que Araújo orquestrou toda a campanha em favor da **Cartilha Maternal**, servindo-se de todos os meios ao seu dispor, literários e políticos, para fazer triunfar o novo método escolar. A campanha estendeu-se naturalmente a muitos outros órgãos da Imprensa, mas julgamos que mais nenhum jornal se identificou

tanto com essa nobre causa. Em 1878, é ali publicada uma carta de Araújo que anuncia o aparecimento do "Roteiro da **Cartilha Maternal**". E, nesse mesmo número, é estampada a primeira lição da **Cartilha.** No nº 89, Araújo começou a redigir um folhetim, tão ao gosto dos jornalistas e público oitocentista, que se estendeu pelos nºs 90 e 91, e que constitui uma esclarecida e actualizada biografia do poeta-pedagogo. Diz em certa passagem: «Entre as organizações eminentemente artísticas de Portugal, na segunda metade deste século, destaca-se com o cunho poderoso duma robusta individualidade o vulto sereno de João de Deus. Poeta apóstolo da instrução primária, conseguiu em vida dois triunfos extraordinários: demoliu o velho lirismo estafado das xácaras e solaus, abrindo novos horizontes à poesia, e proscreveu para sempre das escolas os métodos irracionais do Padre Inácio. É por isso que o nome de João de Deus está ligado, como nenhum outro, ao dos revolucionários ilustres.». Araújo estava certamente a pensar em Jean-Jacques Rousseau, motor da nova pedagogia iluminista, com ecos em Verney. O seu folhetim disseca muito em particular os processos pedagógicos inovadores propostos por João de Deus: «A **Cartilha Maternal** foi magistralmente analisada no **Ensino** do Porto, e a autora dessa crítica, uma senhora alemã, Carolina de Michaëlis, que lá fora em França e na Alemanha, tem uma sólida reputação científica, a autora dessa crítica, dizíamos, abismava-se de admiração diante da obra do popularíssimo poeta, e mostrava-nos ufana toda a sólida originalidade daquele livrinho imorredoiro.» (nº 91). E Araújo finaliza com este juízo de vibrante admiração: «João de Deus vive, como dissemos, no seio da família. Alheio à literatura e à política, concentrou-se todo na propaganda do seu método. Não pertence a partidos nem é sócio da Academia; daqui a cem anos, porém, os partidos hão-de ter passado, a Academia dormirá o seu bom sono dos justos, e o grande poeta, o grande evangelizador, o carácter imaculado, há-de viver no coração do povo, que é o Panteão da Posteridade.» (nº 91). Frase profética lapidar, sobretudo se

tivermos em conta que foi escrita em 1878! Ora, para que esse culto se desenvolvesse, Araújo nunca poupou nem esforços nem economias. Ele tomara consciência do valor do núcleo pedagógico da **Cartilha** e queria colaborar na renovação do ensino-aprendizagem das escolas primárias do Reino. João de Deus recusava os exercícios tradicionais de intuição visual que, na sua opinião, representavam uma violência e uma amputação moral contrária à natureza: «seis meses – dizia ele na dedicatória da **Cartilha Maternal** – um ano, e mais, de vozes sem sentido basta para imprimir num espírito nascente o selo do idiotismo.». Segue-o ao pé da letra Joaquim de Araújo, fervoroso adepto da nova pedagogia de leitura, ao publicar dois artigos intitulados "Reforma ortográfica", nos quais sustenta, contra Latino Coelho, o método fonético contra o método etimológico, citando em seu apoio os artigos publicados por João de Deus em **O Bejense**. Para a liça, trouxe Araújo um artigo de Branco Rodrigues intitulado "Método simultâneo de Leitura e Escrita", que defendia a teoria de João de Deus, sem todavia a referir expressamente. O 'sereníssimo' João de Deus acompanhava de perto toda esta campanha, intervindo pontualmente e perdendo a calma que lhe era proverbial quando via o seu método atacado ou preterido. Tendo tomado conhecimento de que fora recusado pela Junta Distrital do Porto uma proposta assinada pelo pai de Araújo, Dr. António Joaquim de Araújo, que visava fazer aprovar um orçamento para que um professor portuense se deslocasse a Lisboa para estudar com o Mestre e de que a mesma Junta decidira contra a vontade do proponente contratar antes um pedagogo alemão, o autor da **Cartilha Maternal** comenta muito irritado tal desaforo de subserviência inútil ao Estrangeiro. Na sua opinião, era um dislate inqualificável, porque «cinco anos volvidos ainda tal mestre mal articularia o português.». E conclui com amargura: «Deus valha à inocência entregue a tão profundos tutores, e Deus valha a este país, podre até à medula.». E, apesar desta pertinente alfinetada de advertência, outros «pedagogistas» alemães continuaram a ser contratados... O poema de Guerra Jun-

queiro, a "Escola", que Araújo mandou publicar neste contexto pedagógico-político em **O Penafidelense**, era mais eloquente do que todos os artigos somados dessa campanha. Foi, sem dúvida, o grito mais lancinante do Século XIX português contra a pedagogia tradicional da escola primária baseada na memorização imposta pela dita miraculosa palmatória do João Félix. Transcrevemos algumas estrofes:

Eis as crianças vermelhas
Na sua hedionda prisão;
Doirado enxame de abelhas!
O mestre-escola é o zângão.

Desgraçadas toutinegras,
Que insuportáveis martírios
João Félix co'as unhas negras,
Mostrando as vogais aos lírios!

Barbaridade irrisória,
Estúpido despotismo!
Meter uma palmatória
Nas mãos de um anacronismo (nº 71).

João de Deus e o seu porta-voz oficioso insurgiam-se como Junqueiro contra este marasmo pedagógico da educação básica portuguesa quando cotejada com outras escolas europeias, francesas, inglesas e alemãs, onde se fazia sentir forte a influência rousseauniana, na senda dos trabalhos de Pestalozzi e de Froëbel. Para Junqueiro, passe o destempero de linguagem, o mestre-escola era um «asinino» que «dum anjo extrai um cretino»:

Isto escolas!...que indecência!
escolas, esta farsada!
São açougues de inocência,
São talhos d'anjos mais nada. (nº 71).

Como dizia João de Deus e pensava Joaquim de Araújo, ensinar «não era o mesmo que amestrar focas.». Ora, na sequência desta campanha-debate, travou-se nas colunas de **O Penafidelense** uma violenta polémica entre João de Deus e Felizardo de Lima, este último mestre-escola em Vila Meã, também ele autor de uma cartilha infantil. Pretendia este pedagogo que o seu método de ensino era mais eficaz do que o de João de Deus. Ripostou o poeta, transpondo o problema do plano pedagógico para o político, acusando-o, a despropósito, de ser republicano ou socialista. Miguel da Mota Cisne interveio na contenda e dirimiu a hesitação: Felizardo era comunista. Logo, mau pedagogo... Araújo, porém, manteve-se sereno, não fugindo às questões de princípio, afirmando que a **Cartilha** era «uma das obras mais portentosas, mais beneficamente salutares da humanidade.» (nº 95). E conclui, deslumbrado, sem o indispensável distanciamento crítico no tempo e no espaço: «O problema da instrução popular está resolvido. *Quando o método do sr João de Deus for aplicado lá fora, o seu nome universalmente aplaudido, há-de ser colocado ao lado de todos os grandes descobridores, de Newton, de Fulton, de Colombo e tantos outros que a história santificou e cujas descobertas não são com certeza de maior alcance.*» (nº 95). O que se torna mais curioso nesta visão optimizadora, quiçá megalómana, de Araújo é surpreender nele desde muito jovem uma preocupação constante em inverter a direcção tradicional das trocas culturais de sentido único, a que o velho Portugal estava habituado a partir da sua fundação como Reino, recebendo passivamente modelos culturais e pedagógicos estrangeiros. Era seu intento levar ao mundo os nossos valores que não se envergonhariam no encontro e no confronto. João de Deus era para ele, como Camões, um momento de culminação da maneira original de ser português, telúrico e universalista, com pouca terra para tanto mar. A partir de 1883, a campanha pró-**Cartilha** transferiu-se para o **Diário Nacional.** Foi no n. 21, de 13 de Outubro desse ano, que Araújo lançou a ideia da subscrição nacional para cunhar uma medalha

de homenagem a João de Deus. O seu primeiro subscritor, para servir de exemplo e chamariz, foi Antero de Quental e a iniciativa galvanizou praticamente todos os jornais do Continente e Ilhas, transformando-se num êxito retumbante. Foi Molarinho o artista escolhido para a cunhagem. Sobre essa subscrição, publicou Araújo um opúsculo que relata as fases do processo, e em que afirma: «*/João de Deus/* não consentiu nunca que lhe déssemos a menor explicação sobre o andamento da sua medalha, apesar da nossa convivência quase ininterrompida, – convivência literária com o grande Mestre das gerações que depois dele apareceram, convivência íntima com o primoroso homem de bem, que nas festas familiares nos abre lugar ao pé de sua Esposa e Filhas.» [149]. A correspondência entre ambos por nós descoberta revela exactamente o contrário: Joaquim de Araújo dava conta a João de Deus de todos os pormenores do andamento da subscrição e da homenagem. Raro foi o número do **Diário Nacional** que, durante a sua curta existência, não se referiu ou não referiu João de Deus, publicando-lhe versos e proclamando a **Cartilha Maternal** como «uma maravilha do nosso tempo que, na sua opinião, provocou uma revolução pedagógica em Portugal e fora do país ,«como se vê nos jornais brasileiros, espanhóis e outros.» (nº 70, 1884).

Para que o triunfo da **Cartilha Maternal** vingasse em definitivo, foi preciso largar alguns dos seus primeiros adeptos. Estamos a pensar no Abade de Arcozelo, a quem Joaquim de Araújo maltrata na sua correspondência com João de Deus e que este também já castigara com o epigrama "Aquele Método organo-fonético". Impulsionado pelo mesmo *élan*, Araújo fustiga-o com três quadras que extraímos da sua correspondência e, ao que supomos, estavam inéditas:

O abade de Arcozelo
Do Abc natural
É um doutor de capelo
No todo sacramental.

Jogador, faz maravilhas!
É Maçon constituinte...
Mas topava só ao vinte
Quando vendia... Cartilhas.

Abade amigo e senhor
Em prova do meu respeito
Beijo alegre e satisfeito
As suas mãos de pastor [150].

A publicação do folhetim "João de Deus" no **Diário Nacional** (nºs 26 a 28) marca o apogeu desta consagração araujuana do poeta e pedagogo, para a qual contribuíram Anes Baganha, Manuel Duarte de Almeida e a poetisa e romancista açoriana Alice Moderno. Eleito Procurador à Junta Geral do Distrito, Joaquim de Araújo vingou-se da proposta anteriormente feita pelo seu pai e recusada. Agora, a sua saiu politicamente vencedora e foi com orgulho que mandou imprimir essa aprovação no **Diário Nacional** (nº 72).

Para o **In Memoriam de Antero de Quental**, não obstante as teimosas solicitações de Araújo, João de Deus não se sentia capaz de criar algo de novo para aquela evocação colectiva. Mas Araújo tanto insistiu que quase lhe compôs o artigo encomendado, como se prova pela correspondência entre ambos a esse respeito [151]. Na impossibilidade de obter essa peça, Araújo teve de limitar-se, muito contrariado, a transcrever o epitáfio que João de Deus escrevera para o túmulo de Antero. Em nota a esse **In Memoriam** sobre os seus colaboradores já desaparecidos do mundo dos vivos, Araújo comentou emocionado a morte de João de Deus: «O segundo foi João de Deus, o divino poeta, alma gémea da de Antero na sua nobre e absoluta sinceridade, como ele voltado para o Bem, mas mais feliz por a iluminação de uma fé simples e cândida o furtar à vertigem terrível da dúvida e à transcendente alucinação do pensamento metafísico.» [152]. E no número da **Nova Alvorada** dedicado à

morte do «divino poeta», Araújo escreve de Génova em toadilha plangente: «triste realidade amargurada esta que de tão longe me fez acompanhar, em religiosa comoção, os que com lágrimas de dor se abeiram ao túmulo do Mestre imortal, de quem, ao sair do meu país, recebi o derradeiro beijo, dezanove anos depois de trocarmos o primeiro abraço.» [153]. A acrescentar a todo este envolvimento no culto de João de Deus, refira-se ainda a publicação de vários opúsculos, sobretudo destinados a lusófilos e bibliófilos estrangeiros: **Carta ao Autor de Lira Íntima**, Porto, 1882; **A Lírica do Cancioneiro Português da Vaticana interpretada por João de Deus**, Pádua, 1896; **Segunda Comemoração da apoteose de João de Deus** em 8 de Março de 1895, Pádua,1897; **Acerca dos Versos de João de Deus (Carta ao Dr. Rodrigo Veloso)**; **Carta anotada de Rodrigo Veloso ao Ex.mo Sr. Joaquim de Araújo acerca dos versos de João de Deus**, Barcelos, 1894. Na primeira destas duas cartas, Araújo escreve: «O prólogo de Antero é também um serviço; desde muito novo, Antero impôs e proclamou João de Deus como o Mestre dos mestres. O mais antigo documento dessa admiração de um grande homem por outro homem da sua esfera – adoração que durou a vida de Antero – acha-se nas primeiras páginas do livro dado a lume por V. Ex.cia. Só esse escrito valoriza uma publicação.» (p.6).

Por influência de João de Deus e para trazer o seu contributo a toda a campanha que orquestrou em defesa da **Cartilha Maternal**, Araújo também quis entrar no mundo dos pedagogos e com esse intuito organizou uma antologia infantil para uso das escolas primárias, com o título de **Primeiras Leituras** [154], que mereceu várias apreciações críticas muito elogiosas dos "pedagogistas" da época, entre os quais se destacaram Joaquim de Vasconcelos, Júlio de Matos e Oliveira Alvarenga. Araújo trouxe desassombradamente para essa selecta literária textos inovadores. A **Nova Alvorada,** sua sentinela avançada, comentava essa antologia nos seguintes termos: «Impressão magnífica, /.../ texto escolhido de harmonia com a

missão do livro, revelando na propriedade da linguagem o superior critério que presidiu ao enfeixamento de trechos literários destinados a espíritos incipientes.». E prossegue: «é evidente o serviço que o sr. Joaquim de Araújo acaba de prestar à instrução pública com esta publicação, e bem digno se torna de aplausos quem por um louvável sentimento de altruísmo se dedica ao benefício de uma causa, hoje, infelizmente tão descurada entre nós./.../ Nas **Primeiras Leituras** raro se nos depara um assunto que não seja de molde para interessar a curiosidade de uma criança; é este o grande mérito para um livro desta espécie, destinado a atrair os que aprendem e empenhá-los no estudo mais por um acto espontâneo de desejo que por uma pressão exigente do dever.» [155]. No **Século** de 12 /1/ 1891, lê-se: «Há logo nas primeiras páginas deste livro uma coisa que se nos impressiona satisfatoriamente: é ver que o sr. Araújo se soube desprender da rotina, quebrando o círculo de ferro dos nomes consagrados pelo pedantismo oficial, e fazendo colaborar no seu livro, dedicado às crianças, toda a *alma nova de* Portugal literário: Antero de Quental, Rocha Peixoto, Macedo Papança, Azevedo Coutinho, Teixeira de Queirós, Carolina Michaëlis, Eduardo Coimbra, Fialho de Almeida, Gomes Leal, Cesário Verde, Hamílton de Araújo, Henrique Nogueira, Eça de Queirós, Luís Botelho, uns novos pela idade, outros novos pelos ideais que no espírito albergam ou albergaram.» [156]. Araújo obteve a quase unanimidade da crítica pedagógica do tempo dispersa em todos os jornais importantes de então. Também Antero de Quental não resistira a este apelo de renovação pedagógica do país que passava por uma selecção antológica actualizada e com esse objectivo organizou o **Tesouro Poético da Infância**, em 1883.

Injustiça seria não registar também como peça importante deste culto araujuano a João de Deus o trabalho realizado, a que já aludimos, na paciente recolha em jornais, revistas e manuscritos de elementos bio-bibliográficos que forneceu a Teófilo Braga, para que este pudesse publicar o **Campo de Flo-**

res. É o próprio Teófilo, que, não se aproveitando egoisticamente dessa busca persistente do bibliófilo e seu amigo Araújo, consigna no prólogo da primeira edição este acto de reconhecimento: «na secção última da *época de Lisboa* auxiliou-nos o nosso amigo Joaquim de Araújo com as folhas da edição projectada das **Despedidas de Verão**, e muitas composições inéditas obtidas pela sua intimidade com João de Deus.» [157]. Mas a jóia mais valiosa deste culto a João de Deus é o poema que sobre ele escreveu e fez publicar em opúsculo em Génova, em 1896, com o título " A João de Deus." Este poema teve depois, por iniciativa de Araújo, uma segunda edição feita por J. de Meneses para a Colónia Portuguesa dos Estados Unidos, na Califórnia, em 1897, sob o patrocínio desta, revertendo o produto de venda a favor do estudante mais pobre dessa colónia lusa da América do Norte. O poeta Nuñez Arce, em carta datada de Madrid aos 17 de Março de 1896, tendo Araújo por destinatário, considera esse hino a João de Deus como uma composição «notable, hermosa e muy inspirada.» [158]. Ela é, na verdade, o retrato biográfico mais interessante que Araújo esboçou em verso. Embora longo, fica aqui registado, dada a fragilidade dos opúsculos em que foi vertido. É a sacralização do Poeta que todo o país festejara numa espontânea homenagem nacional da juventude lusa, nunca antes nem depois vista em Portugal:

Mestre sublime, que nos guiavas,
Calmo luzeiro na escuridão,
Estrela d'alva que cintilavas,
Sobre o marulho das ondas cavas,
Como um santelmo de redenção:

Stoico bendito de olhar sereno,
Irradiando puro luar,
Ânimo simples de Nazareno,
Sem uma mancha, sem um veneno,
Que a História tenha de afugentar;

Roble-violeta, ramo d'esperança.
Duma frescura primaveral,
Com asas brancas, – velho-criança! –
À nossa beira, – pomba da aliança,
E, nos espaços, – águia real;

Alma exilada num triste exílio,
E, apesar disso, banhada em luz,
Ao enlevar no casto idílio,
Que a gente sente lendo Vergílio,
Ou caminhando para Jesus;

Meigo vidente de um mundo etéreo,
Em que a Verdade rebrilha ao sol,
(Mundo de sonho: doce mistério!
Que não existe n'este hemisfério,
Mas que em teu seio tinha un crisol);

Soldado heróico, – lema a justiça! –
Abominando quanto há de vil,
Riso nos lábios, entrando à liça,
C'roa de loiros, fronte insubmissa,
Dentro do peito, rosas de abril;

Poeta divino que alevantaste
Um culto enorme pela Mulher;
Nos versos de oiro, com que a doiraste...
(As tuas filhas – lírios em haste!, –
Hão-de beijá-los a estremecer...);

Novo Colombo, que abriste à Escola
Um continente cheio de amor,
Aos pequeninos, – bendita esmola! –
Em vez de algemas, pondo uma estola,
Pálido Fröebel encantador;

Árabe místico e macerado,
Doce profeta, santo fakir,
Roland que ficas aureolado,
Pela candura do teu passado,
Sobre o Himalaia do teu porvir;

Salve, Gigante! Não, não morreste!
Vives, refulges, que eu bem senti
Que eras eterno, que eras celeste,
Naquele beijo, que tu me deste,
Que tu me deste, quando eu parti!

Completa assim com estas dez quintilhas elegíacas aquele soneto com que pela primeira vez consagrara em retrato o grande poeta e pedagogo que agora ousa comparar, *mutatis mutandis,* ao muito conhecido e criticado pedagogo alemão Friedrich Froëbel, defensor do sistema libertário na educação das crianças. **O Conimbricense** acusa a recepção de um opúsculo intitulado **A João de Deus – o finamento do nosso inigualável poeta lírico e celebrado pedagogista**, publicado por Araújo, e comenta: «Nessa adorável elegia, entretecida com dez correctas e inspiradas quintilhas, resplandesce cintilantemente a grande admiração, o altíssimo respeito, e a crudelíssima mágoa que alanceou o espírito a irreparável perda desse grandioso vulto da literatura contemporânea. /.../ *Sabemos que o ilustre poeta tem contribuído poderosamente para que distintos publicistas italianos traduzam trechos portugueses e exerçam em opúsculos e revistas desenvolvida crítica sobre o nosso movimento literário.*» [160]. Era a perspectiva europeísta sempre na brecha que Araújo nunca perdia de vista e que os seus conterrâneos mais atentos apoiavam com muito apreço e regozijo.

1.7. O Teofilanista

Precoce na sua maturidade cultural, Joaquim de Araújo

afirmou-se, antes de mais, como o homem das grandes fidelidades aos expoentes mais elevados da Cultura do seu país. Fez-lhe bem o seu contacto desde a adolescência com aquele que, não sendo um dos mais originais espíritos da sua geração, se creditou, todavia, como um dos primeiros na "organização mental" e na metodologia científica inspirada no historicismo positivista em curso em toda a Europa. Araújo ficava sobretudo impressionado com a imagem de marca que Teófilo tinha na Europa, que o recebia com admiração e não partilhava do azedume que ele concitava junto de alguns dos seus compatriotas. Teófilo não tinha bossa para poeta nem grande fôlego para narrador. Mas, com uma espantosa persistência, versejou em **Visão dos Tempos** e em **Tempestades Sonoras,** que pretenderiam representar poeticamente a "Epopeia da Humanidade", na senda do seu guia espiritual, Jules Michelet. Os seus **Contos Fantásticos** deixavam ouvir ressonâncias de Hoffmann e de Poe. Mas Teófilo apresentava-se ao povo português fundamentalmente como um incansável investigador cultural, um erudito apaixonado, um Professor actualizado e crítico, nem sempre, porém, com o rigor científico desejado em alguns dos seus demasiado rápidos e sintéticos estudos. Muito aprendeu com ele Araújo, que, sendo por vocação um poeta, haveria de tirar enormes vantagens do privilégio de o ter tido como mestre e amigo e de ter convivido com a sua metodologia positivista e com todo o aparato filosófico-científico que exibiam as suas obras. Araújo, contudo, não se cansava de repetir a Teófilo que o considerava um grande poeta, muito embora preferisse acentuar a importância enorme do seu magistério sólido e ubíquo no meio literário e cultural português, que se exercia através da cátedra e da imprensa, versando questões de filosofia, sociologia, psicologia, arte, história das ideias, literatura e política. Araújo não o poderia dispensar em todos os seus empreendimentos literários. O já referido estudo de António Ferrão "Teófilo Braga e Joaquim de Araújo", muito bem documentado na correspondência trocada entre Mestre e discípulo, ilustra impecavelmente a génese e o desen-

volvimento da forte amizade e admiração mútua entre estes dois generosos divulgadores de Cultura portuguesa. Numa dessas muitas cartas, Araújo insistia: «Não desespero de arranjar a colaboração de V. Ex.cia em verso. Um poeta como o snr. Teófilo Braga não deve deixar de publicar versos.» [161]. Araújo pediu autorização para publicar o seu poema "Parábola da Semente", que de parabólico pouco ou nada tinha, e era uma venenosa diatribe contra a Monarquia e contra a Igreja Católica, atingindo de um só golpe os dois pilares da sociedade, sendo o mais jacobino dos seus poemas de juventude, que a falta de maturidade de Araújo, então adolescente, insistia em querer publicar, lançando achas para a fogueira. Eis uma amostragem esclarecedora:

Reis e Padres! satânica aliança!
Deram-se as mãos para a nefanda obra
De abafarem da liberdade a esperança,
Como se enrosca ao corpo vivo a cobra.
/.../
É sempre assim que a liberdade avança;
Assim a tradição cede à ideia!
Uma noção dissolve a negra aliança,
Da cidadela do erro o muro apeia [162].

Recusou Teófilo a dita autorização. A poesia era má sob todos os aspectos e o seu panfletarismo faria atiçar ódios monárquicos (que o mesmo era dizer clericais) contra ele e o seu colega de direcção Sampaio Bruno. Em questões de Monarquia e de Igreja, Araújo mostrar-se-ia depois sempre muito sensato e comedido, embora, momentaneamente estonteado pela importância literária que lhe dava o Mestre Teófilo, tivesse pensado em alistar-se no Partido Republicano para reorganizar a sua secção de Penafiel, pedindo mesmo a Teófilo que interviesse junto de Oliveira Marreca para que este o investisse nessas funções [163]. Tentativa gorada! Por temperamento e educação,

Araújo era um monárquico moderado e até à morte prestou o seu culto de admiração ao Rei na pessoa de D. Carlos, a quem no seu testamento esboçado em Génova em 1903 se dispôs a legar parte do seu património de coleccionador. O seu republicanismo não passaria de um fogacho inconsequente de juventude por influência de Teófilo. A sua teimosia e insistência no pedido de colaboração aos seus amigos era de tal modo maçadora que chegava a arreliar os mais compreensivos. Foi, pois, num gesto de atrevimento, que acabou por publicar em **A Renascença** aquele pasquim que o próprio Teófilo não considerava estar ainda devidamente *limado* na sua forma para ser publicado, mas que Araújo, sempre faminto de originais, considerava *limadíssimo* [164]. O que não significa minimamente que partilhasse o ponto de visto ideológico de Teófilo. Ele nunca rabiscou algo de semelhante, mantendo sempre uma atitude distanciada, hesitante em escolher, como Garrett, entre frades e barões, criando nas suas revistas um espaço plural onde cabiam pontos de vista ideológicos perfeitamente contraditórios. A distanciação impunha-se-lhe por convicção ou por estratégia. Araújo também não estaria, com certeza, de acordo com outro poema de Teófilo, igualmente publicado na mesma revista portuense, intitulado "A Fábula Moderna" [165], que historia a viagem do Rei-Sol a caminho de Versalhes, aponta o seu desdém pelo povo, refere o espasmo revolucionário de 89 e a proclamação dos "Direitos do Homem", expressão que encerra o dito poema. Araújo entendia que a Cultura não era apanágio de nenhum grupo, muito menos do grupo instituído no poder. O Poder existe por causa da Cultura, mas a Cultura não existe por causa do Poder. Ele via nela a sedimentação lenta e progressiva de valores contraditórios, uma circulação de saberes não necessariamente coincidentes e harmoniosos. Teófilo era, por equívoco, um dos seus ídolos literários, mas para ele tal reconhecimento não implicava que tivesse de o seguir em questões de princípios políticos, religiosos, críticos e estéticos. Na sua juventude, tentou demarcar-se de Antero para se solidarizar e encostar a Teófilo. Ele mesmo

não esconde estar sempre ao lado de Teófilo, menos em questões de política, porque, afirmava: «eu não creio em política nenhuma.» [166]. Só acreditava na força transformadora da Cultura, a única capaz de nobilitar qualquer político(a) que se preze. Assim, querendo consagrar o nome de Teófilo, incluiu-o na galeria dos grandes retratados de **A Renascença**, encomendando a uma da figuras mais independentes da *Geração Moderna*, Ramalho Ortigão, o retrato do seu homenageado. O autor das **Farpas** aceitou o desafio e sancionou: «Quando na sua qualidade de dissidente, de democrata, de filósofo, de revolucionário, ele fulmina as instituições do velho mundo, que todos aqueles que pensam vêem esboroar-se a pouco e pouco em torno da aspiração moderna, Teófilo Braga conserva sempre a frieza didáctica, de uma imperturbalidade trágica. Sem invectivas, sem exaltações sentimentais, sem exclamações tribunícias, a sua palavra cai sobre a análise dos factos condenados com uma simplicidade de inflexão intraduzível, semelhante ao som basso e lúgubre de pregos martelados no caixão de um morto.» [167] – passe o aspecto barrocamente macabro do símile desajustado ao tempo e ao modo da escrita da *Geração Moderna*, a que o insigne prosador portuense acabara por se unir. Uma carta de Araújo dos tempos de **A Renascença**, em 1878, desvenda pormenores interessantes da feitura dessa biografia que foi distribuída em folhas volantes acompanhadas de fotografia, juntamente com o manifesto eleitoral republicano, do círculo 94, a que Teofilo se candidatava [168]. Araújo confidencia ainda nessa mesma carta que pensou em ser ele próprio a traçar com a sua pena essa biografia ilustrada, mas convenceu-se de que era melhor que ele se apagasse para que a estrela de Teófilo brilhasse com todo o seu fulgor "junto da opinião burguesa", em que o nome de Ramalho funcionava muito melhor do que o seu [169]. Diga-se, em abono da verdade, que a imagem de Teófilo só lucrou com a escolha de Ramalho, o qual, em pinceladas viris, lhe imprimiu uma vivacidade de que o estilo de Araújo não seria capaz.

Mas não se quedou por aqui este culto de Araújo por Teófilo. Ele prometeu-lhe envidar todos os esforços junto de livreiros seus conhecidos no sentido de encontrar editor para a **História da Literatura** ou qualquer outra obra da autoria de Teófilo [170]. No que respeita aos seus esforços de expansão europeia da pessoa e obra de Teófilo, Araújo nunca teve sossego. Em carta dirigida a Teófilo sobre **A Renascença**, esclarece: «*Pedem-me de Madrid a indicação do nome de três portugueses para colaborarem em um periódico talhado sobre os moldes da* ***Revue Critique*** *do Gaston Paris, já entre nós visto na* ***Bibliografia crítica****. Na nova revista entram o Cesario F. Duro, Menendez Pelayo, Pi, e toda a falange de eruditos, à antiga e à moderna que lá brilham. Há a colaboração entre os estrangeiros, do Hübner e do Gaston Paris. Peço ao Teófilo que me consinta que eu o indique entre os três portugueses que tratarão do movimento histórico (em publicações) que se for dando entre nós.*» [171]. Dirigia essa publicação Rafael Altamira, que Araújo apontava como «*um rapaz de valia, meu muito querido amigo pessoal.*» [172]. Era Rafael Altamira correligionário político de Teófilo, o que facilitaria o *intercâmbio*. Nessa mesma carta mostrava Araújo, por volta do ano 1878, estar em correspondência com o lusófilo inglês Edgar Prestage, porque num *post-scriptum* dessa mesma carta lhe anunciava: «Chegou hoje o original do Edgar Prestage» [173]. Noutra missiva a Teófilo, datada de 14 de Fevereiro de 1890, pede-lhe que mande ao lusófilo francês Maxime Formont um agradecimento pela oferta do livro **Les Inspiratrices**, a quem, *de motu proprio*, tinha já enviado ele mesmo a **Visão dos Tempos**, **Ondina** e **Tempestades Sonoras**, acompanhadas da biografia de Teófilo feita por Ramalho [174]. Platon de Waxel, com quem Araújo haveria de conviver mais tarde em Itália, como ele próprio confidencia, encarregar-se-ia de difundir o nome e a obra de Teófilo na Rússia [175]. Teremos, pois, de reconhecer que, sendo ele ainda jovem, todo este leque geograficamente abrangente de relações com lusófilos ou candidatos a sê-lo é um fenómeno cultural

de relevo na sociedade europeia do seu tempo. Esse leque tornou-se muito mais vasto quando se instalou em Génova, deambulando por toda a Itália, em busca de novos contactos e colaboradores europeus. E não menos espantoso será reconhecer que do Estrangeiro continuasse a movimentar a vida cultural portuguesa, incitando os seus amigos residentes a não pararem nesta dança ininterrompida da criação cultural. A Teófilo Braga pedia que escrevesse para a **Revista** sobre a figura de Pinheiro Chagas, que acabara de morrer, enfocando a sua análise na obra literária, limitando-se ao mínimo nas referências políticas [176]. Era, convenhamos, um grande atrevimento para com o seu Mestre, que dispensaria (ou não?) tais conselhos... Araújo acreditava que a morte era no domínio cultural uma espécie de rasoira que apagava todas as inimizades políticas para se apurarem os autênticos valores no confronto permanente de tropismos inovadores e de inércias conservadoras. Sempre na berlinda, Araújo lança-se na angariação de tradutores para a **Visão dos Tempos**. O seu **Ramalhete para a celebração das bodas de ouro na Literatura (1845 a 1908)**, em versão espanhola, italiana, francesa, alemã e sueca, em que intervieram Curros Enriquez, Emilio Teza, Paolo Pace, Marco Antonio Canini, Giovanni Voltan, Antonio Padula, Diego Garoglio, Prospero Peragallo, Henri Faure, Philéas Lebesgue, Brinn Gaubast, Wilhelm Storck e Göran Björkman, é mais um testemunho inequívoco da capacidade de movimentação literária deste cônsul-poeta e da sua devoção teofiliana. Joaquim de Araújo não poupa as palavras para realçar o valor do património literário luso. Foi muito por seu intermédio que obra teofiliana atingiu uma certa consagração europeia, pelo menos à escala reduzida dos lusófilos. No prólogo (que não temos a certeza de ser da sua lavra), referem-se apreciações críticas de vários lusófilos, entre os quais o então muito conceituado Philéas Lebesgue, para quem a **Visão dos Tempos** era «*a única Epopeia simultaneamente científica e nacional, que a nossa idade tem conseguido produzir.*» [177]. Segundo Brinn Gaubast, «é preciso

admirar a concepção grandiosa, a coordenação rigorosamente lógica, a nobreza e a variedade de execução» [178] daquela nova epopeia da Humanidade. Em tom idêntico, o crítico hispano-americano Carlos Arturo Torres, cônsul da Colômbia em Liverpool, escreveu de Inglaterra que Teófilo era «una especie de Brandes del sur, un filósofo de la Literatura y además un gran poeta filosófico», que fundia influências cruzadas da leitura de Comte, Hegel, Vico, Spencer, Buckle e Taine e que a **Visão dos Tempos** era «*una de las creaciones capitales del pensamiento contemporáneo*» [179], nada ficando a dever na comparação com **La Légende des Siècles**, de Victor Hugo, o **Ahasvérus**, de Quinet, que lhe teriam servido de paradigma, concluindo enfaticamentente que era «la epopeya de la emancipación moral del género humano.» [180]. Neste coro uníssono de elogios, Antonio Padula considerou que a **Visão dos Tempos** realizava um dos grandes momentos poéticos de todos os séculos, constituindo uma síntese suprema de toda a acção social [181], enquanto Göran Björkman opinava ser essa epopeia moderna um sucesso não só da Nação portuguesa, mas de toda a raça latina. Em consonância, Platon de Waxel escrevia no **Journal de Saint-Petersbourg**, em 24 de Fevereiro de 1896, que Teófilo Braga representava em Portugal «o espírito épico inteiramente moderno.». Sampaio Bruno, conhecedor de todo este ramalhete de encómios à **Visão dos Tempos**, não hesita em afirmar, cônscio, como Araújo, da qualidade superior da produção nacional, que só Teófilo, pelo rigor da filosofia professada, poderia ter realizado aquele projecto tão consentâneo com a fase da Arte do fim de século [182]. É evidente que a leitura actual dessa poesia, pretensamente científica, parece inutilizar toda aquela doxologia de lusófilos deslumbrados, mas torna-se imperativo situá-los no espírito da época que permitirá um entendimento correcto daquele tipo de mensagem serodiamente épica. Curiosamente, é publicada nessa versão poliglota uma tradução da elegia de Camilo "Il Dolor summo in morte dei figli di Teófilo Braga da Camilo Castelo Branco" [183], com data de Génova, 1897, a

que já aludimos. Compreende-se o efeito pretendido por Araújo, divulgando no mesmo texto os nomes de Camilo e de Antero. Em carta a Teófilo, Joaquim de Araújo, que, sofrendo de um certo *complexo de fundador*, não deixa os seus créditos por mãos alheias, mostra quanto se empenhou na divulgação desse poema camiliano: «Como já deve saber o Göran traduziu para sueco o soneto */sic/* do Camilo à morte dos filhinhos do meu amigo; além dessa tradução tenho prometidas mais quatro. Bom seria que eu aqui tivesse cinco ou seis exemplares do livro, e no interesse de se fazer uma antologia do soneto */sic/* do Camilo, que é uma coisa bela, escrita com grande elevação de sentimento.» [184]. Ele próprio quis dar o seu contributo elegíaco em simpatia na dor com Camilo e Teófilo e escreveu:

Na Morte dos Filhos de T. Braga
A João de Deus

Guiando-se um ao outro à sepultura,
Eles entraram na mansão escura
Embalados, em lágrimas, em ais...
Hão-de nascer ali cecéns e rosas,
Mas essas boas flores misteriosas
Trazem na seiva o coração dos pais [185].

Atento a todos os detalhes que pudessem contribuir para atrair à causa portuguesa boas vontades estrangeiras, Araújo pede a Teófilo que sustente a candidatura do crítico sueco à Academia Real das Ciências e, nesse sentido, envia-lhe as principais obras de Göran Björkman. Na sua opinião, depois de terem entrado para ela Itorek, Formont, Prestage e Reinhaiditoettues, «*é um preito que se não deve regatear a quem nos está representando perante um país, divulgando o nosso movimento intelectual.*» [186]. A sugestão foi coroada de êxito, porque Göran Björkman veio de facto a ser nomeado membro daquela prestigiada Academia. E, para completar o quadro

teofiliano, Araújo brindou ainda o seu amigo com duas tiragens especiais: **Lira Íntima**, Barcelos, 1884, o texto que Teófilo fizera como crítica àquele seu livro de estreia poética, e **Visioni dei Tempi (Camões, Cervantes, Petrarca, Miguel Angelo e Tasso)**, Pádua, 1897.

1.8. O Anterianista

Araújo cedo compreendeu nas reservas inicialmente postas a Antero, no intuito confessado de não desagradar a Teófilo, que o primeiro era o espírito mais fino, perspicaz e original da *Geração Moderna*. Antero, aliás, também entrou muito cedo em correspondência epistolar com Araújo e ambos acabaram por cimentar uma mútua amizade e admiração. Foi colaborador assíduo de **A Renascença**, que publicou alguns dos seus sonetos mais famosos: "Divina Comédia", "Logos", "Mors-Amor," "Transcendentalismo", "Espiritualismo" I e II, "Anima Mea", "Sepultura romântica", "No Circo", "Mors Liberatrix", "Consulta", que marcam algumas das etapas fulcrais da evolução psicológica do poeta dos **Sonetos**. O anterianismo de Araújo salta aos olhos e, em certa medida, foi obra sua o congraçamento de Teófilo com Antero. A **Bibliografia anteriana**, bem como o projecto global do **In Memoriam de Antero de Quental**, são o maior monumento que Araújo ergueu ao génio do seu amigo. Por essa altura, ninguém melhor do que ele conhecia toda a vida e obra de Antero; ninguém mais do que ele prestava uma atenção de pormenor a todas as suas publicações dispersas ou compiladas, em Portugal como no Estrangeiro. O resultado de todo esse trabalho imenso de bibliófilo tomou forma pública no **In Memoriam de Antero de Quental**, que ele próprio comenta nestas palavras despretensiosas: «*Tais são as Notas deste imperfeito esboço, de cujo labor nos compensam o culto de um morto-imortal e a certeza de que as gerações futuras hão-de a ele recorrer, como a um subsídio indispensável para a história literária do seu tempo.*» [187]. Mais do que em nenhuma

outra das referências já anteriormente feitas, o termo 'culto' traduz o religioso fervor de Araújo por Antero, que Eça de Queirós, num misto de veneração e de ironia, resolvera promover às honras de uma laica santidade, canonizando-o como 'génio' e 'santo'. Obra inacabada, essa bibliografia foi recebendo aditamentos correctivos e complementares: **Bibliografia Anteriana - Resposta a alguns reparos do sr. Delfim Gomes**, Coimbra, 1896, e **Bibliografia Anteriana - Resposta aos snrs. Delfim Gomes e José Pereira de Sampaio**, Génova, 1897. Ficou a dever-se igualmente a Joaquim de Araújo a recolha de muitas cartas de Antero que constam no seu **In Memoriam**. Como é também da sua lavra a nota emocionada que as introduz e explica: «Disse-se atrás que na correspondência de Antero de Quental estava, como num tesoiro íntimo, toda a sua alma. Para que se avalie a justeza desta afirmação e se faça uma ideia aproximada do alto valor dessa correspondência, damos pequeno fragmento dela. O homem íntimo transparece ali cristalinamente: as cruciantes lutas do seu espírito, buscando, quase alucinadamente, a Verdade e a Certeza; o estoicismo da sua grande alma, sempre vencedora dos sofrimentos físicos e sempre, resignada e forte, afirmando o Bem, em todos os males e todas as dores; a ternura, quase feminil, do seu coração, para quem o amor não teve limites e para quem a amizade foi uma coisa santa – tudo isso se verá, vivo e palpitante, nesse maço de cartas que abrimos perante os leitores, justificando, para quem o não conheceu de perto, a lenda de grandeza moral que se fez em volta do seu nome e a adoração que lhe votavam os seus mais íntimos amigos.» [188]. É das passagens mais belas que saíram da pena estilisticamente não muito apurada do crítico penafidelense, que prossegue: «Sob outro ponto de vista, porém, essas cartas são ainda de máximo interesse. O pensamento do filósofo, as opiniões do crítico, a estética do poeta, as ideias do moralista – deixam-se apreender aí em muitas passagens, e em páginas que, escritas *corrente calamo*, são, contudo, verdadeiras jóias de Prosa e de

Estilo. Todos os grandes assuntos do nosso tempo, na Filosofia, na Arte, na Política, na Ética - têm nestas inigualáveis palestras escritas, uma nota, um comentário, por vezes uma exposição magistral e superior.» [189]. São 25 cartas dirigidas por Antero ao próprio Araújo, ao seu amigo e conterrâneo Germano Vieira de Meireles, a Oliveira Martins, a Magalhães Lima e a Cândido de Figueiredo, em que, de facto, se revelam os escaninhos do sofrimento físico e moral do poeta e se exerce uma soberba mestria crítica. As missivas a Araújo denotam uma grande familiaridade entre ambos. Na primeira dessas cartas, Antero pede-lhe que envie as poesias dos vates brasileiros Álvares de Azevedo e Castro Alves, refere-se com muito apreço à poesia de Junqueira Freire e sobre a poesia brasileira em geral avança o seguinte juízo: «O que noto, em geral, nos brasileiros, é que não são *poetas literatos,* mas verdadeiros apaixonados, arrastados por um fluxo íntimo de sentimentos. Por isso são vivos, ainda quando imperfeitos como artistas, como são quase todos. Mas há neles uma sinceridade de inspiração, uma verdade e uma frescura, uma graça natural de expressão, que me encantam. Pena é que se vão já *aliteratando* e fazendo senis como os do velho mundo. É o que noto nos mais recentes.» [190]. Voltando ao plano íntimo, Antero explica ao plumitivo Araújo que o facto de não responder às suas cartas não indiciava qualquer desinteresse pela pessoa do seu amigo, mas era antes consequência de uma certa indiferença que o sofrimento físico nele imprimira como um estigma permanente, aproveitando para lhe dizer, a propósito da doença do pai de Araújo: «as cousas da vida e da morte devem encarar-se virilmente.» [191]. Noutra dessas cartas, escrita de Vila do Conde, em 1884 ou 1885, Antero responde a Araújo que lhe propusera a formação de uma **Liga literária hispano-portuguesa**, afirmando-lhe que a ideia merecia ser acarinhada, embora não lhe parecesse de grande interesse prático. Nesta última, Antero estava já muito longe do seu Iberismo de 1868, expresso no folheto **Portugal perante a Revolução de Espanha**, em que se esbatia nos fumos de

um republicanismo ibérico o sentimento apelativo da nacionalidade e da autonomia. Agora matizava as afirmações da sua juventude recuando na estratégia política: «O Iberismo não se há-de realizar nem pela simpatia mútua, nem pelo convencimento, mas pela força e necessidade das coisas. Os portugueses hão-de ser sempre refractários a tal ideia e os *espanhóis não precisam do conhecimento da literatura para a abraçarem (a ideia) como abraçaram há muito. Mas, como* ***quod abundat non nocet****, vale sempre e acho-a simpática, e já terá valido a pena se der este resultado de, pelo conhecimento dos nossos escritos e das nossas coisas, os espanhóis se convencerem de que em Portugal já não há literatura e política nacionais, como eles ainda imaginam, pois é essa uma das fraquezas deles, tomarem-nos a sério ainda ./.../. Quanto ao lado puramente literário, que é o lado em todo o caso mais pequeno, labora em erro o Alas, no seu artigo, quando prevê uma influência recíproca e uma mútua penetração das duas literaturas, consequente ao conhecerem-se bem. É erro, porque as literaturas influem umas sobre as outras em razão directa das dissemelhanças e não das semelhanças. É a grande lei dos contrastes.»* [192]. Araújo não tinha a finura intelectual de Antero para esmiuçar esta subtil questão teórica do comparatismo incipiente e via as literaturas, quaisquer que elas fossem, como valores absolutos de uma forma de religião superior do homem e sobretudo nem sequer admitia, no presente como no futuro ibérico, uma simbiose de nacionalidades, limitando-se a sustentar que ambas as literaturas deviam estreitar os laços de vizinhança, independentemente das suas especificidades enquanto ficções de Pátrias. A Liga não passou, ao que julgamos, de um projecto no cérebro e no papel, que o próprio Araújo não mais voltou a referir, talvez desapontado com as reticências de Antero, que, para ele, era uma autoridade respeitável e insuspeita. Insaciável nas suas pesquisas bibliográficas, Araújo farejava cartas dispersas de Antero em mãos egoístas ou descuidadas. Em **A Revista Portuguesa**, prosseguiu a publicação dessa correspondência,

fixando-a para a posteridade. Logo no primeiro número, dá a lume duas cartas de conteúdo marcadamente filosófico, cujo destinatário foi F. Machado de Faria e Maia, que sustentou nesse mesmo número a tese contestável do germanismo de Antero. Publica também cartas a João de Deus [193] e uma carta em que ele próprio foi destinatário e que não quis, por razão que desconhecemos, inserir no **In Memoriam de Antero.** Essa carta é comentada por Francisco Afonso de Chaves e Melo, a qual fala de Zervas, o socialista alemão que vive algum tempo em Ponta Delgada e a quem Chaves e Melo traduzira sonetos de Antero, que ele começou a ler e a apreciar [194]. Em **A Revista**, exarou, em 1903, catorze cartas inéditas de Antero aos mais diversos destinatários.

Atrever-nos-íamos, no entanto, a dizer que o apontamento mais significativo desta admiração mútua e deste culto araujuano por Antero é a história da publicação do poema " O Monge", que o poeta açoriano deixara inconcluso. É o próprio Antero quem confirma que não só o não acabou como até o destruiu, tendo-o, contudo, mostrado apenas a cinco ou seis pessoas. Desse problema já se ocupou José Bruno Carreiro [195], pelo que nos dispensamos de o retomar. Joaquim de Araújo escreveu mais tarde o poema "O Missal do Monge", que faz parte do seu livro **Ocidentais**. Ora, José Leite de Vasconcelos, em crítica a este livro, acusa o seu autor de ter plagiado Antero. A ocorrência originou uma desagradável polémica de que se fez porta-voz o jornal **O Repórter**, nos nºs 266, 275 e 276, Outubro de 1888. A solicitação desesperada de Araújo, Antero enviou-lhe uma carta em 27/9/1888, a testemunhar que qualquer semelhança entre o texto destruído e o poema de Araújo era mera coincidência, desautorizando, portanto, a grave insinuação daquele crítico. Defendera, pois, a honorabilidade do poeta penafidelense seu amigo.

Todo este trabalho de promoção anteriana culminou com o ciclo de poesia necrológica em torno do suicídio do poeta. No número único da **Nova Alvorada**, em 1 de Novembro de

1891, Araújo verteu para português o soneto «Antero de Quental», escrito por Wilhelm Storck. Esta tradução levanta uma questão que não gostaríamos de iludir. Araújo foi um imitador e não um tradutor de Heine quando publicou o seu **Intermezzo**. Mas saberia ele alemão bastante para entrar numa tradução poética literal? Julgamos sinceramente que não. De inglês e alemão, Araújo tinha uns rudimentos que não lhe permitiriam fazer uma tradução assente em critérios linguísticos rigorosos. Era um poliglota razoável, mas só ao nível das línguas neo-latinas. No seu tempo e seguindo a teoria de Castilho, a "tradução" era quase sempre entendida como *versão, adaptação, nacionalização* e *transsubstanciação* [196] do assunto a verter para uma língua de chegada. É bem possível que Araújo tivesse estudado alemão em Lisboa quando seguia o Curso Superior de Letras, mas, de qualquer modo, não deveria ter conhecimentos muito apurados, como, aliás, os não tinha o próprio Antero. Araújo não publicou um opúsculo sequer em alemão ou inglês. A língua internacional era o francês, então no seu auge de expansão civilizacional. A correspondência que Carolina Michaëlis manteve com Araújo processou-se toda exclusivamente em português. Ora, quando ela enumera em "Antero e a Alemanha" as traduções da lírica alemã realizadas por Antero, refere uma versão literal em prosa do **Intermezzo**, de Heine, de que Araújo se teria servido nas suas imitações livres em verso. Sobre esta matéria, esclarece o próprio Araújo no **In Memoriam**: «A tradução de Antero restringiu-se tão só a passagens, em cuja interpretação nos assaltavam dúvidas, e foi feita expressamente (1884), em nosso auxílio. Possuimos o seu manuscrito que diz respeito apenas ao Prólogo (de que não chegamos a dar transunto), e aos nºs 9, 11, 13, e 16 do extraordinário poema.» [197]. Embora essa "tradução" de Araújo tenha sido muito apreciada pela crítica portuguesa e alemã, é nossa convicção de que ela foi feita a partir de uma versão francesa ou até mesmo de uma versão portuguesa anterior, com o apoio do texto em prosa de Antero. E, se desenvolveu

ulteriormente os parcos conhecimentos que tinha da língua alemã, terá sido apenas quando em Itália passou a viver maritalmente com uma senhora austríaca, Mizzi Kostka, que em carta a Emilio Teza apresentou como noiva com a qual iria casar-se em Viena. Não temos informações sobre a duração deste "noivado" serôdio, que julgamos ter sido muito curta, pelo silêncio a que se remeteu depois na sua correspondência relativamente a ela. Não encontrámos na sua superabundante e inconfidente correspondência qualquer alusão ao domínio desta língua e Araújo não teria deixado de exibir esse trunfo diante dos intelectuais portugueses, ele que, em questões de cultura, não fez da modéstia a sua virtude maior. Talvez com a ajuda de Carolina Michaëlis (é suposição, mas não completamente gratuita, dadas as fortes ligações de amizade e colaboração que mantinham, como prova a correspondência entre ambos), ele traduziu aquele soneto de Storck, que foi uma peça importante na engrenagem da lusofilia anteriana em marcha, que ele acelerara e de que Storck era, na Europa, inquestionavelmente, a voz mais autorizada. O Prof. António Capataz Franco, especialista em tradutologia, considera a versão portuguesa deste soneto de uma grande fidelidade ao original.

Inexpressivo e cheio de amargura,
O mundo afigurou-se-te prisão:
Pelas grades estreitas, – um clarão
Crepuscular de mágoa e desventura...

Ao Ceifador de toda a criatura
Contra a sorte, a lutar, clamaste em vão
Que em seu negro corcel, como um perdão,
Te trouxesse o resgate à dor escura.

Louco, baldado anseio! O teu destino
Continuou, desolado peregrino,
Que o descanso anelavas, mudo e frio...

Ah! não vinha o soturno cavaleiro,
E pois despedaçaste o cativeiro...
Choremos o teu féretro sombrio! [198]

Joaquim de Araújo, como muitos poetas estrangeiros (Storck, Giuseppe Cellini, Tommaso Cannizzaro) e portugueses (Manuel Duarte de Almeida, José de Freitas Costa, Tomás Ribeiro, José de Lacerda, Hermetério Abrantes, E. de Carvalho, Carlos de Lemos) [199], afinou a harpa e chorou também versos numa elegia pungente a tragédia do poeta de Ponta Delgada, inscrevendo-a na lucidez da ascese pelo suicídio. E de todos esses versos necrológicos, os de Araújo, **Na morte de Antero**, foram os que mais se celebrizaram, correndo o mundo em várias línguas que potencializavam o número dos seus (de Antero e de Araújo) leitores e admiradores, contribuindo de maneira brilhante para o fomento da *Anterolatria* em Portugal e na Europa. Sintagmaticamente construído a partir de uma glosa extraída da sabedoria clássica, o poeta questiona:

Morrer é ser iniciado.
Antologia grega.

Morrer é ser iniciado?
Onde? no céu todo estrelado?
Onde? No Nirvana ideal
Soluça o vento, e o mar profundo
Ulula, – triste moribundo –
Onde, afinal? [200]

A interrogação retórica, a que a ilustração de uma caveira confere um tom lúgubre, prossegue com a interpelação das almas torturadas *«nas cumeadas / Dum grande mundo espiritual»* [201], romanticamente encenada pelo céu estrelado, pelos uivos do chacal, pelo cedro, pelo vento, pelo albatroz (nada baudelairiano!), com *«asas de sudário sepulcral»*, com

doces velhinhas fiandeiras, perguntando a todos e a tudo pelo *Cavaleiro Sem-Ventura*, perdido nas brumas da morte. Araújo encontrou um lirismo cândido, apesar de bastante gasto na retórica romântica já passadiça, para falar com uma simplicidade comovente, olhando a morte, não com acenos de desespero metafísico, mas como uma iniciação a um ritual de identificação panteísta. Ele entendeu que para Antero a morte foi não um acto impensado de alucinação momentânea, mas uma entrada iniciática assumida com exemplaridade no reino da quietude. Os seus versos magoados foram traduzidos em 1893 por Edgar Prestage, **On the Death of Antero de Quental** [202], numa versão esmerada, como todas, aliás, as que saíam da pena daquele lusófilo inglês, prestando assim uma dupla homenagem a Antero e a Araújo. Igualmente em Itália, que Araújo considerava a sua segunda pátria, foi muito bem acolhido este poemeto, merecendo a honra duma tradução de Tommaso Cannizzaro, editada em Bérgamo, pelo Istituto Italiano d'Arti Graphice, com várias pequenas edições, a terceira das quais data de 1897, já com bastante distanciamento em relação à morte de Antero (a primeira versão italiana, muito menos literal do que a de Prestage, traz a data de 1892), permitindo concluir que a poética anteriana continuava a merecer, mesmo alguns anos após o seu trágico suicídio, a atenção de muitos italianos cultos.

2. O Poeta

Se actualmente a poesia de Joaquim de Araújo caiu, como a da maior parte dos seus contemporâneos, num apagado esquecimento, dever-se-á salientar que ela teve na época vastos admiradores, nacionais e estrangeiros. A poesia mais lida numa dada sincronia não é necessariamente aquela que a história das leituras vem a sancionar como a melhor. Factores de vária ordem sociológica, nem sempre determináveis à partida, lançam modas, consagram gostos, impingem mediocridades, impõem esquecimentos. Ora, se Araújo não foi um grande poeta pelos

critérios de leitura selectiva que hoje temos relativamente ao seu período histórico, a verdade é que, graças ao seu extraordinário e inigualável dinamismo cultural, foi um poeta muito badalado. Os jornais e revistas a quem mandava os seus poemas ou os seus livros etiquetavam-no com a adjectivação típica, embora oca, dessa época, de "elegantíssimo poeta", "mimoso poeta", palavras-gazua, que tanto dizem tudo como nada no fraseado acrítico de então. Ele afirmara ainda muito jovem os seus notáveis talentos poéticos em **A Harpa** e **A Renascença**. Com a data de 8 de Maio de 1878, publica em **A Renascença** o poema «Intermezzo» (p. 43), no mesmo número em que Antero publicou o soneto «Nirvana» (p. 46). Dois poemas que revelavam uma enorme diferença formal e ideológica e denunciavam duas caminhadas existenciais e artísticas muito diversificadas, embora Heine tenha sido igualmente uma das suas grandes paixões comuns. Araújo dava assim, ainda adolescente, o tom à sinfonia dos seus poemas inspirados nos versos de Heinrich Heine, que tinham grande voga em Portugal, como o documenta o estudo de Maria Manuela Gouveia Delille **A Recepção Literária de Heine no Romantismo Português (De 1844 a 1871)** [203]. Araújo optou pela imitação livre ou pela recriação quase gratuita, numa tentativa, sempre pouco conseguida, de se distinguir linguisticamente entre *versão* e *tradução*:

Era na aldeia. Ao longo das ramadas
Ouvia-se cantar
O largo coro d'aves namoradas,
Que andavam pelo ar.

O teu pálido rosto soluçante,
Cheio de comoção,
Banhava duma luz vivificante
Meu pobre coração.

Murchava tristemente a balsamina,
Com[*o*] quem verga à dor,
E eu beijei-te a mão branca e pequenina
Num êxtase d'amor.

E, nesse instante, ao longo das ramadas,
Já não se ouviu cantar
O largo coro d'aves namoradas,
Que andavam pelo ar...».

Araújo seleccionou esta composição de primeiro contacto com a obra de Heine para o seu primeiro livro **Lira Íntima**, publicado em 1881, embora com ligeiras variantes, a mais importante das quais é «*O teu pálido rosto, doce e amante*» da segunda estrofe. O terceiro poema estampado na dita revista foi «Confidenzza» (p. 68), ainda sob a quase imperceptível magia do verso heiniano:

Quando a minh'alma porventura a beija
O teu límpido olhar, formosa amada!
Tem as consolações que ela deseja,
A pobre encarcerada.

E como um rouxinol preso se agita
Nas grades do seu cárcere a voar,
Assim ela, tristíssima, contrita,
Vem toda ao meu olhar...

Foi este poema integrado no seu primeiro livro de versos: **Lira Íntima** (p. 49), com múltiplas variantes selectivas ao nível lexemático. Há ainda em **A Renascença** outro poema seu, que tem por título «Modesta» (p. 81), de vago sabor heiniano, e que não foi transcrito na **Lira Íntima**:

Quando tu passas, flor! e a lúcida harmonia
Do teu andar cadente, augusto, virginal,
Faz no espaço esquecer a vaga sinfonia,
Que solta pelo azul a orquestra matinal,

Eu que sinto no peito o regelado inverno,
Que me anuncia a Morte, a noiva que me espera,
Julgo ainda encontrar – ó Sofrimento eterno! –
Os aromas, os sons, e a luz da Primavera.

Trazem estes últimos versos a data de Janeiro de 1879, quando o poeta começava a afirmar-se entre os vates lusos.

Em Maio do mesmo ano, publicava uma «imitação de J. N. Vogl», sob o título «No Cemitério», que denuncia uma indeterminação do poeta em escolher a sua própria via, optando por todos os ingredientes sentimentalões do ultra-romantismo português: um coveiro despertado do seu sono para guiar por entre os ciprestes recortados pelo luar um guerreiro, encaminhando-o para a cova, onde sob uma fria lousa, jazia a sua mãe (**A Renascença**, p. 91). Não foi, todavia, por este ultra-romantismo retardado que Araújo enveredou. Mau grado a sua congénita "sensiblerie" no tocante ao *eterno feminino*, ele tinha perfeita noção crítica da evolução da consciência poética da *Geração Nova*. Publica ainda nessa famosa revista o poema «Revelação» (p. 98), datado de Lisboa, 1879, mês de Junho, que retorna ao gosto estético heiniano, entre a narratividade ingénua e a emoção refinada. Parecia ter encontrado nesta veia a sua via, ainda que procurasse em outras leituras novos caminhos. É o que se verifica com a tradução do poema de D. Ramón de Campoamor (lírico espanhol do pós-romantismo, autor de **Doloras - Pequeños poemas** , hoje subestimado como Araújo, mas que gozou na época de grande sucesso em Espanha e em Portugal), intitulado exactamente «Dolora» (**A Renascença**, p. 110) e que é um poema diferente daquele que aparece na **Lira Íntima** sob o mesmo título (p. 35). Interveio ainda mais

duas vezes com colaboração em poesia no trajecto daquela revista, publicando os poemas de 4 quadras "Lágrimas» (p. 156, ao lado do soneto «Consulta» de Antero de Quental), datadas de 1879, inseridas na **Lira Íntima,** pp. 25-26) e "Num Bilhete" (p. 166), uma quintilha escrita na Foz do Douro, em 1880, que não consta do seu primeiro volume poético:

Hoje banhou-me a límpida alegria...
Há quase três semanas que eu não via
A doce luz imaculada e pura,
Que chove desse olhar – (doce ventura!)
Que é cor da noite e que ilumina o dia. (p. 166).

Com a mão afeita nestes ensaios poéticos, Araújo podia então lançar-se em voos mais arrojados. Estreou-se em volume em 1881 com a **Lira Íntima**, que tinha como epígrafe "Lágrima celeste / Pérola do mar!", de João de Deus, sua bússola e arrimo protector. Subdividiu o livro em duas partes: **Canções de Abril** e **Filigranas**. Na contra-capa anuncia um novo livro de versos no prelo **Quadros antigos**, que nunca chegou a ver a luz do dia. Uma certa instabilidade psicológica ou uma certa febre editorial levou Araújo a anunciar no prelo obras que haveriam de demorar muito tempo a sair ou que, pura e simplesmente, nunca vieram a lume. O último poema, que, num encadeamento lógico de leitura, deveria ser o primeiro na seriação e dá pelo nome de «Filigranas», é uma espécie de guia de intenções deste volume, cujo título indicia como factores poéticos determinantes a musicalidade dos versos e o carácter intimista da mensagem. Recusa logo na primeira estrofe quelquer tipo de empenhamento poético característico do Realismo / Naturalismo, com pretensões sociais inspiradas no Positivismo e no Cientificismo do Séc. XIX:

Este livro não resume
As lutas da nossa idade,

Mas tem o vago perfume
Dos sonhos da mocidade. [204]

Araújo não se concebe como um comentador atento das grandes questões de confrontação estética e ideológica do seu tempo; prefere entrar por um corredor evocativo carregado de onirismo da mocidade, pelo que se demarca da conflituosidade estética do seu tempo:

Alheio a qualquer campanha,
Põe as escolas de parte. [205]

porque, no seu entendimento estético, o Belo é uma categoria de Absoluto, independente da coloração espácio-temporal, tanto podendo incarnar nos Salmos de David como nas tragédias de Goethe. Se quiséssemos cair na tentação fácil e habitual de catalogar a obra poética de Araújo numa escola bem determinada, sentiríamos grandes dificuldades. O seu intimismo poético vem ao de cima. O poeta quer ser igual a si próprio e extravaza, sem ditames de Escola, todo o seu subjectivismo onírico, não por desfasamento em relação às correntes estéticas de matriz positivista, mas porque esse filão filosófico, científico e literário nunca o seduziu. Ele nascera para cantar o Amor e, se, nos seus textos teóricos, fazia coro com os críticos de *Geração Moderna* para fustigar os excessos de arroubos sentimentais ultra-românticos, na sua prática poética nem sempre escapou a algumas marcas que se prolongaram no tempo em agónicos e desbotados epígonos. Mas a **Lira Íntima** não se apresenta como um texto epigonal de um Romantismo recesso, embora o levantamento lexical a que procedemos neste livro certifique que o poeta retomou todos os ingredientes a que o público português andava de há longos anos habituado. É sobretudo na contenção da morbidez e do tétrico que o egotismo araujuano se afasta dos seus confrades ultra-românticos. De resto, para derramar a sua afectividade em formas métricas tão diversificadas,

como o terceto, a quadra, a quintilha e o soneto, Araújo usa um vocabulário já demasiado visto na lírica romântica. Uma amostragem apenas: *cedros, ciprestes, solidão, eflúvios de amor; idílios virginais, pombas doloridas, pétalas nevadas, casta flor; seio virginal, ninhos, penas, «a treva do cabelo bendito», «bálsamo sagrado»*, etc.. O poeta apercebe-se que corre riscos de se situar fora do seu tempo e do tempo poético da *Geração Nova* e vai metalinguisticamente explicando, numa postura de relativa má consciência crítica, o jogo simultâneo e aparentemente contraditório de adesão e recusa. No poema «Alvorada», fala da cotovia que pacifica as almas sensíveis e do «*vasto coração dos bons românticos, / Que adoram os sombrios arvoredos, / E que desprendem lacrimosos cânticos, / Sobre a íngreme aresta dos rochedos*» [206], mas logo se demarca numa trucagem mal escondida de sedutor seduzido:

Eu que não sou romântico, nem fundo
Na Quimera a ventura, que me salva,
Fico como os românticos e o mundo,
Quando vai desmaiando a estrela d'alva... [207]

Araújo revela-se um hábil manejador do alexandrino com um verso quebrado em que molda as melhores peças do seu repertório, como no poema «A ti», onde com grácil leveza panteiza as suas emoções na moldura sensível da Natureza em perfeita simpatia com o poeta:

Eu adoro a manhã mais límpida e vibrante,
Embora o rouxinol,
Quando ela vem surgindo, olímpica e radiante,
Não cumprimente o sol.

Gosto de ir aspirar o aroma bom dos fenos,
Perder-me nos giestais,
Ouvindo o modular da flauta dos Silenos,
E as ninfas dando ais. [208]

A mulher de contornos voláteis, mãe ou (e)namorada, é, em surdina ou em registo agudo, a alma de todo este arfar sentimental. O poema «Tercetos», muito elogiado no seu tempo por vários comentadores de poesia, incluindo João de Deus, introduz os temas interligados do amor, morte, solidão, rematando com estes versos de auto-aniquilamento romântico:

E dera as horas da existência inteira,
Desta existência pálida e nefasta,
Por ser, ó minha eterna Primavera!
Por ser o pó que o teu vestido arrasta. [209]

No poema «Eterno Feminino», que sacraliza a frase de Michelet «La femme, c'est une religion», com os seus vinte anos de experiência afectiva e escritural, «*rosa singela / Em pleno madrigal*» [210], Araújo diz recusar o Romantismo de coloração medieval, evasão onírica num passado irrecuperável de cruzadas e moirama. A essa estética de personagens convencionais esfumadas pela história longínqua a perder-se nos confins brumosos do tempo, contrapõe uma estética rendilhada, filha única do *eterno feminino*, numa forma atemporal da sublimação do Sentimento:

A minha fina estética moderna,
Porém, faz-me aceitar
O Amor – essa canção febril e terna, –
Que nunca há-de acabar. [211]

A crítica portuguesa, que lamentavelmente nunca estudou a sério a obra poética de Joaquim de Araújo, acabou por o rotular em abordagens sempre muito superficiais e taxinómicas, numa tentativa de arrumação periodológica escolar, de *parnasiano*. Ora, toda a etiqueta em crítica histórico-literária é sempre um arranjo didáctico, mais ou menos forçado, porque generalizador e sistematizante. Salta à vista que, desde cedo,

Araújo recusara, por estratégia geracional, as «*indecorosas carpideiras românticas*», sem que, no entanto, conseguisse fugir totalmente à retórica lamartiniana, porque se fechou num egotismo exacerbado e cultivado. Nenhum eco do socialismo victor-hugoano, tão frequente na *Escola do Porto*, assoma à superfície dos seus poemas, estando mais preocupado com os seus efeitos rítmicos e rimáticos do que com a mensagem apelativa de humanitarismo. Ele conhecia os poetas parnasianos franceses, que também não tinham um programa definido, mas que se reuniram em torno do **Parnasse Contemporain** (1866-1871-1876), do editor Lemerre. Catulle Mendès, um dos parnasianos franceses bem conhecido de Araújo e dos portugueses do seu tempo, testemunhava por então: «*Beaucoup de personnes, dans une intention de dénigrement ou d'éloges, ont dit et imprimé que les Parnassiens avaient prétendu fonder une école. L'erreur est grande. Ils ont été un groupe, oui; une école, non. Attirés les uns vers les autres par leur commun amour de l'art, unis dans le respect des maîtres et dans une égale foi en l'avenir, ils ne prétendaient en aucune façon s'engager à suivre une voie unique. Aucun mot d'ordre, aucun chef, toutes les personnalités absolumemt libres... En outre, jamais ils ne furent, jamais ils ne tentèrent d'être novateurs.*» [212]. Araújo seguiu, é claro, na peugada de alguns parnasianos franceses, a sua própria via, com uma relutância patente por dogmatismos de escolas e por subserviências a modelos estrangeiros. Por mais que prezasse a *arte pela arte* e a poesia enquanto valor em si mesmo, sem precisar do investimento sócio-político para ter direito à existência e lugar proeminente na cidadania, Araújo nunca foi capaz de se desligar da egolatria e da confidencialidade românticas. Daí que a expressão *neo-romântico* com que Catulle Mendès preferia designar os 'parnasianos' não seja de descurar. A análise que Luc Descaunes fez da poesia parnasiana francesa demonstra aquilo que parece ser uma das linhas de força da crítica actual sobre a *modernidade,* ou seja que esta teria começado com o Romantismo, sem sofrer hiatos nem

compartimentações. A adopção da teoria da *arte pela arte* permitiu em França um deslizar natural para o Decadentismo e o Simbolismo. Há matizes no jeito de dizer e de sugerir, mas a intencionalidade poética tem imensos pontos em comum. Fernando Guimarães, que estudou a poética do Simbolismo em Portugal [213], opina que o caso português parece não se enquadrar nesta perspectiva. Seja como for, Araújo aproximou-se na sua prática poética da teoria da *arte pela arte*, mas recusou sempre toda e qualquer ligação de dependência pessoal em relação a escolas nacionais ou estrangeiras, certo de que a consciência cultural portuguesa e a sua própria tinham caminhos originais a percorrer, sem necessidade de submissão acrítica sistemática a modelos estrangeiros importados. Mas no mais íntimo da sua idiossincrasia poética, ele tinha sempre em pano de fundo o Heine melancólico (com perda total da fina ironia do poeta alemão) que melhor se identificava com a estrutura profunda da sua personalidade, jogada entre o amor à mulher, real ou platónica tanto dá, e à Natureza, também ela espelho vivo da harmonia/desarmonia desse mesmo Amor:

Inundam-me canções desconhecidas,
Idílios virginais
Como pombas que poisam doloridas
Nos vastos pinheirais... [214]

Interessante será, sem dúvida, observar o que disse a crítica portuguesa oitocentista sobre este livro. Se exceptuarmos as **Odes Modernas**, que provocaram uma grande tempestade na vida cultural portuguesa, não houve muitos livros que merecessem tantas e tão longas críticas (assinadas pelos vultos mais destacados da poesia e crítica coevas) como a **Lira Íntima**. Tal ocorrência ficaria a dever-se, na nossa opinião, não necessariamente à qualidade intrínseca do livro em si mesmo, mas sobretudo à persistência com que Araújo batia a todas as portas, encomendando insistentemente referências ao seu livro de

versos. Na qualidade de redactor principal de **A Renascença**, dispusera de um espaço de concitação de influências literárias e esse capital de conhecimentos foi-lhe precioso. Procedemos à inventariação da maior parte dessas críticas e analisá-las-emos de seguida com algum pormenor. Sobre a de João de Deus, já falámos em devido tempo, comentando que ele nada avançou de muito concreto sobre o texto poético araujuano. Já Antero de Quental a propósito da **Lira Íntima** escreveu uma longa recensão crítica, «A Poesia na Actualidade», que, depois, Araújo ajudaria a divulgar no Estrangeiro e haveria de servir de peça fundamental para a aferição do estado do pensamento poético português, se bem que não representasse o modo de pensar generalizado dos poetas lusos. Antero era vanguardista em todas as matérias em relação ao desenvolvimento intelectual dos homens da sua Geração. Esse estudo tornou-se mesmo um elemento de referência obrigatória em qualquer trabalho pela análise original que Antero fez da sua experiência poética pessoal e da dos seus contemporâneos, correlacionando-as com as principais questões de filosofia e de sociologia política do tempo. Logo no primeiro parágrafo, Antero inseriu aquela frase lapidar, que, depois, haveria de ser repetida em epígrafe ou no corpo dos textos, vezes sem conta, até à saturação: «*A fase poética da humanidade pode dizer-se que está a terminar. Este século terá visto os últimos poetas, como viu os últimos crentes. O espírito humano entrou decididamente numa fase de racionalismo, de análise crítica, que parece dever ser definitiva.*» [215]. Não foi definitiva como o provaram à saciedade os irracionalismos literários e religiosos do século XX. Antero falhou na dupla profecia. Mas, no que concerne ao livro de poemas de Araújo, o crítico açoriano foi mais objectivo do que João de Deus, que nada disse de substancial, para além de lhe reafirmar a adesão do seu gosto amigo. Para Antero, «*os versos do autor de* **Lira Íntima** *parecem representar menos mal a espécie de poesia, que poderá ainda subsistir dentro do estádio social e mental inteiramente moldado pela ciência e dominado*

pelo espírito de análise e pela reflexão. É uma poesia ao mesmo tempo juvenil e requintada, em que a comoção poética está mais no vago do que no profundo do sentimento. A imaginação é viva, mas move-se dentro de certos limites estreitos e como que tem a consciência dos seus limites. É ingénua e a sua comoção é verdadeira: e, todavia, nessa ingenuidade, sente-se o que quer que é estudado. Vê-se que ignora a realidade, mas parece ao mesmo tempo que essa ignorância é intencional.» [216]. Antero acentua deste modo a carga de subjectivismo buscado pelo poeta, não enquanto fuga ao real, mas como ascese, à cata do Sublime e do Absoluto, fora dos tempos e dos espaços de particularismos condicionantes. Deste texto fez Araújo um opúsculo (prática a que já nos tinha habituado como forma de satisfazer o seu prazer de bibliófilo e de poder compartilhá-lo com outros) e divulgou-o em Portugal e no Estrangeiro. Viria mesmo a ser o texto ensaístico de Antero mais conhecido e citado por lusófilos europeus pelo tom profético que assumia.

Teófilo Braga foi outro dos críticos a pronunciar-se sobre o livro de versos do seu pupilo e, positivista hostil que era para com os Idealismos oníricos, seria de prever que levantasse objecções àquele tipo de poesia egolátrica amorosa. Mas passou-se exactamente o contrário. Dir-se-ia que Teófilo deveria ter assinado a crítica de Antero e este a daquele. Porque Teófilo, situando-se nos terrenos que lhe eram propícios ou seja nos da poesia folclórica e popular, sublinha que Portugal é um país de poetas e que nenhum outro povo é mais rico em canções e romances heróicos do que o português, que tem ministros da fazenda como António de Serpa, empregados de alfândega como Eduardo Vidal, que foram poetas, apesar de viverem num meio social desfavorável ao surto de poesia. D. Pedro IV fazia sonetos e é possível encontrar versos dos políticos Latino Coelho, Casal Ribeiro e Andrade Corvo. É, segundo Teófilo, uma inclinação que vem dos tempos dos Cancioneiros medievais, que se mantém muito viva neste país, pouco dado às ciências, mas aberto ao sopro das modas literárias europeias *byronianas,*

satânicas, revolucionárias, místicas, parnasianas. Como Antero, também Teófilo se alonga demasiado no preâmbulo, pouco tendo dito em especial sobre a **Lira Íntima**. Para ele, este livro era «um idílio de uns saudáveis vinte anos, amor correspondido, sem catástrofes, sem tempestades, sem lutas morais, sem impossíveis, vibrando na corda extáctica da adoração.» [217]. Teófilo considera Araújo «*um hábil cinzelador do verso, enfim uma organização artística, que é uma boa promessa*», concluindo que se sente nos seus versos a influência da sua paixão poética por João de Deus e o esmero dos últimos parnasianos franceses, de que, segundo ele, eram representantes, em Portugal, Guerra Junqueiro e Jaime de Séguier [218]. A terminar, formulava votos de que Araújo não deslizasse para o nirvana místico em que talentos pujantes se afundaram. Era uma indirecta a Antero...

E o que terá dito Sampaio Bruno, o primeiro confidente literário de Araújo? Caindo na pecha comum daquele período em que a ciência crítica não estava suficientemente definida no seu objecto e nos seus métodos, Bruno socorre-se de Hegel, Vacherot e Pelletan para caracterizar a «atonia moral» do seu tempo e verificar a falacidade das profecias que vaticinavam a morte da poesia. Considera, por outro lado, que a poesia científica é uma aberração do espírito, pois tenta em vão conciliar a lógica fria e a paixão exacerbada. Ele continuava a acreditar no presente e no futuro da poesia lírica tal e qual se manifestara na **Lira Íntima**. Segundo ele, Araújo abstrai do mundo objectivo, não sendo por conseguinte possível servir-se das leituras de Taine para interpretar a sua mensagem de subjectivismo onírico que nutre cada poema. Como Teófilo, também Sampaio Bruno assinala, de passagem, o parnasianismo de Araújo: «*Pela nitidez das tintas que usa, o snr. Joaquim de Araújo faz recordar naturalmente os parnasianos franceses, pois possui como eles a delicadeza subtil, a incomparável serenidade, a imortal limpidez do traço.*» [219]. E remata com o seguinte vislumbre que hoje soa perfeitamente inadequado ao valor da mercadoria poética que quis perpetuar: «*o seu livro*

há-de ficar como uma das mais elegantes, das mais puras, das mais completas manifestações do moderno lirismo português, não só pela perfeição inexcedível da factura dos seus versos, pela originalidade viva e sentida da sua inspiração, pela graciosíssima delicadeza das suas imagens, como principalmente porque ele representa o nobre esforço, absolutamente coroado do êxito mais brilhante, para elevar a expressão do subjectivismo amoroso a um grau de abstracta idealidade, tão aérea e transcendental como essas virgens de cabelos loiros que nas iluminuras dos antigos missais olham o céu, penetradas, embebidas do eflúvio que descia dos grandes olhos profundos do Nazareno, a cujo culto se votavam, na inteira abnegação e no inteiro desinteresse.» [220].

Ainda sobre o seu primeiro livro de versos se pronunciou Mariano Pina, jornalista de renome, grande admirador da França, que soube ligar com muita pertinência este livro de versos ao projecto literário de **A Renascença**: «*O nome de Joaquim de Araújo andava há tempo ligado a uma importante publicação, a "Renascença", que saía no Porto. A importância que a "Renascença" teve entre nós explica a sua boa direcção, e nos dez fascículos saídos encontramos notáveis colaboradores que não se encontram em nenhumas outras revistas de Portugal.*» [221]. Demarcando a **Lira Íntima** do romantismo chorão, acentua que Araújo está «*longe dos vates piegas que passavam a existência toda na contemplação da sua 'Ela'.*» [222].

Oliveira Martins também quis dizer da sua justiça sobre os versos de Araújo. E salientou que ele cortara definitivamente com o «espiritualismo fantástico» dos lamartinianos e representava uma *renascença* do lirismo anterior ao Renascimento, de sabor medieval, agora revivificado: «*é como um regresso ao ingénuo estado mental dos poetas da idade-média, ao mesmo tempo naturalistas e místicos, de um modo espontâneo, sem filosofia.*» [223]. Araújo dissera exactamente o contrário, ou seja, que a Idade Média enquanto tempo e espaço de evasão onírica romântica não o inspiravam e na última estrofe do último

poema, «Filigranas», apresenta o seu trabalho poético «*Como uns restos do lavor / Das jóias da Renascença.*». Mas Oliveira Martins não deixa de ter alguma razão na sua análise. Frisa ainda a dívida de Araújo para com Campoamor, que a Espanha consagrara como expoente máximo do lirismo ibérico. Araújo era para ele o lídimo representante do lirismo novo, de cariz bernardiniano, traduzindo pelo seu tom melancólico o mundo vago e nebuloso da celticidade matricial dos portugueses.

Mas não se quedou por aqui o coro de elogios à **Lira Íntima**. José Augusto Vieira serve-se da expressão, já tão gasta no século XIX, «organização eminentemente artística», para caracterizar Joaquim de Araújo. Distingue no seu tempo dois tipos de poesia: *subjectiva* e *objectiva*, tendo por parâmetro fundamental a «*curva da positividade*» da filosofia comtiana, recusando os devaneios mórbidos do ultra-romantismo pálido e as formas teratológicas do impressionismo desmedido. Reconhece aos poetas o direito de escolha entre a poesia científica e o lirismo exuberante de sentimentos a jorro, desde que nenhum deles minta. Na **Lira Íntima**, dominava o segundo, assente num bucolismo panteísta e contemplativo. Não resistindo a comparar João de Deus com Joaquim de Araújo, esse crítico afirma: «Pode-se dizer que João de Deus tem o sorriso suave do filósofo que sente, e Joaquim de Araújo o sorriso cândido do artista que sente.» [224].

Jaime de Séguier, que privara muito de perto com Araújo, lhe ouvira recitar de cor quase todos os versos que integram a **Lira Íntima** e fora seu colaborador em **A Renascença**, salienta como os demais críticos, o onirismo melancólico de todos os seus poemas, que cantam enlevados o sentimento forte de um amor omnipresente. Entre todos, destaca «Minha Irmã», que também ele sabia de cor, e que, pela evocação biográfica que faz da morte da jovem Zara, irmã do poeta, se deve incluir num ciclo necrológico versando este tema, de que nos ocuparemos mais adiante. Na sua opinião, «tudo quanto a dor humana

pode exprimir de sofrimento, de angústia e religiosa saudade, tudo soluça naquelas quatro sublimes estrofes.» [225].

Júlio de Matos, mais empenhado na divulgação de filosofia positivista de Comte e de Littré do que em comentários ao lirismo de filtro subjectivista amoroso dos poetas seus contemporâneos, não resistiu, porém, à sedução da pessoa e da obra de Araújo. Seria de esperar uma crítica contundente contra aquela vaga de sensibilidade rendilhada, derramando-se em verso para cantar um amor vago, indefinido, sem nome de mulher, de contornos vaporosos, num quadro de uma natureza em simpatia com a alma irremediavelmente magoada do poeta. Não era radical o positivismo de Júlio de Matos, se bem que não escondesse a sua hostilidade contra os parnasianos. Sustentava ele: «não podemos já hoje *fazer amor da arte*, mas *arte por amor da humanidade* *; não pode o poeta metrificar velhos temas, como o ourives que faz custódias à maneira das que se fabricavam na idade média. *Proceder assim é cair no automatismo que nos torna alheios ao nosso tempo e ao nosso meio social, é persistir na teimosia clássica dos académicos de que tivemos um exemplo frisante em Castilho, o poeta que, em 1870, ainda ouvia cantar sob as olaias a cigarra de Anacreonte.»* * [226]. Na sua opinião, o poeta moderno ou se volta para as lutas sociais e se inspira nas conclusões da ciência ou então só lhe resta o cântico desse sentimento imperecível do amor. Entendia Júlio de Matos que Araújo se inclinou para a segunda alternativa, optando por um lirismo bucólico saudável, que brota em Bernardim Ribeiro e se reaviva em João de Deus.

De registar que num folhetim publicado em **O Penafidelense** (14/10/1881) se transcrevem críticas de Sérgio de Castro (Da **Correspondência de Coimbra**), em que este caracteriza Joaquim de Araújo como «um incansável trabalhador

---

* *O sublinhado é nosso.*

do ideal, que tanto valem estes trabalhadores como os que cansam na faina da indústria», como um «parnasiano perfeito», um «miniaturista» de essências e um «cinzelador correcto»; uma crítica de Teixeira Bastos (Da **Vanguarda**), para quem as poesias da **Lira Íntima** rivalizam com a superioridade artística das poesias de João de Deus; finalmente a crítica de Rodrigo Veloso, seu amigo da **Aurora do Cávado**, tão simpática quanto genérica.

Mas não foi apenas a crítica nacional que incensou o poeta da **Lira Íntima**. Em 1881, Leopoldo Alas, mais conhecido por Clarín, famoso autor de **La Regenta**, tece considerações importantes sobre a verdadeira autonomia da Literatura portuguesa, reconhecendo que ela merece a atenção dos espanhóis, não na mesma perspectiva de qualquer uma das suas várias literaturas *provinciais*, mas enquanto expressão de um povo independente e alma de uma nação com ideal próprio. Segundo ele, há na modernidade literária portuguesa um «*vigoroso espíritu de libre exámen, de modernas aspiraciones, de que están, por lo comun muy lejos nuestras literaturas provinciales, que apenas viven ya más que de galvanizar cadáveres, de recordar y remedar glorias muertas.*» [227]. Mas, se afirma a autonomia da Literatura portuguesa em geral, o seu juízo sobre a qualidade dessa mesma Literatura é desvalorativo e parcial. No seu entender, Portugal não teria nesse período estético nenhum poeta que se pudesse comparar a Campoamor e Nuñez de Arce, esquecendo João de Deus e Antero de Quental. Não hesita mesmo em classificar os poetas portugueses coevos como de «*segundo orden, sin duda; falta allí una originalidad profunda que el espíritu nacional solo pudiera dar; pero en lo que es seguir el movimiento general de la lírica europea, van más adelante que nosotros, y así se vé en alguns jovenes escritores trasuntos de la escuela* **plástica** *de Gautier, imitaciones inspiradas de Victor Hugo, y más de esto un sello especial, que es la nota que en estas poesias introduce la patria, un dejo de melancolía suave, dulcisimo, en rigor puramente*

portugés.» [228]. Especificamente sobre Araújo, Clarín opina que ele «*maneja la rima con soltura; escribe con elegancia; piensa e siente por cuenta propria, y en la imitación no es servil ni puramente formalista.»* [229]. Araújo soube, de facto, manter-se equidistante de Campoamor e de Gautier. Clarín tivera conhecimento das críticas de Antero e de Oliveira Martins à **Lira Íntima** e acrescenta que prefere a do historiador à do poeta dos **Sonetos**. Muito embora condene alguns passos a-poéticos daquele seu primeiro livro, no seu conjunto a referência a Araújo foi-lhe favorável e ajudou a lançar a sua imagem de poeta em Espanha. Doravante, Araújo não mais deixará de multiplicar esforços e concitar simpatias em ordem à promoção da sua pessoa, da sua poesia, sem nunca esquecer os grandes luminares da Literatura do seu país, cuja divulgação nacional e europeia continuará a ser o seu projecto prioritário.

Do poemeto **Luís de Camões**, já dissemos. Surgiu 6 anos depois de **Lira Íntima** e foi, em geral, muito bem aceite pelos camonianistas nacionais e estrangeiros. É um trabalho de paciente bricolagem histórico-literária, de uma *intertextualidade* bem conseguida, que faz passar com leveza e profundidade a mensagem camoniana nos seus dezoito sonetos de bom recorte rítmico, a enaltecer aquela figura patriarcal da Cultura portuguesa que metonimicamente representa. As evocações históricas mantêm, não obstante o seu estilo narrativo, frescura e graciosidade, porque o mito e a História se casam num perfeito himeneu.

Em 1888, Araújo, sempre atento à necrologia dos artistas do seu tempo, faz correr um novo opúsculo, **Poetas mortos**, que visava consagrar (**Consagrações** é o seu subtítulo) o génio de alguns grandes nomes de poetas que a morte viera ceifar na flor da juventude minada pela doença: Cesário Verde, Eduardo Coimbra, Gonçalves Crespo, Guilherme de Azevedo, Guilherme Braga e Pedro de Lima. A estrutura poética eleita foi, uma vez mais, o soneto, que ele manejava com bastante mestria. Era seu escopo retratar intelectualmente em cada um

desses sonetos aqueles poetas desaparecidos do número dos vivos e esboçar os traços fundamentais das suas poéticas. Teremos, porém, de reconhecer que, se, por um lado, essas evocações prestam relevante serviço em ordem ao conhecimento de algumas figuras literárias que deixaram apenas curtas amostras dos seus talentos em virtude de a morte os ter levado precocemente, por outro, o painel resulta quase sempre atípico e descolorido. O soneto a Cesário Verde que inaugura a galeria de retratos é um exemplo acabado dessa atipicidade. O que Araújo disse de Cesário Verde, poderia, se lhe mudasse o título, referenciá-lo a qualquer um dos outros poetas evocados. Atentemos para amostragem nos dois últimos tercetos:

Morreu sem ódios, expirou amando:
O olhar foi-se-lhe, aos poucos, apagando,
Sereno, adormeceu no eterno sono...

E entrou no seio dessa Mãe austera,
Que faz florir a verde primavera
Que regula as virações do outono... [230]

O apagar-se sereno perante a morte é um tópico que não caracteriza minimamente o poeta inconformado Cesário Verde e não inclui a menor referência ao papel de renovador da poesia que teve bem sucedidas incursões realistas. Quanto ao consagrado poeta das **Miniaturas** e dos **Nocturnos**, também Araújo não consegue pintar, nem fisionómica nem criticamente, o papel de Gonçalves Crespo, esse mestiço brasileiro cinzelador de versos de gosto bem parnasiano, em contacto com influências cruzadas de Gautier, Leconte de Lisle, Sully Prudhomme, Paul Verlaine, François Coppée e Herédia. O segundo terceto confirma a indefinição desajustada e descolorida da tela:

Caiu prostrado, qual herói antigo,
E vendo a campa, esse gelado abrigo,
Morreu sonhando, como os poetas morrem... [231]

O sema romântico da "campa" casa-se estranhamente com o último verso de musicalidade bem parnasiana.

Sobre Guilherme de Azevedo, também Araújo não conseguiu pinceladas poéticas adequadas ao seu perfil, embora refira o seu exílio"voluntário parisiense (onde morreu em 1882) e aluda à "alma nova," título da colectânea de poemas que o poeta das **Radiações da Noite** publicara em 1874. Nenhuma indicação demarcante do seu lamartinianismo inicial em **Aparições**, nenhum apontamento sobre a sua transição para a poesia hugoesca, nenhuma alusão ao seu baudelairianismo, decadentismo e satanismo.Vejamos o último terceto:

Vinde beijar, ó límpidas quimeras!
Na fronte onde esplendiam primaveras
A auréola fantástica dum monge! [232]

O símile do "monge", obsessivo em Araújo, quando aplicado a Guilherme de Azevedo, temperamento acre, que o converteu em cronista verrinoso na sátira política (de quem Clarín se confessava discípulo), revela que Araújo estava mais preocupado com a selecção eufónica dos lexemas do que com a fidelidade pictórica do seu esboço. Dessa galeria de retratados poeticamente, talvez possamos apontar como sendo artisticamente mais conseguido, por se ajustar melhor à sua figura, o de Guilherme Braga, que é animado por uma narratividade muito viva e por uma tensa dramaticidade, que traduzem a verdadeira combatividade deste fervoroso discípulo de Victor Hugo:

No chão coberto de "heras e violetas",
Achou a paz da sepultura amiga,
Como os rudes, os impávidos atletas,
Caiu lutando, no esplendor da briga.

Tinha o gesto severo dos profetas,
E o bálsamo que a mágoa nos mitiga,

E o sorriso divino dos ascetas,
E a intemerata lealdade antiga.

Estou a vê-lo: do seu Verbo ardente
O eco entusiástico e fremente
Levava de vencida as multidões...

Estou a vê-lo: na tribuna, ovante,
De olhos despedindo, já fulgurante,
Uma chuva de auroras e clarões... [233]

Pondo de parte o recurso constante à área semântica da vida religiosa e ascética, que manifesta uma das obsessões metafóricas e temáticas de Araújo, este soneto exprime com alguma fidelidade o apostolado social e profético do autor de **Heras e Violetas**.

O ciclo dos **Poetas Mortos** é encerrado com um soneto de natureza biográfica sobre o poeta de **Ocasos**, muito conceituado no seu tempo, que se estreara na **Grinalda**, em 1864. De novo, por falta de imaginação mais variada ou por estratégia parnasiana, recorre à vida monástica para chamar «sombrio monge dolorido» ao poeta Pedro de Lima, acentuando a sua infelicidade logo à nascença por ter sido enjeitado e as sequelas desse estigma durante toda a sua curta vida sem raízes, que o empurraram para a descrença na vida, depois de alguns promissores acenos de optimismo hugoano. Araújo faz-lhe ainda uma outra referência objectiva – a da loucura («Na densa noite da loucura imerso») [234], que fora, na opinião do poeta/crítico, o resultado final de uma luta sem tréguas na sua alma entre a Ciência e a Consciência.

Em suma, o labor poético desenvolvido por Araújo na consagração desta plêiade de poetas de grande perfeição formal que a foice cega da morte ceifara muito jovens, é, apesar das dificuldades intrínsecas do projecto evocativo necrológico, bastante positivo, até porque traduz a preocupação magna de

Araújo em difundir os valores literários nacionais, impedindo que a lousa do cemitério calasse vozes tão esmeradas de artistas que não poderiam morrer, porque o seu talento se inscreve num património colectivo vivo e vivificante que é a consciência cultural de um povo em diálogo com outros povos.

Em 1888, editou Araújo um novo livro de versos, **Ocidentais** [235], que não obteve o êxito assinalável da **Lira Íntima**. José Leite de Vasconcelos, autor de **Baladas do Ocidente**, publicadas em 1885, ao pronunciar-se sobre o título da colectânea de Araújo, afirma com justiça: «*o título do livro também o não vejo justificado.* ***Ocidentais*** *deviam ser versos inspirados em ideias e factos característicos do Ocidente. Desde o momento em que o sr. Araújo divagou à vontade da sua fantasia, devia escolher um título indeciso. As* ***Ocidentais*** *parecem-me inferiores à* ***Lira Íntima.***». E o famoso etnólogo da Ucanha prossegue: «*Eu não acredito nas palavras proféticas do distinto poeta e meu amigo / Antero de Quental /, mas tenho a firma convicção de que não seriam certamente livros, como os do sr. Joaquim* de *Araújo, que haviam de pôr obstáculo à morte da poesia.*» [236]. Também não tinha gostado dos **Poetas Mortos**, por achar que a caracterização dos mesmos era frouxa e anódina. O jornal **O Repórter**, fundado por Jaime de Séguier, dirigido por Oliveira Martins e secretariado por Fialho de Almeida, teceu comentários desfavoráveis a **Ocidentais** pela pena felina do autor de **Os Gatos**, zurzindo impiedosamente o seu autor: «As **Ocidentais**, por Joaquim de Araújo, compõem um volumezinho bem tarjado, da casa editora dos srs Lugan e C.a Genelioux: *amostra da anemia elegante, inerme e grácil, que caracteriza a poesia dos chamados parnasianos portugueses, bisnetos dos líricos, hoje mortos ou desterrados por essas costas de África da arte, chamadas repartições do Estado. Eu podia isentar-me de fazer mal às* ***Ocidentais*** *pela simples razão de que elas não fazem mal a ninguém. Se as ponho pois em ordem do dia, é para tomá-las como espécimen da* ***preciosidade*** *espartilhada, a que chegaram os nossos dias, os* ***jongleurs*** *da*

rima exótica, e do absoluto esgotamento, melomânico e piegas, que espapaça pelo Olimpo os belos e inúteis sonhadores que as gravuras antigas coroavam de loiro, exactamente como nós fazemos hoje aos arenques secos e aos presuntos de fiambre. Com toda a sua apatia, a sua tristura, os seus acessos de tosse romântica e da asma lírica, as ***Ocidentais*** *fazem-me o efeito de haverem sido escritas na Penitenciária, do fundo de qualquer daquelas gaiolas sem ar, e por um derreado que se esqueceu do campo, dos homens e da felicidade. Para persuadir não há nada como estar-se convencido, e o sr. poeta é em todos os assuntos da sua poesia, um indiferente. Venha o sr. Joaquim de Araújo para um regímen reconfortante, endureça essa carcaça com* ***douches e beefs*** *de cebolada, irrigue-me bem de sangue esse cerebelo, dê beliscões nas barqueiras lá da sua terra - faça ginástica, co'os diabos. A fim de que os seus desejos gritem, as suas risadas acordem, e a sua poesia enfim erga a cabeça murcha de cima dos pântanos somníferos em que está definhando a pobre engomadeira, a olhos vistos.»* [237]. Devemos confessar que ignoramos as razões que levaram Araújo a não pôr desta vez a funcionar a sua máquina publicitária de que se serviu para a **Lira Íntima** e que permitiu esta reviravolta na opinião crítica. É certo que tanto Leite de Vasconcelos como Fialho de Almeida foram redutores nas suas críticas. De facto, o título não é um guia de leitura numa época literária em que as normas assim o impunham. Ele não explicita nenhuma denotação geográfica ou antropológica. Divididas em "Arabescos" e "Contemplativas", não apresentam, como a **Lira Íntima,** um fio condutor na sua tessitura, dando antes a sensação de um mosaico constituído pela colagem de peças avulsas. O poema mais falado desta colectânea foi o já referido «Missal do Monge». Por uma carta de Araújo a Antero ficámos a saber que, na realidade, o poeta das **Ocidentais** fez parte de um grupo de meia dúzia de pessoas que tiveram acesso ao poema de Antero intitulado "Monge", por ele próprio destruído. Acusado de plágio, como já vimos, Araújo tenta defender-se: «No livro

Ocidentais, que eu recentemente publiquei, há uma poesia, o **Missal do monge**, cuja ideia-mãe um crítico insinuou que eu a empalmara ao meu amigo. Na opinião desse crítico a minha pobre composição reproduz o pensamento do seu poema, o **Monge**. Nunca me quis parecer que o seu **Monge** escultural servisse de modelo a uma composição como a minha, nem que o pálido esboço das forças vivas da Natureza, explodindo na Renascença e triunfando do quietismo e da imobilidade da Idade-Média, fosse o objectivo do seu quadro. No entanto, como pode ser que eu esteja enganado, peço ao meu amigo que, em nome da ideia sagrada da Verdade, me diga se isto assim é, autorizando-me a dar à sua resposta a publicidade que vou dar a esta carta. Creia-me, meu querido amigo, inalteravelmente seu. Joaquim de Araújo.» [238]. A resposta de Antero não se fez esperar e tentou arrumar o assunto: «Vila do Conde, 27 de Setembro. Meu caro Poeta. Surpreende-me a sua carta, quero dizer, o que nela me conta. É claro que não há relação alguma essencial entre a sua composição e a minha. São dois monges, nada mais. Em regra, hábito e mais partes, tenho-os por muito diferentes. Mas como teve o seu crítico conhecimento daqueles meus versos? Destruí-os, haverá sete anos, quase imediatamente depois de os ter escrito, e apenas os viram cinco ou seis pessoas, se tanto. Não se amofine, meu caro Poeta, com estas *espièglerie*s da crítica. Os seus versos são discutidos, o que prova que merecem ser lidos. Seu do coração. Antero de Quental.» [239]. Seja como for, a preferência sistemática de Araújo pela temática do monaquismo e o categórico desmentido de Antero desfazem a insinuação de Leite de Vasconcelos, embora este crítico continuasse a insistir no seu ponto de vista das afinidades entre os dois textos, achando a resposta de Antero vaga e inconcludente [240].

Atentemos agora na feitura dos poemas, que é, mais do que no seu livro de estreia, neo-romântica e parnasiana. Vejamos, a título de exemplo, o poema «As tuas cartas», que supomos ter como destinatário a poetisa Alice Moderno. Ele encerra com esta quadra do mais lânguido e tétrico romantismo:

Quando eu for, num caixão, desfalecido,
Só desejo que o meu testamenteiro
As coloque a meu lado, condoído...
Serão meu travesseiro... [241]

O mesmo tom cemiterial é visível no poema «Minha Irmã», que versa o tema do poeta chorando sobre o caixão e a cova de Zara, colhida nos alvores da vida. O soneto «A uma Artista» (a qual bem poderá ser Emília da Neves, que consubstanciou uma violenta paixão assolapada do poeta, como se poderá ver na confidência que ele faz em carta a João Penha) *, é uma peça de grande apuro estilístico parnasiano, com uma curiosa infiltração metalinguística, em que o poema fala de si próprio enquanto estrutura poética:

Nas suas mãos de mármore nevado,
Que Fídias não talhara,
Se viesse arrancá-las, inspirado,
A um bloco de Carrara,

Como um singelo preito iluminado
De admiração avara,
Deponho este soneto rendilhado,
Duma elegância rara.

A Arte, a grande Mãe, piedosa e austera,
Mergulhou-a na eterna primavera,
Imergiu-a nos filtros do luar,

---

* *Veja-se as cartas de Joaquim de Araújo a João Penha na Biblioteca Municipal de Braga. O poeta afiança que vai escrever dramas – ele que nunca enveredou pela arte dramática – só com o intento de se aproximar daquela famosa artista. A paixão foi tão fulminante quanto inconsequente, não tendo escrito qualquer peça.*

Banhou-lhe a alma em róseos universos,
E dá-lhe nestes meus quatorze versos
Uma camélia... para desfolhar. [242]

Pelo que as críticas de Leite de Vasconcelos e de Fialho de Almeida, denegridoras da poética das **Ocidentais**, hão-de ser lidas com reservas, dado que não analisam nem matizam, quedando-se por generalidades pouco pertinentes em termos de juízos estéticos globalizantes. Neste volume, acentua-se a tendência de Araújo para fazer dedicatórias a personalidades estrangeiras. O nome de Renan, cujo racionalismo bíblico estava nos antípodas do seu misticismo irracionalista, aparece aqui descontextuado, tendo-lhe sido dedicado o poema «No Calvário». Os restantes estrangeiros, destinatários primeiros desses poemas foram: Ferdinand Denis, Ad. de Ceuleneer, Gaston Paris, Richard F. Burton, Karl Von Reinhardstoëttner, Karl Goldbeck, Comte Th. de Puymaigre. Era uma forma de *captatio benevolentiae* por parte de Araújo, seduzindo-os para a tarefa da difusão europeia da Literatura portuguesa, a começar pela sua própria poesia.

Em 1891, publicou o poemeto **Na Morte de Antero**, que, não sendo uma obra-prima, correu o mundo pelo seu sentido da oportunidade necrológica e de intensidade dramática ao agarrar sobre o acontecimento a tragédia anteriana e deu um contributo de destaque na anterolatria nacional e internacional. Já a ele nos referimos atrás destacando a sua europeização.

O segundo livro mais famoso de Araújo foi o seu **Intermezzo** [243]. Ele não tinha da *tradução* um conceito diferente do da maior parte dos seus contemporâneos que a entendiam como exercício de *recriação* e de *recreação*, sobretudo nos domínios específicos da poesia e do teatro. O subtítulo diz desde logo que se tratava de "*Imitações* de H. Heine" e não de *traduções*, no sentido da adequabilidade e da fidelidade linguística que tal conceito hoje implica, sendo a obra original mais pretexto do que texto para a reescrita da mesma. E a crítica

alemã, muito longe de se irritar com essas versões livres, apreciava-as sobremaneira. Manuela Delille informa que essas *traduções-imitações* foram bem recebidas na Alemanha, particularmente por Karl Von Reinhardstoëttner [244], a quem Araújo dedicou o seu magífico soneto «D. Quijote» das **Ocidentais** [245], que, com muita originalidade, destaca a dimensão crística do herói manchego. Araújo integrava-se no grupo numeroso dos admiradores incondicionais de Heine, entre os quais se destacava o seu amigo Antero, que, na sua **Autobiografia** enviada a Storck, se proclamava «discípulo da Alemanha filosófica e poética» e «porta-estandarte da revolução germanística» em Portugal. Às suas **Primaveras românticas**, chamava ele «du Heine de deuxième qualité», considerando que o seu pampsiquismo era o resultado de um germanismo levedado na sensibilidade de um meridional. Ora, se a admiração anteriana pela Alemanha teve momentos de entusiasmo e de tibieza, por oposição ao modelo cultural francês mais racionalista e socializante, que marcou indelevelmente o seu pensamento, sobretudo pelo universalismo que transportava em si próprio, o caso de Joaquim de Araújo apresenta-se muito diverso. Primeiro, porque nunca foi um germanófilo confesso; segundo, porque, conhecendo muito rudimentarmente o alemão, só poderia ter acesso ao germanismo pelo filtro de traduções francesas. Quem ajudou realmente Araújo nesta imitação de Heine? Além de Carolina Michaëlis, já invocada, outras personalidades poderiam ter-lhe dado a mão. Entre elas, os seus colaboradores na **Renascença**, Joaquim de Vasconcelos, Adolfo Coelho, Francisco Adolfo Varhagen. Antero de Quental é apontado a dedo como tendo sido seu adjuvante, mas o seu contributo, como o afirma peremptoriamente Araújo, teria sido mínimo. Questão que nos parece de somenos importância, pois estamos convictos de que Araújo se deve ter servido sobretudo de uma tradução francesa. Ao cotejarmos a *tradução-imitação* de Araújo com a tradução francesa feita por Gérard de Nerval, encontrámos apenso à tradução um pequeno artigo de Téophile

Gautier (que conviveu com Henrich Heine), que ajuda a esclarecer esta vaga europeia de traduções de Heine feitas por poetas que de alemão nada sabiam: «*Nous ne savons pas l'allemand, il est vrai, et n'avons pu l'admirer qu'à travers la traduction; mais quel homme doit être celui qui, dénué du rythme, de la rime, de l'heureux arrangement des mots, de tout ce qui est le style enfin, produit encore des effets si magiques! - Heine est le plus grand lyrique de l'Allemagne, et sa place naturellement à côté de Goethe et de Schiller; tel il nous apparaît, bien que la póesie traduite en prose ne soit que* ***du clair de lune empaillé****, comme il le dit lui-même.*» [246]. Já na lista das obras do autor, Araújo anunciara nas **Ocidentais** um novo volume intitulado **Ecos do Intermezzo de Heine** (obra que não conseguimos encontrar e supomos ser mais uma das suas informações que tomavam por realizado aquilo que ele desejaria realizar, a menos que se tenha tratado de um dos seus inúmeros opúsculos), mas que, em virtude de qualquer imprevisto, não passaram de projecto. Mas ainda bem que anunciou como obra publicada o que nunca chegou a ser mais do que um esboço com nome já escolhido. Ainda bem, frisamos, porque esse título seria o mais adequado para a sua versão do **Intermezzo,** editado em 1891. Araújo imitou 39 números (mais o epílogo) do original alemão, que contém 65 composições (a tradução em prosa de Gérard de Nerval regista apenas 58), mais o prelúdio e o epílogo. Nerval preferira a tradução em prosa; Araújo prefere a imitação livre em verso rimado. A partir do número XI, Araújo deixa de seguir a numeração da versão nervaliana, saltando-a a seu bel-prazer. Para termos uma ideia de quanto Araújo se afasta linguisticamente do texto de Nerval, cotejaremos apenas duas passagens:

> «*Quando eu fito os teus olhos namorados,*
> *Sinto um raio de luz no meu destino,*
> *E se aspiro o teu hálito divino,*
> *Fico alegre e sem sombra de cuidados.*» [247]

* * *

«Quand je vois tes yeux et j'oublie mon mal et ma douleur, et quand je baise ta bouche, je me sens guéri tout à fait.» [248]

As diferenças são notórias. Araújo pende para um estilo neo-romântico, transfigurando tudo pela metáfora e desfazendo a carga de sensualidade que transporta o texto de Nerval. Este gosto de Araújo por Heine pode-lhe ter vindo do tempo em que Gonçalves Crespo vertera para português o n. XXXIII de **Intermezzo**, com o título de «Número do Intermezzo - Heine», na sua revista **A Harpa**, em 1873. O que se pode constatar pelo grande número de testemunhos abonatórios é que a sua "*imitação*" foi muito bem aceite, porque correspondia ao horizonte expectacional do público português, na medida em que o sentimentalismo heiniano se adaptava perfeitamente à alma lusa. De Heine disse Gautier que nunca algum poeta combinou em si mesmo tantas facetas da psicologia humana: «il était à la fois gai et triste, ceptique et croyant, tendre et cruel, sentimental et persifleur, classique et romantique, Allemand et Français, délicat et cynique, enthousiaste et plein de sang froid; tout excepté ennuyeux. À la plastique grecque la plus pure il joignait le sens moderne le plus exquis.» [249]. Mas se a "imitação" heiniana de Araújo mereceu grandes elogios da crítica, não conquistou a adesão total da mesma como acontecera com a **Lira Íntima**. Manuel Barradas fez uma recensão deste livro na revista **Ocidente** [250] e nem sequer se pronuncia sobre a qualidade da "tradução" ou da "imitação"- o que prova que essa problemática era uma questão menor no séc. XIX como, aliás, nos séculos precedentes. O crítico limita-se a analisar as quarenta poesias, sem qualquer preocupação comparatista, afirmando que elas suavizam e dulcificam o espírito nos momentos de amargura histórica que o seu país atravessava (referia-se à depressão

colectiva do povo português atingido pelo despudor do Ultimatum Inglês), acentuando que os versos de Heine parecem ser filhos da sensibilidade lusa. De facto, Araújo alistou-se na corrente europeia de admiração por Heine, mas filtrou-o fazendo-o passar pelos registos da sua pópria concepção poética, servida por uma imaginação desabrida na área específica do amor/afecto.

Oliveira Martins, por sua vez, nem se apercebeu que se trataria de uma *tradução* em sentido muito lato, tomando o livro como resultado de uma influência cruzada de Nerval e de Heine - o que até nem deixa de ser exacto. Em carta a Joaquim de Araújo, diz-lhe: «*O seu* ***Intermezzo*** *agradou-me muito: há nos seus versos o quer que é de indefinido e nebuloso que lhe dá uma originalidade particular. Leu decerto Nerval e Heine: parece-me que são os seus mestres e que essa é a veia que deve explorar.*» [251]. Para se poder aquilatar do trabalho realizado por Araújo sobre o texto de Heine (em leitura mais ou menos directa ou simplesmente indirecta, tanto monta), comparemos uma segunda passagem da tradução de Nerval com o texto poético araujuano:

Je voudrais plonger mon âme dans le calice d'un lis blanc; le lis blanc doit alors soupirer pour ma bien-aimée.

La chanson doit trembler et frisonner comme le baiser que m'ont donné autrefois ses lèvres dans une heure mystérieuse et tendre.» [252]

* * *

«*Pudesse eu abrigar minh'alma, e fosse*
Dum lírio branco no mimoso seio:
Uma canção ele gemera doce
à bem amada por quem eu anseio.

E a canção tremeria de dolente,
Como da bela os lábios matinais
Tremeram, ao beijar-me brandamente,
Em certa hora ... que não volta mais. [253]

Expressões como «mimoso seio», «lábios matinais», «bela» (na sua forma substantiva), percorrem todos os livros de poesia amorosa de Araújo e dão à sua versão uma fisionomia poética muito própria. Ele nem teria precisado de se socorrer de traduções estrangeiras para a sua recriação de **Intermezzo**. Como bibliófilo que era, conheceria sobejamente **Horas de Amor e Horas de Desengano - Imitação,** de António Pedro Lopes de Mendonça, que, por sua vez, terá seguido, na opinião abalizada de Manuela Delille, a tradução em prosa de Nerval. Igualmente conheceria a tradução de Joaquim de Almeida da Cunha, publicada em 1862 na Imprensa Literária de Coimbra, sob o título **Intermezzo - Poema de H. Heine**, decalcada sob a de Gérard de Nerval [254], e com 58 estâncias, acrescidas de uma conclusão/epílogo [255]. Poderia ter-se servido ainda de outras versões parcelares cujo levantamento exaustivo foi já feito pela reputada investigadora coimbrã [256]. A tradução de Araújo afasta-se imenso da de Nerval. Relembremos que este último traduziu o **Fausto**, porque era um germanista de mérito, mas Castilho meteu ombros à tradução da mesma obra, sem saber alemão - o que lhe mereceu severas críticas de Joaquim de Vasconcelos, Graça Barreto e Adolfo Coelho, originando em 1872 uma polémica em que Camilo e vários admiradores do seu "pontificado das Letras" o defenderam, numa espécie de rescaldo da *Questão Coimbrã* de 1865. Araújo conhecia todas essas questões, mas não se incomodava e o seu **Intermezzo**, despido de toda a ironia tonificante do poeta alemão, é um emocionante poema ao "eterno feminino". I. de P. considera numa crítica inserta na **Nova Alvorada** [257] que os seus versos são «*ora duma nostalgia de poente que morre, ora duma frescura cantante de palrar de água, muito superiores aos da tradução de Gonçalves Crespo, mais artificioso e menos espontâneo no derramamento lírico.*».

Göran Björkman, o sueco que foi o melhor interlocutor europeu de Araújo, entendeu melhor do que ninguém este trabalho poético do **Intermezzo** e em carta ao seu amigo

escreve: «Vous avez traduit Heine, celui qui avec Nietzsche est le moins germanique des génies allemands – aussi il ne faut pas oublier son extraction juive - . Eh bien, le titre de votre volume gracieux a ce double sens, n'est-ce pas, d'être à la fois traduction du titre de l'original et la promesse de ce que cette tâche ne vous a été qu'un jeu, une recréation, un exercice de concentration poétique – ce signe d'un vrai sens d'artiste (justement une des qualités d'Antero) - et que votre Muse a d'autres visées supérieures à cette poésie subjective et autobiographique sur laquelle dès longtemps je suis de l'avis d'Antero(cf. **A poesia na actualidade**, pag. 12 et suivs.)?».

Outro texto poético de Araújo muito estimado e divulgado na Europa foi **A Estátua do Poeta** [258]. Pelo seu sopro épico e patriótico consubstanciou, com grande elevação moral, o paradigma da reacção da inteligência portuguesa da época contra a violência política do Ultimatum na amputação do Império, de que Camões fora a figura histórico-mítica. Na sua ânsia de divulgação da Cultura portuguesa, Araújo fez com que este poemeto fosse traduzido até em línguas de menor alcance como o provençal.

O seu livro **Flores da Noite – Versos**, 1894, abre com um poema-dedicatória a Maria Moderno:

Mandaste-me um abraço,
Amor dos meus amores!
Pois eu transponho o espaço,
E poiso em teu regaço...
Flores...

A quintilha está datada de 11 de Agosto de 94 e a dedicatória baralha um pouco os dados biográficos sobre o amores de Araújo, de que não nos ocupamos neste estudo, mas que assinalamos, de passagem. A sua paixão declarada em muitas das suas cartas era Alice Moderno, poetisa, romancista e jornalista, directora do **Jornal de Anúncios,** de Ponta

Delgada, a quem dedica o soneto «Colombo e Isabel» (pp. 67--68) e o soneto «Ouro sobre Azul» (pp 121-122), agradecendo--lhe neste último a oferta do seu livro **Aspirações**. Araújo elogia os poemas e, não se contendo, remata a chave de oiro com um verso único em todo o seu estro: «Uma Alice *mignonne... e* moderníssima». O epíteto francês vinha a calhar para uma poetisa nascida em França e francófona. Os poemas «Madrigal», «Na janela oriental», «Fria», «Romanza», «Conversando», «Cheia de graça», que constituem um pequeno ciclo poético escrito em São Miguel, têm igualmente Alice Moderno por tema e/ou destinatário. Só o poema de 4 estrofes «Contrastes» (pp. 135-136), escrito na Ilha de Santa Maria, reflecte a cor local, com o oceano a "salmear", as escarpas violentas, as crateras, para concluir com a solidão do poeta que vê em todos aqueles sinais de uma terra vulcânica um quadro dantesco. Pelo que a leitura desta aparente declaração de amor à irmã de Alice, a Maria Moderno, pode indiciar uma inflexão na melíflua paixão deste artista de muitos amores, todos eles cantados, decantados e desencantados. O livro de Maria da Conceição Vilhena, **Alice Moderno - a mulher e a obra** (Angra do Heroísmo, 1987) fornece dados bibliográficos excelentes para entendimento da personalidade amorosa de Araújo e de Alice Moderno.

Como acontecera já com as **Ocidentais**, também as **Flores da Noite** não apresentam qualquer unidade temática, não passando na sua maior parte de uma justaposição de poemas de circunstância, a que a dedicatória dava o tom. Nem unidade temática, nem unidade de interesse. Mas por quê o título **Flores da Noite**? Araújo tinha nessa altura 36 anos, pelo que a "noite" só poderia ser da alma. A menos que se queira ver (o que não achamos necessariamente obrigatório) alguma discreta vibração das baudelairianas **Fleurs du mal**, de 1857, sucessivamente retocadas. Araújo sempre cantara antes a luminosa primavera atlântica, pelo que alguma pertinência terá de haver na escolha deste título. Não pensamos que possa ter querido indiciar qualquer tendência de débil satanismo. Germano Meireles tinha

razão quando definiu nos seguintes termos os satânicos portugueses: «os nossos satânicos são umas pombas e poupas sem fel nem crueza que tentam ajeitar-se em aves de carnificina e sangueira.» [259]. Araújo estava a léguas de qualquer aproximação ao satanismo na moda. Na realidade, nenhum baudelairianismo se enxerga nas suas elocubrações poéticas, mais filhas do sol e do luar do que da noite que entenebrece a alma e do *spleen* que a arruina. Muito embora o segundo poema tenha por título «Blasfémia sentimental» (pp. 13-14), o poeta, na intensidade do seu afecto à mulher amada, associa-a no seu idealismo à figura desaparecida da sua própria mãe, retirando-lhe qualquer conotação de esconjura ou maldição satânica:

Fitando pálido o luar bendito
Dos teus olhos leais, eu morreria,
Como Cristo dulcíssimo e contrito,
De olhos postos no vulto de Maria.

A bênção do luar coado dos românticos neutraliza desde logo todo e qualquer assomo de revolta de um poeta congraçado com o amor apolíneo. Não há, portanto, nas **Flores da Noite** nenhuma ousadia temática e métrica relativamente aos seus outros volumes de poesia; encontramos sempre os mesmos traços de um romantismo bem interiorizado pela sua aguda sensibilidade, bem patente no poema «Pudorina», dedicado ao lusófilo Maxime Formont:

À cabeceira do seu leito airoso,
Chorava um Cristo, - cismador etéreo,
Nos olhos tristes um fulgor sidéreo,
À flor dos lábios um sorriso untuoso... [260]

Um livro com todos estes ingredientes poéticos bem poderia chamar-se com um pouco mais de rigor: "*Flores do luar*". O poeta não muda de tom, quando convoca os seus

confrades para chorarem elegiacamente a morte de António Fogaça, occorrida em Coimbra, em 1888, muito jovem ainda, um ano após a publicação dos **Versos da Mocidade:**

Chovam lágrimas do céu
Na triste cova que te encerra!
Sejam um bâlsamo na terra,
Em que o teu corpo se escondeu.
/... /
Poetas! vinde ao vosso irmão
Dar-lhe a suprema despedida!
Soltai a prece mais sentida.
Do vosso ardente coração!
/.../
Lírio não há, que não tisne
Da morte à luz crepuscular...
Mas tu morreste como o cisne,
Que fica exânime a cantar... [261]

Araújo também não encontra, apesar da sua coloquialidade, uma solução poética inovadora para a elegia sobre Hamílton de Araújo, que morrera tuberculoso no Porto, em 1888, e em cujos versos reunidos no livro **Canções de um boémio**, um ano depois, há um trágico pressentimento da ameaça da morte inevitável:

Choram as rolas entre o feno...
Onde é que vais nesse caixão
Que até pareces mais pequeno?
- Onde é que vais, de olhar sereno,
Como o celeste Nazareno,
Na sexta-feira da Paixão?!
..... [262]

Mais medíocre é a quadra, de 1889, escrita para o túmulo de Xavier Pinheiro, tradutor brasileiro de Dante:

Não ficaste a dormir, na gélida morada,
Sob a guarda amorosa e triste dessa cruz...
Disseste-nos adeus! seguindo pela estrada
Da eterna evolução das almas para a Luz! [263]

Como Hamílton, também Joaquim de Araújo imagina um «Requiem» para o seu enterro, abandonado pela mulher amada e pelos amigos, frente ao coveiro carrasco, enquanto se ouvirá um coro funéreo das estrelas que os seus versos de juventude sempre cantaram. A solidão só não será absoluta, porque:

Dois amigos ou três, leais rapazes! –
Cobrirão de violetas e lilases,
Essa urna dos sonhos meus dispersos.[264]

Araújo repete-se excessivamente na morfologia e na sintaxe e **Flores da Noite,** resultante de uma colagem de poemas dispersos, em nada veio enriquecer o seu acervo poético já cimentado nos seus primeiros livros. O que encontramos nele é ainda e sempre o nome de várias personalidades estrangeiras, a quem dedica alguns dos poemas deste seu ramalhete: Maxime Formont, Rafael Altamira, Edgar Prestage, Campoamor (de quem traduz em Ponta Delgada «Dois medos», em 1893), Göran Björkman, Maria P. Chitiu, M.me de Artzen, Tommaso Cannizzaro. Este último verteu para italiano um poema de Araújo, «Caminho Andado» (pp. 81-84), um dos espécimenes poéticos mais interessantes desta colectânea. Porque é muito longo, transcrevemos apenas a primeira estrofe da versão lusa e da sua correspondente italiana:

«Ombro com ombro, filha, percorramos
A pradaria em flor:
Dos laranjais agita-se nos ramos
Um cântico de amor...» (p. 81)

«Fanciulla, al braccio stretti percorriamo
i prati freschi in fior,
dei verdi aranci odo tra ramo e ramo
un cantico d'amor...» (p. 85)

Araújo, por seu turno, quis corresponder à gentileza do lusófilo italiano e brindou-o com o soneto «A Tommaso Cannizzaro», a quem chama «Poeta do Amor e do Resgate» e «Meu mestre, meu amigo e meu irmão!» (pp.137-138).

A obra poética de Araújo enriqueceu-se com o opúsculo **A Canção do Berço**, que teve bastantes edições, sendo a quarta em Harvard, na Califórnia, em 1897, e a sétima no Cairo, em 1905. A revista **O Ocidente** noticiou a ocorrência, considerando esse poema como «uma jóia literária das mais finas» [265] merecedora da admiração de todos os portugueses. Quanto à edição feita no Egipto, A. de Faria, explica: «achando-me no Egipto, reimprimi em sétima edição este poemeto de Joaquim de Araújo, meu colega, que tanta aceitação tem tido de nacionais e estranhos, tendo sido impresso em Portugal, Itália, Estados Unidos da América, além da precedente edição ter sido estampada na Índia Portuguesa. Este poemeto inspirou uma deliciosa música do açoriano Francisco de Lacerda. A presente edição fica como um documento da minha estada neste país - na doce harmonia que me vem da pátria distante. Cairo, 26 de Fevereiro de 1905.» [266]. Sousa Martins, a quem Araújo dedicou o soneto «Dea Admirabilis», escrito no alto mar, de regresso dos Açores, agradeceu em carta a oferta da **Canção do Berço**. Ele opinava, contrariando Sá de Miranda, que as Musas fazem mal aos doutores e que se tornava imperativa a necessidade de separação da ciência e da poesia. Afirma-lhe, todavia, que lera várias vezes aquela canção, pois era muito sensível a todas as manifestações do Belo. «De todas as artes, dizia ele, a Palavra é que mais me encanta, talvez por ser a única humana.». E acrescenta: «Sou mais sensível ao metro da *sílaba* do que ao da *nota*. Perdoo com mais indulgência o erro da *linha* do que o da *letra*. Bons

versos dão-me sempre ares de pensamentos cristalizados. Os maus fazem-me o efeito de trovoadas de sílabas, quando ao menos são sonoros; se nem isso, parecem-me serradura de palavras...» [267]. Justificando o seu apreço por aquela canção de Araújo, o autor de "Nosografia de Antero" compara-a com a flor alpina *Eldweiss*, que os namorados suíços se oferecem como símbolo do amor. Pergunta a Araújo se conhece essa flor helvética e explica: «É alvíssima como a neve junto da qual brota; é setinosa, como as mãos das raparigas a quem é destinada; é casta como as virgens para quem se diria que a natureza a fabricou, exclusivamente; é *verdadeira*, porque está em harmonia com o meio em que viva.» [268]. O clínico positivista, que se considerava «*profaníssimo*» em questões de poética, envereda assim por uma leitura eminentemente romântica da **Canção do Berço,** a obra-prima de Araújo, hoje também caída no olvido. É composta de 16 dísticos de onze sílabas e pelo seu ritmo faz pensar em alguns dos melhores poemas aos simples de Guerra Junqueiro. De uma comovente ternura e simplicidade, mistura harmoniosa da vida rural e de vivência religiosa, servida por um encadeamento dialogístico bem ritmado, a **Canção do Berço** é, pela sua unção bíblica e pela sua ternura maternal, o texto poético mais fino saído da pena de Araújo. Difícil de encontrar, justifica-se aqui a sua transcrição integral:

Vem Nossa Senhora, numa jumentinha;
Caminha, caminha, caminha.

Traz o Filho amado ternamente ao colo,
Como um luminoso, lirial consolo!

Canta a cotovia! canta o rouxinol!
Os semeadores mourejam ao sol.

– Que andais semeando, nesse solo amigo?
– Nós, Senhora Nossa! – semeamos trigo.

E a Virgem Maria, no seio da Graça,
– Respondeu sorrindo: – Que o trigo vos nasça!

E seguiu avante, – misteriosa arvéola,
Cor de arco-íris a divina auréola...

E seguiu contente: mais além, havia
Novas sementeiras, e a Virgem Maria,

Com seu Filho amado ternamente ao colo,
Como um luminoso, lirial consolo,

Levantando os olhos do seu doce abrigo:
– Que andais semeando, nesse solo amigo?

Uma voz responde, sacudida e breve:
– Semeamos pedras, que é ofício leve!

E a Virgem, chorando da brutal dureza,
– Pois pedras vos nasçam, disse com tristeza.

E sumiu-se, ao longe, sem soltar um ai,
Como pomba branca, que ferida vai...

Mas no outro dia, - bem o quis a sorte! –
Fora o chão tocado pela mão da Morte...

Tudo pedregulho, – desolada mágoa! –
Olivais mirrados, nem um veio de água.

E o primeiro campo, n'um trigal florido,
Repentinamente, fora convertido,

Mal vinha rompendo, no horizonte a aurora...
Foi Nossa Senhora! foi Nossa Senhora! [269]

E, para abarcarmos a totalidade da obra poética araujuana editada em volume ou opúsculo, não tomando em conta os seus poemas semeados como o trigo da **Canção do Berço** por jornais, gazetas e revistas nacionais e estrangeiras que não constam de nenhuma dessas publicações, mas que não alteram o juízo global sobre a poesia de Araújo, analisemos as suas **Visões do Quixote – No Centenário Cervantino de 1905**, editadas em Génova em 1909 e dedicadas ao lusófilo italiano Arturo Farinelli. É um *poemeto*, género em que Araújo já tinha dado sobejas provas, e está dividido em estâncias com estrutura formal muito irregular, em verso alexandrino. Fundindo diacronia e sincronia no mesmo impulso poético visionário, coloca Ruy Diaz de Bivar, O Campeador, no caminho de D. Quijote que regressa «semi-quebrado o escudo e a lança denegrida» (p. 5). O Campeador amaldiçoa o fidalgo visionário por deslustrar os seus feitos ao não ser capaz de vencer definitivamente os seus inimigos e ao aceitar a seu lado o nédio e acomodatício Sancho Pança. Joaquim de Araújo faz uma evocação cheia de dinamismo poético, porque consegue transmitir com muita dramaticidade o contraste daquela famosa parelha cervantina, que simboliza de modo genial a luta constante entre o ideal e o real, o desejável e o possível, a grandeza e a miséria no fluir da existência humana, individual e colectiva. É de sublinhar que o *poemeto*, como a *anti-novela* de Cervantes, está repassado de humor e de pitoresco, coisa rara de se ver na obra araujuana, em que o sorriso nunca explodiu numa gargalhada terapêutica, como pretendia Fialho de Almeida, atrás evocado. Um exemplo apenas desse longo *poemeto*, em que Araújo faz ouvir mais a voz de Sancho do que de D. Quijote:

«– Meu Senhor, rebento de cansaço...
Que soberbo melão, ali, naquele espaço,
Entre árvores, à sombra idílica e serena,
Sem grandes aflições, que já não vale a pena,
Se pode merendar, agora, num remanso!

Que pêssegos, ó Deus! que poema, que «ripanço»,
Para a gente compor o estômago faminto!
(Ó filho de meu pai! bem sabes que não minto:
Em questão de comer, acho satisfatório
Um pomar, se está longe o amado refeitório...)
É de tentar um santo, o mais intransigente,
Que tenha paladar e hábitos de gente!» (pp. 8-9).

Não conseguindo provocar com o seu pantagruélico apetite a fala do introspectivo e solitário Amo, prossegue em defesa do ideal doméstico, tranquilamente digestivo e ensonado:

«– Grandezas colossais, domínio, omnipotência,
Dão à alma ilusões e calos à paciência,
E eu prefiro estalar castanhas num magusto
A entrar em Roma, como entrou César Augusto.
/.../
Onde há glória banal de impávidos magnates
Que valha uma galinha, assada, com tomates,
E um copo de Xerês, correndo na garganta,
Como o orvalho do céu na haste duma planta?
O mar bate de encontro às rochas de granito?
Que bata... Cá, por mim como-lhe o peixe... frito,
E deixo-o em convulsões, no trágico remoinho...
Não me cabe ligar-lhe as rédeas ao focinho.
O dilema fatal de toda a criatura
É ser original ou ser caricatura...» (p. 10)

O quixotesco Araújo surpreendeu-nos com este retrato rabelaisano do anafado Sancho que domina praticamente todo o *poemeto*, em que foge a todo o léxico convencional e enfadonho dos seus anteriores livros, num lampejo de muita graça e mordacidade. Mas, talvez para não renegar o seu estilo, Araújo encerra o poemeto com estes quatro versos que o situam de novo no seu terreno poético favorito num quadro de natureza,

convencionalmente aromatizada e virgem, contracenando com a pose extática do Fidalgo:

Coava-se, através das verdes oliveiras,
O aroma virginal do canto das ceifeiras,
E, entre as sebes em flor, tingiam-se as amoras...
E o Rocinante abria os olhos, como auroras... (p.13).

2.1. O Crítico literário

Já nos referimos sucintamente aos quadros sinópticos de História Literária e às resenhas críticas que Joaquim de Araújo publicou em **A Renascença**, nos quais não revelou grande sagacidade, porque se limitou a reestruturar velhos lugares comuns, sobretudo no que diz respeito à génese e desenvolvimento da **Geração Coimbrã**, prolongada, matizada e enriquecida em 1870/1871, com o **Cenáculo** e as **Conferências Democráticas do Casino**. Faltava a Araújo o fôlego crítico para uma demorada observação das obras e para a sua integração sincrónica e diacrónica. Mais uma vez afirmamos que o seu papel foi relevantíssimo, não enquanto crítico, mas enquanto incentivador e agente cultural, que estimulou a criatividade de muitos escritores, atraindo-os para o espaço gráfico das suas revistas e sabendo respeitar nas várias correntes que representavam a especificidade original de cada um, essenciais para um património nacional em permanente enriquecimento do seu poliédrico processo cultural. Tendo adquirido muito prestígio na opinião pública, uma que por outra vez foi solicitado para a ingrata tarefa de prefaciar livros. Prefaciou os **Dispersos**, de Eduardo Coimbra, poeta boémio portuense, membro do cenáculo **Mocidade de Hoje**, que morreu aos vinte anos, na aurora de um futuro poético que se malogrou. Caindo na pecha habitual da crítica de então, Araújo não faz uma análise imanente da obra daquele poeta que considerava como alma gémea da sua, espraiando-se e perdendo de vista a obra em largas reflexões

históricas sobre as matrizes do lirismo nacional que o fazem remontar aos Cancioneiros galaico-portugueses, passando pela écloga **Crisfal** e pela **Menina e Moça**, pelas profecias de Bandarra e pela Religiosa Portuguesa, para desaguar no incontornável João de Deus. Um traço comum de lirismo, tecido de saudades amorosas com alguma propensão masoquista, une e reúne diacronicamente estes tempos de manifestação dolorosa da alma portuguesa. Sobre os poemas de Eduardo Coimbra, pouco diz: «Prezo sobremodo o autor deste delicado livro, para vir celebrar em foguetório de encomenda, os ubérrimos dezasseis anos, que se desatam em flores de semelhante viço; e visto que ele exigiu que fosse eu a admirar os seus formosos versos, ora de uma puríssima inspiração, ora, mais raro, modelados no parnasianismo que rege as modernas colmeias, eu quis dizer-lhe sinceramente quanto o seu livro me feriu.» [270]. Araújo afirma peremptoriamente discordar de Antero de Quental, o qual sustentava que a poesia do século XIX seria mais uma poesia de *inteligência* do que uma poesia de *coração*. Tal vaticínio não se verificou, a não ser em alguns parnasianos puros, tendo os poetas meridionais fugido a essa previsão de Goethe e de Antero, pois surgiu em toda a Europa a obra colossal de Lamartine,Victor Hugo, Musset, Leopardi, Zorrilla e Espronceda. Araújo opõe-se também à ideia de que a poesia tendia a desaparecer numa sociedade positivista industrializada, embora reconheça que as novas condições sociais não lhe permitiam já desempenhar a função mítica das antigas epopeias. Vai até mais longe ao considerar que a poesia é no seu tempo uma força vital quando incarna em poetas como Antero de Quental, «*que nos seus sonetos realiza admiráveis sínteses shakespearianas, descendo a perscrutar o recesso da alma humana, e fundindo prodigosas criações, que no futuro serão estudadas como as do bárbaro e divino inglês.*» [271].

Araújo prefaciou ainda o livro de versos de Alfredo Alves, **Folhas d'Hera,** em 1886. Trata-se de um poeta hoje perfeitamente ignorado, pois o seu nome nem sequer consta do

Dicionário de Literatura de Jacinto do Prado Coelho. Desta feita, Araújo não se perdeu nos meandros históricos, centrando-se no texto, tecendo elevados elogios ao autor: «Reli as **Folhas de Hera**, há pouco, já depois de impresso o volume, que as compendia, e de par com os formosos contos da **Visão antiga** e da **Indiscrição**, puras telas de um parnasianismo meridional, encantaram-me – encantaram-me é o termo – as pequenas molduras históricas, a que o sr. Alfredo Alves deu vida, em nítidos cenários de tercetos. Encantaram-me, sem que todavia o *género* me comova, sequer mediocremente. Mas é que nos quadros-miniaturas do sr. Alfredo Alves há traços, que dão por vezes a medida de uma firme compreensão do carácter de personagens, sobre os quais a História imprimiu já o seu juízo inabalável. O grito de D. João II, por exemplo, conhece-se que vem do fundo d'alma despedaçada: **quer seu filho**, sôfrego, à semelhança do Espectro, no **Dziady** , de Mickiewicz, quando pedia uma gota de água. A imprecação do monge de Alcobaça, o sorriso de Richelieu, ao ver assomar o vulto estremecido de Marion, têm, por igual, realidade e vida.» [272]. Passando da galeria de poesias de evocação histórica às de eflúvio amoroso, Araújo destaca «A minha janela», pela sua melancolia mórbida e pelo seu tom vago, que as marcas de parnasianismo discreto não neutralizam. E pergunta: «*pois não é verdade que o fundo poético resistiu reagindo, e que os passos miudinhos e doces da avezita recordam, ainda que vagamente, o modo quase sempre tão triste do melancólico irónico do* ***Intermezzo lírico*** *e do* **Livro de Lázaro**?» [273]. Araújo sustentava que Heine desmentira Goethe e se convertera em modelo de poetas hesitantes entre o romantismo e o parnasianismo. Mostrando-se muito actualizado sobre as correntes poéticas do seu tempo e dizendo sempre ter relutância pelo termo *escola*, emite, apesar de tudo, sobre o autor de **Folhas d'Hera** o seguinte juízo integrador: «*Nota-se que hesita em seguir um rumo; vê de face Coppée e Gonçalves Crespo, avista no alto, coroado de estrelas, João de Deus, o grande Mestre, e as suas tendências são*

disputadas entre a legião de poetas de Alphonse Lemerre e a influência maravilhosa do maior poeta de amor, que as modernas idades alcançaram.» [274]. Donde se depreende que Joaquim de Araújo, sempre reticente em relação a modelos culturais importados, tomados preconceituosamente como superiores, sabe distanciar-se suficientemente para apreciar os valores culturais do seu povo. Não aceitava essa subordinação e procurava compreender em cada momento histórico e em cada autor a simbiose fecunda do espírito nacional (em que brilham como estrelas de intenso fulgor João de Deus e Antero de Quental) com a nova vaga da «*mais recente constelação poética*», que desabrochava no parnasianismo francês, o qual permitiu operar uma passagem mais ou menos lúcida para o Simbolismo e o Decadentismo nefelibata, que Araújo, como João Penha, nunca foi capaz de entender nem aceitar.[275]

A ânsia de Araújo em difundir os autores portugueses além-fronteiras fez com que, muitas vezes, elaborasse textos escritos pelo seu próprio punho, os quais, depois, correriam com tratamento linguístico adequado no Estrangeiro sob o nome decorativo de conceituados lusófilos. Foi um estratagema, abusivo é evidente, à luz da actual perspectiva crítica, mas que se compreende no contexto histórico em que se trabalhava, sobretudo quando um autor queria falar sobre uma literatura considerada *menor*, cuja língua levantava dificuldades de comunicação estética e social. A correspondência de Araújo por diversas ocasiões denuncia esta táctica, em que ele participava e que até fomentava sem qualquer restrição mental, como veremos mais adiante.

2.2. O Epistológrafo

O desenvolvimento muito rápido das redes ferroviárias e marítimas da segunda metade do séc. XIX facilitou a circulação da correspondência e por esse motivo a epistolografia conheceu um surto notável. Não se tratava já de grandes peças retóricas

como as dos séculos clássicos, porque exprimiam uma outra mentalidade, resultante de profundas mutações no tecido social e no modo de viver e de se relacionar da sociedade portuguesa dos tempos do Fontismo. Ora, Joaquim de Araújo deve ter sido o maior plumitivo português do seu tempo. Parte considerável da sua correspondência está publicada. Relembremos aquela que teve como destinatários: João de Deus, Camilo Castelo Branco, Ana Plácido e Alice Moderno. Mas está ainda por publicar a sua parte mais avultada. Se Eça de Queirós opinava que se devia publicar tudo quanto escreveu um autor, mesmo os seus textos mais insigificantes, nós consideramos inútil publicar todo esse volume de cartas, em tantos casos filhas das circunstâncias mais imediatas e sem qualquer interesse literário ou mesmo histórico-cultural.

Analisada a questão por outro ângulo, com Araújo transformado ele próprio em destinatário, às suas mãos chegaram muitas cartas de figuras literárias de proa, nacionais e estrangeiras, que, atendendo ao facto de ele ser director de várias revistas e jornais, constituem um repositório cultural de enorme relevância. Também aí terá de entrar, até por imperativos editoriais, o filtro selectivo.

A parte mais substancial do epistolário de Araújo encontra-se na Biblioteca Nazionale de San Marco, Venezia e o seu catálogo foi já tornado público por Jorge Peixoto (**O Instituto**, vol. CXXXVI), a partir do paciente trabalho de Angela Mariutti de Sanchez Rivero, **Il carteggio inedito del legato Araújo** [276]. Segundo aquela investigadora italiana, o epistolário legado àquela Biblioteca, sem dúvida por influência de Emilio Teza, grande amigo de Araújo, compreende cerca de 2200 cartas, provenientes de personalidades de grande prestígio literário e político que estão cronologicamente balizadas entre 1884 e 1914. É um tesouro que já tocámos com as nossas próprias mãos, mas cuja publicação integral implicaria um trabalho de longos anos *in loco* para uma leitura e anotação adequadas. Remetemos o leitor para a longuíssima lista de nomes estrangeiros

desse catálogo, bibliotecários, directores de revistas, lusófilos, bibliómanos, da Itália, da França, da Espanha, do Brasil, da Rússia, da Suécia, da Holanda, da Inglaterra, etc.. Não reproduzimos aqui essa seriação, porque seria enfadonha, embora ela seja bem ilustrativa da irradiação cultural em torno dessa figura ímpar de agente cultural que foi Joaquim de Araújo em Portugal e em vários países da Europa.

Nesse espólio estão igualmente presentes quase todos os grandes nomes da Cultura portuguesa dessa época, que se carteavam com o Cônsul de Portugal em Génova ou na sua terra natal, enviando colaboração, respondendo a questões, entusiasmando-o na sua cruzada cultural, nacional e / ou europeia.

Mas muitas outras cartas de Araújo e a Araújo andam dispersas por muitas bibliotecas portuguesas. Na Biblioteca Municipal de Braga, está guardado o espólio epistolar de João Penha, sendo o maior número dessas cartas escritas pela mão de Araújo, que mantinha com o poeta bracarense relações de estreita amizade e colaboração.

O seu trabalho com os lusófilos foi ciclópico. Só a sua correspondência com Emilio Teza atinge 132 missivas redigidas em francês e português entre 1898 e e 1911. Em geral, as suas cartas estão despidas de grande valor literário. Espírito prático, de quem dirigia revistas e tinha efemérides histórico-literárias a celebrar em prazos rígidos, imprime às suas missivas um cunho demasiado utilitário que as torna pouco interessantes, mas o seu manancial informativo é inesgotável para a História literária desse período e para a lenta, se bem que ininterrupta, expansão da Cultura portuguesa na Europa. Voltaremos a esta questão na rubrica **Correspondência**.

2.3. O Bibliófilo / Bibliógrafo

Pertenceu Joaquim de Araújo a essa categoria rara de homens que são os bibliófilos. *Avis rara,* não conhecemos melhor retrato para o caracterizar do que aquele que foi traçado

por Sousa Viterbo e que se ajusta a corpo inteiro a Joaquim de Araújo: «É o que quer que seja de *medium* o bibliófilo. Evoca os grandes espíritos e sente-se face a face com os génios. É um seu familiar; como que a sua alma é feita da alma de todos eles. Ninguém lhe pergunte pela família; os seus filhos são os livros. Se quereis ver o bando das louras crianças, voltai os olhos para outro quadro; aqui só entrou a meditação e o estudo, aqui, se existe amor, é o amor do pergaminho. Quando ele, depois do pequeno passeio pelo quintal, entra à noite no seu gabinete e acende o candeeiro amarelo de três bicos, aquela desordem fantástica, aquelas rimas de livros, aquela atmosfera pulvurulenta produzem-lhe, desde a cabeça aos pés, uma voluptuosidade indescritível. /.../ O bibliófilo nem sempre é rico ou pelo menos remediado. Quando é pobre, é para ver os prodígios que emprega para salvar a sua bibliotecazinha. É económico, é avarento, chega a ser miserável para que ninguém o desaposse das suas relíquias. Viveria numa catacumba como os mártires, contanto que lhe não arrancassem do peito aquela sua religião dos livros. É a sua crença, é a sua fé; matem-no e prometam-lhe dar por cabeceira mortuária um *elzeviriano*, que ele iria satisfeito para a cova. /.../ Não se suicida, não morre de fome, para gozar mais um momento aquela felicidade. Quando tiver vendido o último livro, terá perdido o último instante da sua vida.» [277]. Foi com estas pinceladas que Sousa Viterbo legendou o famoso quadro de Rafael Bordalo Pinheiro que tem o bibliófilo por tema. E a caricatura neste caso só acentua a justeza do retrato e adapta-se a Araújo como luva. Com escassos proventos económicos, este bibliófilo procurava em bibliotecas nacionais e estrangeiras edições e manuscritos que trouxessem mais alguma luz para as questões históricas e literárias da Cultura portuguesa, sem especialização no que toca a épocas ou a matérias. Os seus numerosos opúsculos de tiragens reduzidíssimas inscrevem-se neste circuito à porta fechada de fruição egoísta de espécimenes intencionalmente raros. O seu trabalho de recolha de **ex-libris** que o relacionou

com especialistas na matéria, entre os quais muitos estrangeiros, vem completar esta faceta importante do escritor penafidelense. Espécimenes como **Intorno al Genovese Carlo Paggi**, Génova, 1988, e **L'Ascendenza dei Pessagno**, Pádua, 1904, tradução feita a partir do original português por Prospero Peragallo, vêm enriquecer o labor intelectual do ex-librista e bibliófilo penafidelense. Destaque especial mereceu na época a publicação dos seus **Anais da bibliografia portuguesa**. Joaquim Martins de Carvalho, autoridade reconhecida nesta matéria, escrevia em **O Conimbricense** (14 de Setembro de 1899, n.º 4386, p. 3): «A avaliar pelo primeiro número que recebemos é uma publicação sumamente valiosa. O Sr. Joaquim de Araújo vem preencher uma falta que se fazia muito sentir nesta especialidade. O fim dos **Anais de Bibligrafia portuguesa** é informar os leitores do movimento bibliográfico do país; reproduzir e comunicar os documentos que mais interessam à nossa história literária, científica e ainda social e política, dar à publicidade os documentos importantes, que se encontram nas bibliotecas e arquivos; *informar os leitores do curioso movimento que, em torno das coisas portuguesas se opera, dia a dia, no estrangeiro* *; inserir nas suas páginas, reimprimindo-os, muitos livros preciosos, cuja divulgação se torna de necessidade.». E não se poderá omitir neste contexto uma referência ao já mencionado **Ensaio de Bibliografia Anteriana,** monumento do seu muito labor e paixão pelo cérebro da *Geração de 70.*

---

* *O sublinhado é nosso.*

II - O PROJECTO

3. A divulgação da Cultura portuguesa na Europa

«É deveras sintomático o grande interesse que a nossa literatura vai despertando lá fora, tanto mais quando esse movimento de simpatia se acentua simultaneamente em vários países, inspirados por diferentes processos artísticos e educados em noções diferentes de estética pouco em uniformidade com o nosso meio. ***Na Suécia, Alemanha, Rússia, como na França, Itália e Espanha tem-se tratado muito ultimamente da nossa obra literária e dos nossos artistas.»****

Nova Alvorada, Junho, 1893.

A epígrafe desta revista, que foi durante muitos anos o veículo privilegiado das ideias e iniciativas editoriais de Joaquim de Araújo, surpreendia um facto sociológico e cultural que, em grande parte, se ficava a dever a uma certa mobilidade geográfica de destacados membros da *Geração de 70*, que se projectavam no Estrangeiro, e à rede diplomática de então, em que Embaixadores e Cônsules eram quase sempre literatos de nomeada e se empenhavam na difusão dos valores culturais do Reino que politicamente representavam. Devemos confessar que Joaquim de Araújo foi, de entre todos eles, quem mais lutou e se destacou nessa cruzada de projecção de Portugal na Europa, com intenção evidente de um *intercâmbio* verdadeiramente bilateral, tentando inverter assim a multissecular dependência e a subserviência acrítica portuguesa em relação aos modelos culturais europeus. Também é certo que Araújo nunca definiu em termos teóricos nem muito menos programáticos o seu

---

* *O sublinhado é nosso.*

projecto de *intercâmbio* com a Europa. Espírito pouco afeiçoado a especulações abstractas e a planificações rígidas, evitando sempre manifestos de princípios, dir-se-ia que o seu projecto se confundiu com o seu trajecto pessoal. Animava-o uma enorme paixão pelos valores culturais da sua Pátria que considerava à altura dos melhores valores europeus e assumia em consciência a obrigação moral de ser o seu mensageiro. Mais reprodutivo do que criativo, meteu mãos, com indómita coragem, a uma obra gigantesca. Sem o mínimo sinal de nacionalismo doentio, compreendendo a importância e o alcance dos modelos culturais espanhol, francês, italiano, inglês, alemão, e entendendo que eles deviam contribuir para fecundar o espírito português (já que as Culturas não se desenvolvem em compartimentos estanques, antes em enriquecedora permuta), Araújo não era nem um "castiço" nem um "estrangeirado", no sentido em que Jaime Cortesão definiu estes conceitos relativos à situação cultural portuguesa do séc. XVIII. Sentia-se devedor de Michelet e de Heine, mas as suas principais referências culturais eram Camões e João de Deus, que ele considerava as suas matrizes e as matrizes de uma Cultura que nada tinha a perder no xadrez das Culturas europeias da sua época. Conhecia-as muito bem e não hesitou em referi-las sempre que quis integrar Teófilo Braga e Antero de Quental nos movimentos filosóficos coevos. Sem *chauvinismo* e sem servilismo, Joaquim de Araújo é o primeiro motor de uma Cultura que a *Geração de 70* considerava imóvel, decadente e sedimentada. Só que ele faz dela uma leitura diferente e entusiástica; esquece os seus erros, para apregoar com entusiasmo as virtudes latentes na sua História quinhentista e patentes no brilho dessa Geração que se propunha fazer Portugal pulsar ao ritmo europeu, libertando-se de alguns estigmas de um pessimismo crónico e de atavismos inibidores. Nunca sacralizou nenhum autor estrangeiro, com uma pequena excepção para Michelet. Nunca dedicou um número único ou um número especial àquele que foi a sua

grande paixão estrangeira: Heine. Sacralizou, isso sim, autores portugueses, radares de fina sensibilidade de uma Cultura original, saudosista, afectiva, mas empreendedora. Consagrou Camões, Herculano, Garrett, Camilo, João de Deus, Teófilo e Antero, que deificou e colocou no panteão dos génios universais, rompendo deste modo com as apertadas e restritivas fronteiras pirenaicas. Quando a *Geração de 70* brincava ao *vencidismo*, Araújo, no virar do Século, empenhava-se num projecto generoso e optimista de fazer Portugal entrar na Europa cultural do seu tempo, sem complexos de inferioridade ou de superioridade, numa permuta, sem preconceitos, que assumisse o *Diverso*. Neste domínio, mais pelo seu fazer do que pelo seu dizer, Araújo desempenhou um papel sem paralelo entre os intelectuais portugueses do seu tempo. Se outros méritos não tivesse, bastar-lhe-ia este título de glória para se justificar um estudo em torno da sua personalidade e da sua obra. Ele acreditava nas potencialidades intrínsecas da Cultura portuguesa, um todo diacrónico *in fieri,* ininterrompido, mas com picos geniais em todos os séculos, num fluir constante, sangue e alma de um povo, seiva elaborada da História. Ele perspectivava-a em diálogo com outras Culturas de povos, política e economicamente mais poderosos, mas sem nunca se deixar descaracterizar e diluir a sua identidade, como poderia resultar de uma leitura superficial frente à maré-cheia de francesismo avassalador na língua, na Literatura, nos penteados, no vestuário, na gastronomia.

3.1. Na Espanha

Já dissemos que Araújo se batera pela criação de uma *Liga literária hispano-portuguesa* que teria como objectivo primeiro a aproximação e um melhor conhecimento mútuo das literaturas ibéricas. A nossa pesquisa não será exaustiva, porque, se assim fora, teríamos de perscrutar e seguir outras pistas e

outros autores, que não cabem no âmbito desta nossa investigação. Araújo reconhecia que os preconceitos e questiúnculas de vários séculos entre estes dois povos tinham dificultado uma aproximação das suas literaturas e das suas culturas, mesmo quando algumas vozes portuguesas autorizadas, se bem que isoladas, defendiam uma *união ibérica*, que a maior parte do povo e da sua intelectualidade repelia, porque nociva ao país mais frágil na sua estrutura económico-militar. Ódios velhos não cansam e atrofiam vontades esclarecidas que desejariam situar a questão da permuta literária num espaço neutral e insuspeito de carga política envenenada. Araújo conheceu o projecto envolvente da **Revista Ocidental** que, no seu primeiro número, se propunha «*Provocar a reunião dos elementos da nova renascença intelectual da península, e a formação das novas escolas espanhola e portuguesa*» [278]. Oliveira Martins questionava-se nestas circunstâncias sobre o papel de Portugal e da Espanha na Europa e nas Américas. Neste projecto colaboraram muitos espanhóis de nomeada como Pi y Margall, Rafael de Labra, Tomás Pinilla, Tristán Medina, Octavio Picón, D. R. de Cala, Canovas del Castillo, D. F .M. Tubino, Maria del Pilar de Marco, etc.. Nesta data, andava Araújo empenhadíssimo com a sua revista ***A Harpa.*** Pois, mais tarde, ele viria a ter grandes influências em algumas revistas de Madrid e pôde contar com a protecção de Rafael Altamira, que chegou a assinar crónicas sobre a vida literária portuguesa que tinham sido alinhavadas pelo seu correspondente e amigo Araújo. Mas, quando quis inventariar a projecção ibérica de Antero de Quental, o poeta mais em foco em Portugal, limitou-se na sua bibliografia publicada no **In Memoriam de Antero de Quental**, por falta de *corpus* real, a referir uma tradução *in fieri* dos **Sonetos** por Federico Balart, de que tinham já sido publicados alguns na revista **Ilustración Española y Americana**, em Junho de 1895. Recenseia também um soneto de Manuel del Palacio, que transcreve na íntegra:

Soneto
(Imitación de Antero de Quental)

Solo! Errando por la áspera montaña
Ve a Dios el eremita, y se consuela;
El viento que al pasar hincha la vela
Empuja al marinero a su cabaña.

Solo! Quien peregrino en tierra extraña
Con la memoria hacia los suyos vela
Es feliz esperando lo que anhela,
Y con esa ilusión al tiempo engaña.

Solo! Nunca está solo el desgraciado,
Mientras guarde en el alma o en la mente
Un afán, un estimulo, un cuidado.

El que la soledad concibe y siente
Es el que vive, de vivir hastiado,
Al bien y a la virtud indiferente.[279]

Trata-se do soneto dedicado por Antero a Alberto Teles «Só - ao ermita sozinho na montanha», que, de facto, Manuel del Palacio imita, ficando a tradução a léguas de distância da perfeição formal e da concisão linguística do original. Araújo assinala ainda algumas traduções de outras composições avulsas, como «Elogio da morte» (dedicado por Antero a Joaquim de Araújo), feita por Manuel Curros Enriquez, e de «Quia aeternus», «Ignotus» e «Os Vencidos», por Baldonero Escobar. O autor de **Aires da Miña Terra**, muito estimado por António Feijó e Luís de Magalhães, traduziu seis sonetos de Antero, que foram já publicados por Ana Maria Martins na revista **Confluência** [280]. Curros Enriquez confessava-se admirador de Antero, de António Feijó e de Guerra Junqueiro. Em carta a Luís de Magalhães, um dos amigos de Araújo, fala dos sonetos «del gran Quental, poeta formidable por quien cinto una

veneratión profunda.» [281]. Sobre o retrato de Antero, comentava com grande finura aquele poeta galego: «un hombre profundamente simpático en cuya cabeza armoniosissima, de una dulzura casi nazarénica, hay la serenidad gloriosa de la estatua.» [282]. Antero de Quental estava a par desta admiração de Curros Enriquez e sabia que os **Sonetos**, que, contrariamente às **Odes Modernas**, passavam relativamente despercebidos em Portugal, começavam a suscitar o interesse de vários lusófilos europeus. Desta feita, é ele que comunica a Araújo que na sua edição dos **Sonetos**, de 1889, a que ele chama «una Bíblia casi poliglota», estava incluída a tradução magistral do ciclo do «Elogio da Morte». Curros Enriquez afirmava seduzido pelo vigor da literatura portuguesa contemporânea: «*Hay momentos en que me creo destinado a ser el introdutor de las letras portuguesas en España.*» [283]. Eis a tradução do primeiro soneto desse ciclo:

Elogio de la muerte

En la hora del reposo lo Inconsciente
Me sacude y despierto consternado;
Bajo el pié de un titan, como aplastado,
Mi corazón se pára de repente.

No es que de larvas fúnebres la mente
Pueble el nocturno espacio dilatado,
Ni de remordimientos asaltado,
En lucha el alma, el torcedor ahuyente.

No son vagos fantasmas ilusorios,
No es procesión de espectros mortuorios,
Terror de Dios, ni de la suerte miedo...

No! Es el fondo de un pozo, húmedo y frio,
Un muro de tiniebla entorno mio
Y la Muerte que avanza a paso quedo.[284]

Curros Enriquez fora tradutor de **A Lira Lusitana** e fizera uma adaptação da **Morgadinha de Val Flor**, de Pinheiro Chagas, sob o título **La Condesita**. O poeta galego, conhecedor da poesia de Antero e de Junqueiro, não hesitava em afirmar em carta a Luís de Magalhães, em 19 de Abril de 1887: «Las que pasan por eminencias españolas debieron conocer el **Portugal Contemporâneo** para convencerze de su pequenez y su insignificancia.» [285]. O desejo formulado por Curros Enriquez não passou de projecto adiado. Rafael Altamira, ao corrente do que se passava em Portugal em termos de nova poesia e reportando-se ao estudo de Maxime Formont, escrevia para a **Nova Alvorada** (Julho, 1893): «*Es cosa sabida que ya nuestro público, sino muchos de nuestros mejores literatos, ignoran casi absoluto a los mejores escritores modernos de Portugal. Ni João de Deus, ni Antero, ni Crespo, ni Gomez Leal, ni Araújo, ni Feijó..., son aquí leídos.*». No mesmo contexto, intervinha Leopoldo Alas, para quem «*es triste tener que llamar extranjera a una literatura que, por los nombres de sus poetas, por los de sus libros, por su lenguaje, por sus tradiciones, por su forma rítmica, y hasta por el fondo del asunto que trata, parece nuestra. Pero así es la realidad de las cosas, y no hay que perder tiempo llorando lo inevitable.*» [286]

Joaquim de Araújo propusera-se alterar este estado de coisas, remando forte contra a maré de desinteresse e tentando atrair, nem sempre com êxito, vários intelectuais espanhóis à causa da independência, da autonomia e da especifidade da Cultura portuguesa no contexto ibérico. Como já dissemos, Clarín menosprezou Antero, considerando todos os poetas da *Geração Nova* inferiores a Campoamor e Núñez de Arce, viciando assim todo o seu juízo crítico. Prometeu Clarín voltar à crítica da poesia lírica portuguesa contemporânea, consagrando-lhe um trabalho mais extenso e bem documentado, mas ignoramos se o fez, supondo que não, pois Araújo ter-lhe-ia dado imediatamente relevo nas páginas de qualquer revista portuguesa e estrangeira. Como deu à recensão crítica que sobre

a sua **Lira Íntima** e **A Poesia na Actualidade** fizera, em Agosto de 1883, na **Tribuna** de Madrid, Joaquin G. Gamiz-Soldado, ao publicá-la na **Nova Alvorada** [287]. Aquele crítico discordava da futurologia de Antero sobre a poesia e acreditava na possibilidade de relações ibéricas amistosas a todos os níveis, especialmente a nível cultural: «Siempre que llega a nuestras manos un livro impreso en el vecino reino le hojeamos con tanta curiosidad y cariño como si hubiese sido engendrado en un cérebro español y lanzado al mundo literario por nuestras prensas; porque estamos convencidos de que *los poetas y los filósofos, los literatos y los pensadores, y los periodistas, y los industriales ibéricos, están llamados a unir en estrecho lazo a España y Portugal, pueblos desinados por Dios para representar em el porvenir a las Naciones de la joven América en las Asembleas de la vieja Europa.»* * [288]. Gamiz-Soldado alude a uma crítica de Vargas, que aproxima a **Lira Íntima** de **Filigranas**, de Freitas e Costa, e considera esses dois livros de poesia «notables productos de la moderna poesia portuguesa.» [289]. Na feitura destas críticas, há sempre o dedo indicador de Araújo, que enviava os seus livros e os dos seus amigos, com pedido de referências críticas. Se o estratagema parece deselegante, temos de reconhecer que era uso da época e Antero, um dos espíritos mais renitentes à mundanidade pela poesia, nem sempre se furtou a ela. Gamiz-Soldado exagerou, todavia, quando, reconhecendo alguns defeitos de construção em **Lira Íntima**, proclama que o seu autor é «*uno de los mejores que la lírica contemporánea ha producido, y una de las colecciones de poesias más bellas y delicadas que han visto la luz en nuestros dias.»* [290]. O mesmo crítico reconhece que aquele tipo de poesia intimista e sentimental tende a desaparecer e convida o poeta que revelou tal profusão de ideias e de sentimentos na sua estreia literária a experimentar em obras

---

* *O sublinhado é nosso.*

futuras o empenhamento social para não cair na estéril *arte pela arte*. Núñez de Arce, reconhecido em Portugal como um dos maiores poetas espanhóis depois de Campoamor, faz coro com os adeptos do Iberismo e no seu livro **Gritos del combate** preconiza a fraternidade peninsular num poema recheado de belíssimas imagens, que a **Nova Alvorada** insere nas suas páginas, sempre receptivas quanto a relações estrangeiras com a vida cultural portuguesa:

Hermanos son el español y el luso,
Un mismo origen su destino enlaza,
Y Dios la misma cuna los dispuso.

Más aunque fuesen enemiga raza,
La generosa tierra en que han crecido
Con maternal orgullo los abraza.

A quien importa el rumbo que han seguido?
Dos águilas serán de opuesta zona,
Que en el mismo penón hacen su nido.

Ese sol que les sirve de corona
con torrentes de luz sus campos baña
y sus frutos idénticos sazona.

Juntos pueblan los términos de España,
y parten ambos con igual derecho
el mar, el río, el llano y la montaña.

Cuando algún invasor, hallando estrecho
el mundo a sua ambición, con ellos cierra
la misma espada les traspasa el pecho.

El mismo hogar defienden en la guerra,
el mismo sentimiento los inspira,
cubrelos al morir la misma tierra,

Y tan unidos la razón los mira,
como los fuertes dedos de una mano
y las cordas vibrantes de una lira.

Ay! cuando luchan con rencor tirano,
pregunta Dios al vencedor impio:
– Cain, Cain, que hiciste de tu hermano!

Juntos mostraron su indomable brio
en lide reñida, infatigable e fiera,
contra un poder despótico e sombrio.

Y juntos alzarán, cuando Dios quiera
poner fin a su mutua desventura
una patria, una ley y una bandera. [291]

Não era esta a leitura de Araújo nem a da maior parte dos espanhóis e portugueses do seu tempo. Este anelo da fraternidade ibérica não resistia minimamente à forte suspeição lusa que a História de 1580 a 1640 deixara vincada nas mentalidades e que o ensino escolar às crianças vinha exacerbar, identificando espanhol com inimigo por excelência. De qualquer modo, a **Nova Alvorada**, ao publicar este poema (estamos convictos de que por interferência de Araújo, em óptimas relações literárias com a Espanha, que o conhecia melhor do que Antero ou João de Deus, apesar da desigualdade de talentos), mais uma vez vem confirmar que o autor da **Lira Íntima** tinha uma concepção poliédrica da Cultura e era permeável às suas manifestações aparentemente contraditórias naquele momento de republicanismo iberista e de monarquismo anti-iberista, não exercendo censura pessoal sobre textos à primeira vista incómodos e perigosos do ponto de vista ideológico. O último terceto de Núñez de Arce que aspira à reunião de Portugal e Espanha sob uma só bandeira, símbolo polarizador de uma só lei numa só pátria, não seduzia Araújo

nem convencia a maioria esmagadora do povo português, embora contentasse um punhado de intelectuais ideológica e politicamente mais arrojados.

Nesta tentativa de aproximação cultural entre os dois países, Teófilo Braga, com ou sem a intervenção sempre oportuna de Araújo, desempenhou papel de relevo. Na sua **Visão dos Tempos** poliglota, colaboraram Rafael Labra, Carlos Arturo Torres, com textos críticos em prosa, enquanto Curros Enriquez traduzira «La sombra del Profeta», «Fin de Satanás!» e « La infancia de Homero». Rafael Labra destacava um pormenor pouco referido nos estudos teofilianos: a renovação pedagógica que Teófilo fizera no Curso Superior de Letras: «*Y realmente, nosotros que hemos asistido à las Universidades italianas, en las cuales, excepción hecha de los dias en que concurren señoras, los alumnos y el profesor conversan cubiertos, fumando, y en verdadera intimidad y confianza; sabemos hasta qué punto es conveniente para los verdaderos intereses científicos y de la enseñanza, la supresión del estradillo y la proscripión de la antigua cátedra o púlpito. Los nuevos métodos requieren nuevos procedimientos exteriores. Las lecciones del doctor Braga son tan interesantes como sencillas. Y en más de una ocasión tuvimos el gusto de asistir a ellas, aprendiendo de sus labios interesantísimas nociones de literatura ibérica. Teófilo Braga es, en realidad, el primer reformador de la enseñanza en Portugal, así como el primer pensador lusitano. A su ejemplo y a su doctrina le es deudora su patria de grandes progresos, y su pensamiento político, encerrado en las aspiraciones de la Democracia moderna y en la fórmula de la federación ibérica, se halla el gérmen de la prosperidad futura*» [292]. Curros Enriquez não é menos deferente para com Teófilo ao traçar os principais dados do seu biografado. Considera que a **Visão dos Tempos** manifesta a sua ruptura com o passado, acusando influências modernas de Hegel e de Vico. Sobre as **Tempestades sonoras,** refere que esse livro fez dizer ao príncipe dos românticos portugueses: «*si no se vuelve loco, este chico nos*

arrincona a todos.» E complementa: «*No le faltaba razón al ciego Castilho. Desde la aparición* de **Torrentes** y **Miragens Seculares** *la poesia en Portugal tuvo ya un objeto y se elevó a la categoría de los conocimientos útiles al individuo y a las sociedades.»* [293].

Por seu turno, o sul-americano Carlos Arturo Torres não poupa elogios a Teófilo, afirmando: «no teme el audaz espíritu lusitano introducir en el lenguaje poético el tecnicismo científico ni hacer de su poema una filosofía de la História y una Sociología. Crítica de detalle pudiera reprocharle anacronismo - vocablos y de la enérgica personalidad literaria de Braga, *uno de los mayores poetas filósofos de los tiempos presentes, cantor de lo que Jules Gautier llama – los paraísos humanitarios – de la sociología.»* [294]. Ora, se tomarmos na devida conta que os intelectuais espanhóis liam em primeira mão o português, sem passarem pelo filtro mediúnico da tradução, estes e muitos outros testemunhos, que aqui não exaramos por mera economia gráfica, documentam que, não obstante a mútua suspeição das relações luso-espanholas a partir de 1580, a segunda metade do século XIX, muito por influência de Araújo, tentou inverter esse estado em que viviam as duas Culturas ibéricas e relançar o *intercâmbio* entre ambas. Almeida Garrett dera o exemplo chamando a Espanha «nação amiga e irmã».

Joaquim Leitão no seu artigo «Garrett no Estrangeiro» (**Memórias da Academia das Ciências de Lisboa**, tomo V, 1948, pp. 190-192) dá conta da penetração da obra garrettiana em Espanha, referindo D. José Urcullu, autor de um artigo crítico sobre o **Camões** no periódico **Ocio de españoles emigrados,** que saiu em Londres. Encontraram ainda a pessoa e a obra de Garrett críticos interessados como Romero Ortiz, D. Augusto de Cueto, D. Rafael Maria de Labra, Calvo Ascencio, Sanchez Moguel e Ribera y Rovira. Do **Frei Luís de Sousa** foram publicadas três traduções em prosa, uma de D. Emilio Garcia Olloqui (com duas edições, uma de Lisboa, outra de Alexandria), outra de D. Alvaro de las Casas e a terceira

de D. José Adrea Vasquez e D. António Rodriguez de León. Joaquim Leitão inventaria ainda uma quarta tradução em verso de Ballesteros e Poso que foi representada com muito êxito no Teatro de la Princesa, em Valência, no ano de 1890. O mesmo investigador refere ainda mais duas traduções inéditas, uma de Ribera y Rovira e outra de Blanco Suarez e aponta traduções de poesias líricas de Garrett feitas por D. Carolina Coronado, D. Izidoro Gil, Ribera y Rovira, Fernando Maristany, D. Luis Vidart, Vesteiro Torres e Torres Cabrera (**op. cit.**, p. 192). Dir-se-ia que se tratava de pequenas incursões da Literatura portuguesa em Espanha, mas a verdade é que a sua quantificação global não deixa de se revelar pertinente na economia geral deste *intercâmbio*.

3.2. Na França

A partir da segunda metade do séc. XVIII, a Cultura francesa invadiu pacificamente a Cultura lusa, que, paulatinamente, rompia com as influências espanhola e italiana, assistindo-se desde logo a uma imitação servil e acrítica, apesar de algumas vozes se erguerem de imediato contra a *galomania* que descaracterizava a cultura autóctone. Tais barreiras não impediram no entanto que Portugal se tornasse, na expressão de Eça de Queirós, «num país traduzido do francês em vernáculo» ou, numa segunda versão, «traduzido em calão». A caricatura esboçada em **O Francesismo**, descontado o exagero dos traços, é um retrato verosímil de uma *desportugalização* acelerada. A *Geração de 70*, maioritariamente francófila, assumiu uma consciência aguda da decadência dos povos peninsulares e não impediu o maremoto da língua e da civilização francesa em Portugal.

A França, por seu turno, teve em cada geração, como afirma Jean-Michel Massa, um pequeno núcleo de lusófilos atentos ao evoluir da Literatura e da Cultura portuguesa.[295] Ele relembra a propósito numa perspectiva sincrónica os principais

nomes e trabalhos de Ferdinand Denis, Maxime Formont, Henri Faure, Arthur Loiseau, Brinn'Gaubast e Philéas Lebesgue. Tratando-se de contributos preciosos para a expansão da Literatura lusa em França, há que relativizar, apesar de tudo, a importância dessa lusofilia francesa. Ferdinand Denis, no seu **Résumé de l'Histoire du Portugal**, em 1826, observava com muita pertinência: «/ La France / *remplie d'une admiration exclusive pour ses grands écrivains, fière de l'influence qu'elle exerçait en Europe, a dédaigné pendant longtemps les littératures étrangères /.../ et il faut avouer que les autres nations aidaient puissamment à développer notre dédaigneuse prévention: comme elles adoptaient nos idées et nos systèmes, qu'elles servaient l'impulsion que nous donnions, elles cessaient d'être originales, et nous étions toujours supérieurs, parce que c'était nous que l'on imitait.*»[296]. O quadro traçado é por demais exacto, mas convirá não minimizar os esforços consideráveis da lusofilia conseguida de Bouterweck, Sismondi, Ferdinand Denis e Philéas Lebesgue, com os quais algo começou a mudar na sensibilização da França às Literaturas portuguesa e brasileira, embora se tratasse de sinopses redutoras. Assim, Arthur Loiseau[297] considera a literatura portuguesa mais variada e rica do que os franceses a julgam por ignorância, pois estão convencidos de que o português é um dialecto do espanhol. Augura-lhe mesmo um brilhante futuro, porque Luís de Camões não foi um astro isolado do Olimpo português. As suas fontes, no entanto, são parcas e todas elas escritas em francês, com abandono nítido das fontes especializadas lusas: De la Clède (**Histoire générale du Portugal**), La Neufville (**Histoire générale du Portugal**), Schoeffer (**Histoire du Portugal**), Auguste Bouchot (**Histoire du Portugal**), Alfred Boinette (**Portugal et Brésil**), Sismondi de Sismonde (**Histoire du midi de l'Europe**) e Ferdinand Denis (**Résumé de l'histoire littéraire du Portugal**). Trata-se, como se pode aquilatar pelos títulos, de painéis muito genéricos, que se repetem e cristalizam em estereótipos. O quadro de Arthur Loiseau pretende ser actual

e abranger a Literatura portuguesa desde as suas origens até à contemporaneidade, mas limita-se a incluir nele os nomes já então famosos de Antero e Teófilo, sem qualquer referência crítica aos dois motores da *Geração Nova*. Por outro lado, o estudo de Jean-Michel Massa sobre Philéas Lebesgue, acima referido, mostra de maneira bem documentada o papel de divulgador apaixonado pela Cultura portuguesa e brasileira daquele que foi o cronista das «Lettres portugaises» no **Mercure de France**. Mas Lebesgue colaborou também noutros periódicos como **Beffroi**, **Nouveau Monde**, **Revue du Nouveau Siècle**, **Revue de l'Amérique latine**, **Thyrse**, **Bulletin de l'Institut Français**, etc., em que se dedicou à literatura portuguesa e brasileira, cujos estudos constituem na sua globalidade um repositório crítico apreciável. O seu **Le Portugal littéraire d'aujourd'hui,** editado em 1904 pela Bibliothèque Internationale de l'Edition E. Sansot & C.ie, em Paris, não resiste, apesar de tudo, à velha mania de procurar um modelo francês (ou *afrancesado*, como no caso de Heine) para cada obra de Antero, aparentemente mais apostado em mostrar as suas influências do que a sua originalidade. Assim, vê em **Primaveras românticas** a influência do autor do **Intermezzo** e nas **Odes modernas** a apoteose lusa do proudhonianismo. Já no que diz respeito aos **Sonetos**, não vislumbrou nenhum modelo que os pudesse justificar geneticamente. Considerou Antero como um «martyr de la grande énigme», cujo pensamento manifestava um permanente fascínio pelo niilismo, mas não foi capaz de pôr em destaque a profunda originalidade do pensamento anteriano em constante efervescência e evolução.

Essa honra coube a Maxime Formont, com a cumplicidade de Joaquim de Araújo, no longo ensaio **Le Mouvement Poétique Contemporain en Portugal.** Membro da Academia Real de Lisboa e Lauréat da Société d'Histoire de France, Maxime Formont tornou-se com este estudo um dos mais reputados lusófilos franceses. O ensaio foi dedicado a D. Carlos (o que, à partida, lhe outorgava uma unção magestática) e surgiu

na **Revue du Siècle**, Lyon, 1892, de que foram extractadas separatas. O director dessa conceituada revista era Camille Roy e nela colaboravam escritores e poetas eminentes dessa época. O ensaio de Formont apresentava balizas cronológicas bem definidas ao circunscrever-se à "nouvelle génération". Essa *Nova Geração* começava para Araújo, como, aliás, para outros historiadores da Literatura portuguesa, com João de Deus. Na primeira nota de rodapé, logo na página de abertura do texto, vem citado Joaquim de Araújo, considerado autoridade em matéria de periodização literária. Formont segue a periodização que Araújo traçara no prefácio das **Poesias de Coimbra.** O termo *a quo* é Camões, com os seus predecessores e contemporâneos. Os traços fundamentais da poética lusa são constituídos, segundo Formont, por uma «noblesse virile, une rêverie délicate et une conception particulièrement poétique de l'amour» que se constelaram todos, nos seus polícromos matizes, na figura tutelar de Camões (p. 1). A proposta de Maxime Formont consistia em provar que a vida intelectual e literária da *Geração Nova* era, em Portugal, mais activa do que nunca, porque se assistira nos últimos anos a uma forte renovação da sua poética tradicional. O quadro traçado por Formont é tão vasto na sua informação de pormenor que imaginávamos com dificuldade que ele pudesse ter sido composto por aquele periodista francês, sem a forte intervenção de mão portuguesa adjuvante. E o nosso pressentimento tornou-se certeza quando descobrimos na Biblioteca di San Marco, em Veneza, uma carta de Carolina Michaëlis, abaixo transcrita, que tinha Araújo por destinatário e em que o responsabilizava expressamente pela participação activa no ensaio assinado por Formont. A qualidade intelectual da sua autora retira todas as dúvidas, restando apenas apurar quantitativa e qualitativamente a parte que pertence a Formont e a que é da responsabilidade de Joaquim de Araújo – o que não se configura fácil – : «*Porto, 4/1/ 93. Ex. mo Snr e amigo. Tem razão! devia ter respondido imediatamente à carta de V. E. – e tal era a minha resolução! Peguei na pena – mas*

deixei-a cair desalentada. A impressão que as suas queixas me causaram foi tão dolorosa, e o meu próprio estado, psíquico e físico, era (e continua sendo) tão melindroso, que não encontrava palavras de conforto com que animar a V. E. - Kosmos poneros: o mundo é mau! Custa realmente viver, e a mais neste desgraçado país. Mas V. E., tendo como diz que tem, uma noiva, de carácter nobre, inteligência fina, e bom coração, não devia desesperar! Seja superior a todas estas inimizades mesquinhas, promovidas por vaidades, ciúmes, invejas, etc.. Deixe falar. Não faça caso; continue a trabalhar, acabe os seus livros; publique cousas de préstimo - o seu Cavaleiro de Oliveira - novos versos, etc.. É a única maneira digna de responder aos seus detractores. É verdade que falo sem saber bem quem o agride. Nada li dos artigos a que V. E. se refere, nem quero ler. Imagino apenas que ***houve quem quisesse reconhecer a mão de V. Ex.cia na escolha que o Snr Maxime Formont fez; e no seu modo de distribuir mirra e incenso e louros; francamente V. E. devia ter previsto que isso aconteceria, e que os que não receberam a porção de louvores, de que se julgavam, justa ou injustamente, merecedores, se sentiriam feridos.*** ** Recebi o volume há dias, mas até hoje mal o abri. Mais tarde falarei. Por ora só digo muito obrigada.*

«O que me sossegou, com respeito a V. E., foi ver logo no dia imediato à recepção da sua carta, que V. E. fora à Academia e tomou parte nas discussões, e saber, em seguida, que continuou e continua aparecendo em público e trabalhando! Reconheci por estes factos que V. E. soube vencer-se, e recuperou a serenidade – caso de que o felicito sinceramente! Deixar falar – e marchar avante.».[298] Bom lema para um batalhador como Araújo, o qual, lamentando-se sistematicamente das injustiças que lhe faziam na sua promoção da Cultura portuguesa, acabava por ultrapassar os estados depressivos e

---

* *O sublinhado é nosso.*

seguir teimosamente em frente. Esta é uma das 22 cartas de Carolina Michaëlis a Araújo que fazem parte do seu epistolário guardado nessa famosa Biblioteca. Desta carta escrita três anos antes de Araújo se ter mudado com armas e bagagens literárias para Génova se depreende que ele era tido em Portugal como *co-responsável* do texto de Maxime Formont, embora não tenhamos encontrado outros ecos escritos do mal-estar que causou entre alguns intelectuais este estudo selectivo e valorativo de Formont /Araújo. O seu nome assoma várias vezes no rodapé, num jogo erótico de quem esconde o que deseja mostrar e mostra o que deseja esconder. Mas, seja qual for a amplitude da intervenção araujuana nesse estudo (e estamos convictos de que ele teve a parte de leão), Maxime Formont ficou perante a História da Literatura como o rosto vivo de um quadro sinóptico da Literatura portuguesa contemporânea, muito dinâmico, surpreendendo uma geração *in fieri*, rica de apetências de originalidade e de *modernidade*, projectando-a não só em França, mas no Estrangeiro, dada a expansão internacional daquela língua e das suas revistas. A resenha que faz sobre João de Deus invoca a autoridade de Teófilo Braga, que Araújo nunca podia dispensar em estudos sobre aquele poeta. O traço mais distintivo do poeta de Messines é, na opinião do crítico francês, a sua «rêverie tendre», o seu «mysticisme sensuel qui distingue la poésie portugaise», mas que nada tem a ver com o misticismo mórbido das civilizações esgotadas, nem com o misticismo timorato da Idade Média; é um misticismo sadio, de quem foi ao mesmo tempo pintor, poeta e músico, de uma autenticidade que também se manifestou ao nível da sua pedagogia escolar maternal. Curioso é o facto de Formont não lhe ter apontado qualquer modelo cultural francês, mas tão somente o poeta escocês Robert Burns (1759-1796), autor das **Canções populares da Escócia**, poemas cheios de humor e ternura. O que releva no tecido cultural e literário luso da época, todo ele marcado por influências cruzadas, a forte originalidade do bardo João de Deus.

Segue-se-lhe o segundo grande vulto dessa *Geração Nova*: Antero de Quental, apresentado como «poeta-filósofo», ao estilo de Sully Prudhomme. Reconhece o crítico que Antero se reclamava dos pensadores alemães, mantendo muito embora uma «*netteté singulière, qui est propre à le recommander près du public français.*». Formont / Araújo precisam mesmo toda a gama de leituras de Antero: «Il lut un peu de tout, des livres de vers, des livres de sciences. Enfin, il lut le **Faust** de Goethe, dans la traduction française de Blase de Bury, et l'ouvrage de Rémusat sur les nouveaux philosophes: dès lors le germanisme s'empara de lui, et si, parmi les français, il goûta de préférence Proudhon et Michelet, c'est qu'ils parurent s'accorder avec les allemands. Il lut encore Hegel, traduit par Véra, et se familiarisa ainsi avec notre langue, dans laquelle il écrit fort élégamment. Il apprit l'allemand plus tard. Tandis qu'il empruntait l'hégélianisme aux penseurs d'Outre-Rhin, il prenait à Quinet et à Proudhon leurs idées socialistes et humanitaires.» (p.7). Araújo surge de novo no palco pela mão de Formont: «Dans l'édition de 1874, plusieurs poésies ont été supprimées par l'auteur qui, se trouvant alors malade et presque mourant dans l'île de Saint-Miguel, corrigea à la hâte les **Odes Modernes** ajoutant, retranchant, afin de laisser au moins une oeuvre qu'on pût lire. Ces poésies devaient être rétablies dans les futures éditions des **Odes Modernes**, par les soins de M. de Araújo, et celui-ci avait réuni également une collection de poèmes, destinés à être ajoutés aux **Primaveras românticas.** La mort soudaine de M. de Quental change ses dispositions, et M. de Araújo vient de publier séparément ces vers, sous le titre de **Cadências Vagas**». Entre essas poesias, Formont destaca, por sugestão de Araújo ou com intuito de lhe agradar, o epitáfio "Zara", feito para a campa da irmã do poeta da **Lira Íntima**, e que ambos consideravam um exemplo magnífico da melancolia portuguesa e da elegância grega. A longa nota 1 da página 9 refere mais duas vezes o nome de Araújo, que, em surdina, se faz ouvir a cada passo. Formont ilustra o seu arrazoado crítico

bem documentado com material que lhe forneceu Araújo, com várias traduções de sonetos de Antero em prosa e mesmo dois longos poemas, "Les Captifs" e "Vaincus", para que o público francófono pudesse julgar o valor do poeta luso, chefe de fila da *Geração Nova*. A síntese crítica abrange todos os aspectos fundamentais da personalidade e da obra anteriana e atinge um momento alto quando afirma: «Le poète a placé son idéal dans la sainteté rigide et impassible des mystiques: il admet l'utilité de la souffrance, il conclut à l'infaillibilité de la conscience, donnant ainsi satisfaction au stoïcisme généreux qui est en lui, et trouve son refuge dans le sein de son Dieu.» (p.15).

O terceiro poeta desta Geração é Teófilo Braga. Maxime Formont, seguindo a hierarquização de Araújo, destaca o seu contributo pessoal e original para a renovação da poesia portuguesa, ao tomar como tema a história universal da humanidade, num fôlego épico, cada vez mais raro depois de Michelet. Traça demoradamente o percurso biográfico de Teófilo, evoca todos os seus livros de versos desde a estreia literária com **Folhas Verdes** e percorre todos os seus volumes de poesia, **Visão dos tempos**, **Tempestades sonoras**, **A Ondina do lago.** Demora-se na análise do sopro épico da **Visão dos tempos** e assinala o enciclopedismo que ela patenteia no enfoque do fluxo das grandes civilizações grega, judaica, romana e árabe, surpreendendo a sua originalidade no cotejo com João de Deus e Antero de Quental, que optaram por soluções poéticas completamente diferentes, o primeiro, bebendo, num retorno às origens, a sua inspiração na lírica medieval e camoniana, enquanto o segundo introduzia em Portugal as correntes filosóficas germânicas e as teorias humanitaristas francesas. Reconhece finalmente que Teófilo Braga se notabilizara mais como filósofo positivista e historiador da cultura do que como poeta (até porque a sua poesia não teve continuadores), colaborando como autoridade reconhecida na Europa em revistas alemãs, inglesas, italianas e espanholas.

Segue-se João Penha, por quem Joaquim de Araújo nutria

uma simpatia muito especial, considerando-o um dos maiores poetas da *Geração Moderna*, discípulo de Heine na ironia, aproximando o seu **Vinho e Fel** do **Intermezzo**. Nem toda a crítica portuguesa estaria de acordo com Joaquim de Araújo/ Formont, porque o sarcasmo contundente de muitas das suas composições, exemplos perfeitos de um realismo caseiro e desmitificador pelo cantar do vinho e do paio, lhe desiquilibrava a finura de outras composições mais idealistas, em que um fino pensamento poético era vazado num ritmo preciso e severo. Embora Araújo / Formont aludam à sua "raillerie féroce" (p. 19), preferem esconder este ângulo da poética de João Penha e acentuar a sua melancolia, exemplificando-a com passagens que transmitem de preferência uma propensão bem romântica daquele mestre do soneto. Eis um exemplo: «Mon âme est désolée parmi les ruines des châteaux fantastiques de ses rêves; autour d'elle, le choeur tragique des Otellos sanglote dans l'ombre. Mais mon corps est en train de prendre un joli embonpoint ecclésiastique: je n'ai plus qu'à entrer dans les ordres et me faire abbé.» (pp. 17-18).

E que lugar reservaria Joaquim de Araújo para si próprio nesta seriação atribuível à escolha de Formont? Auto-colocou-se em quinto lugar, mas com direito a uma nota de rodapé de 21 linhas, em que consigna tudo o que de importante (se) sabia a seu respeito. Imodéstia por demasiado visível que o denunciava claramente na co-autoria de tal escrito. Não podemos deixar de salientar um aspecto interessante que esta nota levanta. No que toca a João de Deus, Antero e Teófilo, João Penha, Formont integra a biografia dos seus poetas no corpo do texto crítico; quanto a Araújo, ele introduz um novo processo, entrando de chofre na análise da sua obra, mandando para o rodapé o seu curriculum pormenorizado, chamando a atenção do leitor prevenido, por se constituir em excepção relativamente a todos os outros poetas que o precedem ou se lhe seguem, com uma excepção para Guerra Junqueiro que merecerá também uma pequeníssima nota biográfica de pé de página. Mas

vejamos o que diz Formont sobre o poeta penafidelenese que coincidirá no essencial com o que Araújo pensava de si próprio: «Il y a deux poètes dans M. Joaquim de Araújo: un élégiaque charmant et un artiste vigoureux qui entend fort bien la plastique.» (p. 20). Na opinião do crítico francês, **Lira Íntima** revela esses dois aspectos da sua personalidade e da sua poética. A própria divisão desse volume em **Canções de Abril** e **Filigranas** parece indiciar essa dupla faceta: o poeta intimista e o ourives dos versos rendilhados. A propósito do poema "Velho tema", Maxime Formont observa que Araújo se aproxima do processo artístico de Henrich Heine, acrescentando que não é para admirar, na medida em que este e outros poetas alemães eram familiares a Araújo, até porque, segundo ele, há uma «ressemblance singulière de la rêverie germanique avec la *Saudade* portugaise» (p. 21). Na sua opinião, Joaquim de Araújo foi um dos poetas da *Geração Nova* que melhor exprimiu esse timbre particular da alma nacional e por essa mesma razão o seu **Intermezzo** era considerado na Alemanha pelos críticos mais autorizados como uma das melhores 'traduções' do poema heiniano. De seguida, passa em revista todos os livros e opúsculos em verso de Araújo, acentua a sua paixão camoniana, refere a **Estátua do poeta**, **Poetas mortos**, **Ocidentais** e a **Canção do Berço.** Demora-se especialmente na análise do poema "O Missal do Monge", que julga ser merecedor da honra de uma antologia. Eis um pequeno exerto: «Insensible à la marche des âges, au fronton d'une antique cathédrale, battue par les soleils et tempêtes, un moine regardait fixement les pages d'un missel. Dans ce livre sombre, de granit, il lisait les psaumes si tristes de la douleur; les étoiles pleuraient dans l'infini, il montait de la terre des émanations d'amour.» (p. 23). Caso único na feitura deste ensaio de Formont é que ele se refere ao livro **Flores da noite**, que ainda não tinha sido publicado e só viria a sê-lo mais tarde, em 1904. Formont teve acesso ao manuscrito que Araújo lhe enviou ou então - o que não nos repugna em toda esta montagem -, limitou-se a redigir por seu punho as

notas que o poeta lhe enviara, mesmo na parte que lhe dizia directamente respeito. Formont incorre mesmo no erro de anunciar um novo livro de versos de Araújo que nunca chegou a ver a luz do dia: **Romanceiro.** Todos estes indícios eram por demasiado evidentes aos olhos dos poetas e críticos portugueses que entenderam que Araújo se serviu da sua rede europeia de relações culturais para exigir para si mesmo uma craveira incompatível com a real valia da sua poética.

O "Première Étude" de Formont encerra-se com o poeta Conde de Sabugosa, outra escolha não pacífica nesta seriação valorativa, pois este cortesão, um dos "Vencidos da Vida", que se celebrizaria mais pela prosa histórica do que pelos seus **Poemetos**, publicados em 1882, era, na categorização de Formont / Araújo, «un poète parnassien des plus remarquables, qui a la fantaisie de Musset et de Coppée, qui traduit et apprécie fort bien Soulary et Catulle Mendès.» (p. 24). Teve O Conde de Sabugosa a sorte de encontrar um tradutor de grande qualidade – o Conde de Seisal, que verteu eximiamente para francês o seu poema "Cair do Azul":

Un soir ses invités, plus tôt que d'habitude.
Étaient partis. Tout se taisait.
Près d'un feu pétillant, prise de lassitude,
Elle était assise et rêvait.

La traîne de sa robe, affaissée autour d'elle,
S'enroulait en flots écumeux;
A sa jeune beauté ce fouillis de dentelles
Faisait un nid rose et soyeux.

Son petit pied mignon, dans sa mule élégante,
Sur les chenets s'était posé:
Il battait lentement la mesure dolente
D'un vieux refrain du temps passé.

Le feu s'était éteint. Prise d'un froid de glace,
Elle se réveille en sursaut,
Rien! que son chapelain à rubiconde face,
Qui du souper rêve tout haut. (p. 25).

Araújo e Formont, ambos carentes de apoio aristocrático, associam a figura do Conde de Seisal à do Conde de Sabugosa, salientando que, se o primeiro escreveu poucos versos, o seu trabalho de tradutor de poesia lhe assegurava o direito de escolher entre o Parnaso de Lisboa e o de Paris. E fazem inserir a tradução do soneto "Odor di femina", de Gonçalves Crespo (que deveria vir na rubrica própria, ao tratar-se desse poeta), mas foi colocado aqui para destacar não o valor do poeta, mas sim a figura política do Conde de Seisal, que tinha, diz o autor confesso deste ensaio num acto de mundanismo pouco aceitável naquele contexto crítico, «toutes les grâces de l'esprit parisien.» (p. 27). Dado que tal soneto foi internacionalmente divulgado, reproduzimo-lo aqui para glória do seu autor e do seu tradutor, que era, de verdade, um perfeccionista da língua francesa:

Il était grave et froid; par sa conduite austère,
Il servait de modèle aux moines du couvent.
Un poème de pleurs se devinait souvent
Dans son regard profond, plein d'ombre et de mystère.

Un jour qu'il consultait un ouvrage savant
Dans la bibliothèque immense et solitaire,
Il pâlit tout à coup et tomba contre terre,
La tête sur la dalle et les bras en avant.

De cette étrange mort quelle était la cause?
Peut-être pourra-t-on nous le dire plus tard,
Mais encore aujourd'hui nul n'explique la chose!

On dit qu'un amateur, achetant par hasard
Le vieux bouquin poudreux, et feuilletant les planches,
Trouva de blonds cheveux entre deux pages blanches. (pp. 26-27).

Num "Deuxième Étude", depois de se ter perdido nos encómios despropositados e desmedidos ao Conde de Seisal, Formont / Araújo recupera(m) o sentido crítico e passa(m) àquele que considera(m) ser por excelência o poeta popular em Portugal: José Simões Dias, autor de **Peninsulares**, em dois volumes. Formont situa-o num grupo de poetas que se seguiu à geração de Antero e de Teófilo e que teve por órgão literário a revista coimbrã **A Folha**. Poeta muito conceituado pela sua veia melancólica, ingénua e primitiva, acentuadamente nacional, teve muitos admiradores espanhóis, como Campoamor, Zorrilla, Balaguer e foi mesmo traduzido por Ventura Aguilera. O crítico francês precisa numa aproximação indispensável que, se João de Deus era um vate de matriz exclusivamente portuguesa, o autor das **Peninsulares** incarnava simultaneamente os caracteres distintos das duas nações ibéricas. Como amostragem da poesia de Simões Dias, escolhe o poema "O Teu Lenço", o que revela uma vez mais a opção sistemática pelo vago e indefinido tão ao gosto neo-romântico de Joaquim de Araújo;

Le mouchoir que tu as brodé – je le porte toujours dans mon sein, –
de peur qu'on ne se doute - de qui ce mouchoir m'est venu.
Les lettres que tu y as mises - sont faites avec tes cheveux: j'ai beau
les voir et les revoir, – jamais je ne me lasse de les voir.
La nuit il dort avec moi; – le jour je le porte en mon sein; de peur que les autres ne sachent – de qui ce mouchoir m'est venu.

Blanc, de la couleur du lys, - il a un rameau à chaque coin;
les rameaux veulent dire regrets; c'est pour cela que je l'aime tant!
Le mouchoir que tu as brodé - a deux coeurs au milieu; tu es la seule au monde qui sache - de qui ce mouchoir m'est venu.
Il est de toile de Cambrai ton mouchoir, - le mouchoir que tu m'as offert;
il me semble que je vois encore tes doigts quand tu le brodais. /.../ (pp. 28-29).

Não deixa também de referir o livro **Ruínas,** em que Simões Dias dá à sua poética uma dimensão social, fixando-se num cristianismo humanitarista de inspiração hugoana.

Vem depois o já evocado cinzelador de estrofes Gonçalves Crespo, o luso-brasileiro, autor dos versos esculturais das **Miniaturas**. O crítico relembra o poeta transplantado para Coimbra, filho de uma escrava, a quem sempre confessou o seu amor filial e que se casa com a famosa escritora Amália Vaz de Carvalho, que conhecera o poeta pelos seus versos, antes de o ter visto em pessoa, e por ele se apaixonara. Fora na época muito mais famoso do que o Conde de Sabugosa, seu companheiro e amigo de Coimbra e do que Joaquim de Araújo, anteriormente referidos. Formont explica: «Son livre de début, les **Miniatures**, le rendit célèbre. Ce recueil plut aux artistes par une forme impéccable, aux femmes de l'aristocratie par les grâces délicates et charmantes du sentiment. On y trouvait des élégies virginales à côté de pièces toutes vibrantes de sensualisme, des morceaux de sculpture païenne à côté des plus splendides tableaux de la nature d'Amérique.» Exemplifica com o poema "Siesta", que exerce sobre leitor um efeito de mágica sedução:

Dans le hamac, qu'un nègre morose balance comme un berceau écumeux, la belle créole repose et sommeille, tandis

que la *Mucamba* agite un éventail de plumes pour rafraîchir l'air.

Sur le hamac passent et repassent les ombres mouvantes des hauts bambous, et la créole dort, légèrement bercée, laissant pendre hors du hamac ses bras charmants et nus.

Le hamac, qui parfume l'air d'alentour de vivants arômes, tout à coup s'arrête, car le nègre indolent contemple, lascif, les seins gonflés de la belle endormie./.../

Que le vent passe léger et discret dans les feuilles de l'*enga*, que les oiseaux étouffent leur plainte musicale, que les roues de la fabrique ne fassent pas de bruit, car la maîtresse dort. (pp. 30-31).

Não esquece também a publicação póstuma de **Nocturnos**, destacando vários dos seus poemas e traduzindo uma passagem do "Mater dolorosa", com um realismo magoado e elegíaco retratando o sofrimento dos escravos, mas, ao mesmo tempo, com uma contenção emotiva que nunca chega a transformar-se em protesto veemente. Nós sabemos pela sua correspondência quanto Joaquim de Araújo apreciava Gonçalves Crespo e soube escolher passagens amostrativas da sua poesia carregada de rousseaunianismo e de exotismo tropical que tanto interessavam o público francófono. A finura da tradução é, quanto a nós, da inteira responsabilidade estética de Formont. O domínio apreciável que Joaquim de Araújo tinha da língua francesa não lhe permitia uma selecção lexemática e sintagmática tão perfeccionista como a que encontramos nesta versão.

Esta galeria de poetas novos enriquece-se com a entrada em cena de Fernando Caldeira, um poeta hoje em dia praticamente ignorado, autor das **Mocidades**, que o crítico considera um *encanto*, muito embora ache que as suas páginas estão repassadas de pensamentos filosóficos e de versos metafísicos que os tornam pesados, formulando votos de que se desembarace deles, para que a sua poesia irradie em todo o seu esplendor. O soneto "A vida" bastaria na sua opinião para

justificar a fama do poeta, vendo nele marcas das redondilhas de Camões, podendo ser assinado por João de Deus. Passando da poesia ao teatro, de que não se ocupava expressamente neste ensaio, proclama que Fernando Caldeira é em verso um autor dramático de envergadura, ao nível de dois outros grandes poetas-dramaturgos: Henrique Lopes de Mendonça e D. João da Câmara. Falta, no seu ponto de vista, a estes dramaturgos *ce divinum quid* que fez do **Frei Luís de Sousa** de Garrett «*le type de la tragédie moderne en Europe*», como lhe chamou Edgar Quinet (p. 34).

O poeta Guerra Junqueiro chegou tarde na seriação a este painel da nova poesia portuguesa. O crítico surpreende-o logo na primeira frase na especificidade da sua mensagem e do seu estilo: «Le don de la satire et de l'ironie la plus mordante s'unit, dans les écrits de M. Guerra Junqueiro, à une éloquence chalereuse et à une imagination vraiment lyrique. Sa versification est très sonore; son style, abondant et largement épandu, rappelle quelquefois celui de Victor Hugo.» (pp. 34-35). Araújo preferia a poesia idealista à poesia de combate, mas não deixava de admirar uma das vozes mais aplaudidas e atacadas do seu tempo - a de Junqueiro. As passagens com que ilustra os seus juízos de valor confirmam exactamente esta tendência. Nem sequer um apontamento da ironia e do sarcasmo junqueirianos e muito menos qualquer amostra de panfletarismo anticlerical. Os dois fragmentos traduzidos pertencem a **A morte de D. João** e correspondem a um momento lírico de amoroso enlevo romântico:

Déjà je sens dans mon coeur chanter une alouette vibrante. L'ombre épaisse a fui; lève-toi, ô belle. Viens appuyer sur mon épaule cette tête qu'ont parfumée toute la nuit des songes couleur de rose. Les douces colombes volent sur les terrasses des palais baignées de lumière. La blanche étoile de l'aube brille languissamment, comme une perle merveilleuse sur le sable des lacs silencieux. Viens, je veux me plonger dans la

nuit de ta chevelure, je veux faire à cette gorge royale un collier olympien avec mes baisers. (p. 35).

O crítico francês percorre toda a obra de Junqueiro, dedica uma linha à **Velhice do Padre Eterno** (o que documenta o seu desinteresse por esse tipo de poesia anticlerical, altissonante, e já fora de moda na Europa desse tempo), demorando-se em **Os Simples**, que considera a obra-prima de Junqueiro, a quem chama um «Tolstoi meridional» (p. 36). Coloca **Os Simples**, publicados no mesmo ano deste ensaio, pelo seu panteísmo instintivo, pelo culto místico da dor, que se afirmam simultaneamente em quase todas as grandes obras daquele século em declínio, *«parmi les oeuvres remarquables des littératures modernes en Europe.»* (p. 36). E, a propósito da forma perfeita do verso junqueiriano, exara o seguinte juízo:*«La langue portugaise est d'une rare malléabilité, les mots abstraits, notamment, y sont susceptibles d'une extension singulière»* (p. 38). O poeta soube tirar dela todos os seus recursos de estilo. Hesitando em etiquetá-lo numa escola, o crítico aponta a sua aproximação ao Simbolismo, embora considere que ele não pertence a nenhuma corrente, constituindo uma identidade dificilmente imitável no seu génio poético, que só teve um continuador de mérito, António Nobre, cujos versos do livro **Só** («titre emprunté à un auteur français») (p. 38) se inspiram na sua opinião de **Os Simples**.

Araújo não apreciava os vates que arremetiam com versos tonitruantes e incendiários contra a injustiça ou se compraziam em degenerescências satânicas, mas não poderia ter silenciado o poeta Gomes Leal, o famoso autor de **A Traição**, **O Herege**, **O Anticristo**. Ele enchera o fim de século com a sua voz envinagrada que só a sua **História de Jesus** atenuaria, como diz Vitorino Nemésio, «com imagens palestinianas duma cristologia humanitária e terna, religiosamente ambígua.»[299]. Gomes Leal é pois apresentado como um «révolté farouche» e um «rêveur à la façon de Baudelaire, qu'il a beaucoup lu.»

(p. 38). Nota-se que nesta análise o crítico parece mais apostado em descobrir as fontes de Gomes Leal do que em precisar a originalidade da sua poética desigual. Informa que ele traduziu os **Moines de Zurbaran**, de Téophile Gautier; o **Bouddha**, de Catulle Mendès; conhecia Flaubert, mas o seu modelo preferencial era Baudelaire. Registe-se como curiosidade que o crítico não termina a sua resenha com juízos afirmativos, como em todos os outros casos, mas antes com umas perguntas, que, sendo de Formont ou de Araújo, não deixam de ser estranhas e marcam um certo distanciamento em relação a Gomes Leal: «Pourquoi faut-il que l'auteur de *ces belles pages* (refere-se a algumas passagens da **História de Jesus** que traduziu neste ensaio) *ait écrit l'Antéchrist avec l'intention visible d'imiter M. Richepin, ce qui ne lui réussit guère? Pourquoi a-t-il voulu faire de la poésie contre la poésie même, c'est-à-dire contre l'idéal religieux et chevaleresque?* (p. 40). E se as perguntas manifestam já a reprovação do crítico, o comentário final é desastrosamente moralizante: «*Il en a été bien puni.*».

O ensaio prossegue com um poeta muito apreciado e amigo de Araújo: Manuel Duarte de Almeida, antigo aluno da Escola Médica do Porto, irmão de Custódio José Duarte, um dos grandes animadores da **Grinalda**. O crítico menciona-o como sendo um dos primeiros poetas contemporâneos e lamenta que a sua vasta produção dispersa nunca tenha sido reunida em volume. A suas composições mais célebres são a elegia "A Uma Mosca Morta" e o "Romance incompleto", que foram inúmeras vezes reproduzidas em gazetas portuguesas e brasileiras. Sobre a elegia, comenta:

Le premier de ces deux morceaux est comme une page du beau livre de Michelet, l'**Insecte**, mis en vers par un grand artiste; l'inspiration en est puisée dans la sympathie du penseur pour les souffrances des tout petits, de la mouche et du brin d'herbe, et c'est le triomphe de l'écrivain d'être arrivé, en cristallisant son idée dans une image, à nous faire sentir et vivre

leur vie, ou plutôt à leur prêter pour quelques instants une espèce d'humanité. Dans cette poésie on entend, pour ainsi dire, battre le coeur de la nature; on éprouve, physiquement, la sensation d'un soir étouffant, qui, en frappant d'accablement les facultés intellectuelles de l'homme, le dispose à s'engourdir dans les torpeurs du panthéisme. (p. 41).

Refere ainda o soneto "Aromatografia" como sendo um «chef d'oeuvre étincelant.» (p. 41). Esse soneto foi publicado em **A Folha**, em 1873, e nele buscava Manuel Duarte de Almeida correspondências fónicas, sémicas e sensoriais. Autor igualmente das "Estâncias ao Infante D. Henrique", recebe por esse poema ao *Voyant de Sagres (*que se integra na tradição da épica camoniana) rasgados encómios.

Formont ocupa-se depois de Jaime de Séguier, cônsul em Bordéus, que se notabilizou como poeta, jornalista, dicionarista, dramaturgo e camonianista, e erguera a sua voz no terceiro centenário de Camões. Poeta conhecido pelo seu livro **Allegros e Adagios**, Formont arruma-o em duas penadas, usando do mesmo excessivo poder de síntese para catalogar outros poetas como José Ramos Coelho, Guilherme Braga e Guilherme de Azevedo, a quem dá um tratamento de pouquíssimo relevo, não compatível com os merecimentos dos autores de **Heras e Violetas** e de **Radiações da Noite.**

O crítico guardou-se para Cesário Verde, começando por assinalar a sua «originalité puissante» em relação a todos os poetas já evocados. Escolheu para exemplificar a sua poética o poema "Responso", em que lhe parece escutar ecos de Edgar Poë, Quincey, Swinburne, Baudelaire ou Villiers de l'Isle-Adam. Eis uma pequena amostra da sua tradução sempre em prosa, reduzindo *ipso facto*, o alcance estético do poema:

Dans un château désert et solitaire, toute en noire, aux heures de silence, elle s'enveloppe dans les plis d'un suaire,

et pleure comme les grands criminels. – Que ne suis-je le mouchoir de Bruxelles où elle cache ses larmes sincères!

Elle est blonde comme les douces Écossaises, d'une beauté idéale, indécise; elle s'environne de deuil, de tristesse, et elle surpasse la mélancolique Arthémise. – Que ne suis-je le vêtement qui presse son corps: je saurais le secret des péchés!

Pendant la nuit, les planètes d'argent envoient leur regard vague et suave à ces yeux diamantés de pleurs, et aux flots si calmes du lac. – Que ne suis-je la lune, la douce lune! je ferais la nuit éternelle.

Les vautours et les corbeaux décrivent leurs cercles autour des crénaux, et sur le gouffre, et dans les salles résonnent des soupirs lamentables comme les supplications des aveugles. - Que ne suis-je un oiseau de proie! je volerais autour de son front pour lui rendre hommage. /.../ (pp. 45-46).

É teimosamente sistemática a opção de Araújo / Formont pela poesia elegíaca e amorosa, em detrimento da poesia humanitária, mas tal atitude de princípio não impede que a resenha crítica sobre Cesário Verde encerre com uma alusão ao seu realismo na descrição da Lisboa nocturna com bairros pobres e típicos por oposição aos quarteirões esplendorosamente iluminados bem patente em "O Sentimento d'um Ocidental".

António Feijó, na altura Cônsul de Portugal em Estocolmo, considerado por Urbano Tavares Rodrigues como «o mais autêntico poeta da geração parnasiana portuguesa de 80»[300], merece referências muito elogiosas pelos seus livros **Transfigurações** e **Líricas e Bucólicas**, destacando vários poemas e traduzindo algumas passagens. Em "Amores Silvestres", vê alguns ecos de João de Deus e de Burns:

C'était à l'époque de l'année où l'on crible le blé sur l'aire: la rêverie mélancolique plane le soir sur les villages, grâce au silence favorable. Et c'est alors, ô douce brune, que je vis tes beaux yeux pour la première fois. (p. 47).

No poema "Árvore Amiga" descortina semelhanças com o "Inter cadavera" de Alphonse Baudouin e traduz um excerto, em que, de novo, vem ao de cima o gosto romântico do organizador luso desta antologia poética:

Quand je t'ai vue prier près de l'etroit mausolée, à genoux, les mains levées au ciel, pauvre jeune fille sanglotante, j'ai senti que ta sombre douleur me déchirait la poitrine. Mais la douleur que j'ai soufferte après, quand tu t'es relevée, et que dans un froid silence, tu as passé près de moi, non, mes lèvres émues n'auraient pas pu l'exprimer. Au milieu de l'avenue de ce grand cimetière, quand je suis resté à écouter de loin le bruissement de ta robe de soie, vois-tu, j'ai pensé que tu étais agenouillée, en passant, près de mon triste coeur, parce qu'il n'est plus maintenant que le sépulcre où dort notre fervent amour.» (p. 48).

O seleccionador da antologia liga depois a António Feijó dois poetas menos conhecidos, para não dizer *menores:* Manuel de Moura, autor de **Violetas**, e Eduardo Coimbra, autor de **Dispersos**, aos quais faz referências elogiosas, particularmente ao segundo, porque o seu livro foi prefaciado por Joaquim de Araújo – detalhe que Formont não deixou de registar e que, mais uma vez, confirma a cumplicidade de ambos na elaboração deste estudo.

Prossegue com Manuel da Silva Gaio, limitando-se a destacar entre toda a sua vasta produção ensaística, jornalística, dramatúrgica e poética as **Canções do Mondego**, a que também teria podido chamar **Livro de Coimbra**, por retratar com muita originalidade a vida estudantil coimbrã: «J'ai voulu, dit-il, donner, – si fugitive qu'elle fût, – l'impression de ce paysage unique, aux contours nets, au coloris changeant et insaisissable, où la vie partout sourit si faiblement quand elle ne pleure pas: dans la grâce féminine, douloureuse, des peupliers élancés, dans la douceur résignée des oliviers, dans les sanglots des saules verts et blancs. J'ai voulu m'enivrer de l'âme, vague et triste,

dans laquelle la nature entière se spiritualise et se dissout, âme éternelle et fugace qui surgit de mon divin Mondego, de ce Nil sacré de mes rêves.» (p. 50). Esta escolha de Joaquim Araújo / Formont justifica-se perfeitamente pela atracção mítica que Coimbra romântica exercia sobre um público francófono que de Portugal, «ce pays de légende» (p. 50), pouco mais conhecia do que a lendária Coimbra, universitária, boémia e fadista.

O Conde de Monsarás, António Macedo de Papança, camonianista fervoroso em **Catarina de Ataíde** (1880), poema comemorativo do centenário de Camões, autor das sonoras **Telas Históricas** em defesa do Marquês de Pombal, não poderia faltar nesta galeria, em que teve direito a um espaço gráfico bastante amplo, que, na circunstância presente, correspondia à importância assumida pelo poeta de **Crepusculares** (1876) junto do público português, que hoje o esqueceu. Ora, para Maxime Formont, Papança era «un poète aimé de la jeunesse, qui voit en lui un Musset portugais» (p. 51). Na sua opinião, estes seus versos eram bem dignos do poeta persa Ferdousi ou de um poeta provençal das Cortes de Amor: «J'ai chanté comme on chante aux heures du matin, couché dans un jardin de roses parfumées.» (p. 51). Três longos excertos ilustram a afirmação da valia poética inflacionada de Papança, que, no seu critério, não desmereceriam de Heine e de Baudelaire (pp. 51-54). Um exemplo apenas:

Je demeure parfois à rêver à ce qui fut ma richesse idolâtrée; le grand coeur pur et tranquille de ma bien-aimée. C'est dans ce coeur profond et vaste, et tendre comme les coeurs des fleurs, que moi, insensé, j'épanchai les pleurs amers de mes douleurs.

J'ai pleuré ainsi des flots de larmes dans sa poitrine, en lui décrivant l'horreur de mon passé, et la sombre passion qui m'a rendu si malheureux.

Et ce coeur tranquille et doux s'est empli de tristesses,

et à la fin, parce que c'était un coeur fragile... il s'est brisé comme un cristal.(pp. 53-54).

Parece-nos ouvir em surdina um dos poemas do **Intermezzo**, de Araújo, o qual, por coincidência de gosto com o Conde de Monsarás e pela amizade que os unia, não podia ter deixado de fornecer a Formont os elementos poéticos para este juízo crítico tão favorável.

Se bem que Joaquim de Araújo nunca se tenha revelado um apreciador do Simbolismo, neste painel crítico não poderia estar ausente Eugénio de Castro. A importância que Araújo / Formont atribuem àquele poeta simbolista fica a atestar que nem sempre as suas preferências romântico-parnasianas prevaleceram sobre poetas de outra escola, que se distinguiam no país no fim de Século: «Je voudrais pouvoir consacrer une étude spéciale à M. Eugénio de Castro, l'introducteur du symbolisme en Portugal. Son oeuvre prête aux considérations les plus intéressantes. L'auteur d'**Oaristos** et d'**Horas** a fait entendre une note absolument nouvelle dans la littérature portugaise, et son idéal d'art ne se confond nullement avec celui de ses devanciers: c'est un initiateur.» (p. 54). A originalidade da sua nova via poética é descrita nestes termos: «Son talent a pour principaux caractères extérieurs l'éclat et la richesse, sa virtuosité se manifeste dans les combinaisons rythmiques originales et curieuses.» (p. 54). O crítico afirma não pretender debruçar-se em pormenor sobre questões de formalismo rítmico e rimático, mas sim captar o *estado de alma* do poeta português, que estava em perfeita comunhão com a última geração de poetas simbolistas franceses. E, com muito mais rigor analítico do que em quase todos os outros painéis anteriores deste ensaio, esclarece: «Ainsi, ses vers, qui grâce à un emploi exclusif des mots brillants et colorés, éblouissant comme des vitraux où flamboie le soleil, évoquent de lointaines et merveilleuses légendes, imprégnées de sensualité mystique. Sa modernité se complaît dans un décor gothique ou byzantin; sa conception

de la volupté est d'une perversité chaste; il y renouvelle et préconise les renoncements candides des rêveurs extatiques du moyen âge, pour goûter comme eux, mais avec un raffinement maladif où l'on sent la nérvosité contemporaine, la jouissance de défaillir d'ardeurs et de langeurs dans un prosternement éperdu aux pieds de l'idole hautaine. Son rêve baudelairien est traversé par les parfums, les rayonnements et les hymnes de la liturgie catholique.» (p. 54). Alongámo-nos na citação, porque ela constitui ainda hoje um trecho fundamental dos estudos críticos sobre Eugénio de Castro, que este ensaio vem pôr em destaque. O antologista documenta toda esta sua adesão ao poeta maior do Simbolismo português com a tradução, desta feita, em verso, do longo poema "Quand la mort viendra", de que respigamos uma passagam amostrativa:

> Quand la Mort viendra,
> Ce sera par une petite matinée pâle...
> Quand la Mort viendra,
> Je veux que tu sois près de moi, craintive et pâle,
> Quand la Mort viendra...
> Et nos adieux seront bien émus,
> Quand la Mort viendra,
> Et je devrai dire adieu à tes petits yeux tristes comme des adieux,
> Quand la Mort viendra;
> Et ils mettront une fermeture de bois à la porte,
> Quand la Mort viendra,
> /.../ (pp. 55-56).

O comentário sempre pertinente e ajustado não termina sem uma advertência ao poeta no sentido de que prossiga a sua inovadora via poética, mas evite algumas aberrações da Escola Simbolista, mantendo-se no trilho dos seus teóricos sinceros, mais preocupados em traduzir em verso a sua riqueza

interior do que em esmerar-se na busca de efeitos sonoros de alcance e sentido duvidosos ou nulos.

Ao Simbolismo de Eugénio de Castro, o antologista francês acopula António Duarte de Oliveira Soares, diplomata, autor de **Azul**, **Exame de Consciência** e **Paraíso Perdido**, referindo-se de modo muito sintético apenas à sua última obra, sem emitir qualquer juízo de valor; D. João de Castro, autor do **Livro Branco,** que Formont considera «d'une inspiration fraîche et d'une élégante facture»; António Nobre, sobre quem Araújo (e a sua intromissão neste julgamento parece-me indiscutível) emite um juízo de valor muito restritivo: « / son / talent gagnera beaucoup à s'affranchir de certaine pose et d'une manie d'imitation regrettable. Ce talent, incontestable d'ailleurs, au lieu de suivre une direction certaine, flotte, pour ainsi dire, à la merci des courants les plus opposés, qui l'entraînent tour à tour selon les hasards de la lecture et des conversations littéraires. Il est telle ballade de M. Nobre, *O João*, fort bien rythmée du reste, qui contient des tercets empruntés textuellement à la *Casa do Coração* de M. de Quental (*Cadências vagas).* Mais malgré tout, il y a en lui un poète, qui s'affirme, çà et là, par de reélles beautés.» (pp. 58-59). Donde se infere mais uma vez que Araújo / Formont se mostravam pouco receptivos à nova sensibilidade estética e estilística do Simbolismo em curso em França e retardado em Portugal.

Num outro apartado, o antologista arruma em poucas linhas um grupo de poetas, alguns de muito mérito, outros de segunda escolha: Cândido de Figueiredo, muito apreciado pelas suas **Nictagínias** e pela sua crítica literária em **Homens e Letras,** que, de algum modo, se antecipa na elaboração de uma galeria de poetas portugueses seus contemporâneos ao estudo de Formont, se bem que muito mais restrito; Teixeira Bastos, o positivista autor de **Rumores vulcânicos** (1878), em que tenta aplicar em Portugal as teorias de Mme. Ackermann, produzindo uma poesia científica que não passou de um caso isolado, para responder ao coro uníssono dos positivistas que previam o fim

da poesia subjectiva e lúdica; Queirós Ribeiro, que, em **Tardes da Primavera**, procura correspondências entre as suas próprias emoções e as diversas manifestações da vida universal numa perfeita simbiose panteísta; Coelho Carvalho com as suas **Ervas**; José Saraiva, com **Serenatas**; Alberto Bramão, um discípulo de Antero, e Albertina Paraíso, de quem se anuncia um livro inédito com o título de **Tímidas** (do qual Araújo, sempre muito elogiador da poesia feminina, anuncia, pela pena de Formont , «qu'il contient des vers charmants, d'une sensibilité mélancolique et d'une versification mélodieuse, gracieuses cantilènes qui se gravent immédiatement dans la mémoire et dans le coeur») (p. 60) – todos estes obtiveram menções honrosas. Vêm completar esse grupo Luís Osório com **Neblinas**, José Lacerda com **Flor de Pântano**, Júlio Brandão com o **Livro de Aglaïs**, Urbano de Castro, seguidor de Tolentino, com uma veia marcadamente satírica. De todo este último lote de poetas, só Urbano de Castro teve o privilégio de ver traduzido um verso seu escrito no álbum de uma beldade portuguesa. Outra intromissão do Araújo, cultor de álbuns, que, ainda por cima para leitores francófonos, constituía um exemplo de gosto poético bastante medíocre:

Si tu pensais à moi une seule seconde pour tous les jours où je ne pense qu'à toi, tu pourrais, par de telles secondes, compter les jours de ma vie ici-bas. (p. 60).

Na chave de oiro deste estudo do movimento poético português seu contemporâneo, Araújo denunciou uma vez mais a sua ingerência nesta antologia crítica, ao reservar um destacado gráfico para a mulher que foi a sua mais longa paixão romântica: Alice Moderno. Os registos utilizados são de natureza afectiva, deixando aflorar à superfície o seu comprometimento parcial nesta seriação. Começa por lhe chamar «charmante poétesse», traça-lhe a biografia, destacando que ela nasceu em Paris em 1867, de ascendência brasileira, onde viveu

até aos nove anos, fixando-se depois em Ponta Delgada, para se dedicar ao ensino de línguas estrangeiras e ao jornalismo. Escreveu **Aspirações** e **Trilos.** A familiaridade de Araújo com Alice Moderno permite-lhe anunciar um romance seu então ainda não publicado: **O Dr. Luís Sandoval**, que seguramente Formont não conheceria. E sobre os seus versos diz em larga expansão de terna afectividade: «Les vers de M.lle Moderno se recommandent par une inspiration abondante, une très grande facilité, un accent d'émotion sincère et une constante élévation. On voit qu'ils ont été écrits dans la solitude rêveuse de cette île de verdure et de parfums, perdue au milieu de l'Atlantique; et, en les lisant, comme si on approchait de son oreille les deux valves rosées d'un coquillage bruissant, on croit entendre vaguement les brises marines. L'artiste peut encore grandir, mais non le poète.» (p. 61). Sente-se que Araújo mistura o plano artístico com o plano passional. O detalhe das informações seguintes vem confirmar inequivocamente que Araújo se envolveu afectiva e efectivamente na redacção deste ensaio de Formont, não se limitando apenas a fornecer dados de que o crítico francês não disporia: *«Aussi plusieurs sonnets de cette jeune fille, déjà célèbre, ont-ils été traduits em allemand par M. Wilhelm Storck, dans son* ***Parnasse Portugais****, qui va paraître à Münster. Un poète scicilien distingué, M. Cannizzaro, a salué en beaux vers ce gracieux talent, et M. Göran Björkman, un ami intelligent et passionné de la littérature portugaise, va, dit-on, traduire en suédois quelques compositins de M.lle Moderno, dont je veux au moins donner ici de* ***lied*** *amoureux:*

Nous irons tous deux seuls par les chemins, par les riantes forêts capricieuses, et ce sera moi qui cueillerai les roses pour que tu ne te blesses pas aux épines... Pour toi je déroberai les violettes aux cavités des roches les plus secrètes, où seule entre la lumière du soleil.

Puis si tu parles, ô ma vie, afin de mieux entendre ta voix aimée, je ferai taire le rossignol. (p. 61).

Dada a paixão longamente correspondida entre ambos os poetas-amantes, não será de estranhar que Araújo se tenha narcisicamente revisto no *alter ego* romântico daquele passeio pelo bosque, vivido ou sonhado.

Num balanço final sobre este estudo de Araújo / Formont, não temos dúvidas em afirmar que ele foi, pela importância da revista que o publicou, pela qualidade do crítico lusófilo que a assinou e pela abundante riqueza informacional que ele comporta, *uma peça fundamental da política cultural de Joaquim de Araújo na divulgação da Literatura e da Cultura portuguesas na Europa*. O facto de se tratar de uma selecção que se circunscreveu apenas à análise da poesia, eliminando a narrativa, a ensaística e a dramaturgia, empobreceu indiscutivelmente o painel geral do estado das Letras em Portugal na segunda metade do século XIX, pois nele não entraram nomes literários já consagrados e conhecidos na Europa, como Júlio Dinis, Eça de Queirós, Oliveira Martins e Ramalho Ortigão. Mas que esse painel representou uma síntese viva da poesia desse período e foi um contributo considerável para a difusão europeia da Cultura portuguesa é por demasiado notório. Araújo esteve em perfeita sintonia com Maxime Formont, não sendo possível determinar com rigor a parte que cabe a cada um, embora, repetimos, tenhamos a convicção de que a parte substancial do plano pertenceu a Joaquim de Araújo. Seja como for, ambos prestaram à Cultura lusa um relevantíssimo serviço – o que só veio confirmar a imagem que a França tinha de Portugal: um país de líricos saudosistas que ela própria nunca foi capaz de gerar com o seu racionalismo cartesiano congénito. Nenhum estudo de qualquer um dos outros lusófilos deverá ter tido um alcance tão vasto. Pelo que, para além da subjectividade que implica qualquer seleccção antológica e para aquém dos juízos de valor emitidos que padecem em certos casos de claros jogos de influências sociais ou afectivas, o quadro traçado é suficientemente abrangente e reflecte o conhecimento exaustivo

que Joaquim de Araújo tinha da Literatura e da Cultura portuguesa do seu tempo. Nunca os poetas portugueses de outra época tiveram pela pena de um lusófilo um painel tão alargado, multifacetado, palpitante, *in fieri,* que manifestava o dinamismo e a vitalidade de uma Cultura que nada tinha, insiste-se, a perder no confronto com as suas congéneres europeias. Possuía ainda este ensaio o alto mérito de apresentar a poesia portuguesa na sua variedade e na sua especificidade, sem encontrar para cada caso uma matriz de influência francesa ou alemã. Araújo, suspeito nesta matéria, não hesitou em classificá-lo como «o *mais perfeito compte-rendu do movimento poético português, que ainda devemos a um estrangeiro.*»[301]. Sousa Fernandes, então director da **Nova Alvorada**, registou o aparecimento desse estudo de Formont nos seguintes termos: «*Habituados como estamos a ver deturpadas as nossas coisas e erradamente apreciados os nossos homens sempre que no estrangeiro e por estrangeiros se trata de nós e do nosso país, confessamos antes de tudo que a primeira impressão que nos despertou este livro de M. Maxime Formont foi pela fidelidade de citações e precisão de dados com que o ilustre escritor francês expõe e e julga o assunto que se propôs versar, e que, como o título do seu livro indica, é uma análise crítico-biográfica dos nossos principais poetas contemporâneos.*» (n.º 11, 1 de Fevereiro de 1893, p. 215).

Que a França, quase sempre pela iniciativa pública ou discreta de Joaquim de Araújo, continuava a interessar-se pela Literatura portuguesa prova-o também a antologia realizada pelo comparatista Achille Millien, que ele intitulou **Fleurs de Poésie - Morceaux de poètes étrangers contemporains, traduits en vers, - Poètes portugais**, publicada em Nevers, em 1893. Estavam representados nessa antologia 14 poetas portugueses, entre os quais Antero de Quental, com os seus famosos sonetos "Palácio da ventura" e "Mors-Amor", de que transcrevemos a tradução do primeiro:

Le palais du Bonheur

Je rêve que je suis un chevalier errant,
Au loin, sous le soleil ou dans la nuit obscure,
Paladin de l'amour, je cherche à l'aventure
Le palais du Bonheur et marche en soupirant.

Chancelant, épuisé, je vais tomber mourant,
J'ai rompu mon épée et brisé mon armure...
Soudain, dans sa pompeuse et magique structure,
Il m'apparaît, splendide et comme fulguriant.

J'accours, je frappe au seuil, criant d'une voix forte :
« Je suis le vagabond et le déshérité !
Écoute ma clameur, palais, ouvre ta porte ! »

Elle s'est ouverte... et je me suis précipité...
Mais je ~~me~~ ne trouve en tout ce palais, l'âme morte,
Rien, rien que le silence avec l'obscurité !

(d'après Anthère de Quintal)

Le Palais du Bonheur

Je rêve que je suis un chevalier errant.
Au loin, sous le soleil ou dans la nuit obscure,
Paladin de l'amour, je cherche à l'aventure
Le palais du bonheur et marche en soupirant.

Chancelant, épuisé, je vais tomber mourant;
J'ai rompu mon épée et brisé mon armure...
Soudain, dans sa pompeuse et magique structure,
Il m'apparaît splendide et comme fulgurant.

J'accours, je frappe au seuil, criant d'une voix forte:
'Je suis le vagabond et le déshérité!
Ecoute ma clameur, palais, ouvre ta porte!'

Elle est ouverte et je me suis précipité...
Mais je ne trouve en tout ce palais, l'âme morte,
Rien, rien que le silence avec l'obscurité!

A **Nova Alvorada** sempre atenta a estes ecos da lusofilia europeia transcreveu este soneto anteriano, vertido em francês por Achille Millien, no seu número de Julho de 1893. Teremos de reconhecer que Achille Millien realizou com talento o que Formont / Araújo não quiseram ou não foram capazes de fazer: uma versão em poesia das passagens seleccionadas. A tradução de Formont / Araújo, quase toda em prosa, desfigurava a beleza rítimica e rimática dos originais lusos. Achille Millien, por seu turno, apresentava uma tradução literal, com bom *élan* rítmico, em que o único lexema que está manifestamente inadequado é "structure", escolhido para efeito rimático, com evidente rudeza fónica, mas que não tem qualquer correspondência no original anteriano. Rafael Altamira Crevea, interlocutor espanhol privilegiado de Joaquim de Araújo, conheceu , sem dúvida

por seu intermédio, o ensaio antológico de Formont e o florilégio poético de Achille Millien e elogia-os a ambos, sem, contudo, deixar de formular algumas reservas: «Formont examina uno por uno todos los poetas notables, que pasan de veinte, y cita grandes trozos de sus poesías. Quien no termine la lectura de lo que el crítico francés dice admirando ya por anticipado el gran Antero, à João de Deus, y otros, y experimentando comezan por leerlos íntegros y originales, bien puede decir que no siente la poesía. Io no digo que el Sr. Formont no tenga también sus benevolencias; positivamente, incurre en algunas equivocaciones, como, v. gr.. al afiliar à Antero de Quental con Sully Prudhomme; pero, en general, es excelente guía, perspicaz, entusiasta, discreto y de buen gusto.

«El folleto de Millien completa el de Formont. Contiene poesías de catorce autores portugueses, bien escogidos. No puden menos de gustar los sonetos de Antero, *La siesta*, de Gonçalves Crespo, *El missal del fraile*, de Araújo, y los suaves y dulces versos de João de Deus.»[302]

Omnipresente em todo este processo de expansão cultural, Araújo encontrava sempre maneira hábil de se incluir entre os maiores. Quem parte e reparte, e não guarda para si a melhor parte... E nunca esquecia os que de mais perto o amavam e aprovavam ou colaboravam nas suas iniciativas editoriais. É o caso da sua "noiva" Alice Moderno, para quem, por intermédio seu, Achille Millien seleccionou e traduziu o soneto da poetisa açoriana:

En Mai

Nous irons tous les deux, le long des sentiers
Qui sillonnent les bois dans leur riant caprice,
Et de peur qu'une épine, ami, ne te meurtrisse
C'est pour moi qui cueillerai la fleur des églantiers.

Je chercherai surtout les plus sombres quartiers,
Ceux qui couvrent les nids d'une ombre protectrice
Et tu pourras ouïr la chanson seductrice
Des oiseaux, dans l'abri des arbres forestiers.

Je ravirai pour toi les violettes, nées
Au creux le plus secret des grottes détournées,
Qu'un rayon de soleil seul visite parfois;

Et quand tu parleras, ô toi, mon bien suprême,
Pour que j'entende mieux ta voix, ta douce voix,
J'imposerai silence au rossignol lui-même[303].

Cotejada a tradução integral de Millien em verso com a tradução parcial de Formont em prosa atrás transcrita, nota-se que a primeira é muito mais apurada, sobretudo em virtude dos belos efeitos da rima.

Prosseguindo no levantamento da expansão da Cultura portuguesa em França por obra e graça de Araújo, é ele mesmo quem inventaria algumas obras francesas que se referiam com muitos encómios a Antero de Quental, como o **Dictionnaire Universel du XIX Siècle**, de Pierre Larousse; **Le Portugal à vol d'oiseau**, de Madame de Rute (Ratatazi); **Coup d'oeil sur la littératurte portugaise**, por F. G. J... Recorda também a actividade de Pilate de Brinn'Gaubast que publicou uma biografia sobre João de Deus, em que faz diversas alusões a Antero de Quental. Publicou mais tarde o mesmo lusófilo um longo artigo sobre a Literatura portuguesa num número especial da **Revue Encyclopédique** consagrado a Portugal[304]. Araújo tinha ainda conhecimento de que ele preparava também um estudo monográfico sobre Antero de Quental. Do comércio literário entre Brinn'Gaubast e Araújo, restam-nos cinco cartas que se encontram na Biblioteca Nazionale di San Marco.

Quanto a Henri Faure, Araújo considera-o um dos mais notáveis lusófilos da época e pôde contar com ele para o

florilégio de traduções do epitáfio escrito por Antero para o túmulo de Zara. (**Quinzaine Bourbonnaise**, Moulins, vol. IV, p. 557), em que aquele crítico gaulês coloca Antero «parmi les plus remarquables représentants de la nouvelle École poétique du Portugal». Rodrigo Veloso refere-se a este lusófilo «devotado de alma ao culto da literatura portuguesa, e tendo-lhe prestado relevantíssimos serviços, entre outros, os de haver traduzido para francês duas das obras primas de Garrett - o **Camões** e o **Frei Luís de Sousa**» (**Aurora do Cávado,** n.º 19, Novembro, 1899, p. 147). Igualmente se lhe ficou a dever a tradução de **La jeune fille aux rossignols.** Trata-se de uma homenagem no centenário garrettiano e a tradução vem precedida de uma introdução com 43 páginas, que elogiam as **Viagens na minha Terra.** Também **A Crónica** (nº 119, Agosto de 1904, p. 2) define esse lusófilo francês nos seguintes termos: «É uma das individualidades estrangeiras que pelo seu entranhado amor à nossa terra e às nossas letras mais se destaca entre o *resumido grupo daqueles a quem interessa a nossa intelectualidade. /.../ Ele é hoje em França quem mais e melhor conhece a nossa literatura e lamenta que os seus compatriotas a desconheçam.*» * E prossegue: «Henri Faure tem produzido inúmeros artigos sobre Portugal e coisas portuguesas. Ainda há poucos dias recebemos por oferta do ilustre escritor a **Revue Française de l'étranger et des colonies et L'exploration** onde publica um artigo sobre os Açores - **Aux Açores: l'Île Gracieuse**, que ocupa as páginas 412 a 420. É um belo estudo que nobilita bastante o nome do seu autor. Portugal deve-lhe também a tradução de muitos trechos dos **Lusíadas** e sonetos de Camões; **O Bobo** de Herculano e diversas poesias da **Harpa do Crente** e ainda da **Leonor Teles**; **A Duqueza de Brabante**, versos de Gomes Leal, plaquette de 12 pag., 1902; **Camões** de J. B. de Almeida Garrett, **poème traduit du Portugais, avec une introduction et des**

---

* *O sublinhado é nosso.*

notes par Henri Faure, 1880, 1 vol. 8º, tiragem 550 ex., com o ret. de Garrett, e uma correctíssima e esmerada tradução do do **Frei Luís de Sousa.** Henri Faure tem vertido para francês diversos originais de D. Olga Sarmento da Silveira, D. Ana de Castro Osório, Teófilo Braga, D. Alice Moderno, e tem colaborado na **Sociedade futura, Crónica**, etc.» (**ibidem**). O número da **Crónica,** que acabamos de referir, publica uma sua tradução do poema de Alice Moderno:

La charité au Portugal

Ó vous qui le malheur guette comme une proie,
Sans guides, sans soutiens dans la société.
Ingénus chérubins, nés pour l'adversité,
Vous n'aurez du foyer ni l'amour ni la joie!

Et pourtant, regardez: dans cette froide nuit,
Dont le lugubre voile, hélas! vous environne,
N'apercevez-vous pas un flambeau qui rayonne?
La Charité le tient; l'Espérance le suit.

Sur vous, avec amour, la Charité se penche,
Et ses bras caressants vous pressent sur son sein:
Aimez bien cette mère adorable; aimez bien
Ses fils, dont en bienfaits la tendresse s'épanche!

Infelizmente, sente-se presente a mão de Araújo por detrás de todo este coro de elogios e a tal ponto que De la Clédelle anuncia uma obra que aparecerá em breve, mas que, supomos, nunca chegou a ver a luz do dia: «La Muse de J. de Araújo, toujours fleurie et toujours féconde, lui a inspiré un nouveau livre qui paraîtra sous peu; mais dès maintenant, dit un autre membre de la Société d'Alais, M. Padula, que j'ai pris pour guide, aucun ouvrage ne pourrait accroître le mérite et la renommée de ce poète.» (**Ibidem**).

Outra obra em língua francesa de grande alcance e significado na expansão da Literatura portuguesa foi a publicada por Virgile Rossel: **Un poète portugais du XIXe Siècle. Poèmes et sonnets par Anthero de Quental traduits en français**, Librairie Garnier Frères, s. d., em que verte 84 sonetos e três poemas ("Os Cativos", "Entre Sombras" e "A Fada Negra"), precedidos de uma notícia biográfica. O tradutor suíço questiona-se sobre o valor de Antero quando cotejado com o de Camões, perguntando se ele não merecerá a universalidade que teve o épico deixando de pertencer a uma pequena nação para se transformar em património da humanidade: «*Ne mériterait-il pas d'entrer, lui aussi, dans la glorieuse famille des écrivains qui n'appartiennent plus simplement à une nation, mais à l'humanité?*». Reconhece Rossel que o investimento filosófico da mensagem poética de Antero não o torna acessível a todos os leitores, mas apenas a um escol capaz de mergulhar no drama da dor poética, frisando: «*Les sonnets, presque tous les sonnets de Quental sont de la quintessence de poésie. L'élévation et l'éclat de sa plainte ne laisseront aucune âme indifférente. Sa douceur et sa noblesse lui gagneront les coeurs. Oliveira Martins a raison: Antero de Quental peut apparaître à beaucoup comme un 'excentrique', mais il reste un de ces 'excentriques' dont l'espèce n'est pas moins rare que nécessaire, l'un de ces êtres d'exception qui, de leurs rêves, de leurs doutes, de leurs douleurs font de la beauté.*». A tradução de Virgile Rossel deixa, por vezes, muito a desejar, como se poderá ver no soneto "Solemnia verba", em que a concisão conceptual anteriana não encontra expressão equivalente, bem visível no sétimo verso e na chave de oiro:

J'ai dit à mon coeur: – Regarde, ô mon coeur
Que de fous chemins tous deux nous suivîmes!
Contemple, du haut de ces froides cimes,
Là-bas, les déserts mouillés de nos pleurs!

Poudre et cendre aux lieux où riaient les fleurs!
La nuit noire après les matins sublimes!
Des ruines là, plus loin des victimes,
Semeur insensé de rêves menteurs!

Mais mon coeur formé par la rude école
De son long martyre avait tant saigné,
Qu'il m'a répondu, calme et résigné:

"De cette hauteur, vois, l'Amour s'envole
Vers toi! Si cela, c'est la vie, eh bien,
Espérer est tout, souffrir n'est plus rien".

Sobre Virgile Rossel e a qualidade da sua tradução pronuncia-se Alberto d'Oliveira em **Pombos Correios (Notas Quotidianas)**, (Coimbra, 1913, pp. 135-141): «passarei agora a falar da tradução em versos franceses, que ele acaba de publicar numa edição da casa Garnier, dos maravilhosos sonetos de Antero de Quental. Merece talvez ser contada a génese deste novo volume. Um dia, à mesa de um banquete oficial, queixava-me eu a Virgile Rossel da cruel obscuridade a que a nenhuma expansão da nossa língua na Europa condenava os nossos grandes escritores. Dizia-lhe quanto esse isolamento intelectual nos deprimia e desanimava na nossa terra todo o estímulo artístico. Apontava-lhe a repercussão das longínquas obras escandinavas ou russas cujos autores o mundo inteiro lia ou pelo menos conhecia de nome, enquanto o nosso Antero – por exemplo – um dos maiores poetas do século XIX, era completamente ignorado como se nunca tivesse existido. Talvez com mais amabilidade do que com fé Virgile Rossel prometeu aparecer em minha casa para lermos juntos alguns dos melhores trechos da literatura portuguesa contemporânea. E assim sucedeu dias depois. Traduzi-lhe o melhor que pude alguns capítulos de Eça de Queirós, alguns poemas de Guerra Junqueiro, por fim três ou quatro dos mais belos sonetos de Antero. /.../ Quis

ouvir mais. Quis levar para casa o volume. Quis a tradução alemã de Wilhelm Storck. *Alguns dias passados mandava-me o seu primeiro soneto traduzido, declarava-se resolvido até ao fundo da alma pela angústia genial do poeta e repetia comigo que ele era um dos maiores* do *seu tempo.*» *. E comenta, depois de apontar alguns reparos à sua tradução: «De toda a maneira a tentativa do sr. Virgile Rossel merece enternecidos agradecimentos de quantos falam e escrevem a nossa língua. Graças a ela é hoje possível a todo o espírito culto entrar em contacto com *uma das figuras que mais honram e enaltecem o nome de Portugal no nosso tempo.** O mundo ficará sabendo que não somos apenas um povo de vida agitada e incerta, mas que continuamos a ser gente na ordem intelectual a mais elevada. Pela nossa cultura e pela nossa vitalidade respondem nomes e obras como essa, tão eficazmente, pelo menos, como a acção, ainda quando fecunda e construtora, dos homens de Estado.».

Mas o caso mais interessante da divulgação anteriana na França e no Estrangeiro prende-se com a difusão da elegia necrológica: **Zara** (cf. **ZARA, Obras de Antero de Quental,** Propriedade e Edição de Couto Martins, Lisboa,1943, com prefácio de Joaquim de Araújo, datado de 1893). Antero imprimira às duas quadras um toque magistral:

Feliz de quem passou por entre a mágoa
E as paixões da existência tumultuosa,
Inconsciente, como passa a rosa,
E leve como a sombra sobre a água.

Era-te a vida um sonho, indefinido
E ténue, mais suave e transparente,
Acordaste... sorriste... e vagamente
Continuaste o sonho interrompido.

---

* *O sublinhado é nosso.*

Lara

Blest, who through life in reverie hath past,
Unmitting of its pinings and its throes,
Lightly as shade on flowing waters cast,
And passively as opes and shuts a rose.

In liveness of a dream thy life was drest,
Obscurely limmed with vague and tender hue:
Awakening thou didst smile, and turn to rest,
Dreaming the interrupted dream anew.

R. Garnett.

Longe de ser o espécimen poético mais conseguido de Antero, a verdade é que estas duas quadras despretensiosas gravadas na campa da irmã de Araújo, por mérito da infinita paciência deste poeta, que ficara profundamente abalado na sua sensibilidade pela morte de sua irmã adolescente, vieram a converter-se no texto português que mais versões conheceu em língua estrangeira, ultrapassando **Os Lusíadas**. Na sua primeira edição, esta elegia necrológica foi vertida em 50 línguas e dialectos: albanês, alemão, americano, árabe, asturiano, basco, bearnês, boémio, bolonhês, bretão, calabrês, castelhano, catalão, croata, daco-cigano, daco-saxónico, delfinês, dinamarquês, eslovaco, finlandês, francês, galego, genovês, grego, havanês, hebraico, húngaro, inglês, irlandês, italiano, latim, maiorquino, milanês, mirandês, napolitano, neerlandês, norueguês, peruano, polaco, provençal, romanche, romanhol, russo, romeno, siciliano, sueco, veneziano, veronês e valão. Não cabalmente satisfeito com esta babel linguística, Araújo viria ainda a conseguir mais uma versão em eslavo e uma outra em arménio antigo e moderno, elevando para 52, pelo menos, o número de línguas e dialectos em que foi vertido este epitáfio anteriano. Emilio Teza publicou em 1896 um curiosíssimo estudo, **Zara - Versi sopra un Sepolcro**, em que analisa 77 traduções (note-se que em algumas línguas foram feitas versões diferentes) e acrescentou-lhes mais sete novas versões em dialectos italianos, atingindo assim a soma final de 59 línguas / dialectos e de 91 versões. Ficámos assombrados quando somámos as parcelas e verificámos que a todas estas versões se veio juntar ainda uma outra de um poeta cubano residente em Nova Iorque, Francisco Sellén. Estamos, sem dúvida, mais por mérito e obsessão de Araújo do que pelo valor intrínseco e excepcional daquele poema, perante um fenómeno de cissiparidade literária, diríamos único, na História da Literatura portuguesa e mesmo, ousamos dizer, universal. Seria, pois, grave erro de perspectiva crítica pensar que tal ocorrência literária poderia corresponder a um interesse generalizado pela Literatura portuguesa e especifica-

mente por Antero de Quental. A verdade é que todas estas versões, tendo muito embora contribuído indiscutivelmente para uma divulgação dos nomes de Antero e de Araújo, atingiram um público muito restrito, porque foram feitas em tiragens sempre muito reduzidas, por vezes, com diversas edições, para satisfação ou auto-comprazimento de bibliófilos inveterados.

Através do seu porta-voz oficioso em Portugal, a revista **Nova Alvorada**, Joaquim de Araújo estava atento a todos os passos dos lusófilos europeus e fazia noticiar no seu n.º 4, Julho, 1893: «*O sr. Achille Millien traduziu para versos franceses a introdução da* ***Morte de D. João****, de Guerra Junqueiro. O sr. Maxime Formont está trabalhando em um estudo histórico acerca de Bocage e dos poetas do seu tempo. O distinto escritor publicará em breve o seu estudo, anunciado há muito sobre a Religiosa Portuguesa.*». É em consequência deste *intercâmbio* entre Achille Millien e Araújo que se encontram 18 cartas na Biblioteca Nazionale di San Marco, Veneza, escritas por aquele lusófilo. Elas confirmam a calorosa paixão que Araújo colocava no convívio com os lusófilos, que, por seu turno, correspondiam, prestando-lhe sempre uma homenagem de muito respeito e servindo-se da sua erudição e disponibilidade de serviços para esclarecer dúvidas e pedir sugestões sobre as matérias lusas que tinham em estudo. Ainda sobre Achille Millien convirá consignar o que sobre ele escreveu Júlio Brandão a propósito de uma crítica ao livro **Chez nous:** «*Há já tempos que eu quisera, no esboço imperfeito dum artigo jornalístico, falar do simpático autor das* ***Ballades et chansons populaires des Tchèques et des Bulgares****, e de tantos outros trabalhos encantadores. Que me perdoe. Nem o frouxo reflexo das minhas palavras juntava brilho algum ao seu nome que avulta entre os dos mais belos escritores franceses, e se destaca no grupo dos* ***internacionalistas****, onde não devo esquecer entre outros os nomes de Wilhelm Storck, Edgar Prestage, Maxime Formont, de Brinn'Gaubast, Göran Björkman, e desse encantador poeta siciliano, Tommazzo Cannizaro.*»[305]. Era frequente neste período, em que a crítica

se ocupava mais da biografia do autor do que da estrutura poética da obra em análise e distribuía elogios hiperbólicos ou censuras descabeladas, que os críticos lusos sobrevalorizassem os trabalhos dos lusófilos, às vezes medíocres, os quais, nos seus países, passaram quase despercebidos. É o caso de Achille Millien, cujo nome nem sequer aparece actualmente nas grandes Histórias da Literatura francesa e portuguesa, como, aliás, o de Formont e Brinn' Gaubast. Este subido apreço dos nossos críticos pela lusofilia francesa remontava já a Ferdinand Denis, «o amigo dos portugueses», como lhe chamou Castilho, em 1836, na dedicatória do poema "Os ciúmes do Bardo". A revista **Artes e Letras**[306] rende as suas homenagens a esse vulto apaixonado pela Literatura portuguesa, destacando o seu papel de difusor das letras lusas e fazendo mesmo um levantamento dos seus estudos que têm por objecto assuntos portugueses. Manteve-se até ao fim de Século esta veneração dos artistas portugueses pelos seus pares franceses que se dedicavam com simpatia à tradução e à crítica da nossa Literatura, antiga, moderna ou contemporânea. Assim, Rodrigo Veloso, ao virar a página do século, escreve a propósito de Marc Legrand: *«Fui brindado por mr. Marc Legrand, o eminente poeta francês, a quem a nossa literatura tem merecido tamanha predilecção, e que dela, tornando-se para nós, os portugueses, duplamente benemerente por isso, tem vulgarizado em França algumas das obras primas, com um exemplar da sua comédia lírica, em um acto e em verso,* ***Pierrot et la lune****.»*[307]. Nota-se , é claro, em toda esta admiração lusa pelos estrangeiros alguma subserviência acrítica. Os divulgadores lusos da Cultura francesa que invadia Portugal e ameaçava fazer desmoronar os alicerces históricos da sua originalidade enquanto expressão da *portugalidade* não mereceram, em regra, por parte dos autores franceses, idêntico tratamento de admiração e respeito. O complexo de superioridade ou o *chauvinismo* francês não se manifestava grato nem ingrato pela sua expansão em Portugal. Era para ele uma decorrência natural da superioridade da sua

Cultura. Já os portugueses consideravam que o empenho e o desempenho da lusofilia era ao mesmo tempo um acto de simpatia e de justiça para com uma literatura de um país periférico cuja voz enrouquecera, por excesso de mar, depois do seu apogeu quinhentista, nos salões barrocos de futilidade conceptista e nas masmorras da satânica Inquisição. Independentemente da qualidade e da quantidade dos lusófilos, a crítica portuguesa sorria num gesto de afável simpatia a todos quantos nela se iniciavam, passando rapidamente aos encómios exagerados de grata consagração. A tradução poliglota de excertos da **Visão dos Tempos**, de que já nos ocupámos, exemplifica sobremaneira o que acabamos de afirmar.

O contributo de Philéas Lebesgue é igualmente esclarecedor. Depois de historiar a evolução da epopeia em que insere aquela obra de Teófilo Braga, Lebesgue afirma que Portugal *«peut redevenir un facteur important de culture dans l'humanité; il doit coopérer à l'établissement de la confédération latine de l'Occident, où se pourra trouver enfin garantie inébranlablement son autonomie.»*[308]. Define Teófilo Braga como pacifista e republicano, sensível à grandeza moral do seu povo, que contempla a História dos píncaros do seu Positivismo, mas acentua que a **Visão dos Tempos**, embora produto filosófico dos três ciclos da Humanidade, nada tem de diletantismo intelectual, porque o seu *lusismo* é muito forte, fazendo com que essa epopeia seja ao mesmo tempo *científica* e *nacionalista*. Cotejando-o com outros poetas franceses que se deixaram arrastar pelo sopro épico, Lebesgue conclui: *«Le visionnaire, certes, y est moins puissant que celui de la* ***Légende des siècles****; le souci du détail et la science du vers sont moins poussés que chez Sully-Prudhomme; mais quelle ampleur de pensée et quelle harmonie dans l'ensemble! Hugo et Leconte de Lisle n'ont créé que des épisodes; Junqueiro, Gomes Leal, émules et compatriotes du poète, n'intéressent que la passion ou le lyrisme de leurs vers; l'auteur seul des* ***Tempêtes sonores*** *et de l'****Ondine du Lac*** *sait faire chanter autour du Portugal la symphonie des*

héros de l'Histoire, jusqu'à donner le sentiment que ***le réveil prévu par le Sébastianisme n'est pas un vain mot.»***[309]. Lebesgue tenta ainda a aproximação de Teófilo e de Antero, admirador profundo de ambos, evitando cair no defeito comum a todos os críticos que, para engrandecerem um, minimizavam o outro: «*La supériorité de Braga provient qu'il ait su marier le sentiment universel au* ***sentiment portugais, dont il excelle à dégager l'essence****. Platonisme chez Camöens jeune, hégélianisme chez le fondateur de* ***l'Ecole de Coimbra****, renversant le vieux Castilho par le* ***camonéisme*** *transcendant de son juvénile enthousiasme, des deux parts c'est l'Amour sublimisé par une aspiration de grandeur, de savoir ou d'héroïsme qui s'affirme comme mobile sacré du génie des deux poètes. Loin de nous, d'ailleurs, la pensée de tenter leur parallèle. Ils se complètent l'un l'autre, mais ne se comparent point. Ils sont deux moments géniaux de l'histoire littéraire portugaise, et Braga, arborant la bannière de la renaissance poétique, aux côtés d'Antero de Quental et d'Oliveira Martins, eut soin de se placer auprès de João de Deus, qui d'instinct* ***avait retrouvé la source claire de l'âme ancestrale****. Ainsi affirmait-il ne vouloir faire autre chose que marcher dans l'esprit de Camöens, c'est-à-dire, en même temps, de Bocage et de Garrett, qui sont les grands et les voyants du Parnasse lusitanien.»*[310]. Este texto publicado no **Mercure de France** (15/5/1906, pp. 221-230) é precioso na medida em que não só refere os verdadeiros pilares da renovação poética e ideológica da *Geração Moderna* como também estabelece uma linha de continuidade e de complementaridade da Cultura portuguesa, vindo ao de cima a «âme ancestrale» da *portugalidade*, com momentos de genial culminância em Camões e João de Deus, a que se arrimam Teófilo, Antero e Oliveira Martins. Para Lebesgue, «***La Lusiade*** *est le premier poème où l'on aperçoive autre chose que des paysages d'Europe, le seul où l'Homme occidental nous soit présenté dans sa lutte corps à corps avec les éléments, avec la Distance, avec la Mer.»*[311]. Este texto de Lebesgue assumiu no contexto

geral da lusofilia uma importância considerável e viria a ser integrado na versão poliglota de **Visão dos Tempos**, publicada dois anos mais tarde, em que participaram outros lusófilos seus compatriotas. Gaubast e Lebesgue traduziram "La Perle d'Ophir", declarando em nota que a concepção global da epopeia teofiliana era grandiosa, com uma coordenação rigorosamenre lógica, com variedade e nobreza na sua execução poética:

VIRUPA, *auprès du jeune homme.*

Mon coeur pleure à le voir prostré,
Plante délicate, par l'ouragan frappée!
Sans que les lèvres, même, traduisent ce qu'il endure...
Sa fragile existence, la fièvre la dévore!
Avant le temps, la fleur de ses années s'effeuille;
Cela te fait de la peine? Ma fille pleure sur sa destinée.
Peut-être que tes larmes d'affection sincère...
De même que la rosée ranime la fleur qui pend
Peut-être ces doux pleurs le rappelleraient à vivre...
Moi, je m'en vais par nos vallées, à la recherche
Des herbes les plus balsamiques; c'est à elles
De guérir de si profondes blessures.[312]

Louis-Pilate de Brinn'Gaubast verteu ainda "Grâce ineffable", que evoca a perda da filha de Teófilo, Maria da Graça. O tradutor lembra que todos os grandes artistas da portugueses da época, embora, em geral, hostis a Teófilo Braga, em consequência do seu temperamento amargo, do seu republicanismo combativo e do seu positivismo de princípio, se congregaram em torno dele para chorar a morte trágica dos seus dois filhos. João de Deus, com a ajuda de Araújo, reuniu na colectâna **A maior dor humana,** todas as peças de dolorosa simpatia para com Teófilo que serviram para ajudar o poeta sofredor a aguentar com estoicismo aquela enorme tragédia familiar. Eis um excerto da sua tradução:

A contempler cette immense mer amère
Où rugissent d'éternelles tempêtes
La vision des Ages
Sur le large horizon
Laisse l'impression d'une harmonie équatorienne
Concert idéal implicite en l'Histoire,
Toi, comme une lumière à la blanche clarté,
Qui resplendis toujours à l'horizon obscur,
Fille! symbole pur
D'espérance et de bonté,
Dans le tourbillonnement des tourments du voyage,
Quelle force je trouve en ta douce image!
Morte en fleur d'idéales seize années,
Jamais plus ce visage immaculé
Ne fut pour moi caché;
Durant les conflits insensés
Des tristes passions, tu venais, amène,
Me donner un refuge en toi, vision sereine.[313]

Igualmente de apreciar é a tradução que este lusófilo fez do soneto "Vida", de João de Deus e que a **Nova Alvorada** (nº 6, Ano VI, Setembro de 1896, p. 142) publica acompanhado de uma nota crítica importante na perspectiva deste estudo:

LA VIE

Così trapassa, al trapassar d'un giorno,
Della vita mortale il fiore e 'lverde
Né, perché faccia indietro april ritorno,
Si rinfiora ella mai, né si rinverde»
Tasso.

Peu à peu s'amortit pour moi jusqu'à mourir
La lumière qui dans cette existence me guidait,

Et sur qui je comptais barder les yeux fixés
Tant que je descendrais les marches du tombeau.

Pour peu qu'elle ne s'obscurcit, que je ne la visse plus
L'univers tout entier pour moi s'enténébrait;
Baissait-elle, aussitôt baissait à proportion
Le reflet de sa propre splendeur en mon âme.

Ame jumelle de la mienne, et ingénue et pure
Comme (si ce ne fut point un rêve) les anges du ciel,
Elle voudrait me montrer que le bien dure bien peu!

Je ne sais s'ils me l'ont ravie, si c'est elle qui s'est envolée;
Et mon malheur, non plus, jamais je ne saurais
Le conter à qui dans cette vie n'a point pleuré...

Independentemente da má qualidade da tradução, a nota apensa traz achegas de monta para documentação do interesse da França na pessoa de vários dos seus lusófilos pelo património literário luso. Foi publidada no **Magazine International** e informa: «Ce poème est considéré comme le chef-d'oeuvre du génial mais *intradusible* lyrique dont la mort, survenue le 11 janvier dernier, fut et demeure, aux yeux du peuple portugais sans aucune distinction de «classes», un injuste */sic/* deuil national. Dans le nº 128 de la **Revue Encyclopédique** (15 février) j'ai moi-même raconté la vie de ce grand homme, et caractérisé son oeuvre et son génie: je n'y reviendrai pas ici. D'ailleurs, si imparfaite et *provisoire* que soit la traduction que je présente, j'ai confiance qu'on y *sentira* quelle profondeur d'inspiration, quels naturels sursauts d'une rêverie doloureuse en sa noble sérénité désespérée, quelle spontanéité d'accent, quelle variété de rythmes et de métaphores ou de comparaisons populaires ou nouvelles, font de l'original une pièce peut-être unique dans l'universelle poésie des joies et des douleurs *authentiquement humaines*. Quoi qu'il en soit, le fait de rendre

vers par vers, sous une forme autant que possible littéraire, en dépit des plus redoutables inversions, des plus déconcertantes ellipses de pensée, la littéralité – *presque* partout – d'un sens regardé comme inexprimable par les Portugais, connaissant notre langue, ce fait représente, à lui seul, un effort assez consciencieux pour me donner à l'indulgence un droit que je réclame hautement. Je ne saurais terminer cette note sans remercier de leurs conseils, d'autant plus instructifs que plus contradictoires, mes amis *Eugénio de Castro et Joaquim de Araújo, Xavier de Carvalho et Teixeira Bastos;* un petit nombre d'expressions purent aussi m'être suggérées par une sorte de mot-à-mot dont M. Philéas Lebesgue m'avait communiqué naguère le manuscrit, qu'il ne destinait pas à être publié.»

Henri Faure também foi chamado a colaborar para homenagear Teófilo e apresentou a sua versão de "Au défilé de Ronceveux" e de "L'écho de l'Olifant (Doze de Inglaterra), de que extractamos alguns passos:

Au Défilé de Ronceveaux

La fureur du combat en ce moment redouble.
Au fort de l'action, Roland, que rien ne trouble,
Du vaillant Olivier fait la rencontre.
Il dit:
"Frère d'armes, tes coups portent tous; il suffit
Pour battre ces païens du talon de ta lance.
Cependant contre toi plus nombreuse s'élance
La meute de ces chiens: mets donc hors du fourreau
Hauteclaire, et fais-en un massacre nouveau,
Afin que, sain et sauf, tu forces le passage.
– Ne tremble pas pour moi; je me ris de leur rage."
Lui répond Olivier, toujours en combattant:
Ils ne m'ont point laissé le répit d'un instant,
Jusqu'ici, pour porter la main à ma ceinture;
Mais je les châtierai sans pitié, je le jure![314]

L'écho de l'Olifant

Or, dans son palais d'Aix est rentré l'Empereur.
Le front sombre et chagrin, il demeure rêveur;
S'il est dolent le coeur du puissant Charlemagne,
C'est que ses meilleurs Preux sont restés en Espagne!
Quand il s'en retournait, il avait entendu
De très loin résonner l'Olifant éperdu...

"C'est Roland! se dit-il... Ce signal est la preuve
Que mes Pairs sont soumis à quelque grave épreuve!"...

A cette heure, en effet, le fier corps de Roland
Pénètre au défilé de Roncevaux.[315]

Insípidas são para o leitor actual estas estrofes de inspiração histórico-épica, mas temos de situar-nos no seu contexto epocal para lhe entendermos o significado. De concreto, ficava não a beleza de poemas esteticamente construídos com mestria, mas a mensagem que veiculavam, permitindo ao público francês familiarizar-se com a Cultura portuguesa, como pretendia Joaquim de Araújo. Xavier de Carvalho tinha razão: *«Une litératture qui a produit Camoëns, Garrett, João de Deus et Eça de Queirós, ces tempéraments d'élite, mérite l'attention de la critique dans les grands centres cultivés de l'Europe moderne.»*[316]. O cônsul português em Génova partilhava idêntico ponto de vista e seguia a mesma estratégia de difusão.

A França, que já traduzira Camões, Eça e Garrett (**La jeune fille aux rossignols,** por Henri Faure, e **Frei Luís de Sousa,** pelo barão de Sant'Ana Néry), vibrou com a comemoração do Centenário de Garrett. Paul Vibert, presidente da sessão que em Paris comemorou aquela efeméride, proclamou numa defesa acirrada da latinidade: «*Oui, le Portugal est un petit peuple, mais avec son mouvement intellectuel si intense, n'appartient-il pas comme un phare lumineux, là-bas, au bout*

de la vieille Europe, en face de l'Océan immense?»[317]. Peça fulcral dessa expansão da Cultura lusa em França foi o discurso de Xavier de Carvalho intitulado "De Garrett à Téophile Braga et Eça de Queirós», pronunciado em 10 de Dezembro de 1903, na Société d'Etudes Portugaises, em Paris, em que começa por declarar: «*La littérature portugaise est fort malheureusement trop ignorée en France, malgré les travaux les plus récents de Maxime Formont, Henri Faure, Lebesgue, Achille Millien, Brinn'Gaubast, Victor Orban, Sarran d'Aillard, Marc Legrand et d'autres lusophiles. On ne connaît ici que Camöens et son merveilleux poème* ***Les Lusiades***.»[318]. E sobre o autor de **Camões**, esclarece: «*Garrett n'est guère connu en France, malgré les traductions de Henri Faure, de Maxime Formont, de Sant'Ana Néry et de Marc Legrand. Nous allons vous donner une idée sommaire de celui qui fut, en Portugal, presque aussi grand que Lamartine et Hugo en France.*»[319] O quadro global traçado por Xavier de Carvalho faz perpassar diante do público francês a vida e a obra dos grandes vultos da Literatura portuguesa a partir do Romantismo: Alexandre Herculano, Latino Coelho, Rebelo da Silva, Andrade Corvo e Soares de Passos. Em destacado, faz uma referência mais desenvolvida aos romancistas Júlio Dinis e Camilo Castelo Branco, caracterizando o primeiro como sendo ao gosto inglês de Dickens e de Thackeray e o segundo como uma réplica lusa de Balzac. Na chamada *Escola de Coimbra*, põe em relevo Teófilo Braga e Antero de Quental, que responsabiliza genericamente pela difusão em Portugal de Hugo, Baudelaire, Renan e Comte. Demora-se ainda com Ramalho Ortigão, Eça de Queirós, João de Deus, Oliveira Martins, Guerra Junqueiro e Gomes Leal. Recorda a propósito de Teófilo Braga o juízo que sobre ele emitiu Littré na sua **Revue Positive**: «*M. Braga, l'un des écrivains les plus renommés du Portugal et qui a donné un remarquable travail à notre revue de l'Esthétique Positive entreprend de doter son pays d'une Histoire universelle de Sociologie concrète. Je ne doute pas qu'une pareille oeuvre*

exécutée par un savant tel que M. Braga ne franchisse les limites du Portugal et ne devienne un vrai service rendu à la philosophie positive et à tout l'Occident, surtout à l'Occident latin.»[320]. Lembra também Xavier de Carvalho o artigo escrito por Gaston Paris sobre Teófilo Braga na **Revue Critique** e, querendo dar ao público francês uma imagem da projecção de Teófilo Braga na Europa, afirma: *«Beaucoup de revues allemandes, suédoises, anglaises et italiennes ont inséré des études sur les travaux de l'érudit écrivain portugais. Ses poèmes ont été traduits en suédois, en italien et en espagnol. Et tous ceux qui se sont occupés à l'étranger de l'oeuvre de Teófilo Braga considèrent ce grand écrivain comme le véritable inspirateur de l'activité intellectuelle du Portugal moderne, par la féconde impulsion de son génie rayonnant et puissant.»*[321]. Depois de Araújo e de António de Portugal de Faria, nenhum outro agente diplomático português se preocupou tanto em expandir os valores culturais portugueses na Europa como Xavier de Carvalho. Em 1893, Manuel Bernardes Branco publicou a sua obra **Portugal e os Estrangeiros**, procurando dar uma visão histórica geral da penetração de obras e temas portugueses nas literaturas europeias. Araújo e Xavier de Carvalho adoptaram uma estratégia diferente, pois tentavam levar à Europa a mensagem cultural lusa da actualidade. Talvez por isso, Xavier de Carvalho arrisca este juízo final sobre a obra de Teófilo Braga, que a crítica hodierna não confirma: *«Colossale et toute bâtie de méthode scientifique, l'oeuvre universelle de Teófilo Braga est la plus pure gloire du Portugal contemporain.»*[322]. Xavier de Carvalho tenta socorrer-se da autoridade de Philéas Lebesgue que escreveu sobre Teófilo Braga palavras de raro apreço: *«Au seuil du temple magnifique ainsi constitué par l'**Histoire de la Littérature portugaise,** Teófilo Braga place cette monumentale étude d'ethnologie qui a pour titre: **La Patrie portugaise, le territoire et la Race**. Il y envisage, dans tous ses détails et avec une sûreté merveilleuse d'investigation, la formation de la nationalité portugaise, à*

travers les vicissitudes de sa longue histoire, depuis l'ère préhistorique à l'invasion arabe.

«Puis viennent les déductions psychologiques et l'analyse du tempérament portugais, d'une émotivité si particulière. De cette oeuvre habilement conçue et méthodiquement exécuté, avec toutes les ressources d'un cerveau remarquablement enclin à concevoir les idées générales, se dégage cette conclusion: le Portugal, en dépit des luttes soutenues, demeure, de par la nature de son sol, son orientation géographique et le caractère de ses habitants, un organisme autonome, réfractaire à l'unification politique de la péninsule.»[323].

Sem nos querermos demorar excessivamente neste painel de informações, não podemos resistir a mencionar ainda as linhas que consagra a João de Deus, socorrendo-se uma vez mais junto do público francês da autoridade do seu compatriota Philéas Lebesgue: «*génie intuitif, artiste de naissance, dessinant ou jouant de plusieurs instruments sans nulle éducation spéciale, chantant comme le lilas parfumé, sans le savoir, improvisant ses vers sans les vouloir écrire, si bien que ses admirateurs les ont reccueillis de sa bouche avec beaucoup de variantes, et publiés comme on édite les classiques de l'antiquité; il a canalisé tous les ruisselets épars de l'inspiration populaire vers le large lit retrouvé de la poésie nationale et des formes du XVI e siècle, abandonnées depuis Camoëns.*»[324]. Associa a este julgamento de Lebesgue outro do italiano Canini que considerou no seu **Libro dell'Amore** o poeta João de Deus como «*il primo poeta d'amore non solo del Portogallo ma di tutta Europa.*»[325]. Nessa sinopse, Xavier de Carvalho omitiu muitos poetas que Araújo / Formont tinham seleccionado para o seu **Mouvement poétique contemporain en Portugal**. Tratava-se de uma conferência a decorrer em tempo limitado, mas porque escreveu cerca de dez anos mais tarde, pôde incluir alguns nomes que não constavam no elenco de Formont: João Grave, Júlio Dantas, Brederode, Alfredo Mesquita, Júlio Brandão, João

Chagas, Justino de Montalvão, Raúl Brandão, Henrique de Vasconcelos, Carlos Malheiro Dias, Abel Botelho e Alberto Bramão. Antero de Quental merece-lhe um retrato muito sintético, mas ajustado: «*Voici encore un autre grand poète! C'est Antero de Quental, le révolutionnaire de la Raison dans les* ***Odes Modernes,*** *le négateur des* ***Sonnets*** *d'un mysticisme transcendant. Il fut aussi le grand propagandiste de l'idée socialiste au Portugal avec Fontana. Sa vie rappelle un peu celle de Tolstoi. Quental a exercé une action profonde sur les esprits de la dernière génération portugaise. Après avoir vécu comme un saint, malade d'une névrose héréditaire, il s'est suicidé d'un coup de révolver, il y a quelques années. Son oeuvre est toute de combat et de révolte, mais ses vers derniers forment une synthèse philosophique inspirée dans le pessimisme allemand.*»[326]. Xavier de Carvalho remata o seu estudo com duas referências muito longas a Oliveira Martins e a Eça de Queirós, destacando o contributo histórico-sociológico do primeiro e o génio romanesco do segundo. Ele afirmava peremptoriamente ao seu público francês que em Portugal havia uma vitalidade cultural muito própria que a Europa central parecia desprezar por a desconhecer. A *Geração Nova* levara o país a um renascimento que procurava recuperar de alguns séculos de invasão cultural espanhola e francesa. Para ele, estava chegada a hora da assunção e da afirmação orgulhosa dos valores autóctonones lusos no concerto europeu moderno: «*malgré cet enthousiasme, presque cette folie pour la belle France bien aimée ou mieux pour Paris éblouissant, il y a au Portugal, à l'heure actuelle, dans tous les domaines de l'activité artistique, un mouvement rénovateur, une poussée de vie admirable.*»[327]. Esta sua tese era perfeitamente coincidente com a de Joaquim de Araújo. O servilismo francês com quase dois séculos de domínio absoluto começava a periclitar. Assumia-se em Portugal uma consciência cada vez mais arreigada de que chegara o momento da afirmação da sua idiossincrasia e da sua autonomia, sem que isso significasse uma recusa abrupta

dos modelos culturais europeus. Cremos poder datar genericamente do fim de século esta tomada de consciência aguda da *portugalidade*, depois do desaire político do Ultimatum. Joaquim de Araújo apostara forte nesta consciencialização e, sem qualquer assomo de nacionalismo *chauvinista,* lança-se numa campanha de expansão da Cultura portuguesa que se afirmava sem complexos de inferioridade no xadrez das Culturas europeias. A partir de Herculano e de Garrett e mau grado o *francesismo* comum a todos os membros da *Geração Moderna*, a Cultura portuguesa procurou com afinco a sua autonomização. E neste domínio, o contributo dos lusófilos foi de capital importância, porque, todos eles comparatistas, sublinhavam a originalidade e qualidade da Cultura portuguesa espelhada sobretudo nas suas realizações literárias. Assim, Philéas Lebesgue, no seu **Le Portugal littéraire d'aujourd'hui,** acentua a especificidade da Cultura portuguesa, damarcando-a claramente em relação à castelhana: «*On étonnerait fort notre public à lui mettre sous les yeux les prétentions, scientifiquement déduites, de savants et sociologues portugais tels que Teófilo Braga, proclamant, avec preuves à l'appui, l'automonie parfaite de l'organisme ethnographique, géologique, politique, historique et littéraire du Portugal, en dépit d'influences indéniablement subies, de luttes soutenues et du préjugé européen qui tend, contre toute logique, à assimiler le Portugais et l'Espagnol. Inconsidérément et à première vue la majorité des Français identifie les deux peuples dont les langues sont soeurs jumelles, et n'en discute guère. Cependant ni la terre, ni les origines, ni l'histoire ne sont les mêmes chez les deux nations.*»[328]. Lebesgue põe em realce o original cruzamento do trovadorismo provençal com o romance céltico do Ciclo bretão, aponta o lado elegíaco e satírico da alma lusa, analisa o conceito de 'saudade', reflecte sobre o valor universal de **Os Lusíadas** e da língua em que foram escritos, segue a individualidade lusa de século em século, para afirmar, de forma inequívoca, a originalidade cultural do povo português no contexto ibérico e europeu. Eça

caricaturara em pinceladas sarcásticas a galomania portuguesa, em que as matrizes culturais lusas pareciam ter submergido definitivamente, e Lebesgue comenta: «*sans vouloir non plus, d'autre part, insister sur certains côtés de la gallophilie portugaise, grâce à quoi la civilisation lusitanienne prend l'aspect, au dire d'Eça de Queirós lui-même, d'un colis de modes fraîchement débarqué des Messageries françaises, il convient de dire, avant toutes choses, que le Portugal, a produit de telles personnalités de qualité proprement* ***européenne*** * *et non pas seulement* ***nationale*** *; il a participé si copieusement à l'oeuvre de la civilisation universelle que l'on ne saurait jamais plus se désintéresser, non seulement de son passé de gloire, mais aussi de son présent d'attente, de mélancolie et de recueillement. Beaucoup de grandes nations, disposant de l'une des langues européennes qui sont dites de haute culture, pourraient à bon droit envier à ce pygmée les riches joyaux de sa couronne intellectuelle. Selon la juste réflexion de L.-P. de Brinn'Gaubast, il est urgent de faire enfin justice à l'invraisemblable richesse d'une littérature, en laquelle sans doute le génie est rare comme partout, sans faire absolument défaut, mais en laquelle aussi du reste, et proportionnellement plus que partout ailleurs, le talent foisonne et déborde.*»[329]. Lebesgue socorre-se deste modo do testemunho de um seu compatriota para afirmar com coragem e pertinência a tese da autonomia e da originalidade da Cultura portuguesa. Reportando-se ao Pavilhão das Colónias portuguesas no Trocadéro, em 1900, em que se destacava um exemplar de **Os Lusíadas**, transcreve as palavras de M.me Adam: «*C'est que Camoëns, dit M.me Adam, est devenu un symbole. En lui le peuple portugais voit la réserve; il trouve, en relisant Camoëns, le culte de son indépendance, le respect de sa grandeur passée.*»[330]. Lebesgue não se afasta, por conseguinte, das ideias sustentadas

---

* *O sublinhado é nosso.*

pelos outros lusófilos franceses. Na sua opinião, a três séculos de distância, Almeida Garrett refizera a epopeia de Camões e iniciara um novo Renascimento cultural. Garrett estabelecera um enérgico compromisso entre o passado e o presente projectado no futuro, abrindo as comportas da *modernidade.* O ultra-romantismo português ameaçara fazer soçobrar o esforço de modernização empreendido por Garrret e Herculano. Brinn'Gaubast opinara como Lebesgue que Garrrett fora o inovador de toda a poesia portuguesa dos últimos trinta e cinco anos. João de Deus representava aos olhos deste lusófilo a perfeita incarnação do lirismo luso tradicional, ao mesmo tempo místico, sensual e terno, com alguns matizes bíblicos, que, segundo Antonio Padula, nunca separa o amor de Deus do amor da Mulher. Sobre os restantes poetas e romancistas modernos, o ensaio de Lebesgue repete os narizes de cera da crítica portuguesa e dos lusófilos que o precederam, apontando para o baudelairianismo de Cesário Verde e de Alberto de Oliveira, para o satanismo de Gomes Leal, para os ecos de Poe e/ou de Dostoievsky em Raul Brandão. A linha mais pura da poesia genuinamente nacional parece-lhe continuar viva em **Os Simples**, de Guerra Junqueiro, e na **Constança**, de Eugénio de Castro. Sobre Antero, nada inova, limitando-se a repetir os lugares comuns da crítica portuguesa. Observa ainda, de passagem, que o Positivismo em Portugal foi sempre muito atenuado pelo verismo e que este país, embora tenha sido durante séculos uma colónia francesa, foi uma colónia à maneira inglesa, isto é, orgulhosa da sua autonomia. Assinala ainda na Cultura portuguesa um «*duel étrange entre la raison et l'imagination /.../ offert par le moderne Portugal*»[331], que se encontra exacerbada na poética anteriana. Já no que respeita aos prosadores da *Geração Nova*, Lebesgue nada acrescenta que valha a pena destacar. Julgamos, todavia, ser de interesse para a economia global deste nosso estudo assinalar o seu juízo sobre Joaquim de Araújo: «/ il / *nous ramène plus près de João de Deus. Traducteur de l'**Intermezzo** de H. Heine, auteur d'une*

série de travaux en vers et en prose sur Camoëns, il sut retrouver dans sa ***Chanson du Berceau*** *la source fraîche et cachée de l'inspiration populaire. Dans son* ***Ode sur la mort d'Antero****, il atteint les suprêmes profondeurs du sentiment philosophique. Après la* ***Lyre intime*** *et les* ***Occidentales****, il a donné en dernier lieu les* ***Fleurs nocturnes****, toutes baignées de* ***saudade****. Il est le plus musical des Parnassiens.»*[332]. O crítico francês favoreceu ostensivamente Joaquim de Araújo enquanto poeta e camonianista, mas omitiu as devidas referências ao seu extraordinário desempenho de (re)agente difusor da Cultura lusa. Parece-nos evidente que o guião de Maxime Formont serviu de base ao trabalho reprodutivo de Philéas Lebesgue, embora o ensaio deste último fosse de âmbito mais amplo pelo facto de analisar também vários romancistas, teorizadores e dramaturgos. Escrito dez anos depois do de Maxime Formont, este ensaio de Lebesgue podia tomar em linha de conta obras que não fizeram parte do *corpus* do estudo anterior. Lebesgue tinha em muito apreço o estudo de Formont e até cita a sua tradução do **Frei Luís de Sousa**, que a Sociedade "Les Latins" levou à cena em Março de 1902. Lebesgue coloca Garrett na linhagem de Ésquilo, Sófocles e Calderón, aproveitando para lembrar que Quinet considerou esse *drama romântico* português como o exemplo-tipo da tragédia moderna. O quadro que ele traça sobre o teatro português é, no essencial, acertado, assim como é aceitável o seu painel sobre o romance português do séc. XIX. Passando como gato por brasas pelo **Arco de Santana, O Monge de Cister, A Mocidade de João V, Um ano na corte, O Sargento-Mor de Vilar**, e aludindo, de raspão, a Mendes Leal, Gomes d'Amorim, Pinheiro Chagas, compraz-se depois na análise da obra de Camilo Castelo Branco, que, segundo ele, se estreou com narrativas à Frédéric Soulié, e foi o criador em Portugal do 'romance social': «*Une révolte douloureuse et sarcastique anime chacun de ses récits, où revit toute la société portugaise de l'époque. Il est le Balzac lusitanien, avec plus de style, mais un Balzac avec les dons*

de conteur d'Alexandre Dumas. Son ***Amour de la perdition*** *demeure un chef-d'oeuvre d'émotion douloureuse, à cause peut-être des aventures un peu personnelles qu'il y conte. Sa production fut énorme et, quoique inégale en raison d'un labeur sans merci, on peut dire* ***que le tort le plus grave des romans de Camilo est d'avoir vu le jour en Portugal; car, germanique ou slave, nul jusqu'à ce jour n'aurait voulu, en France, ignorer un tel génie.»*** * [333]. A perspectiva de Lebesgue é que um grande autor nunca é pequeno só porque nasceu num pequeno país, mas reconhece que tal facto pode contribuir para o apoucamento da glória de um génio nacional no Estrangeiro. E outro tanto se poderia dizer de Eça de Queirós que Lebesgue coloca no mesmo pico da genialidade em virtude do seu perfeito doseamento da diáfana fantasia com uma visão irónica da realidade sociológica escalpelizada. E, para terminar esta demorada referência a este lusófilo de marca, convirá não esquecer a sinopse que ele traça sobre o movimento filosófico, jornalístico e social que propunha a regeneração cultural e moral do país, tecendo considerações muito pertinentes sobre Oliveira Martins, Sousa Viterbo e Joaquim de Vasconcelos. É na qualidade de jornalista que se refere a Xavier de Carvalho, de quem esboça um retrato, bem à medida de Araújo: *«L'un des vulgarisateurs les plus actifs de tout ce qui touche à la gloire lusitanienne /.../, à qui l'on doit notamment avec la collaboration de L.-P. de Brinn'Gaubast, Bartolomeu Ferrei, etc., la publication de cette oeuvre bénedictine:* ***Le Portugal****, véritable synthèse des choses de Lusitanie. Outre diverses publications passagères d'actualité, il a consacré tout un livre à l'étude des rapports entretenus par la jeune génération littéraire portugaise avec celle de France. Il participa activement à l'organisation à Paris de la célébration des différents centenaires portugais: (Centenaire de Vasco da Gama, Centenaire de Garrett, et lequel fut particulièrement brillant). Récemment il fondait à Paris la*

---

* *O sublinhado é nosso.*

***Société d'Etudes Portugaises**. Ses efforts et ceux de quelques lusophiles français (notamment de L.-P. de Brinn' Gaubast), qui, l'un des premiers, présenta une étude d'ensemble sur la Littérature portugaise contemporaine (**Revue Encyclopédique - Centenaire de Vasco da Gama**, 1898, numéro spécial), ne semblent pas cependant avoir tourné définitivement les yeux de la France vers le modeste Portugal. Puissions-nous, après eux, après Henri Faure (trad. du **Frei Luís de Sousa**, etc.), les Achille Millien (**Anthologie portugaise**), les Maxime Formont, M.me d'Adam (**Anthologie portugaise**), etc., contribuer quelque peu à la même oeuvre de divulgation et de justice esthétiques.».*

Neste bosquejo centrado em torno de Araújo, o encontro com Xavier de Carvalho, é, como vimos, um sentido obrigatório. Ambos alertam as vozes da lusofilia europeia para a necessidade de uma descoberta das capacidades criativas de um povo que os excessos de francesismo importado e mal assimilado só serviam para corroborar. Somadas todas estas intervenções de lusófilos franceses, o peso do seu conhecimento e do apreço pela Cultura portuguesa não é assim tão insignificante quanto habitualmente se diz. Mais voltada para a recepção da Literatura francesa em Portugal do que para a expansão da Literatura lusa, a crítica portuguesa mal se apercebia da lenta, mas progressiva projecção dos seus autores e das suas obras na Europa da segunda metade do séc. XIX. Estava-se ainda muitíssimo longe de uma paridade no sistema de permuta bilateral, mas o esforço ciclópico desenvolvido sumultaneamente por Xavier de Carvalho e Joaquim de Araújo no sentido de equilibrar a balança das importações / exportações culturais entre a França e Portugal foi notável, na medida em que teve um acolhimento favorável de vários comparatistas franceses que divulgaram no seu país os grandes nomes e as grandes obras de autores lusos, permitindo um diálogo entre as duas Culturas. Uma prova suplementar deste bom acolhimento da literatura portuguesa em terras de França é a tradução de **L'estatuo dóu pouéto, odo naciounalo, revirado dòu portugués, de don**

Jouachim de Araujo, por Joseph Roumanille, um dos principais animadores do *félibrige*, editado em Avinhão, em 1893. E, como prova da continuidade do interesse da França, particularmente por Antero de Quental, registe-se este testemunho deslumbrado do crítico, tradutor e cosmopolita Valery Larbaud, em carta a Marcel Rey em Junho de 1902: «*J'ai reçu enfin Antero de Quental dans une vilaine édition imprimée à Porto. C'est en effet très beau, autant que j'ai pu voir; enfin, je pense n'avoir pas mal choisi pour débuter dans le portugais. Je vous envoie ci-joint une poésie de lui, assez compréhensible même sans dictionnaire (je n'en ai pas trouvé de grand). C'est un mélange de pessimisme et d'optimisme très curuieux et du plus bel effet que cet Antero de Quental.* (Valery Larbaud cita **Odes Modernas**, *II, XV), «Pobres levitas o vosso culto»/ N'est-ce pas sublime? Cela commence comme une furieuse tempête d'opéra, pour s'adoucir, s'élargir, sourire et mourir, délicieusement faible! Il y a dans ces quelques vers à la fois du délire (le style épileptique) et du mouvement oratoire – enfin je renouvelle le mot de Diderot. Vous me demandez des nouvelles de ma santé, de mes parents, de mes amis. O mes amis, Antero de Quental est un grand poète!*».

De assinalar é também a presença de René Ghil, o famoso autor do **Traité du Verbe** num número da **Crónica** dirigida por Luís Silva em homenagem a João Penha(n.ºs 63 e 64, Abril, 1902), em que Joaquim de Araújo assina um longo artigo intitulado «João Penha e Antero de Quental» (pp. 6-7). Aquele poeta simbolista enviou para essa homenagem ao sonetista de Braga o seguinte poema:

A João Penha

J'ai dit que ma pensée en cette Fête, si
Elle ose dans l'aurore élever d'autres Fleurs!
Entourerait le nom de Penha – du souci
Que dans les roses soient des roses en pâleurs.

Elle ose dans l'aurore élever d'autres Fleurs
Que de coeurs violents de soleil: d'adouci
Reploiement de pétales apâlis, voici
Des silences longtemps en devenir de pleurs...
– Pour qu'à Penha soit la louange entière, ainsi.

Paris, 1902 (**Idem**, p. 10).

Achille Millien, membro da Academia Real das Ciências de Lisboa, associou-se também a essa homenagem **internacional** ao poeta de **Vinho e Fel** e escreve de Beaumont-La-Ferière (Nièvre):

Flèche d'Ironie
(A João Penha)

(L'ironie que João Penha enferme en ses
élégants sonnets ne perd jamais son trait, ne
manque jamais son but.)

Ô maître du Sonnet, lorsqu'en ton coeur amer
Carquois d'or aux traits fins que l'ironie aiguise,
Tu fais choix d'une flèche, au but que ton oeil vise,
Elle vole et toujours le frappe en sonnant clair.
(**Idem**, p .9).

Omitindo, muito embora por razões de economia editorial e de ângulo de enfocagem deste estudo centrado em Joaquim de Araújo, vários outros testemunhos avulsos e circunstanciais de lusofilia por parte de alguns intelectuais franceses atentos aos valores da Cultura portuguesa e ao seu evoluir contemporâneo, seja-nos permitido incluir o nome de Teramont com o seu estudo "La Littérature portugaise contemporaine" (Extrait du **Carnet Historique et Littéraire**, Paris, 1901), em que se anuncia uma nova intervenção intitulada "Les poètes portugais

contemporains", onde se apontam os nomes dos principais lusófilos europeus (cf. p. 10).

Todas estas informações devem ser completadas com o estudo de Joaquim Leitão relativo a **Almeida Garrett e o Estrangeiro** atrás referido (pp. 189-190).

3.3. Na Itália

Remonta ao Classicismo português o diálogo preferencial da Cultura lusa com a Cultura italiana, que perdurou em força, juntamente com o castelhanismo, até meados do séc. XVIII, em que a França começou a impor-se, de uma forma avassaladora (cf. "Influências italianas na Literatura Portuguesa" in **Dicionário de Literatura** de Jacinto do Prado Coelho, vol. I), como modelo cultural. Influência de sentido praticamente único, já que a irradiação da Cultura lusa em Itália era avulsa e ocasional. O precioso estudo de António de Portugal de Faria intitulado **Portugal e Itália. Ensaio de Dicionário Bibliográfico** (5 vols., Leorne-Milano, 1898-1926) sobre manuscritos portugueses em arquivos estrangeiros, apesar de ser um verdadeiro tesouro histórico da irradiação da Cultura portuguesa, não alterou substancialmente o balanço da nossa grande dependência em relação ao modelo cultural italiano desde o Renascimento até meados do séc. XVIII. Mas o empenho do Marquês de Faria posto na divulgação da Cultura portuguesa na Europa foi enorme, tentando com outros diplomatas literatos difundi-la na medida das suas limitadas possibilidades. Ele bem poderia ter sido um *afrancesado* (im)penitente como Eça de Queirós, jogado entre a fobia e a *filia* pela França (sobretudo a partir do momento em que o romancista se instalou em Paris), pois fizera quase todos os seus estudos na capital das Luzes, onde frequentou o o famoso Collège Stanislas. A verdade é que nunca deixou de lutar pela afirmação da *portugalidade*, furtando-se ao servilismo para com a Cultura francesa então no seu apogeu de glória expansionista. Cônsul de Portugal em Leorne, casado

com uma dama argentina, nunca perdeu o contacto com a cultura do seu país natal e, antigo colaborador do **Figaro**, do **Monde Diplomatique**, do **Courrier du dimanche**, serviu-se da sua posição europeia e diplomática para, em perfeita harmonia com os seus dois amigos Xavier de Carvalho (cf. **Nova Alvorada**, n.º 4, Janeiro 1901, p. 30) e Joaquim de Araújo, conjugar esforços em ordem a uma patriótica e esclarecida expansão da Cultura portuguesa. A **Nova Alvorada** (n.ºs 4, 5 e 6, 1901) recenseia as obras da autoria de António de Portugal de Faria e lista alguma da sua correspondência, as quais dão uma imagem do labor intelectual deste genealogista e bibliógrafo tão apreciado em Portugal como na Europa. Na origem dessa publicação na revista famalicense deve ter estado a mão amiga de Joaquim de Araújo, que prolongava e multiplicava esse empenho, fomentando a lusofilia, suscitando e apoiando lusitanistas incipientes ou consagrados, secundando os esforços dos seus pares. Foram, num cômputo global, mais numerosos os lusófilos italianos do que os lusófilos franceses. E Araújo foi o centro motor de quase toda essa irradiação cultural em Itália. Eis os nomes mais conhecidos: Prospero Peragallo, Tommaso Cannizzaro, Cellini, Canini, Vittorio Baroncelli, Zuppone-Strani, Emilio Teza, Antonio Padula, Luigi Gardini, Vittorio Pica, Pietro Turati, Ettore Toci, Carducci. Graças sobretudo aos constantes incentivos de Araújo, as traduções do português espalham-se em livros, revistas e jornais, num crescendo de contactos culturais com o Portugal de antanho, glorioso no seu passado de pioneiro dos «mares nunca dantes navegados», de propensão mítica, mas também com incursões permanentes na contemporaneidade poética lusa. **A Nova Alvorada** (Março de 1896, p. 95) transcreve de **O Primeiro de Janeiro** o seguinte despacho: «Roma, 29 – *Conta-se que em breve estarão restabelecidas as relações com Portugal. Vai pela Itália um movimento de simpatia por esse país, acentuando-se entre os homens de letras e no jornalismo. Assim o* «**Eco d'Italia** de Génova, a «**Varietà**» *de Nápoles publicaram com*

palavras de alto elogio o retrato de el-Rei D. Carlos, a quem o ilustre publicista Antonio Padula vai oferecer o seu livro – **«Portugal contemporaneo».** */.../ O Professor Bonetti de Brescia está acabando de imprimir uma* **«Antologia Portuguesa».** *O Professor Teza imprimirá em Janeiro, em Pádua, um trabalho crítico sobre Antero de Quental, cujo volume de sonetos integralmente traduzido, deve aparecer brevemente em Palermo. A condessa Marsilia, de Veneza, começou a distribuir a sua «***Revista***», que abre com versão dos* ***Fidalgos da Casa Mourisca*** *de Júlio Dinis, feita por Vittorio Baroncelli. A condessa de Arntzen vai publicar em Florença a tradução de alguns contos de Bernardo Pindela. Está a sair do prelo a 2ª edição da memória de Cassale sobre a ilustre família dos Pessanhas. O editor do «Amore Sfrenato» («Amor de Perdição» por Camilo Castelo Branco) está reimprimindo em Milão este livro, que sairá acompanhado de gravuras, expressamente feitas. Estão finalmente propostos sócios do* **Istituto Araldico di Roma** *alguns ilustres escritores portugueses, que breve serão votados. A literatura de Portugal está sendo fervorosamente acolhida em toda a Itália.».* O quadro traçado, em que está patente o dedo indicador de Araújo, abrange um vasto leque geográfico que contempla todas as grandes cidades italianas, apenas com a estranha, porque injustificada, ausência de Roma. E a notícia veiculada não é o resultado da imaginação desabrida de Araújo que frequentemente tomava a nuvem por Juno, a intenção por obra realizada. Já assinalámos nas rubricas respectivas sobre Garrett, Antero, Camilo (e a propósito do número especial da **Nova Alvorada** consagrado à comemoração do IV Centenário do descobrimento da Índia) vários textos originais portugueses traduzidos para italiano que revelam um despertar do interesse pela Cultura lusa em Itália. No que a Antero diz respeito, remetemos para a bibliografia que Joaquim de Araújo transcreve no **In Memoriam de Antero** relativa a Itália, que é bem mais avultada do que a correspondente francesa. Marco Antonio Canini **em Il libro dell'Amore, poesie italiane e**

straniere raccolte e tradotte verte em Veneza para a língua de Dante os sonetos anterianos "Mors-Amor" e " Sonho" (cf. "Cartas de Marco Antonio Canini" in **Quarenta anos de vida literária, 1860-1900**, Lisboa, 1903, pp. 218-219). Giuseppe Cellini insere no **Fanfulla della Domenica** (Roma, nº 20, 1890) a tradução de vários poemas portugueses. Sobre as suas **Poesie Portoghesi**, comenta Rodrigo Veloso na **Aurora do Cávado** (n.º 24, Janeiro, 1900): *«Entre os já tantos – e ainda bem! – escritores italianos que têm consagrado, nos últimos tempos, suas atenções e devoção à cultura da literatura portuguesa, que graças a eles se vai tornando conhecida da cultíssima Itália, com justificado júbilo e orgulho para o nosso país, acaba de enfileirar-se mais um, verdadeiramente benemerente, o dr. G. Cellini, dando à estampa, em elegante volume, publicado em Roma pela Società Editrice Dante Alighieri, tradução de poesias de Camões, Almeida Garrett, João de Deus, Antero de Quental, Gomes Leal, Guerra Junqueiro e Joaquim de Araújo./ .../ Até onde me é possível avaliar, a versão asim realizada pelo sr. Cellini de algumas jóias da nossa literatura, em cuja selecção o radiante poeta italiano foi felicíssimo, é perfeita e com ela as naturaliza romanas, cousa alguma lhes fazendo perder das graças e donaire do original.»*. Domenico Milelli traduz em Milão a poesia "Sombra" in **Rottami**. A **Rivista Contemporanea,** dirigida por Angelo de Gubernatis, Firenze, 1888, publica (pp. 92-93) "Due sonetti di Anthero de Quental", traduzidos pelo maior amigo italiano de Araújo, o Professor Emilio Teza. No livro **Storia della poesia lirica per cura di Angelo de Gubernatis**, Firenze, o cap. XIII, pp. 326-333, é consagrado aos "Poeti portoghesi", onde aquele crítico aponta a influência alemã nas **Odes Modernas** e nas **Primaveras românticas**. No **Dizionario biografico degli scrittori contemporanei**, de Gubernatis, faz-se uma resenha biográfica de Antero. O mesmo crítico refundiu mais tarde a sua obra que intitulou **Dictionnaire international des écrivains** (Florence, 1888) e, na pág. 87, refere-se com algum pormenor a Antero

de Quental. Em **Fiori d'Oltralpe, Saggio di traduzioni poetiche per l'autore di Uragani**, (seconda serie, Messina, 1893), há várias poesias anterianas e uma versão siciliana de "Zara". Araújo observa nessa data que o autor tem concluída a "nacionalização" dos **Sonetos Completos,** em colaboração com G. Zuppone-Strani, sendo algumas traduções deste último publicadas na **Gazzetta Letteraria,** de Turim (nº 41, 1893), dedicadas a Edgar Prestage. Assim, a **Nova Alvorada** (n.º 9, Dezembro, 1893, p. 73), transcreve um dos sonetos de Antero, "Evolução", traduzido pela primeira vez em italiano por G. Zuppone-Strani, dedicado a Edgar Prestage, «**che primo ai lettori inglesi ha presentato Antero**»:

Fui roccia un tempo e fui nel mondo antico
tronco o ramo d'incognita foresta;
onda, spuma, rompendomi alla cresta
del granito antichissimo nemico...

Fiera, ululai. Negli antri ch'hanno intrico
di ginestre abitai l'alpe rubesta,
o, mostro primitivo, alzai la testa
dal padul che mi fu pascolo amico.

Oggi son Uomo, e vedo nell'enorme
ombra, al mio piè, la scala multiforme
che scende a spire nello spazio immenso...

E scruto l'Infinito, e a volte fioco
piango e tendo le mani e adoro e invoco
la libertà con desiderio intenso.».

De facto, em 1898, surgem os **Sonetti Completi, prima versione italiana pubblicata dall'autore di Fiori d'Oltralpe**, em Messina.

Em Lisboa, em 1894, apareceram numa tiragem muito

reduzida (100 exemplares) as **Flores de poesia portuguesa, traduzidas em italiano** por Prospero Peragallo, outro lusófilo incansável no estudo e divulgação da Cultura portuguesa. É ele quem, em 1900, edita em Génova o **Mazzolino di poesie portoghesi e sivigliane**, onde traduz Camões, Garrett, Antero, Soares de Passos, Xavier da Cunha, Ramos Coellho, Joaquim de Araújo, João Penha, e os brasileiros Magalhães de Azeredo e Eugénio Savard. O reverendo Peragallo viveu muitos anos em Portugal (Veja-se **Nova Alvorada**, n.º 11, Fevereiro de 1896, p. 81), conhecia perfeitamente a língua portuguesa e nutria uma viva simpatia pelo povo e pela cultura lusa, tendo traduzido várias composições camonianas e **Luís de Camões, poemeto**, de Joaquim de Araújo. Deste mesmo poeta traduziu o soneto "No colo do Bébé" sob o título "In braccio ad una fanciulla", extraído das **Ocidentais**:

Al veder questa bambola assopita
Sul tuo seno soave e alabastrino,
Sorge in me, come un cantico divino,
Non so qual brama santa, indefinita.

Io dormiva così, quando la vita
Scorrea per me in un sogno cristallino:
Io dormiva così, quando bambino
Stava in grembo a mia madre intenerita.

Che dolce quadro, o verginelle! Io dava
Gli alti ideali, che fantasticava
In certi oscuri spazi e senza traccia,

In cambio sol della special ventura
D'esser la piccoletta creatura,
Che culli e fai dormir nella tue braccia.

(**Nova Alvorada**, n.º 1, Abril, 1896, p. 109).

A **Nova Alvorada** (n.º 5, Agosto de 1895, p. 40), sempre atenta a este movimento expansionista, informa: «*Acaba de nos ser remetido de Génova outra bela tradução, que como as de Göran Björkman, é firmada por um nome proeminente, o de Zuppone-Strani, um dos primeiros poetas de Itália, tão da nossa estima e consideração como Tommaso Cannizzaro, o venerando poeta siciliano, filósofo e civilizador, na frase de Cimballi. Platon de Waxel no* ***Jornal de S. Petersburgo****, o mais importante de todos quantos se publicam no império moscovita, n. 51, de 17 de Junho de 1887, referindo-se ao cintilante poemeto do sr. Joaquim de Araújo, que Zuppone-Strani acaba de traduzir, reconhece que a literatura portuguesa não se resume na obra do grande épico nacional; que muito ao contrário possuimos uma literatura extremamente rica e variada, escritores que honrando as letras pátrias rivalizam com os melhores estrangeiros. Quanto ao sr. Joaquim de Araújo, como poeta, fá-lo sobranceiro, com justiça, a um grande número dos seus concidadãos pela concisão e pureza de forma.*».

Voltando ainda a Prospero Peragallo, encontrámos muitas poesias suas traduzidas do português dispersas pela imprensa lusa, sobretudo naquela que Araújo elegeu como sua protegida. Destacamos como espécimenes muito conseguidos poeticamente a tradução do soneto de José de Sousa Monteiro extraído de **Entalhos e Camafeus** (p. 69) com o título "Mater dolorosa" (**Nova Alvorada**, n.º 12, 1 de Março de 1896, p. 91) e do de João Penha "Moribunda" (**A Crónica**, Abril, 1902, p.9). A mesma revista publica, em 1900, uma outra versão de Prospero Peragallo, "Rifugio Eterno", extraído das **Ocidentais** (pp. 61-62), em que o soneto de Joaquim de Araújo encontra em italiano uma perfeita execução poética literal, pondo em realce as grandes afinidades destas duas línguas neo-latinas:

Una ineffabile doglia mi tortura,
O amato Bene mio; e io sento appena
Grato e real conforto alla mia pena
Nella tua dolce e verginal figura.

Perciò t'amo d'amor senza misura,
E benedico te, di virtù piena;
Col tuo limpido sguardo sì serena
L'immenso mar della mia vista oscura.

Non so il perché vicino a te, la Vita
È per me una ventura indefinita:
Il fosco duolo batte l'ali, e vola...

Non so il perché? Ah! menti la parola:
Felice è l'uom che in braccio si abbandona
D'una fanciulla generosa e buona...»

(**Nova Alvorada**, n. 2, 1900, p. 12)

Sulla tomba d'una giovanetta é a tradução da poesia «Zara» feita por A. P. Fioravanti, em dialecto corso, no "Le Conservateur de la Corse», nº 731, 14 de Novembro de 1895. Mas o texto que mereceu mais elogios da crítica em geral foi o de Antonio Padula intitulado **Camoens e i Nuovi Poeti Portoghesi** (Nápoles, 1896). Trata-se de uma conferência feita naquela cidade em 30 de Maio de 1896 e que conheceu uma grande divulgação. Pelo tom em que se dirige a Joaquim de Araújo, julgamos poder supor que ele foi um dos seus convidados e ouvintes. Aborda muito sucintamente alguns poetas, demorando-se mais em Garrett, João de Deus, Antero e Joaquim de Araújo e cita, a propósito de Antero, um juízo crítico do lusófilo inglês Edgar Prestage: «*È ancora prematuro, dice Edgar Prestage, un giudizio critico sul valore dell'opera poetica di Anthero, ma certamente si può affermare ch'egli, nel novero dei più grandi poeti del secolo XIX, sederà allato di Heine e di Leopardi.*» (p. 33). Em Joaquim de Araújo, ele vê «*l'elegiaco gentile, l'epico vigoroso, l'artista geniale, che sente a meraviglia la plastica e si mostra inesauribile per varietà*

di fantasia e di metro. La sua Musa florida e feconda gli ha inspirato non poche opere, tutte meritamente pregiate. Dal volume ***Ocidentais*** *tolgo il Mesale del Monaco, lirica che rifulge sopra ogni altra per magnificenza di pensiero e di fattura.*» (p. 46). Vários outros poetas da *Geração Nova* são mencionados, mas de modo demasiado expeditivo - o que até se compreende por se tratar de um texto de conferência, logo limitado na extensão. Publicada esta conferência, decidiu Padula editar no mesmo ano e na mesma tipografia, Pierro e Veraldi, **I Nuovi Poeti Portoghesi, studio di Antonio Padula,** Napoli, 1896, acompanhado dos "Giudizi Critici" de várias personalidades portuguesas, italianas e estrangeiras sobre essa obra. Destacamos de seguida alguns desses juízos expressos em cartas. Teófilo Braga felicita-o por ter apresentado «ao mundo sábio da Itália os seus principais cultores, dando informações seguras e sempre valiosas sobre os seus trabalhos» (p. 74). Xavier de Carvalho considerava-o como «un des travaux des plus curieux qui ont été écrits dernièrement sur les poètes de mon pays» (p. 75). Henri Faure emite também a sua opinião, escrevendo: «J'ai été particulièrement charmé du chapitre qui concerne M. Joaquim de Araújo, dont j'ai été personnellement à même d'apprécier le noble coeur, le grand talent et le généreux patriotisme. Je regrette d'avoir connu trop tard votre savante notice sur Jean de Dieu; j'aurais été heureux de la signaler dans l'article que m'a publié, ce mois-ci, la **Revue Britannique** sur ce poète éminent et homme de bien. Puisque vous aimez Garrett, permettez-moi de vous offrir l'adaptation que j'ai faite, en vers français, de son beau drame **Frei Luís de Sousa**, et que vous remettra ce courrier.» (pp. 78-79). Padula recenseia depois os jornais portugueses, italianos, franceses, espanhóis, ingleses e russos que se pronunciaram sobre esse estudo e que surpreendem pelo seu número e qualidade (cf. pp. 79-80), dando a nítida imagem de que os valores literários lusos contemporâneos interessavam a Europa culta de então. Tal labor intelectual por

parte de Padula não passava despercebido à imprensa portuguesa. **A Crónica** de Luís da Silva, em Novembro de 1904, inclui-o numa galeria de personalidades ilustres e traça-lhe um esboço biográfico: «Entre os escritores que no estrangeiro se ocupam de Portugal, um dos que mais se distingue é o comendador Antonio Padula, um dos nossos representantes mais dedicados nessa linda Itália, pátria das artes por excelência. Literato consumado, crítico insigne, Antonio Padula tem dedicado uma boa parte das suas faculdades literárias à nossa literatura. Lá fundou a **Società Luigi Camoens**, destinada somente a propagandear e difundir a língua e literatura portuguesa na Itália, e ainda há poucos dias recebemos o seu último trabalho, um estudo bastante notável sobre Camões. /.../ Antonio Padula traduziu para italiano a **Salomé,** de Eugénio de Castro, em 1899, e a **Ondina do Lago,** de Teófilo Braga, em 1900. Neste mesmo ano conheceu a Itália, pela sua tradução, o **Rei Galaor**, de Eugénio de Castro. Em 1901 traduziu as **Ilusões Perdidas**, versos de Alberto Bramão, em 1902, a **Catarina de Ataíde**, do Conde de Monsaraz, e a **Visão dos Tempos**, de Teófilo. Foi também autor de um estudo sobre a rainha D. Amélia e o seu trabalho **Il 20 Maggio 1498** foi traduzido em português pelo Dr. Xavier de Carvalho; em francês, por Henri Faure, em alemão, por Wilhelm Storck, e em sueco, pelo Dr. Göran Björkman. Pelos seus valiosíssimos trabalhos literários, abriu-lhes as portas a nossa Academia e Sua Magestade El-Rei concedeu-lhe o hábito de S. Tiago.» (p. 1) Escrevendo de Barcelos para Itália, em 7 de Novembro de 1896, Xavier de Carvalho, afirma: «Je vous remercie vivement de votre brochure si curieuse et si belle. Je vous dois des excuses d'avoir tardé à vous écrire pour vous exprimer encore une fois combien comme portugais et comme homme de lettres je suis touché par *la propagande que vous faites de la littérature portugaise dans ce beau pays d'Italie. – Je vais vous envoyer les copies de ce que j'ai fait paraître dans mes journaux sur votre petit*

Lisboa, B. Al. Nº
3·XII·901

Ex.mo S.

Quando tahiu o vol. I da Philologia mirandesa, enviei a V. S. um exemplar, mas, em vez, de pôr no sobrescrito PADOVA pus outro nome de cidade italiana, e o volume foi-me recambiado para Paris, onde eu estava. Isso explica que V. Exª o não recebesse. Neste correio remetto a V. S. outro exemplar. — Muito estimarei que V. S. escreva sobre os 2 volumes o artigo que me promette. — De V. Exª possuo unicamente: Indoportuguese e Raimundo e Teseugrino; e desejava possuir outros trabalhos. —

Sou com toda a estima

De V. S.

Devotado amº e
mtº obgº.

Leite de Vasconcellos

volume.» * (**Nova Alvorada**, n.º 3, Junho, 1897, p. 22). Em Janeiro de 1902 , Padula envia para **A Crónica**, no seu número dedicado a João Penha, um pequeno artigo em que elogia a ironia e a elegância tanto em verso como em prosa do poeta da **Viagem ao País dos Sonhos.** (**A Crónica**, Abril, 1902, p. 13).

Por seu turno, Emilio Teza publica **Quattro Sonetti di A. de Quental**, Pádua, 1896 e faz sair em Génova, em 1896, **Zara - Versi sopra un sepolcro scritti da Anthero de Quental tradotti da parecchi - Noterelle di E. Teza**, de que houve duas edições. Essas notas revelam a profunda erudição daquele amigo de Araújo, que haveria de ser mais tarde herdeiro e doador do seu legado literário à Biblioteca Nazionale di San Marco. Nessa nova colecção suplementar à já conseguida por Araújo, Emilio Teza, querendo agradar ao seu amigo e homenagear Antero, fez com que o poema "Zara" fosse traduzido nos diversos dialectos de Itália, colaborando nessa tradução a seu pedido conceituados intelectuais italianos: Pietro Rasi, Domenico Bortolan, Amadeo Co. di Lamporo, Pompeo Calvia, Leone Chispima, Giovanni Stogiu, Bachisio Cano, Giulio Andrea Pirona, Giovanni di Giorgio e Vittorio Castiglioni. Já nos reportamos demoradamente a esta grinalda poética elaborada por bibliómanos europeus, mas não podemos deixar de salientar, uma vez mais, que foi em Itália que Araújo conseguiu o maior número de versões daquele poema tumular saído da pena de Antero. Emilio Teza vê mesmo algumas das suas traduções dispersas por jornais portugueses. Eis um exemplo dessas traduções: "Occhi Neri", de Almeida Garrett:

Per tuoi occhi negri negri
negro è il core che gli amò
egli amore va chiedendo,
essi dicongli di no.

---

* *O sublinhado é nosso.*

Altri occhi fuor di quelli,
sian pur negri, io non li vo:
dan speranza gli occhi azzuri,

Soli negri vogli'io;
ché, se un dì le vincerò
ed un sì mi sappian dire
non diran mai più dí no.

(**Nova Alvorada**, n.º 12, Julho, 1902, p. 90).

Mas prossigamos este bosquejo. Na **Nova Alvorada** (n.º 5, 1 de Agosto de 1892, p. 14), lê-se: «De Messina, formosa cidade das ribas da florente Sicília, chega-nos neste momento o último livro de versos do notável poeta italiano e nosso colaborador Tommaso Cannizzaro. Tem 392 páginas este magnífico volume, e sob o título de **Tramonti,** coordena longa e variada colecção de poesias, desde o mais delicado lirismo, inspirado pelo azul suavíssimo do céu italiano e pelo marulhar plangente das vagas do Mediterrâneo, até ao mais transcendente racionalismo, rescendendo a austeridade científica da poesia alemã, derivada dos conselhos da razão e inspirada no pensamento moderno. O livro abre com uma dedicatória a Victor Hugo e a outros ilustres mortos, de diferentes nacionalidades, entre os quais figura o nosso grande e saudoso Antero de Quental, sendo tal dedicatória concebida nos seguintes termos: «*Ai Maestri, Agli Amici, Ai Morti cui rese utili o grandi il genio, lo studio, il volere, L'AUTORE DEDICA.*». O XLVII soneto do livro de Cannizzaro é dedicado ao nosso querido poeta e amigo Joaquim de Araújo e não resistimos ao desejo de transcrevê-lo por versar um assunto muito nosso e muito português:

Ei vive ancora, ei non è morto intero
se l'ansia ond'arse ognor de l'Assoluto
dietro cui vagabondo andó perduto
vive nei canti suoi, nel su pensiero.

Ei non è morto, il sognatore austero
mondi migliori ad anelar venuto,
se in noi, del sole al vespertin saluto,
palpita a quando a quando il cor d'Anthero.

Egli è tra voi di Lusitania figli,
teco ei resta nel dubbio e ne la prece,
nel dolor, ne le gioie e nei perigli.

Cercherá la mia man la sua sovente
ma stingerá, qual s'ella fosse, invece
de la morta sua man la tua vivente.

Além desta, a **Nova Alvorada** publicou no seu n.º 4, Julho, 1892, p. 138, as traduções dos poemas de João de Deus "ad alcuni occhi arzurri", "Tristezze", "Due fiori ci son nati" (De **A Maior Dor Humana**) e "In un albo" e no número seguinte, 1 de Agosto de 1892, "Nel Pellegrinaggio dell'Assoluto"(pp.146-147), cujo original português é constituído por três sonetos que correram o mundo nas mais variadas traduções, feitas a pedido de Araújo, sob o título "Na morte de Antero". Verteu ainda para português "Le Ondine", de João Penha e "Epitafio", de Geraldo da Cunha (cf. **A Crónica,** Abril de 1902, p. 9). Transcrevemos apenas o primeiro:

Pallide e belle erano due le ondine
ed ambe eran vezzose e provocanti;
nell'azzurro io leggea dei folgoranti
occhi l'ardor di passioni divine.
Mi presero, tra l'onde oceanine,
più focose di perfide baccanti,
ma Tenorio, già lieto d'altre amanti
addio, disse, o de l'onde peregrine.
Nell'ora del partir con pianti crudi
la mia piangevan subitana assenza

comme folli torcendo i corpi ignudi.
E dal grembo de l'onde fragorose
– Non ci lasci, dicean, Vostra Eccellenza,
per le terrene ed arizzite rose.

Vários outros poemas seus encontram-se dispersos pela imprensa periódica portuguesa e italiana do fim de Século, mas não é nosso intento inventariá-los, embora o seu número seja suficientemente vasto para não poder deixar de ser significativo.

Destaque muito especial merece também o lusófilo G. Cellini que, no número especial da **Nova Alvorada** já referido (p. 63), vê publicado o seu longo poema de 11 estrofes "Sul Tumulo", de que se cita uma estrofe, que evoca com acentos trágicos o suicídio de Antero e remata invocando e convocando todos os elementos da natureza para que rendam ao poeta uma homenagem de luz e de paz:

Cantino ai venti de la su patria
I boschi e l'onda del mar monotona
intorno a la tomba solinga
del vate: a lui pace ed aurora!

Deve-se lhe ainda a antologia com o título **Poesie Portoghesi Tradotte da G. Cellini**, Roma, Società Editrice, MDCCCIC, em que estão representados Luís de Camões, Garrett, João de Deus, Antero de Quental, Gomes Leal, Guerra Junqueiro e Araújo. Hábil e insinuante, Araújo sempre arranjava maneira de se colocar entre os maiores poetas portugueses, porque, de facto, esta antologia muito selectiva, com 111 páginas, secundarizou vates de estro superior ao seu. Antero, sempre presente no coração saudoso do poeta penafidelense, teve a parte de leão nessa antologia, com a tradução de 11 composições suas, enquanto Araújo se ficou mais modestamente pela longa composição "Quando Primavera scioglie" (pp.103-108) e pelo soneto "Cetra" (p. 109). A importância que Antero

assumia em todas estas antologias demonstra claramente o apreço em que ele era tido em Itália sobretudo a partir do momento do seu suicídio e após a instalação de Araújo em Génova, pois este colocava-o sempre em primeiro plano ao lado do divino João de Deus ou mesmo acima dele em preferência. O trabalho apresentado por Cellini é de grande esmero linguístico, revelando um excelente domínio da língua portuguesa e um gosto estético apurado. Como amostragem dessa muito selectiva antologia da poesia lusa, respigamos o soneto de Araújo intitulado "Cítara":

CETRA

Dorme il villaggio come un uom prostrato
dal lavoro dei campi faticoso:
è ne la notte un senso di riposo
infinito di sotto a lo stellato;

È un non so che di mesto, delicato
come un pensier di vergine amoroso...
Volge la strada qual fantasioso
giro d'un bianco nastro sciorinato.

Tacque il molino già; taciti, lenti
germoglian nel tepore i seminati;
gemon, lontano, blandamente i rivi,

E blandamente, in vaghi ondulamenti
sfuman passando i canti modulati
ne la piangente cetra de li ulivi.

(**op. cit**, p. 109).

Não será de omitir neste levantamento de documentos literários que pretendem demonstrar a importância assumida pela Cultura portuguesa em Itália por obra e graça de Joaquim

de Araújo o nome de lusófilo Diego Garoglio, que fez uma bela tradução do poema 'Zara' e a dedicou a Araújo:

ZARA
(Dal portoghese di Antero de Quental)
A Joaquim de Araujo

Felice chi passò per l'amarezza,
le passioni di vita affannosa
senza saper – come passa la rosa
lieve come ombra che l'equa carezza

T'era la vita un sogno indefinito,
tenue, ma soave e trasparente.
Ti sei desta, hai sorriso e vagamente
il tuo sogno interrotto hai perseguito.

(**Nova Alvorada**, n.º 4, Julho, 1897, p. 31).

Mas não foi só a poesia portuguesa que viajou por Itália. Embora Joaquim de Araújo tivesse uma nítida predilecção pela poesia, não esqueceu nunca o romance e o teatro e sempre manifestou um grande apreço pelos grandes romancistas e dramaturgos portugueses seus contemporâneos. Já vimos a sua profunda admiração e estima por Camilo aquando do seu discurso necrológico sobre a campa do romancista suicida. Em Itália, teve o gosto de assistir à tradução das **Pupilas do Senhor Reitor,** feita por Vittorio Baroncelli, a quem o cônsul de Portugal em Génova escreve uma carta para acompanhar essa versão italiana daquele romance português. Nela confessa que a novelística não é da sua alçada e competência, mas aproveita para fazer justiça a um romancista que não tinha ainda tido em Portugal nem no estrangeiro a projecção que a sua obra merecia: «Júlio Dinis è uno dei più grandi suoi educatori, ché nella classe borghese di Porto e di Lisbona la sua influenza

è stata evidentissima.». Araújo sublinha ainda que poucos críticos estangeiros conhecem Júlio Dinis: «Nelle **Psychologie sociale des nouveaux peuples** Philarète Chastes cita fuggitivamente Júlio Dinis. Dopo di lui, ch'io mi sappia, niun altro francese rammenta l'illustre romanziere. In Italia l'amico mio è forse il primo che venne a conoscerlo, anzi che lo rende nella sua lingua materna. Colla traduzione di **Amore sfrenato** – la meravigliosa e singolare creazione di Camillo Castelo Branco – pubblicata pochi anni or sono a Milano, nella biblioteca diretta da Salvatore Farina, saranno due soltanto i romanzi portoghesi in possesso dei lettori italiani, che nella versione di Rascalla hanno già acquistato il più ammirevole giojello del teatro moderno d'Europa, come Quinet ebbe a chiamare il nostro **Frei Luís de Sousa**. È necessario del pari far leggere **O crime do Padre Amaro** de Eça de Queiroz e porre poi in evidenza la sintesi dell'evoluzione del romanzo contemporaneo in Portogallo, non dimenticando **I Viaggi** del divino Garrett, che già la Germania possiede in una delle sue biblioteche di volgarizzazione.» (Joaquim de Araújo, **Júlio Dinis, Lettera al Signor VITTORIO BARONCELLI** per accompagnare la traduzione dei "Pupille del Signor Curato", Bérgamo, Istituto Italiano d'arti graphiche, 1896, de que se fez uma nova edição no mesmo lugar, tipografia e data). Ainda no mesmo ano, Joaquim de Araújo dá à estampa em Pádua na tipografia all'Università dei fratelli Gallina um novo opúsculo **Sulla Tomba di Camilo Castelo Branco, parole pronunciate nei funerali del grande scrittore portoghese tradotte da Vittorio Baroncelli**. É a tradução do seu elogio fúnebre, de que já falámos atrás. E, para encerrarmos este bosquejo sobre a penetração da Cultura lusa em Itália, vamos transcrever mais duas versões. A primeira é a do poema de Joaquim de Araújo "Na Morte de Antero" (**In Morte di Antero**), assinada por Tommaso Cannizzaro, de que se fizeram várias edições. Servimo-nos da terceira (Bérgamo, Istituto Italiano d'arti graphiche), 1897, da qual respigamos:

Morrer è ser iniciado
Anth. Greca.

È chi muore un iniziato?
dove? al cielo costellato,
al Nirvana, a l'ideal?
geme il vento, urla il profondo
mar - qual triste moribondo -
a qual mondo ultimo a qual?

Alme in pena, benedette
che passate su le vette
d'un gran mondo spirital
è chi muore un iniziato?
dove? al cielo costellato?
a qual mondo ultimo, a qual? (p. 3).

A segunda é o soneto de Araújo traduzido pelo Prof. Paolo Pace dedicado a Xavier da Cunha em Nápoles, Outubro de 1895, e publicado em Pádua no mesmo ano pela Tipografia all'Università dei Fratelli Gallina, com uma "avvertenza" que informa sobre a morte de Camões no hospital dos subúrbios de Sant'Ana, sobre o seu escravo António e a indiana Bárbara, que o teriam acompanhado no infortúnio da velhice que lhe talharam os românticos e que Antero de Quental recusara em carta a Maxime Formont. A justificação da dedicatória reside no facto de Xavier da Cunha estar a preparar uma monografia sobre a escrava Bárbara, acompanhando-a com uma antologia de traduções da canção de Camões. Eis a versão do muito conhecido e divulgado soneto de Joaquim de Araújo:

Nel sobborgo di Sant'Anna

A lenti passi va la notte, e in pianto
Fugge de' mandolini l'armonia,

Le cui infocate lacrime frattanto
Compongono una nova lattea via.

Sospirano d'amore gli astri a tanto
Flebile e appassionata melodia,
E sposano il celeste loro canto
Al suono cui ripete l'eco pia.

E il suono in lontananza langue e muore,
Né d'augellino un'ala più si pone
In fremiti per l'ampia aerea vetta;

Ma ecco una voce, e niuno di me fuore
La sente: ella è di Camoens la canzone
A Barbara, sua schiava prediletta.

Estes elementos por nós recolhidos devem ser completados pelo estudo de Joaquim Leitão «Garrett no estrangeiro» in **Memórias da Academia das Ciências de Lisboa** (tomo V, 1948, pp. 193-194), onde são referenciadas três edições da tradução do **Frei Luís de Sousa** feita pela mão de Juvenal Veggezi Ruscalla. O mesmo crítico adianta ainda que o poema **Camões** foi traduzido em 1907 pelo Conde Adriano di Valbranco e que algumas passagens desse poema foram também traduzidas por Peragallo e Domenico Perrero. Do **Romanceiro** foram traduzidas várias composições por Ettore Toci, Carducci e Cellini. (p. 193). O mesmo investigador arrola ainda um conjunto de estudos de grande interesse para a nossa perspectiva de análise, que passamos a reproduzir: **D'Almeida Garrett** (Moulins, 1889) por Arturo Farinelli, que foi reeditado em italiano nos seus **Discorci bresciani** (Padova, 1926); **Il romanticismo nel mondo latino** (Torino, 1927); **Conferências brasileiras** (São Paulo, 1930); **Rassegna della letteratura portoghese nel secolo XIX** (Roma, 1901), por Salvatore Montuori; **Almeida Garrett: Appunti di letteratura**

drammatica (Roma, 1900) por Virginio Prinzivalli; **D'Almeida Garrett, Rinnovatore della letteratura Portoghese** (Mantova, 1901) por Gemma Majonchi; **Almeida Garrett** (Parma, 1899), por Leonello Modona; **Il centenario di Almeida Garrett** (Nápoles, 1899) por Antonio Padula, **Giambattista da Silva Leitão, Visconte di Almeida Garrett** (Messina, 1900), por Constantini d'Arntzen.

3.4. Na Alemanha *

As influências da Cultura alemã sobre a Cultura portuguesa, por razões que se prendem com a índole da língua, o afastamento geográfico e a natureza da religião – o protestantismo – só começariam a ter uma importância considerável nos finais do séc. XVIII, graças à actividade intelectual da Marquesa de Alorna, casada com um alemão, o conde Johann Karl August Graf von Oeynhausen-Gravenburg. Foi ela o primeiro grande veículo de divulgação de autores alemães em Portugal, se excluirmos alguns casos mais antigos de influências erasmianas sobre o pensamento de Damião de Góis, que foi acolhido por Erasmo e conheceu pessoalmente Lutero, Melanchthon e Albrect Dürer e se correspondeu com Fugger e outros alemães. José Anastácio da Cunha traduzira o suíço Gessner, que interessaria particularmente aos pré-românticos portugueses. Outras informações avulsas mais detalhadas podem ser colhidas nos artigos de Jacinto do Prado Coelho e Hernâni Cidade no **Dicionário de Literatura** (cf. respectivamente «Influências»; «Lusofilia»; e «Portugal e as letras portuguesas nas literaturas estrangeiras»), quadros muito incompletos de uma realidade de pouco fulgor expansionista. Foi a Marquesa de Alorna que deu a conhecer em Portugal autores como Wieland, Klopstock e Goethe. Mas

---

* *Sobre as relações culturais luso-alemães, veja-se Strasen, E. A. / Gândara, Alfredo, **Oito séculos de História Luso-Alemã**, Instituto Ibero-Americano de Berlim, 1944.*

só com o Romantismo é que se iniciou uma divulgação considerável dos vários autores alemães, poetas, filósofos e dramaturgos, que fizeram fortuna em Portugal, o maior dos quais foi, sem dúvida, Henrich Heine. José Gomes Monteiro foi o maior difusor da poesia germânica em Portugal. Antero de Quental e Teófilo Braga foram dos mais fervorosos admiradores do germanismo e, por essa mesma razão, fortemente criticados por Pinheiro Chagas, por causa da sua filosofia 'nebulosa', vinda da Alemanha. Antero hesitou até ao fim entre o individualismo irracionalista alemão e o universalismo socializante do modelo cultural francês, porque a França era a estrela polar dos homens da sua geração.

A Cultura portuguesa por sua vez era praticamente ignorada na Alemanha. Foi sobretudo graças a Wilhelm Storck que este estado de coisas começou a alterar-se ligeiramente. Ele foi em todo este período o lusófilo mais conceituado em Portugal e no estrangeiro pela invulgar qualidade científica e literária dos seus trabalhos. **A Crónica**, n.º 119, Agosto de 1904, p. 2, ao seleccionar e ilustrar com retratos uma galeria de lusófilos «*que pelo trabalho insano de quem lá fora torna conhecido e lembrado o nome desta terra, que já tão grande foi pelas tradições*» (p. 2), traça-lhe o seguinte retrato: «Como sábio e literato o seu nome estendeu-se rapidamente, radicou-se em todas as nações, fez-se respeitar na sua terra e já não é hoje uma glória alemã, é uma glória universal. A sua erudição vastíssima, o seu invulgar e esplêndido talento, os seus valiosos trabalhos deram-lhe um dos primeiros lugares na vanguarda dos modernos trabalhadores do pensamento. E como Teófilo, esse infatigável e enorme trabalhador, é para Portugal, assim Storck é para a Alemanha. A única diferença é que ainda não prestamos a Teófilo a consagração que o seu trabalho nos devia impor, como inadiável e necessária, ao passo que a Alemanha, essa nação das grandes energias e dos grandes corações, a presta ao dr. Storck todos os dias.» (**Idem**). Professor na Universidade de Münster, conhecedor das línguas românicas, Storck é autor

de vários estudos que muito contribuíram para a difusão da Cultura portuguesa na Europa e no mundo. Ei-las seriadas pela revista supracitada: «**Antero de Quental - Sonette; Camoes - Sämtliche Canzonnen des Luis de Camoens**, Paderborn, 1874, 1 vol. 8º; - Leben Nebst Geschichtlicher Einleitung, **Aus Portugal und Brasilien** - e ultimamente a grandiosa obra, **Bie Gfalmen**. O dr. Wilhelm Storck traduziu a *Alma minha,* o célebre soneto de Camões e muitos sonetos dos melhores autores portugueses e brasileiros. Colaborou na **Arte**, revista de Eugénio de Castro e em muitas das principais revistas da Europa.» (**Ibidem**). Foi o seu enorme prestígio que conseguiu convencer Antero de Quental, sempre modesto, a enviar-lhe a famosa **Carta Autobiográfica** de 14 de Maio de 1887, que aquele tradutor verteu para alemão e inseriu como prefácio da sua tradução **Anthero de Quental - Ausgewählte Sonette aus dem portugiesischen verdeutscht von Wilhelm Storck** (Paderborn und Münster, Druck und Verlag von Ferdinand Schöming, 1887). São traduzidos 78 sonetos acompanhados de muitas notas de vasta erudição. Já referimos atrás o emocionado soneto elegíaco que Storck escreveu logo após o suicídio de Antero e que foi publicado pela **Nova Alvorada**. Uma carta de 12 de Maio de 1888 de Antero de Quental para Storck (cf. **Cartas inéditas de Antero de Quental a Wilhelm Storck**, pp. 13-14) revela ter tomado conhecimento de uma crítica aos seus sonetos na tradução alemã, alusiva, ao que parece, ao pessismismo excessivo da sua última fase – o que prova também uma grande aproximação entre o poeta e o filólogo seu tradutor. Camões e Antero foram, sem dúvida, os escritores lusos que mais o seduziram e que ele deu a conhecer à Alemanha. Em artigo assinado por H. M., a **Nova Alvorada** (n.º 11, 1 de Fevereiro de 1893, pp. 213-214), pronuncia-se sobre **Aus Portugal und Brasilien** e faz um rasgado elogio ao tradutor de **Os Lusíadas**, de que respigamos algumas passagens: «**Aus Portugal und Brasilien (De Portugal e do Brasil) - 1250-1890- Poemas escolhidos, traduzidos para o Alemão por Guilherme Storck.**

*Este é o título do novo livro que deu à luz o célebre tradutor d'**Os Lusíadas**, o autor da tradução dos principais sonetos do nosso Antero de Quental, o fino poeta que sabia aprofundar-se na alma portuguesa nas suas traduções de cantos populares do século de D. Dinis. Já conhecemos há muito o dr. Storck como entusiástico admirador da nossa poesia, como profundo conhecedor da nossa bela língua, como legítimo poeta que sabe mostrar tão brilhantemente o universalismo e objectivismo alemão na tradução – digamos antes na reprodução das pérolas da nossa poesia.»* *. E, depois de tecer alguns comentários muito pertinentes sobre a especificidade da alma e da poesia germânica, o crítico continua: «seja-nos lícito de dar uma pequena resenha dos principais poetas portugueses cujas poesias se encontram reproduzidas no livro com uma fidelidade inexcedível do sentimento poético, com uma mestria que nos diz claramente que temos de reconhecer aqui não só um profundo conhecedor do nosso idioma, mas um verdadeiro poeta que soube amalgamar intimamente o próprio génio com o dos nossos poetas que escolheu para a sua admirável colecção.» (**Ibidem**). Com uma grande preparação filológica, Storck não se limitou a traduzir uma antologia que começa no início da nacionalidade e se prolonga até à contemporaneidade, mas também, revelando uma erudição extraordinária, redigiu no fim do livro notas filológicas de grande utilidade tanto para portugueses como para alemães. Texto indispensável para uma apreciação correcta do labor intelectual de Storck nos domínios da Literatura portuguesa é o precioso estudo histórico-bibliográfico de José Leite de Vasconcelos intitulado **O Doutor Storck e a Literatura Portuguesa**, que inventaria mais uma dúzia de sonetos. Num agradecimento que faz a Carolina Michaëlis de Vasconcelos e a Alice Moderno, estranhamos a ausência do nome de Araújo, que estava sempre presente em

---

* *O sublinhado é nosso.*

todas as iniciativas deste género, tanto mais que se correspondia com Storck, mas a sua "noiva" Alice Moderno, era, em certa medida, a sua porta-voz junto do catedrático alemão. Mas a longa carta que escreve a Araújo em 17 de Outubro de 1891, comentando o suicídio de Antero e referindo-se a várias obras de Araújo testemunha de modo inequívoco as amistosas relações de mútua colaboração entre estes dois camonianistas e anterianistas empenhados no mesmo projecto de expansão da Cultura portuguesa. Dado o interesse dessa carta cujo original se encontra na Biblioteca di San Marco, publicá-la-emos em versão alemã e portuguesa na rubrica IV deste estudo consagrada à correspondência. Joaquim de Araújo teve ainda aturadas relações de trabalho e amizade com Carolina Michaëlis de Vasconcelos, que se confirmam na correspondência entre ambos e que foram de grande utilidade para a difusão da Cultura portuguesa na Alemanha. Estamos a pensar sobretudo na sua obra **Randglossen zum altportugiesischen Liederbuch** in **Zeitschrift für Romanische. Philologie**, 1896-1905, e na sua **História da Literatura Portuguesa**, em versão alemã, em 1897. Grande filóloga, historiadora da idiossincrasia lusa, ela integrou-se perfeitamente na atmosfera mental do Saudosismo ao publicar **A Saudade Portuguesa**, em 1914.

Entre várias traduções estrangeiras que a **Nova Alvorada** registou nas suas páginas, talvez mereça especial referência a versão de Storck "Sehnsucht", extraída de Júlio Brandão, **Saudades**, p. 101 (cf. n. 10, Janeiro, 1894, p. 77).

Dignos de registo são os elementos bibliográficos recolhidos por Joaquim Leitão que ajudam a aquilatar da importância da difusão da Cultura portuguesa na Alemanha. Cita uma versão alemã do **Frei Luís de Sousa** traduzida pelo Conde de Lukner (Frankfurt, 1847), que foi prefaciada por Francisco Adolfo de Varnhagen. Regista ainda uma outra versão do mesmo drama, da autoria de Jorge Wincler, publicada em Viena em 1889, sob o título de **Manuel de Sousa.** Adolfo Senbert verteu e publicou **Viagens na minha terra**, em Leipzig, 1905,

enquanto algumas poesias do **Romanceiro** foram vertidas para português por Ferdinand Wolf, Emmanuel Geibel, Adolfo Frederico de Schack, Bellermann e Beilhack. O Conde de Schack traduziu e verteu também em 1890, em Stuttgart, o poema **Camões.**

3.5. Na Inglaterra

O quadro da situação da Cultura portuguesa em Inglaterra é esboçado pelo lusófilo Edgar Prestage, num artigo que a imprensa lusa da época divulgou e que passamos a transcrever, na medida em que ele problematiza de modo claro o desconhecimento geral do património literário de um dos seus mais velhos aliados: «Desejava apresentar por intermédio do "Academy" esta pergunta: *"Por que é que o estudo da literatura portuguesa é desprezado na Inglaterra numa época em que todo o público toma um interesse verdadeiramente real em tudo o que diz respeito à evolução literária dos outros países?"* * Para um homem que desde alguns anos estudou aquela rica literatura, a começar pelos Romanceiros e Cancioneiros até às produções mais recentes de João de Deus e de Eça de Queirós, é muito para sentir como para se ficar surpreendido ver que o público dá à literatura da Rússia e da Escandinávia preferência para a leitura e estudo. Não ignoro que para a maior parte dos ingleses, é artigo de fé que Portugal não possui nenhum escritor de primeira ordem, a não ser Camões. Esta opinião, porém, não pode ser mais absurda. O mesmo valeria dizer que a Inglaterra não produziu nenhum grande poeta, excepto Shakespeare. É certo que Camões se eleva acima do resto dos seus compatriotas, mas não é ele só que figura na lista dos bons escritores. E para nos convencermos disso, basta relancearmos os olhos sobre dois séculos apenas da literatura portuguesa: o XVI e o XIX. *A*

---

* *O sublinhado é nosso.*

enumeração só das produções da primeira destas duas épocas obriga-nos a confessar que, quanto a qualidade, Portugal não tem razão alguma de recear a comparação com a Itália da Renascença ou com a Inglaterra de Isabel. No século XVI, Camões não tem superior como poeta épico, como o provou o próprio Tasso no seu "Veglie", enquanto que nas poesias líricas ocupa a ordem devida aos sete ou oito grandes sonetistas do mundo *. Depois segue-se Barros que, como historiador no sentido moderno, pode bem dizer-se ter excedido os seus contemporâneos italianos, e cuja prosa é além disso a melhor da língua. Em Gil Vicente, Portugal teve o seu Rabelais; em Góis, o seu Erasmo; em André de Resende um antiquário, notável mesmo em uma época que via o renascimento clássico; e, finalmente, em Bernardim Ribeiro o último dos trovadores. E que diremos de Mendes Pinto, autor do mais encantador livro de viagens do seu tempo, livro que colocamos ao pé do de Marco Polo nas estantes das nossas bibliotecas? E que dizer também da "História trágico-marítima", colecção de narrativas que revelam o verdadeiro carácter céltico da raça portuguesa, com a sua doce melancolia, o seu misticismo devaneador e as suas tendências fatalísticas? Mas mudemos de cena para chegarmos ao século actual, em que três nomes brilham com um fulgor especial: Almeida Garrett, Antero de Quental e João de Deus. Quanto ao iniciador do movimento romântico, tudo o que se pode dizer, é que num século que produziu poucos grandes dramaturgos, ele deu-nos o "Frei Luís de Sousa", e que nas "Folhas caídas" mostrou-se digno de tomar um lugar ao lado dos gigantes do seu tempo: Byron,Victor Hugo e Leopardi. Quanto a Quental, filósofo místico, o dr. Storck, seu tradutor alemão, disse o bastante; e sem dúvida os nossos críticos, com a sua submissão usual aos *dicta* dos seu primos, terminarão por aceitar a opinião do escritor alemão. Com respeito a João de

---

* *O sublinhado é nosso.*

Deus é difícil falar dele sem dizer o que parece incrível a certos ingleses que, na sua beatífica ignorância da literatura portuguesa, imaginam que nada de bom, à excepção do vinho do Porto, pode vir de um país *moribundo*. Apesar disso, este algarvio é sem contradição o maior poeta lírico hoje existente, ou para me servir das expressões de Canini, *il primo poeta d'amore non solo del Portogallo ma di tutta Europa.*

«No domínio do romance, género inteiramente absorvente dos nossos dias, o "Jardim da Europa" tem produzido algumas obras que não inferiores às obras primas de Espanha, de Inglaterra e até de França, e as "Pupilas" de Júlio Dinis pedem altamente um tradutor...

«A indiferença inglesa é singular: pois a França e a Alemanha têm traduzido bom número de clássicos portugueses, enquanto que entre os italianos, Monaci e Molteni editaram dois dos principais Cancioneiros. Devo concluir que esta carta como a principiei, isto é, com outra pergunta: Qual a razão de um facto de que ninguém negará a existência?» (**Nova Alvorada**, n.º 5, 1 de Agosto de 1893). Nenhum outro lusófilo já citado fora tão contundente e convincente. A Inglaterra tinha, aliás, todos os deveres de conhecer e de dar a conhecer a Literatura e a Cultura do seu velho aliado militar e comercial, mas sempre o explorara com manifesto desinteresse e até com desdenhosa sobranceria. E uma das manifestações desse desinteresse passava pela apatia com que era olhado o património cultural luso. Portugal acabava de sair de uma gravíssima crise política - o Ultimatum – que humilhou pela violência diplomática e pela ameaça bélica a consciência imperialista da Nação. O sentimento inglês era de que Portugal estava "moribundo" em termos de economia e de política. Mas Edgar Prestage atenua todo este comportamento inglês com um desagravo cultural, que não tendo sido seguramente concebido como desagravo, não poderia deixar de ser lido como tal no contexto sócio-político dos acontecimentos de 1890. A revista ilustrada e literária **A Crónica** (n.º 120, Agosto, 1904, p. 1) dá o primeiro lugar da

sua galeria de fotos e de biografias de personalidades estrangeiras célebres a Edgar Prestage, a quem começa por chamar «Um dos maiores apaixonados desta dulçorosa terra portuguesa.». E prossegue: «Algumas vezes já a tem visitado e cada vez mais bem ordenada fica a sua ideia a respeito da nossa gente e da nossa literatura. Mr. Prestage é um dos literatos estrangeiros que mais lealmente tem direito à nossa gratidão e ao nosso reconhecimento. Muito lhe deve a nossa literatura e ele é sem dúvida o maior amigo de Portugal na Inglaterra e o representante das nossas letras na língua de Shakespeare e de Byron, de Milton e Chaterton.». Formado em direito pelo Balliol College em Oxford, Edgar Prestage produziu uma vasta obra de tradução e de ensaística sobre a Literatura portuguesa. «Traduziu versos de Junqueiro, Antero, Joaquim de Araújo, **As Endechas de Camões** e a **Bárbara Escrava**, que são verdadeiros primores em inglês, sonetos de Bocage, versos de João de Deus, D. Francisco Manuel de Melo e de Eugénio de Castro. O distinto escritor tem publicado mais: de Garrett o **Frei Luís de Sousa**, de Antero 64 sonetos, um estudo de Gil Vicente e o drama português no século XVI, e as cartas de Soror Mariana, tradução que em Inglaterra já conta três edições (**The Letters of a Portuguese Nun – Mariana Alcoforado**). A primeira dedicou-a Mr. Prestage a Oliveira Martins, de quem foi íntimo, e a segunda a D. Cláudia de Campos. Ainda de colaboração com outro escritor inglês traduziu a **Crónica do descobrimento da Guiné**, de Gomes Eanes de Zurara, que dedicou a Sua Magestade El-Rei D. Carlos, o qual, por isso, o agraciou com o hábito da ordem de S. Tiago, de mérito científico, artístico e literário. A Academia Real das Ciências de Lisboa e a Sociedade de Geografia também se nobilitam de contar Mr. Prestage na lista dos seus mais distintos sócios correspondentes. Mr. Edgar Prestage visitou há dois anos pela última vez Portugal, onde correu Lisboa, Porto, Braga, Viana do Castelo, Gaia e Matosinhos e sobre isso publicou um belo artigo crítico **Portugal visto por um estrangeiro**, que foi inserto na primorosa

revista **A Sociedade Futura**, de Lisboa.». Prestage abordou assim praticamente toda a História de Literatura portuguesa, desde o texto histórico arcaico de Zurara à poesia da *Geração Nova*. A tradução de **The Letters of a Portuguese Nun (Mariana Alcoforado)** foi feita em Londres em 1893. A tradução **Antero de Quental - Sixty-Four Sonnetts Englished By Edgar Prestage**, publicada em Londres por David Nutt, em 1894, é, ao mesmo tempo que a tradução de Storck, uma peça essencial da divulgação da Cultura portuguesa fora dos países neo-latinos. A dedicatória do livro é ainda mais eloquente: «To my friends Teófilo Braga, Luciano Cordeiro, *Joaquim de Araújo* *, Xavier da Cunha, Jaime Batalha Reis, Tommaso Cannizzaro, Göran Björkman, Maxime Formont». E mais revela ainda: que os principais lusófilos europeus, afastados nos seus respectivos países, estavam em permanente *intercâmbio* entre si no que respeitava à vida literária e cultural portuguesa. Só assim se explica que Edgar Prestage tenha incluído na sua lista três dos mais reputados lusófilos europeus (Tommaso Cannizzaro, Göran Björkman e Maxime Formont), sendo apenas de estranhar a omissão do nome de Wilhelm Storck, porque ele era, entre todos, o mais reputado internacionalmente. A tradução dos 64 sonetos de Antero vem precedida de um *prefácio*, de uma *introdução* e de uma *autobiografia*. No prefácio, Edgar Prestage refere que, encorajado pelo sucesso da sua tradução das **Letters of a Portuguese Nun**, introduziria neste novo estudo «a very different character from the love-lorn Nun of Beja» (**op. cit.**, p. VIII), porque Antero era um Filósofo-Místico e era nesta qualidade e no seu relacionamento com a Europa que pretendia apresentá-lo ao público de língua inglesa. Colocando-o ao lado de Camões, de Almeida Garrett e de João de Deus e acentuando a matriz germânica do seu pensamento filosófico, afirma a propósito do seus sonetos: «As regards their subject, they

---

* *O sublinhado é nosso.*

illustrate some important phases of modern European thought as well as show the various philosophical stages through which their author passed, while in form they are perfect of their kind, Anthero having, like Petrarch, spent years over the *labor limae.*» **(Ibidem).** Informa de seguida que o seu mérito foi reconhecido em toda a Europa com traduções em francês, sueco, italiano, alemão, espanhol, estando em preparação uma versão em polaco, que, pelos dados de que dispomos, nunca teria chegado a ser publicada. Explica depois os critérios que adoptou para de entre os cento e nove sonetos recenseados por Oliveira Martins (Porto, 1886 e 1890) escolher apenas 64, que lhe pareceram mais representativos das várias fases da evolução do seu pensamento filosófico. Os sonetos anterianos «are not the work of a mere Paranassian, but of a Philosoper who laid bare his thoughts, and a Mystic who recorded his dreams in this particular form. Nearly all of them are here published for the first time, the only exceptions being six reprinted from the 'Academy', and a few others that have already appeared in Portuguese papers.» **(Ibidem)**. Refere-se por fim à *Carta Autobiográfica* a Wilhelm Storck que traduziu e que considerou um documento de muito valor para críticos literários e psicólogos. A tradução, quis Edgar Prestage que ela fosse quanto possível *literal*, evitando a paráfrase e a vaga de "nacionalizações" do assunto tão característica da tradutologia do séc. XIX. A selecção marcadamente abstractizante e erudita da linguagem anteriana permitia uma relativamente linear equivalência interlinguística e facilitava a tarefa do tradutor. Transcrevemos a tradução de um dos sonetos mais conhecidos de Antero, "Ignoto Deo", que ilustra perfeitamente essa equivalência lexical e mesmo sintagmática:

> «What mortal loveliness is like to thee,
> Thou vision dreamt of by mine ardent sprite,
> That dost reflect in me thy vasty light,
> E'en as the sun is mirrored in the sea?

The world is wide - my longing counsels me
Seek thee on earth: but though, poor faithful wight,
I search below a pitying God to sight,
His altar, old and bare, is all I see.

What I adore in thee is not of earth.
What art thou here? a kindly glance in need,
A drop of honey in a poisoned bowl:

Pure essence of the tears I weep sans dearth,
Dream of my dreams, if thou be Truth indeed,
Show thee in heaven, at least, dream of my soul!

As relações entre Edgar Prestage e Joaquim de Araújo foram múltiplas e a colaboração entre ambos foi estreita e amistosa. O literato inglês traduziu alguns dos seus versos, carteou-se com ele. No manuscrito 12242 da Biblioteca Nazionale di San Marco pode ler-se em carta, datada de Chiltern, Bowdon, em Junho de 1893: «I myself am a great admirer of Antero and have already translated about fifteen of his Sonnets into to English». Um exemplo vivo desse relacionamento é a tradução do seu soneto (também já vertido em italiano) com o título "On the Death of Anthero de Quental" ("Privately Printed", 1893).

Joaquim Leitão, no seu estudo já referido, traz algumas achegas complementares ao painel acima traçado. Informa, v. g., que Kinsey, na segunda edição do seu livro **Portugal illustrated** (1829), publicou a primeira biografia inglesa de Garrett.

3.6. Na Suécia

Göran Björkman foi um lusófilo incansável e famoso. O seu nome e a sua dedicação às letras portuguesas fizeram dele uma personalidade muito conhecida e estimada por todos os

Sista data 22

Joaquim de Araujo

Vid hafvet

Till Göran Björkman

Namnlös är den sorg, jag känner.
Allt mitt blod af längtan bränner,
men hvem finner jag dess mål?
— "Till seglats, kapten, dig laga!
Jag i Norden plats vill taga.
Segla, allt hvad skutan tål!"

— "Sluta, ung, upp att drömma!
Blir det än som gått att tömma,
vakna dock, min vän, i ode sej!
Se, de fjerran stäven falla
och de andra stå grå och kalla,
den i vester nages säg de.

Följer den en fé i spåren?
Vagga än den tro på våren?
Höj din hopp i glänsteans dok!
Se, den flyter jan på vagen
bägaren, fös med sorg i hagen
Ihenlag kung i hafvet vrok

Vill du ta den? Låt den vara!
Så den dömts att ständigt fara,
kastad kring af mycket fult bris.
Barn, lät det ej gå! Hvart tror den?
Tomt är hafvet. Aldrig nå den
annat än land af is."

— "Jag min vårdrons? vill hinna,
vill den hägring återfinna
som min lifs dess tjusning gaf."
— "Fåfängt den kring öknen spanas:

Mot en skär är en, de anar —
mångt skepp den gått i graf".

Erik Gyllensten

lusófilos e por todos os intelectuais portugueses. No número atrás referenciado, **A Crónica**, ao lado da sua foto com honras de primeira página, traça dele o seguinte perfil: «O Dr. Göran Björkman nasceu a 14 de Agosto de 1860. É formado em filosofia pela Universidade de Upsala, e um dos mais distintos e conhecidos literatos da Suécia-Noruega. Dotado de um talento e uma actividade fora do comum tem sido sempre um devotado amigo da nossa terra e da nossa literatura. Ainda há bem pouco tempo visitou Portugal e da sua visita levou as mais belas recordações. O Dr. Göran Björkman como Storck e como Faure não é só uma glória do país que o viu nascer; é uma glória de todo o mundo pensante e culto e que todo o mundo admira. Não é só um escritor distinto, é também um distinto poliglota. Conhece a fundo o português, o castelhano, o italiano, o francês e o alemão, e todas as literaturas têm visto as suas obras-primas traduzidas por tão notável literato. O Dr. Björkman pertence ao Instituto Nobel e à Academia Real das Ciências do seu país. /.../ Não há talvez na Europa corporação literária ou científica que se não honre de o contar no número dos seus mais ilustres e escolhidos membros. /.../ Vamos tentar enumerar / *alguns dos seus trabalhos*/, entre os quais figuram estudos sobre a nossa literatura e sobre os nossos escritores: *Grefv d'Arnoso*, Talismanen, Saga, 1898 – *Grefve d'Arnoso*, Den nye profeten, Stockolm, 1903 (Suave milagre) – *Manuel Duarte d'Almeida*, Henrik Navigator, Stanzer, 1892 – *António Feijó*, Fallna Blad, Madrigaler, 1893 – *Anthero de Quental*, Evighetslängtan, Dikter, 1892 – Lilla Rosa och andra berättelser, 1895 (contos de Ramalho, Eça de Queirós, Fialho, Condes de Ficalho e de Sabugosa, Gabriel Pereira, etc.) – Ur Portugals samtida diktning, Poetiska öfversättningar, 1894 – Portugals, Andra samlingen, 1895. - Ekon fron Portugals parnass, 1899 (traduções dos nossos mais ilustres poetas e ornada de retratos, magnífica edição).». Acrescenta ainda outro trabalho seu relativo a Antero de Quental, *Ett skaldeporträtt,* e, em nota de rodapé, depois de ter traçado um quadro mais amplo da vastíssima actividade deste

filólogo e comparatista sueco em língua espanhola, italiana e francesa, informa que Göran Björkman estava traduzindo em 1904 a *Ceia dos Cardeais* de Júlio Dantas, que seria, de seguida, representada no seu país, e que ele tinha colaborado em vários jornais e revistas portugueses entre os quais a **Arte** (Coimbra, 1889), **A Crónica** e a **Sociedade Futura**. O simples enunciado bibliográfico não dá a ideia do trabalho de vulto por ele realizado em prol da Literatura portuguesa. Joaquim de Araújo, sempre na brecha, tinha com Göran uma relação de amizade e de estreita colaboração, como prova a carta que a seguir transcrevemos:

«Upsala, Suède, 22/5/92
Monsieur

Je venais de lire un traité sur le mouvement poétique contemporain en Portugal et j'avais annoté quelques livres à commander, parmi eux vos deux livres "Lira Íntima" et "Ocidentais". Mais voilà, avant que ma commande ne fût expédiée, ils m'arrivent de vous-même, précédés par vos vers mortuaires sur le poète philosophe le plus grandiose de ce siècle. Je les voudrais bien traduire, ces vers, pour les placer comme préface dans le volume de poésies du regretté que j'ai déjà traduit et que je publierai cet automne. Mais je n'oserai pas la tâche: vos vers perdraient sans doute trop de leur intonation musicale.

Cependant dans l'anthologie de poésie portuguaise contemporaine que je prépare pour plus tard, certes votre nom ne manquera pas. Après une lecture fugitive de vos deux livres, j'ai déjà annoté, p. ex., les morceaux des pages 147 "Lira Íntima" et 81 et 123 "Ocidentais" pour être traduits à son temps.

Malheureusement mes occupations d'à présent me défendent pour quelques mois de dédier aucun travail suivi et ***productif*** *à mes projets littéraires (qui embrassent tout le monde latin / =roman / contemporain, exceptées Provence et la*

Roumanie). Mais pour cela, je ne laisse pas de vue le mouvement littéraire de cette noble race de peuples, à laquelle je regrette de n'appartenir plus par la naissance comme par les sympathies. Le naturel germanique est dénué de tout instinct artistique. Chez notre race la morale et l'utilité pèsent trop sur l'art. Avidement je recueille toutes les notices relatives au monde roman qui me viennent sous les yeux - ce qui n'arrive pas assez souvent quant à votre pays, pour cause du manque de quelque revue ou journal critique et littéraire portugais (selon ce qui m'écrivit Anthero), votre "Renascença", p. ex., ayant cessé de paraître il y a longtemps. Au contraire le mouvement littéraire en Espagne, Italie et en France, m'est facile à connaître par "Nuevo teatro crítico" de M.me Pardo Bazán, "Gazzeta Letteraria" de Torin et la "Revue Indépendante" de Paris, auxquels je suis abonné.

À propos, laquelle a été la raison de son suicide? Une rechute de son mal des nerfs? Jugez de ma triste surprise, en lisant par hasard dans un journal allemand la notice de sa mort, quelques jours après lui avoir expédié mon portrait en échange du sien, que j'avais reçu au milieu du mois d'août, 89...

Enfin quelques demandes , pour le cas que vous voudrez bien m'écrire: 1) Deux autres héros du Parnasse portugais, Theoph. Braga et Cam. Castelo Branco se sont suicidés aussi, n'est-ce pas? Comment cela? 2) "Lira Íntima", p. 63 vous citez Duarte d'Almeida. Eh bien, sauriez-vous - et voudriez-vous me prêter ses poésies éparses pour les copier, aucune édition complète n'en existant encore et le "Ramo de lilases" et le "Vae Victoribus" que je possède , étant tout à fait occasionnelles, et par là moins propres à traduire? 3) "Lira Int.", p.145 vous citez Fort. da Fonseca (votre compatriote ou brésilien?) Lesquelles sont ses oeuvres? 4) Et vos propres "Quadros antigos"? Titre bien suggestif.

En vous assurant encore une fois de ma reconnaissance, j'ai l'honneur, cher Monsieur, de vous présenter les hommages

de toute ma sympathie et de mon respect.». (Biblioteca Nazionale di San Marco, Veneza, **epistolário de Joaquim de Araújo**).

Outras cartas de Göran Björkman a Joaquim de Araújo guardadas no seu espólio epistolar da Biblioteca atrás referida, algumas das quais publicamos em apêndice, testemunham de modo inequívoco o envolvimento directo e indirecto deste último em toda esta cruzada de expansão da Cultura portuguesa nos países nórdicos. Araújo adiantava-se a enviar as suas obras e as dos outros autores portugueses aos lusófilos para que eles as lessem, traduzissem e divulgassem nos seus respectivos países. Tarefa generosa, sem dúvida! Noutra carta datada de 3/11/92, Göran Björkman agradece-lhe esse papel de *mediador* cultural nos seguintes termos:

«Monsieur et cher ami

Je vous suis extrêmement reconnaissant et de votre lettre et de votre prévenance innapréciable d'envoyer ou de faire envoyer à moi tant de livres, utiles à ma tâche et desquels voici la liste:

– Primeiras leituras (la légende si charmante d'Eça de Queirós, est-ce un fragment. Et puisé où?) –

– Antero, Tesouro poético –

– Ed. Coimbra, Dispersos –

– Júlio Brandão, Alaïs –

– João de Deus et autres, A maior dor humana –

– Azevedo, Lira meridional

– A. A. da Cunha, Endeixas e madrigais, et

– C. de Figueiredo, Homens e Letras et Nictagínia.

/.../ Ma traduction de vos vers "Na morte de Antero" sera publiée dans le volume de mes traductions d'Antero et ***vous envoyer le nombre d'exemplaires que vous désirez, sera un tribut de reconnaissance trop insignifiant pour racheter tout ce que je vous dois.»***. Joaquim de Araújo anunciara-lhe a publicação de um "Parnaso português" que nunca passou de projecto e Göran Björkman nunca mais lhe deu sossego,

Livre d'heures p. 47.

Joaquim de Araújo

I

Mendiant mon cœur, vierge
et vagabond d'un rêve éternel.
Verlaine

Je crée rêve. Mon cœur stille tarir
Telle la soif, mon lyrique heure hâte.
Ah comme j'aime à heures lilas je vie,
Sous les ou étoiles blanches mon âme.

Mains heures passent heures lilas et lentes,
Un angélique floria sein hélitant je rêve.
Mon âme je cœur mon lilas vit heure triste-
Ahan, ly je vie un ciel à ly heures lilas.

"Farväl till nästa gång!" – hon modlöst sade
och slöt mig het af smärta, mot sin bröst.
Men ej en enda ord jag funna till tröst:
en ensam fjättrar på min tunga lade.

Jag kysste henne blott. Och om en vecka
till sist i trappen mig från henne nådde...
Ho dog, på samma väg dernäst jag trädde –
men är hon evigt borttagen från min blick:

Bjørnstjerne Bjørnson

Nordtelje 28 3 95

Ej tillåtet att publicera i original utan tillstånd

24 okt. 94

Joaquim de Araujo: Dröm på hafvet

Till prinsessan Josephine Konstantin Hulten

Jag drömde, att mitt hjerta upphört slå ...
På däck man rén begrafningsbönen läste,
medan kringskeppet vredo vågor fräste
och mattens skyar skredo tröstlöst grå.

Form af cypress hvar mast jag tycktes få
och dystert lik en gravhymn vinden hväste...
Och i min löste ande tårar jäste,
tårar af sorg, nu hem jag ej hann se ...

Att hafvet tlef jag skänkt, och långskeppsgyta
vagga af vågen, tryggt framåt jag flöt,
fastän en moln ingen dagen bröt!

Men från min mun sig jag en ljusflod flyta:
min älskling, afskedskyssen den blom,
och skeppet vid hennes sin rosa famn.

Strindberg, sid 143.

Österåkje 24/10 94

Gerda Sporrong

solicitando-o inutilmente por diversas vezes. A distância geográfica e a dificuldade de comunicação impunham que os lusófilos europeus não pudessem por si sós (pois estavam longe das fontes) ter acesso a toda a documentação indispensável para sobre ela exercerem os seus juízos críticos. A correspondência do lusófilo sueco confirma essa dependência relativamente a Araújo. Numa das suas cartas a este destinatário, com a data de 27 / 7 / 92, afirma: «J'ai reçu les 2 livres de Mlle Moderno, et je viens d'en lire le premier. Elles sont bien jolies, palpitantes de vrai sentiment, ces confidences de jeune fille. Mais je n'aime pas trop le genre érotique, je suis fâché de le voir occuper la fantaisie des poètes et prétendre à l'intérêt du public, la vie de tout le monde et les grandes questions éternelles ayant besoin de toute la lumière divinisatrice des âmes privilégiées.

«Après avoir fait la connaissance d'Antero, voyez-vous, on en est venu là, qu'on le note comme un mérite, si un récent volume de poésie ne contient rien d'érotique.

«Pourtant ne me croyez pas trop sévère! Dans leur genre, ces poésies sont assez gentilles. Et passées les grandes désillusions de la jeunesse (cfr. p. 217, "Três épocas"), avec le talent de la forme on pourra bien produire des choses d'une conception plus vaste et moins égoïste ou subjective.

«Cependant vous ne fâcherez pas la jeune fille, en lui communiquant ma critique. Après avoir lu son livre second, où peut-être je trouverai déjà une inspiration plus élevée, je lui écrirai à elle même en joignant quelques traductions de ses poésies. En tout cas, je suis satisfait d'avoir fait la connaissance d'une *femme-poète* port. aussi, le beau sexe ne devant pas manquer dans mon anthologie.

«À propos, celle-ci embrassera la poésie de ce siècle d'après 1860. La poésie d'avant 1860 sera représentée par Almeida Garrett, Al. Herculano, A. F. de Castilho et Soares de Passos. Dites-moi pourtant, si parmi les poètes de la même période il y aura encore quelqu'un de la valeur de ceux-ci,

lequel il ne faudra donc pas omettre.» (Biblioteca Nazionale di San Marco,Veneza, **epistolário de Joaquim de Araújo**).

Na nossa comunicação ao Congresso Anteriano Internacional em Outubro de 1991, em Ponta Delgada, cujas Actas foram publicadas, em 1993, pela Universidade dos Açores (cf. **Os Lusófilos Europeus e Antero de Quental**, pp. 97-106), já abordámos esta problemática do inter-relacionamento de Antero com os lusófilos europeus em que também Araújo muitas vezes serviu de *intermediário*. Göran Björkman traduziu em 1892, em Upsala, 37 sonetos e mais três poesias de Antero, tendo como prefácio os versos elegíacos de Araújo já referidos. Em carta datada de 2 / 1 / 1893, tendo como destinatário Joaquim de Araújo, comentava: «*Maintenant Antero est acquis pour la littérature suédoise* *. Hier je vous ai envoyé 6 exemplaires du volume, sous bande et recommandés. J'ai désiré parfois d'accompagner ce volume par une réproduction de la " Mélancholie" d'Albert Dürer. Tous les deux artistes, celui de l'échoppe comme celui du vers, sont inspirés par les idées d'une époque de crise. Mais précisément comme Ibsen défend toute musique d'entre acte, quand on représente ses "Revenants" (= Gengangere), je ne voudrais d'aucune manière empêcher que toute attention ne soit dédiée aux hautes visions du grand Maître défunt.

«Je suis heureux de pouvoir procurer à nos âmes d'élite une rare fête, comparable un peu à la jouissance élevée qui nous inonde, en entendant les battements d'aile de la Muse de Beethoven. *Et je suis non moins heureux de pouvoir présenter en même temps un des plus dignes héritiers spirituels du grand Voyant.*» *. (Biblioteca Nazionale di San Marco.). Araújo ia corrigindo alguns erros de desinformação da parte dos seus amigos estrangeiros, como o do suicídio de Teófilo atrás mencionado por Björkman, e recebendo por tabela os elogios,

---

* *O sublinhado é nosso.*

já que o seu poema corria mundo em diversas versões e edições, e a tal ponto que Björkman o considerava um *herdeiro espiritual* do «Vidente» Antero, colocando o poeta-filósofo luso na linha rimbaldiana. Göran prosseguia, entretanto, o seu trabalho em prol da Literatura portuguesa, publicando mais sete sonetos e outras poesias de Antero, bem como os três sonetos elegíacos de Manuel Duarte de Almeida (cf. **Nova Alvorada**, n. 7, 1891). A **Revue Finlandaise**, ao comentar as traduções de Björkman, caracterizava assim os sonetos de Antero: «ils nous frappèrent par des motifs peu ordinaires et pour la plupart de nature sublime, par les allégories imposantes et de couleur moyen-âge, par les sombres songes, dont la plupart était une expression, et surtout par un trait de hauteur morale et un ton de gravité presque prophétique, lesquels, accompagnés d'une fantaisie riche en images et d'une technique néo-latine de la forme, nous donnèrent l'impression d'une beauté touchante.» (cf. **Antero de Quental, In Memoriam**, p. LXXII). O crítico finlandês captou numa síntese penetrante a originalidade poética do "spiritus rector" de Geração de 70. Será igualmente interessante analisar a carta de 24 / 3 / 93. Pelo seu teor, supõe-se que Araújo terá envidado esforços no sentido de que também na Noruega se fizesse uma tradução dos sonetos de Antero. Björkman responde-lhe que os noruegueses são intratáveis, que já fizera uma consulta a um director de uma revista norueguesa para lhe perguntar se conhecia algum norueguês com conhecimento da língua portuguesa, mas que, apesar de lhe ter mandado um envelope com resposta paga, não obtivera resposta. Por sua vez, o Prof. G. Storn informou-o depois de nova consulta que, feita a *démarche*, concluira pela não existência de um norueguês com conhecimentos linguísticos bastantes para traduzir do português para a sua língua escandinava. Björkman tranquiliza de resto a sede cultural expansionista de Araújo, lembrando-lhe que a perda não seria grave, na medida em que as diferenças entre norueguês e dinamarquês são mínimas, podendo ambos ler o sueco. A colaboração de Göran Björkman dispersou-se por

várias revistas portuguesas e estrangeiras. A **Nova Alvorada** (1 de Janeiro de 1894, p. 74) dá testemunho do apreço em que era tido este lusófilo sueco: «**Antonio Feijó – Fallna Blad. Madrigäler öfversatta af Göran Björkman – Upsala. 1893.** Obsequiou-nos o ilustre poeta sueco, já sobejamente conhecido dos nossos leitores, com mais este trabalho literário em que emoldurou a versão de algumas das melhores poesias de António Feijó, – o nosso inspirado poeta há pouco nomeado encarregado de negócios de Portugal junto da corte de Stockolm. Já por mais de uma vez temos aqui sublinhado com especial agrado os grandes serviços que *uma plêiade de ilustres escritores estrangeiros vão prestando às nossas letras pela larga expansão que lhe dão nos seus respectivos países, e não podemos calar agora que entre todos esses distintos amigos da literatura portuguesa não é dos menos salientes o lugar que ocupa o snr. Göran Björkman, que à sua conta tomou a versão dos nossos melhores poetas numa das mais cultas línguas do norte da Europa. São já bem conhecidas em Portugal as várias traduções suecas publicadas por este distinto homem de letras. Adicione--se a essa colecção o consciencioso e elegante trabalho que temos presente, enumere-se desde já uma obra crítica sobre Antero em que o infatigável poeta sueco se vai empenhando, e ter-se-á afinal a justa medida do muito que tem feito este benemérito estrangeiro a bem do realce da nossa produção mental. É indubitavelmente digno do reconhecimento do nosso país, e muito especialmente da literatura nacional.*». A mesma revista publicara no seu número 9, Dezembro, 1893, "Vid En Graf Af Luís de Camões", que transcreve da revista de Estocolmo **Ny Illustrerad Tidning**, de 4 de Novembro desse ano, o famoso soneto de Camões "Alma minha gentil que te partiste", que provavelmente nenhum dos seus leitores era capaz de compreender, deliciando-se tão somente com a sua curiosa grafia. E o mesmo número dessa revista informava: «Na revista de Estocolmo **Ute och Hemma** continua o sr. Göran Björkman a série de versões que encetou de versos portugueses para a

língua sueca. O último número traz traduções de Bulhão Pato, Coelho de Carvalho, João de Deus, Custódio Duarte, Luís de Magalhães, João Saraiva e José de Sousa Monteiro.». É de assinalar que nesta selecção surgem poetas menores, hoje praticamente varridos da história da poesia como Coelho de Carvalho e José de Sousa Monteiro, mas que tiveram honras de tradução em sueco, provavelmente por influência cruzada de António Feijó e de Joaquim de Araújo. Henrique de Campos Lima no seu estudo **Portugal e a Suécia – Notas acerca das relações literárias entre os dois países** (Porto, Imprensa Portuguesa, 1925) traçou um quadro diacrónico do *intercâmbio* de longa data entre os dois países. Remetemos para ele, na medida em que os seus marcos históricos ultrapassam periodologicamente o nosso objectivo, mas não podemos omitir que a enciclopédia sueca Nordisk Familjebok inseriu em 1878 um artigo biográfico e crítico acerca de Camões, da autoria de Theodor Hagberg, professor de línguas românicas da Universidade de Upsala, que, mais tarde, em 1883, escreveu na revista **Verdandi** um estudo sobre **Os Lusíadas**, que intitulou **Camões Lusiader** (cf. **op. cit.**, p. 5). Estas notas biográficas foram respigadas dum artigo **Camöens en Suède (Lettre à Mr. Joaquim de Araújo)** devido ao professor da Universidade de Upsala, Ake W: fon Munthe, que Araújo viria a inserir a páginas 101-103 do 1º vol. do **Círculo Camoniano**, em 1889. Henrique de Campos Ferreira Lima refere também as traduções feitas pelo professor finlandês J. Oskar I. Rancken da vários extractos do **Romanceiro** de Garrett. A lista exaustiva que menciona os nomes dos poetas e prosadores portugueses vertidos por Göran Björkman é tão ilustrativo do trabalho gigantesco realizado por este lusófilo que nos dispensamos de o reproduzir. Mas não podemos deixar de frisar que **Ur Portugals samtida diktning, poetiska öfversättningar** (Upsala, 1894 e 1895), abrange um leque de 48 poetas portugueses e brasileiros contemporâneos, abrindo com Joaquim de Araújo e encerrando com Antero. E não se limitou à poesia, porque em **Lilla Rosa och Andra**

berättelser (Fran portugiskan), em 1895, traduziu igualmente contos de Ramalho Ortigão, Eça de Queirós, Fialho de Almeida, Conde de Ficalho, Conde de Sabugosa, Gabriel Pereira e outros; traduziu ainda **Talismanen** do Conde de Arnoso, 1898; **Den nye profeten (Suave milagre)**, Estocolmo, 1903. Em **Ekon Fran Portugals Parnass. Poetiska öfversättningar,** Estocolmo, 1899, repetem-se alguns dos poetas supra mencionados e surgem novos nomes como os de Camões, Garrett, Martinho de Brederode, Luís Guimarães Júnior e João Penha. Joaquim de Araújo é dos que volta à ribalta. O seu dinamismo cultural parecia inesgotável. A consulta do trabalho de Erik Gyberg **Portugal I Svensk Litteratur – En Bibliografie**, Göteborg, 1975, fornece exaustivamente todos os elementos bibliográficos para uma estimativa correcta da penetração de Cultura portuguesa na Suécia e particularmente no período em que se situa a intervenção de Joaquim de Araújo.

Anote-se a informação de Joaquim Leitão que cita o nome do lusófilo Johan Vising, o qual no seu livro **Camões** e noutros estudos faz diversas referências a Garrett e a J. Oskar I. Ranken que, no seu **Romancer ifran Portugal öfversatta,** Wassa, 1880, traduziu em sueco vários dos romances extraídos dos **Ensaios etnográficos** de Leite de Vasconcelos.

3.7. Noutros países

Imparável na sua projecção pessoal e na projecção colectiva da seu país, Joaquim de Araújo procurou estender à Roménia o seu *apostolado* cultural. **A Revista** (n. 11, 15 de Maio, pp. 179-180) publica uma carta sob o título "Une entrevue avec la Reine de la Roumanie", que registamos, porque bem elucidativa da insaciedade de extensão cultural lusa por parte de Joaquim de Araújo. É assinada por Marie P. Chitiu. Uma nota da redacção esclarece que a signatária é uma das mais ilustres escritoras do norte da Europa, que traduzira a **Divina Comédia** para romeno. O destinatário é Joaquim de Araújo e

reza assim: «C'est à tout hasard que je vous adresse cette lettre, n'ayant pas depuis plusieurs mois déjà de vos nouvelles. Vous m'annonciez dans votre dernière votre nomination, comme Consul du Portugal à Gênes. Mais j'ignore si vous vous trouvez dans cette dernière ville d'Italie ou bien à Lisbonne. Enfin je me sers encore cette fois-ci de votre ancienne adresse et je vous prie, mon cher Monsieur, si ma lettre vous parvient, de m'écrire si vous avez reçu deux de mes photographies dont l'une pour M.lle votre fiancée. Je serais bien fâchée, Monsieur, si elles étaient perdues; je les ai envoyées en Janvier. Ayant été presque tout l'hiver malade d'une bronchite très tenace, je n'ai pu qu'au 15 Février ***présenter à notre Reine vos livres qu'elle a fort goûtés. La traduction suédoise des Sonnets de Quental l'a très agréablement surprise; elle a même lu devant moi quelques-uns des sonnets, qu'elle a promis d'étudier. Nous avons longuement causé des choses portugaises, de vos poètes modernes, Antero qu'elle ne connaissait pas. J'ai recommandé à la Reine la version allemande de W. Storck; je lui ai parlé des mérites incontestables de ce professeur allemand, comme traducteur des Lusiades. La Reine paraissait très contente et m'a demandé comment j'avais fait votre connaissance. Je le lui ai dit. Zara a été très admirée. Elle a dit que l'édition en était splendide. Je lui ai parlé de M.me Caroline Vasconcelos et combien cette dame, qui est d'origine allemande a bien mérité des portugais par ses travaux littéraires, combien elle avait contribué à faire connaître en Europe la littérature portugaise *.*** *Au nom de Vasconcelos, Sa Majesté a fait une exclamation; et m'a dit qu'une Marchesa Vasconcelos était (ou a été) gouvernante des enfants de sa belle-soeur, femme du père /sic/ aîné de notre Roi, et elle-même une infante du Portugal. Elle m'a demandé si cette Marquise, qu'elle connaissait, était une parente de M.me Caroline Vasconcelos. J'ai répondu que*

---

* *O sublinhado é nosso.*

je n'en savais rien. En somme, la Reine a été charmante et m'a chargée de vous remercier de sa part. Comme elle m'a invitée à aller la voir à l'avenir, j'espère que j'aurai une autre occasion, mon cher Monsieur, de lui parler de vous et de votre beau pays. Je lui ai parlé aussi de M. Cannizzaro, qui a traduit quelques poésies de Cármen Silva.

«Je vous écris tout ceci, mon cher Monsieur, et je vous envoie deux lettres de M.me Maurojény pour vous prouver que j'ai consciemment rempli la mission dont vous avez voulu me charger. Je vous en remercie, car vous m'avez donné l'occasion de demander une audience à Sa Majesté, chose que je n'avais pas encore faite, bien que j'ai vu la Reine à Craïova et lui ai même parlé. Et puis ce qui est encore un très grand mérite, ***c'est que sa Majesté me doit actuellement la connaissance de deux des plus charmants, des plus distingués poètes lusitaniens: celle d'Antero de Quental et la vôtre, mon cher Monsieur d'Araújo, qui m'est bien précieuse*** **. J'espère avoir un jour le plaisir de vous connaître personnellement, si vous serez à l'avenir à Gênes. Nous visitons souvent le pays de Dante où j'ai de nombreux amis et connaissances. Nous avons été l'été passé quinze jours à Venise, que je connais mieux que Craïova, et que je préfère à cette dernière, bien entendu.*

«Veuillez, Monsieur, me rapppeler au souvenir de votre charmante fiancée, que je désirerai savoir déjà à votre côté et me croire avec la plus profonde considération.

Craïove le 16 Mars 95.

Marie P. Chitiu».

P. S. Comme vous ne possédez plus un autre exemplaire de Zara en papier Japon, je suis prête à vous envoyer le volume, que vous vouliez envoyer à la Reine et dont la dédicace était manquée. Dès que vous m'écrirez, je vous l'enverrai et vous

---

* *O sublinhado é nosso.*

aurez la bonté de m'en envoyer un autre exemplaire, pareil à celui que j'ai adressé de votre part à M. Gaston Paris, qui sans doute a dû vous en remercier.».

A dama Vasconcelos a quem se referia a Rainha da Roménia era uma das damas que saiu no séquito da infanta D. Antónia, irmã de el-rei D. Luís, ficando sempre na Alemanha, acompanhando aquela princesa.

Maria Chitiu e Lucilia Kitzo redigiram artigos sobre Garrett em **Vointa Craiovei**, 25 de Novembro, e em **La Petite Roumanie**, em 1899, por ocasião do primeiro centenário de nascimento daquele escritor.

Joaquim Leitão aponta ainda mais algumas achegas dessa irradiação cultural lusa em países europeus. Assim lembra a tradução do **Frei Luís de Sousa** na Checoslováquia de então pela mão de um professor do Liceu de Praga, Francisco Bous, que não foi dada à estampa; na Polónia, Adolfo Pawinski comparou Garrett a Mickewicz no seu livro **Portugalia** e Eward Porebowiez publicou uma poesia de Garrett em **Antologia hiszpansko-portugalska**. Na Grécia, Diana Osychas Nazareth publicou um estudo sobre Garrett num livro de ensaios e o seu compatriota Costas Ouranis escreveu igualmente sobre Garrett em diversas publicações periódicas.

Nem a distante Rússia ignorava algum do movimento literário luso. É o caso de Platon de Waxel que, no **Journal de Saint-Petersbourg**, (n.º 51, 17 juin 1887), comentando o poemeto de Joaquim de Araújo, de 1887, escreve: «On se trompe fort si l'on pense que la littérature portugaise se résume tout entière en Camoëns et sa **Lusiade**. Au contraire ce petit peuple de l'extrême occident de l'Europe possède une littérature extrêmement riche et variée, qui, dans la suite des siècles, a subi les influences les plus diverses, depuis la «gaie science» des troubadours provençaux jusqu'aux romanciers naturalistes de l'époque actuelle. Le XIXe siècle n'y a pas été l'un des moins féconds et comme qualité aussi il a produit, dans la personne du poète Almeida Garrett et de l'historien Alexandre

Herculano, des auteurs qui éclipsent la plupart de leurs devanciers et qui *rivalisent avec les meilleurs écrivains du deuxième quart de ce siècle* *.

A l'heure qu'il est, Garrett et Herculano appartiennent tous deux à l'histoire et s'ils n'ont pas été égalés depuis, du moins le champ semé par eux n'est pas resté stérile. On cite par dizaines les noms d'écrivains qui honorent en ce moment les lettres portugaises. On y observe même une tendance qui serait plus nationale que celle qui a prévalu à d'autres époques. Júlio Dinis, un jeune homme de grand talent, mort avant l'âge, a écrit de charmants romans de moeurs, tandis que le goût de la poésie populaire, éveillé d'abord par l'admirable **Romanceiro** de Garrett et ensuite par le **Cancioneiro** de M. Teófilo Braga, a inspiré à son tour plus d'un poète.

De l'autre côté des Pyrénées tout le monde fait des vers, aussi est-il plus difficile qu'ailleurs de se faire écouter au milieu de ce gazouillement universel. Le dernier en date des poètes qui a attiré l'attention de ses compatriotes est M. Joaquim de Araújo, enfant de Porto, qui en parcourant la vallée du Douro s'est laissé toucher de bonne heure par les charmes de la nature du Midi; aussi dans bien des bluettes de son premier recueil: **Lira íntima,** paru il y a cinq ou six ans retrouve-t-on la naïveté enfantine qui fait le charme des rimes quasi-provençales du bon vieux roi Don Dinis dont les tatônnements poétiques, après dix siècles d'oubli, viennent enfin de voir le jour. Dans la **Lira íntima** du poète contemporain on rencontre cependant des vers profondément sentis et qui ne sont pas seulement des soupirs qui échappent à la vue des étoiles et des fleurs, mais qui trahissent un sentiment profond et sincère. La complainte sur la mort d'une soeur (*Minha Irmã*) en fait foi.

Dans cette poésie, comme dans quelques autres, le poète

---

* *O sublinhado é nosso.*

se distingue de la plupart de ses compatriotes par la concision et la pureté de la forme. En quelques vers il nous trace un tableau entier. Aussi la forme du sonnet a-t-elle dû le séduire et, dans son second recueil, qui vient de paraître à Porto et dont le titre se trouve placé à la tête de cette notice, il ne s'en est tenu qu'à cette forme, qu'il traite en général d'après les règles de la poétique, quoiqu'il use trop souvent des sonnets à rimes croisées. Une fois, dans le sonnet *Olhando o Tejo*, il n'y a pas d'interruption d'idée entre le second quatrain et le premier tercet. Les licences sont rares cependant et la forme est le plus souvent châtiée.

Comme le Mascarille de Molière voulait mettre en madrigaux toute l'histoire romaine de même M. de Araújo a condensé chaque épisode saillant de la vie de Camoëns dans un sonnet. En guise de prologue, il évoque la Renaissance dont sortit le génie aventureux des navigateurs portugais et d'où surgit à son tour le génie du grand poète. Nous assistons ensuite aux visions et aux rencontres amoureuses de celui-ci, nous le retrouvons dans la grotte de Macau composant son poème et le lisant ensuite à la cour du roi Don Sebastien. Le sonnet consacré à ce dernier épisode récapitule les plus sublimes images de l'épopée portugaise... Très belle est aussi la page qui nous décrit la fin du poète, «qui mort est entré dans l'immortalité» – l'apothéose de cette immortalité du Camoëns formant le sujet du dix-septième et dernier sonnet du recueil.

Il est bon que les jeunes écrivains étudient les grands modèles de la littérature universelle – il n'y a pas longtemps que toute une phalange d'hommes de lettres portugais traduisait et commentait à satiété les deux parties du **Faust** de Goethe, tout comme leurs devanciers s'étaient adonnés au culte des classiques latins. Mais il vaut mieux encore se retremper dans les monuments de sa propre littérature nationale; là du moins on reste soi-même. En persévérant dans cette voie M. Joaquim de Araújo ne fera plus fausse route et dotera son pays d'autres oeuvres empreintes du génie propre à sa nation.». (Transcrição

de B. Xavier Coutinho, **op. cit.**, pp. 40-41, com correcção de vários erros).

Publicado num diário russo de grande circulação e prestígio, este texto fomenta de modo inequívoco a lusofilia, revelando um conhecimento ajustado da realidade literária e cultural lusa, em que Joaquim de Araújo aparece à boca da cena como autor e como actor, servindo-se da sua relação pessoal com aquele crítico.

III. Conclusão

O balanço traçado neste estudo não esgota nem pretende esgotar todo o investimento projectivo da Cultura portuguesa na Europa num século em que o *Francesismo* se apresentara como uma avalanche irresistível e avassaladora, submergindo e abafando a criatividade de um povo que se via e revia no macaqueameno de esquemas, modas e modelos gauleses, e se contentava com uma recepção *reprodutiva,* logo passiva e improfícua, porque mal digerida e assimilada. Tal balanço nem sequer abrange a omnímoda actividade pessoal desse agente insaciável e intermediário generoso da cultura lusa que foi Joaquim de Araújo. A nossa perspectiva de observação e a nossa grelha de análise incidiram muito particularmente sobre este *animador cultural* que quis transmitir à Europa, esquecida da identidade lusa, imagens de uma intelectualidade viva, empenhada, criativa, bem ao nível do melhor que ela produzia nessa época, mas incapaz de o projectar e de o fazer valer e render comparativamente no areópago das nações. Muitos outros escritos e escritores foram marginalizados ou referidos de passagem por imposição da estratégia da natureza selectiva deste trabalho. Parece-nos, no entanto, que o *corpus* amostrativo carreado e estudado na sua objectividade e intencionalidade alimenta e municia um volume de afirmação considerável da presença cultural de Portugal na Europa (e suas extensões coloniais), que não olvidara de todo a grandeza do património quinhentista luso e a via reflectida numa certa imagem de marca que um grupo considerável de intelectuais da *Geração Nova* desejaria reabilitar e reafirmar.

A *lusofilia* não é uma criação recente apoiada no conceito da mesma área semântica – a *lusofonia* – que se esboçou de forma sistemática e organizada depois da queda sangrenta do Império colonial. A *lusofilia* teve desde os primórdios da nacionalidade um leque apreciável de cultores estrangeiros, lado

a lado com a dos seus detractores, sobretudo viajantes mal integrados e mordazes na sua inadaptação ao *Diverso*, porque umbilicalmente presos aos seus figurinos nacionais chauvinistas. Só que a tendência lusa para o decalque estrangeiro, passada a época áurea dos Descobrimentos, evidenciava maioritariamente uma atitude parasita e indolente. Nesta refrega se alistaram com radicalismos de sinal contrário *castiços* e *estrangeirados*. E só depois da emergência estética da consciência identitária nacional, sobretudo a partir do Neo-Realismo, é que se começou a secundarizar ou a não privilegiar a «douce France» literária, filosófica e artística *.

A *lusofilia*, com profundas raízes quinhentistas em resultado da expansão marítima e da subsequente Literatura de viagens que deslumbrou a Europa culta e curiosa dos feitos da navegação no Atlântico, no Índico e no Pacífico, e em virtude de uma simpática e universalista maneira de sermos portugueses em diáspora pelos quatro cantos do mundo, passou, é certo, pelo purgatório do barroco inquisitorial, «numa apagada e vil tristeza», para começar a reafirmar-se num conceito vivo de pátria pensante e actuante, com uma *intelligentsia* atenta e comprometida, disposta a não se fechar nas tacanhas barreiras pirenaicas, mas abrindo-se aos ventos disseminadores dos mais nobres ideais europeus, não se ficando, pacata e pachorrentamente, pela rememoração de valores passadistas e de estilos alheios. À pequenez geográfica de um país que sofreu durante séculos de um gigantismo imperial incontrolável, que só há poucos anos se desmoronou, parecia corresponder, após o deslumbramento expansionista de Quinhentos, a tacanhês de espírito que os

---

* *Este estudo não perde de vista o exacto sentido da posição de Eduardo Lourenço em "Portugal-França ou a comunicação assimétrica" in* ***Les rapports culturels et littéraires entre le Portugal et la France****, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1983, pp. 13-27, mas procura um novo foco de abordagem desta problemática cultural.*

Estrangeirados do Iluminismo ou os *afrancesados* do Romantismo e Realismo quiseram vencer e eliminar pela inglória imitação servil e acrítica. Mas vários agentes da *Geração Nova* perceberam bem cedo que, apesar do pendor atlântico da meseta ibérica, era para a Europa que Portugal tinha de se inclinar definitivamente, porque os impérios e os imperialismos marítimos vinham sendo politicamente desastrosos e culturalmente nocivos, acabando por cair como baralhos de cartas.

Joaquim de Araújo, sem estrepitosas afirmações políticas e ideológicas, sem rigorosas definições teóricas de princípios, sem clamorosas imprecações contra os países que não acreditavam ou desacreditavam da capacidade criativa portuguesa, particularmente no domínio do imaginário (que define sempre no plano afectivo as vivências colectivas de um povo), partira para a Europa bem cônscio da identidade cultural da sua pátria e quis fazer valer os seus pergaminhos no efervescente contexto europeu. E fê-lo com rara persistência, inusitada teimosia e invencível tenacidade. O Portugal de hoje, europeu por opção e por convicção, foi, de algum modo, culturalmente antecipado no fim do século por este seu fervoroso paladino. Lição exemplar para *eurocratas* que têm da cultura de um povo uma visão economicista e mecanicista, que ignoram a força vital do imaginário nas inter-relações dos povos e que tentam nivelar todos os valores em termos de cifrões, estatísticas, taxas de produção e de consumo. A Europa, para o ser enquanto projecto económico comum, terá de assentar sobre um descomplexado plurilinguismo que permita a cada língua e a cada cultura que ela enforma exprimir a sua idiossincrasia peculiar, que será tanto mais rica quanto for original e diversa, fugindo a todos os nivelamentos axiológicos e a massificações políticas despersonalizantes e descaracterizadoras.

IV – Selecção de correspondência

Joaquim de Araújo foi um dos maiores epistológrafos da Cultura portuguesa, numa apetência voraz pela «coisa literária», criando ou alargando uma vastísssima rede de correspondentes, nacionais e estrangeiros, sobretudo dando, mas também recebendo informações literárias, históricas, biográficas, bibliográficas, filológicas, críticas, filatélicas, apostado em divulgar, com júbilo sempre renovado, os actos, os pactos e impactos culturais do seu país. Nunca atingiu na sua troca epistolar um nível estilístico de grande merecimento, porque os seus postais (e mesmo algumas das suas missivas mais extensas) visavam, em tantos casos, a recolha e/ou a transmissão de informações secas e objectivas, geralmente pouco problematizantes em termos de estética literária, e estavam quase sempre marcados por um cunho apelativo de urgência tipográfica, visto que os jornais e revistas tinham periodicidade fixa e os impressores cobravam multas pelo empate dos tipos para além do tempo aprazado. Acrescia o pânico generalizado dos extravios de correio tão frequentes e perturbadores de um intercâmbio à distância, com base num voluntarismo, sem outra remuneração que não fosse o mero prazer intelectual da letra de forma. Joaquim de Araújo pautava-se pelo tempo do relógio, sem a mínima preocupação de escrever posando para a posteridade, como muitos dos seus contemporâneos e correspondentes, o primeiro em grandeza Eça de Queirós. Apesar de tudo, as revistas, as gazetas e os jornais portugueses da época reproduzem, muitas vezes por empenho seu, uma parte importante da sua infindável correspondência.

Não será essa que transcrevemos nesta rubrica. Nesta selecção, intencionalmente reduzida, que desejaríamos suficientemente amostrativa e demonstrativa, priviligiaremos, tendo em vista a perspectiva europeia deste estudo, a correspondência de *lusófilos europeus* com Joaquim de Araújo num diálogo muito vivo com a Cultura e a Literatura portuguesa, que documentam,

de maneira insofismável, o interesse que ele despertava em toda a Europa como jornalista, poeta, crítico, bibliófilo, filólogo, erudito, mas sobretudo enquanto *mediador cultural*.

Quando já tínhamos lido, descodificado e transcrito muitas cartas de Araújo a Emilio Teza, foi com agrado que nos veio ter às mãos o livro bem organizado e prefaciado por Manuel G. Simões sob o título **A Correspondência entre Joaquim de Araújo e Emilio Teza (1895-1910)**, Ed. Colibri, 1998, que se revela de um interesse enorme para a nossa perspectiva de análise e para os estudos oitocentistas finisseculares em geral. Completa-o um estudo com introdução, transcrição e notas de Isabel M. Tomé (pp. 141-238), dando à estampa o epistolário de Emilio Teza a Joaquim de Araújo, num conjunto de 63 cartas datadas do mesmo período. É mais uma achega valorativa, porque nos fornece a caixa de ressonância indispensável para a actividade epistolar de Joaquim de Araújo, que não dava o mínimo sossego aos lusófilos seus conhecidos, como o Professor Teza, o mais destacado e conhecido entre os seus pares. Sendo assim, dispensamo-nos de reproduzir aqui essa abundantíssima mútua correspondência que é um exemplo apreciável do vivo intercâmbio Portugal e Itália nesta época, mas aconselhamos vivamente a sua leitura, porque ela explicita o objectivo fundamental do nosso estudo.

A primeira publicação do vastíssimo espólio espistolar que diz respeito ao período em que Joaquim de Araújo foi cônsul de Portugal em Génova (1895-1913) foi feita por Jorge Peixoto em **Epistolário de Joaquim de Araújo existente na Biblioteca Marciana, de Veneza**, in «Instituto», Coimbra, 1973, vol. CXXXVI, pp. 1-19, correspondente aos manuscritos **Str. App. 71-81 (= 12235-12245)**. Referência anterior de muita importância a explicar a doação de Joaquim de Araújo à Biblioteca Nazionale di San Marco é Angela Mariutti de Sanchez Rivero, que aponta Vitttorio Baroncelli, bibliotecário da Marciana, amigo de Teza e colaborador de Araújo em várias circunstâncias da sua cruzada de lusofilia, o qual, concertado com aquele,

conseguiu captar o legado do cônsul penafidelense, que a sua família contestou ingloriamente (Veja-se **Il carteggio inedito del legato Araujo**, in «Miscellanea di scritti di bibliografia ed erudizione in memoria di Luigi Ferrari», Firenze, Olschki Editore, 1952, pp.369-382).

Para além dessa riqueza de manuscritos, esse legado continha cerca de 4000 volumes, muitos deles verdadeiras raridades, como se depreende das alusões que o próprio Araújo e seus correspondentes lhes fazem na mútua troca epistolar.

A publicação na íntegra do catálogo desse epistolário de Joaquim de Araújo permitirá uma leitura fácil do valor quantitativo dessa correspondência, alguma dela muito anterior à sua ida para Génova e que o acompanhou nessa(s) viagem(ns), porque o cônsul-poeta tinha alma de coleccionador e, além de mais, compreendia o valor dessa avultada correspondência, guardando-a, por isso, ciosa e preciosamente.

Usaremos como critério de transcrição a reprodução facsimilada, com as vantagens e os inconvenientes que ela implica em termos de fidelidade e de leitura.

Muitas destas cartas documentam de maneira eloquente os pontos de vista deste estudo, atestando que, muito embora nesse período histórico Portugal recebesse e copiasse com mais ou menos gosto e maior ou menor criatividade os modelos estrangeiros francês e germânico (este último quase sempre por intermédio da própria França), havia na *Geração de 70* e nos seus satélites uma consciência nítida dos valores nacionais, que ela, impulsionada por *mediadores* culturais, como Joaquim de Araújo, difundia com empenho e eficácia por toda a Europa culta atenta à nossa produção intelectual, na qual se afirmava subtilmente a idiossincrasia lusa, com o seu modo de ser e de estar na Europa desse tempo.

CARTEGGIO DI JOAQUIM DE ARAÚJO

BIBLIOTECA NAZIONALE DI SAN MARCO
VENEZIA

Cod. LXXI – LXXXI : sec. XIX – XX (J. de Araujo, a. 1940)

Carteggio di Joaquim de Araujo, portoghese, console del Portogallo a Genova letterato, n. 1858, m. 19[illegible]. Lettere c. 2200 di c. 300 corrispondenti, autograf., entro 11 busti, in ordine alfabetico de' corrispondenti:

Eduardo Abreu, Ceu n. 6; Manuel d'Albuquerque, 3; Pelayo Alcalde Saliano, 1; Alfredo Alma, 1; [illegible] d'Almeida, 1; Filinto d'Almeida, 2; Gabriel d'Almeida, 5; Manoel Duarte d'Almeida, 11; Gonçalo de Almeida Garrett, 16; Thomaz de Almeida Garrett, 1; Rafael Altamira Crevea, 11; Albano Alves Branco, 2; Abel Andrade, 2; Alfredo d'Andrade, 7; Maria d'Andrade, 6; Caetano d'Andrade Albuquerque, 7; Adriano Anthero, 1; visconde de Arneiro, 1; Sebastião d'Arruda da Costa Botelho, 10; Augusto Arruda Quental, 1; Edmundo de Avellar Telles, 4; Francisco d'Azevedo, 5; Pedro A. d'Azevedo, 1; J. A. de Azevedo Castro, 5; José de Azevedo Menezes, 53;

Luigi Bandozzi, 1; Vittorio Barionelli, 11; Eduardo Montufar Barreiros, 35; Floriano Barreto, 1; Raphael Basto, 1; L. T. Belgrano, 1; Joaquim Bensaude, 2; Maurizio Bensaude, 2; conde de Bertiandos, 16; Alberto Bossi, 8; Cardozo de Bethencourt, 1; Manoel Bispo Conde, 21; Göran Björkman, 28; Dionede Bonamici, 1; Pietro Bonetti, 3; Alexandre Boutroue, 5; Mme A. Boutroue, 2; Theophilo Braga, 106; Louis Pilate de Brinn Gaubret, 5; Pedro Wenceslau de Brito Aranha, 8; Jacinto de Brito Rebello, 1; Pato Bulhão, 5;

José Caldas, 3; Jeronimo da Camara Manuel, 10; Manuel B. da Camara Mello Cabral, 1; Antonio de Campos jun., 2; Manoel Joaquim de Campos, 2; P. Caneccio, 1; Tommaso Cannizzaro, 20; Ernesto do Canto, 10; José do Canto, 27; Manoel de Carvalhaes, 27; Sebastião de Carvalho, 6; Xavier de Carvalho, 1; Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, 3; M. de Carvalho e Vasconcellos, 2; Camillo Castello Branco, 8; Julio de Castilho, 3; Domingo de Castro, 1; Eugenio de Castro, 3; Hermano d'Araujo Castro, 6; João Baptista de Castro, 16; (sic) Anna de Castro Osorio, 9; Giuseppe Cellini, 6; Affonso Celso, 1; Francisco

Affonso Chaves, 2; Salvatore de Cintio, 4; Albert de Cincourt, 1; Basilio Coelho, 6; J. Adolpho Coelho, 2; Alberto Conrado, 3; Carlos Contesse, 2; Luciano Cordeiro, 6; Antonio Pedro Augusto da Costa, 1; Constancio Roque da Costa, 1; J. E. Rodrigues da Costa, 1; João Pedro da Costa Basto, 2; Antonio da Costa Cabral, 3; Antonio Augusto da Costa Simões, 3; Joséphin Costantini-Antzen, 14; Benedetto Croce, 14; A. R. da Cruz Montinho, 2; Xavier da Cunha, 2;

Roxana L. Dabney, 1; Gioachino d'Adda, 1; João de Deus, 2; João de Deus Ramos, 1; Giovanni De Nava, 1; G.B. De Toni, 4; Placido Epitrikian, 3;

Ermond Folgairolle, 6; Antonio Candido de Faria, 2; vicconde de Faria e Maia, 3; Arturo Farinelli, 49; Henri Faure, 16; José Feliciano, 4; Luis Fernandez, 4; Annibal Fernandes Thomaz, 13; Horacio Ferrari, 4; Octavio Guilherme Ferreira, 1; Pedro A. Ferreira, 1; Ferreira da Costa, 1; Henrique Ferreira Lima, 1; Pedro Augusto de Figueiredo, 13; João Fonseca Rodrigues Flores, 2; Arnaldo Fonseca, 1; Guglielmo de Fonseca, 1; Maxime Formont, 25; Frederico Franco, 8; Carlo Frati, 2; A. de Freitas, 1; Cornelino de Freitas Baça, 12; Marque de Funchal, 2;

Edoardo Galliardo, 1; J. A. Gamboa; Richard Garnett, 6; Diego Garoglio, 5; Jehan Gerson da Cunha, 3; René Ghil, 1; Léopold comte Goëss, 1; Delphim Gomes, 7; M. Gomes, 6; Nicolau de Goyri, 1; ~~João B. Amancio~~ Ismael Graciano, 5; J. B. Amancio Graciano, 1; Carlos Guimarães, 2; Luiz Guimarães, 1;

Th. Heinermann, 7; G. J. C. Henriques, 2; J. M. Hillesum, 2;

H. Kendall, 3; Lucile P. Kitzo (Mme Jules Brun), 5; Maria P. Kitzo, 18;

Augusto de Lacerda, 1; Francisco de Lacerda, 2; José de Lacerda, 1; Lambertini-Pinto, 70; Arsène Lazikian (Gazikian), 3; Ad. Lefol, 5; Marc Legrand, 4; K. E. Graf zu Leiningen-Westerburg, 1; Augusto Leite, 3; Luis Bernardo Leite Alkaide, 1; Carlos de Lemos, 5; Alphonse Le Roy, 4; Victor de Lesser, 2; Luigi Levi Naim, 1; Casimiro José de Lima, 3; Cristóbal Litran, 1; Karlos Lope, 2; Henrique Lopes de Mendonça, 5; José Lopes da Silva, 1; Duque de Loulé, 5; Adolpho Loureiro, 12; E. Maria Lotz de Macedo, 3; Francisco Macedo, 2; Cyrillo Machado, 1; Francisco

Machado de Faria e Maia, 13; Gustave Macon, 5; P. Mac Swiney de Mashanaglass, 14; Luiz de Magalhães, 6; Carlo Magalhaes de Azevedo, 40; Gemma Maiocchi, 5; Antonino Marú, 1; Conde de Marim, 1; Alfredo Augusto Martins, 4; João Antonio Rodrigues Martins, 5; Luiz Martins, 5; Francisco Augusto Martins de Carvalho, 10; Julio de Matos, 1; Manoel de Mattos, 1; Eduardo Maulaz, 13; Thomaz de Mello Breyner, 9; Thomaz Mendes Moreira, 1; Mendes dos Remedios, 5; Ramon Menendez Pidal, 21; José de Menezes Torres, 1; J. B. Mercier, 5; Carolina Michaëlis de Vasconcellos, 22; Jules Michelet, 1; Achille Millien, 18; Alice Moderno, 103; Celina M. Moderno, 2; Luiz Moderno, 4; Leonello Moderna, 2; Avolino Monteiro, 2; Achille Alfredo Monteverde, 11; Maria do Carmo Sequeira Mordes Flores, 17; ~~Maria do Carmo Moraes Flores, 5~~ Moraes Rocha, 1; Antonio Moreira, 2; Aristides de Mota, 4; Ada Negri Garlanda, 1;

Arnaldo Oliveira, 2; José Augusto d'Oliveira Alvarenga, 7; Oliveira Martins, 2; Antonio Barbosa d'Oliveira Martins, 4; Oliveira Lima, 2; João d'Oliveira Ronna, 3; Vasco Ortigão, 2; Alberto Osorio de Castro, 1;

Francesco Paolo Pace, 2; Eugenio Pacheco, 4; Joaquim Pacheco, 2; Antonio Padula, 9; Attilio Paghiaini, 3; Leopoldo Palatini, 1; Duque de Palmella, 9; Miguel de Noronha conde de Paraty, 44; Francisco del Paso y Troncoso, 3; Francisco Pascoe, 4; João Penha, 14; Conde dos Olivaes e de Penha Longa, 6; Gustavo Penna, 2; Prospero Peragallo, 9; Gabriel Pereira, 1; Antonio Pereira Calvas, 4; J. A. Pereira de Carvalho, 2; José Pereira de Sampaio, 12; Ramon de Peres, 1; José Pessanha, 13; Manuel Joaquim Pinheiro Chagas, 2; Francesco Piovano, 1; Francisco Plancarte, 1; Polydoro José da Ponte, 4; Antonio de Portugal de Faria, 4; do Prado, 1; Edgar Prestage, 15; Virginio Prinzivalli, 2;

José Queiroz, 1; Anthero de Quental, ~~[illegible]~~ 88; Anna de Quental de Castro e Lemos, 13;

José Duarte Ramalho Ortigão, 25; José Ramos Coelho, 6;

Rapozo Arruda Guimarães, 1; E. Rego, 1; P. Robert Reitch, 1; Victor Ribeiro, 1; Edmond de Robert, 2; A. A. da Rocha Peixoto, 6; Ramsey, 2;

Antonio de Sabugosa, 4; Conde de Samodães, 4; Alberto Sampaio, 4; Maria Augusta de Sampaio Chaves, 9; Antonio Sanchez Moguel, 9; Santa-Anna , 4; João Santiago, 7; Eugenio Savard, 2; A. Schnaeberger, 1; Francisco Sellén, 10; Eduardo Sequeira, 9; A. Fernando de Serpa, 5; Fernando Eduardo de Serpa Pimentel, 5; José Antonio Serrano, 8; José Enrique Serrano y Morales, 5; Armando da Silva, 1; S. X. da Silva Pereira, 2; P. Loren Simon mechitarista, 5; J. T. de Sousa Martins, 65; Francisco de Sousa Viterbo, 10; Julio Olavo Spinola Barretto, 1; Wilhelm Storck, 7; Francesco Mario Supica, ~~6~~ 10;

João Jacintho Tavares de Medeiros, 1; Assis Teixeira, 2; Francisco José Teixeira Bastos, 3; José Alexandre Teixeira de Mello, 17; Basilio Telles, 2; Marquês de Tarez, 4; Emilio Teixa, 53; Domenico Tordi, 2; Antonio José Torres de Carvalho;

Aglauro Ungherini, 8; Gustavo Uzielli, 10;

Conde de Valença, 3; card. Vincenzo Vannutelli, 1; Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos, 1; Clemente Antonio de Vasconcellos, 4; J. de Vasconcellos, 1; Antonio Vianna, 3; Rodrigo Velloso, 8; Louis Vibert, 7; M. Vieira Natividade, 1; Eduardo Villaça, 2; L. A. Vitturi, 1; Pierre Ville, 2; Platon de Wazel, 20; G. Zuppone-Strani, 1;

Lettere di Istituti vari, n. 11; Lettere con firme parecchie, n. 20.

Certificati n. 5 (fede di nascita di J. de Araujo e di sua moglie, ecc.).
Foglietti di note bio-bibliografiche sull'Araujo.

Cod. LXXXII : sec. XIX (J. de Araujo, a. 1940)

Quental (de), Anthero. Lettere n. 18 autografe o in copia, a vari (a. 1858-1891)

id. A Poesia na actualidade, a proposito de Lyra intima de J. de Araujo, autogr.

id. Testamento autografo, Lisbona 11 giugno 1880, aperto 29 ott. 1891.

id. Tillio (sonetto trad. in ital., scritto su pergamena miniata).

Traduzioni in varie lingue di un sonetto portoghese di Anthero de Quental in morte

CARTAS DE RAFAEL ALTAMIRA
A
JOAQUIM DE ARAÚJO

LA JUSTICIA
DIARIO REPUBLICANO

SILVA, 8, PRAL.—MADRID

BIBLIOTECA NAZIONALE VENEZIA

8 Enero, 1892.

Ilustrado y querido amigo:

Comprendiendo el interés que V. tiene en reunir pronto las versiones de la preciosa poesía de Billero, no he querido esperar más días al Sr. Senador de Arce, el cual, por las cuestiones políticas suscitadas con la subida al poder de su partido, se halla tan preocupado, que no atiende á la literatura.

Con este propósito, me he dirigido á un notable escritor peruano que se halla ahora entre nosotros (y del cual conocerá V. los méritos por el artículo de La Justicia que hoy mismo le envío) y él ha tenido la bondad de enviarme esta traducción, todo lo literal posible.

Esto no obstará p.a que procu-

se yo obtener otra española. En lo de Ricardo Palma, va el autógrafo.

El Sr. D. Francisco Giner ha vuelto ya á Madrid. Hállase algo mejorado de su enfermedad, aunque muy distante de estar bien. Agradece el cariñoso saludo de V. y le devuelve, así como todos los demás compañeros de la Institución.

Espero impaciente los libros suyos que me anuncia y su colaboración p.ª el periódico. En la presente semana enviaré á V. dos libros míos.

Sabe es siempre suyo afmo amigo y a. ss.

q. s. m.

Rafael Altamira

Sr. Museo de Instrucción primaria.
Calle de San Agustín.

BIBLIOTECA NAZIONALE
VENEZIA
S. MARCO

5 Diciembre, 1892.

Sr. D. Eduardo de Mayo

Mi muy distinguido amigo: Me pesa por no haber contestado antes á su gratísima carta, ni haberle acusado recibo de su preciosa poesía La muerte de Arthero. Había querido que mi carta coincidiese con el cumplimiento de los encargos V. me hacía, y este deseo me ha obligado á esperar un poco.

Hoy ya puedo anunciar que mañana recibirá V. el libro del Sr. Alas, Nueva Compañía, en que figura un artículo sobre Arthero (el titulado Sonetos); y que, dentro de pocos días, enviaré también la traducción en verso del delicado epitafio, el cual obra en poder del célebre poeta Núñez de Arce.

+ +

Como digo al comienzo de esta carta, recojí el bosquejito de V., que sinceramente agradezco, y entregué al Sr. Linares lo que á él estaba dedicado. Excusado decir con cuanta complacencia recibiré todo lo escrito por V. con que quiera favorecerme. Si mi ignorancia no parece á V. excesiva, todavía me atreveré á pedirle un artículo de asunto literario para el periódico que dirijo, La Justicia, en el cual deseo recojer las firmas de los mejores literatos españoles y portugueses y reflejar el movimiento artístico de los dos países, Portugal y España.

Para este objeto, haré uso del libro de su amigo de V., M. Fonseca, y quisiera obtener cambio con alguna revista portuguesa, si fuera posible.

Celebraré que mi Historia de la Propiedad comunal le sea útil en algo, aunque no creo sea mucho. El libro ca-

si de estudiante, que hoy se podría dedicar en volumen. En cuanto publique mis dos nuevas obras, una de ella, de crítica literaria, tendré mucho gusto en remitírselas.

Reciba el afectuoso saludo de todos los amigos de la Institución. El suyo, que halla fuera de Madrid.

En cuanto á mí, créame y tómeme como su afmo y atento amigo y admirador,

q. s. m.

Rafael Altamira

C. Ciudad Real, 1 3º - Madrid.

BIBLIOTECA NACIONAL
C.A.
M. S. MARGO

Madrid
13 Octubre 194

Mi querido y distinguido amigo: Le debo á V. las gracias por dos finezas ultimamente recibidas: el ejemplar de su libro Flores da Noite y la poesía Chaile azul que en él me dedica, preciosa muestra de la inspiración poetica, ardiente y vaga al propio tiempo que caracterizan las obras de V.

Gracias de todo corazón;
le prometo p.a muy en
breve un artículo bibli-
gráfico que se publicará
en el popular diario El
País y en el cual me
ocuparé, también de
otros libros que el editor
Sr. Chastron tiene
la bondad de enviarme.

¿Publicó V. ya la
edición políglota de Zola?

Sabe le quiere su muy
affmo amigo

Rafael Altamira

27, Madera, 27.—Teléfono 1.121. Madrid.

13 Mayo

Querido amigo: Envié á V. las pruebas de su artículo; me espero devuelva enseguida. Hoy le envío el folleto Notas Bibl.ª (¿Qué es un libro impreso en Macao.

Adjunta una carta de
ruego Sea. ¿Cree V. que el
Sr. Gomes de Carvalho
nos puede servir bien,
combinando su trabajo
con V.? ¿Podría él ha-
cerme la bibliografía
histórica de 1894, que nece-
sito? Quedo enteramen-
te á lo que V. decida.

¿Podría V. indicarme
brevemente los libros más
notables de novela, poesía,
drama, que en 1894 se han
publicado en Portugal?

Gracias por todo
Suyo afmo

Recibida su carta del 18 (sic)
con la nueva noticia, que
agradezco.

13 Abril, 16

Quien [illegible] comprendo lo que p[illegible] con el correo entre Madrid, esta ciudad. Una tarjeta postal de V., fechada el 7 ha llegado hoy. Es decir, que tarda más que desde Viena ó Berlín. A eso se debe que no reciba V. á tiempo la Revista, que hace muchos días se le envió.

BIBLIOTECA NAZIONALE VENEZIA CH. S. MARCO

Espero las noticias literarias que V. prometé. He recibido un libro de poesías de mtr. Martinho de Bredende. ¿Qué me dice V. de él?

No se encuentra el Camoens. En cambio, puedo darle á V. noticias de él. Su autor fué un poeta, muy mediano, portorriqueño, q/ tiró de su drama siete ú ocho refundiciones distintas, de modo que para darse cuenta del drama habría que poseerlas todas; pero como cada una anulaba las anteriores, no es posible hallar ejemplares. El autor ya murió.

Nada más por hoy. Escribí á Pezza

Su sinceramente affmo

M. Menéndez Pelayo

No he recibido aun el nº de la Rev. Gallega que V. dice.

Mi querido amigo: Recibí anteayer su tarjeta postal, y celebro mucho que el h. Teixeira Bastos haya comunicado á V. las palabras sinceras y justas en que le hube de decir mi opinión.

Espero poder enviar á V. traducciones en asturiano (bable) y en valenciano; pero no conozco á nadie que en basco pueda hacerla. El mallorquin difiere poco del catalán; pero intentaré lograr, tambien, traducción.

En cuanto á los poetas americanos, no conozco á ninguno de los que pueda haber aquí ahora, aunque creo que no los hay.

Con todos mis viajes, estoy agobiado de quehaceres atrasa-

Dor, y, con esto, muy falto de tiempo y de salud! No hago nada de literatura, porque no hallo el descanso necesario que la producción artística requiere. ¿Olvidó V. enviarme sus Occidentales?

Siempre suyo afmo amigo que le abraza

Altamira

2 Julio/95

Oviedo
28 Abr. 98

Mi querido amigo: Con gran placer recibo noticias suyas por su carta del 21. No he olvidado la publicación de su estudio sobre el Prior do Crato, pero habrá qué esperar hasta año nuevo, porque ahora necesitamos dar los Apendices del trabajo de Jannelli, que son bastante extensos y que urgen para no tener detenida la tirada aparte. Inmediatamente irá lo de V., traducido al castellano, porque la imprenta no posee suficiente letra de acentuación portuguesa para poder componer de una vez, muchas páginas. El retrato se imprimirá aparte, en papel especial.

De mi libro de Historia y Arte no puede disponer, porque vendí la edición. — El autor de la Historia de Vigo, no respondió. — El editor de Etéibauer Calderón, no es Suarez, sino Murillo, con quien no tengo relaciones.

Sabe que siempre le quiere su a.

Altamira

Oviedo
28 Febrero. 99

Mi querido amigo: Si V. recuerda lo que he sido siempre para V. y lo mucho en que he tenido siempre su amistad, le será preciso venir en deducción de que graves impedimentos habrán mediado para no contestar yo enseguida á las quejas de su cariñosa carta última. Y en efecto; además de la nueva desgracia de familia, que el luto de este papel revela, llevo una temporada de salud tan desigual y de tales preocupaciones en mi vida, que los más de los días me faltan ánimos para cumplir con lo más preciso

Tiene V. pues que perdonarme mi tardanza, y en manera alguna atribuirla á enfriamiento en mi amistad. A las mismas causas que ella obedece el no haberle enviado todavía el ejemplar de mi traducción de P. Coelho, que hace mucho espera sobre mi mesa á ser empaquetado. Los que han circulado por Portugal no los he enviado yo, sino el editor de acuerdo con Coelho. Hoy, por fin, remito á V. el libro.

Vengamos á las otras quejas. En primer término: no he recibido ninguna de estas últimas publicaciones que V.

me dice, y por tanto, es natural que no haya acusado recibo de ellas. ¿Cree V. que puedo yo caer, apesar de todo en la falta que hasta de cortesía sería, de no darle, por lo menos, las gracias?

En lo que la Revista Propia ha ocurrido una cosa deplorable. Por insti gación del director de ella — yo era un mero colaborador — escribí á Coelho privadamente, pidiéndole nombres de mentitas jóvenes que se pudieran traducir etc. (pero no para traducir Los yo). Coelho, en vez de dama nombres, publicó el párrafo de mi carta, para que así fuera más general el llamamiento; pero en el

intervalo de ir mi carta, dar Ribuma el párrafo, la Revista popular, por causas que aun desconozco, porque el Director ni ha vuelto á escribirme, suspendió su publicación, paralizando toda mis gestiones é inutilizando las hechas. Por esto no llegue á escribir á V. y tenga en mucho á que por eso mismo, la Revista no llegó á ser enviada a nadie de Portugal.

Ahí tiene V. la explicación de todos los hechos que V. ha creído hijos de un olvido mío en punto á nuestra amistad.

Vamos á otra cosa. La Revista crítica, que aquí en Oviedo ha tropezado con innumerables difi

BIBLIOTECA NAZIONALE VENEZIA

cultades de imprenta, que me han proporcionado muchos disgustos, comenzará ahora á publicarse en Oviedo, bajo la Dirección (mancomunada, con la mia) de E. L. Elias de Molins, Director del Museo arqueológico. Ya le envié á V. no sé el Prospecto que recibirá pronto. Ahora bien; podría V. darme luego enviarle el manuscrito (al L. Molins) de su Prior de Crato, y escribirle para explicarle lo referente á su publicación, para que se incluya en uno de los primeros números. El L. Elias es, á la vez, dueño de la imprenta en que se publicará la Revista.

De mi libro *De Historia y Arte*, no le puedo enviar ejemplar, porque no he podido obtenerlos del editor con quien mis relaciones se han enfriado mucho últimamente.

Esperando que V. perdonará todas mis involuntarias é inevitables faltas, le envía un abrazo su invariable amigo

B. Martínez

Oviedo
24 Abril, 1900

Mi siempre querido amigo: Recibí su carta del 14 Marzo (con retrato) y su tarjeta del 19 del corriente. Agradezco á V. mucho sus juicios sobre mi Historia, en cuyo tomo 2º estoy trabajando con gran agobio de tiempo. Por eso no he escrito á V. antes.

De la primitiva Revista de 1895 no se publicaron mas que los 6 nos que V. tiene. El prospecto se agotó. Del tomo de 1899 envió á V. un ejemplar de los nos XI y XII que tengo aquí. Pediré ~~...~~ de los IX y X y en cuanto los reciba se los remitiré igualmente.

Escribí al Sr. Portugal de Faria, dándole gracias por su nuevo libro que ha tenido la bondad de enviarme.

Mucho deseo que haya V. mejorado de salud. Cuídese, querido mío y no trabaje mucho.

Su siempre suyo afmo a,

R. A.

CARTAS DE ACHILLE MILLIEN
A
JOAQUIM DE ARAÚJO

Beaumont-la-Ferrière (Nièvre) le 17 9bre 1892

BIBLIOTECA NAZIONALE
VENEZIA
DI S. MARCO

Cher et honoré confrère

Le jour même de mon départ pour une saison d'eau j'ai été à la poste à votre adresse un modeste petit paquet et j'allais le faire suivre d'une belle grande lettre que votre très aimable accueil de réception, vos idées très indulgentes pour ces quelques strophes qui, une valent, de la part d'un commençant poète et critique tel que vous, dû vouloir flatteuses dont je suis bien touché.

Je recevrai avec grande joie votre belle, très-belle Estatica 20 Poètes qui m'est pour une inconnue pour

moi et vous vous aurez mort
J. Antheo de Quental. Vous
serez bien aimable d'y joindre
un de vos recueils de poésies, dans
lequel je prendrai, pour les traduire
en vers français, quelques pièces,
de façon à recueillir une sorte
de petite anthologie composée de
pièces de comte halleine qui
répandront dans le public français
(en dehors des pays lettrés) les noms
des poètes portugais. Comme appréciation,
je vous envoie deux petites pièces
de João de Deus et d'Antheo de
Quental. Hélas! il est impossible
de rendre dans la beauté de texte
original; on n'arrive qu'à un
à-peu-près.

Si vous disposez de vos
premières dépêches, j'en recevrais
avec plaisir un exemplaire, qui

Je vous envoie
ce jour un gros volume
de plusieurs de mes
ouvrages. Je voudrais bien y joindre
quelques traductions, mais elles sont
épuisées, et entre autres les poésies de
Lamartine. Assurément je serais
très heureux de voir mes humbles
travaux par vous, cher
Monsieur et si quelque partie
vous semble digne de
cet honneur, j'en serai fort
reconnaissant.

Je viens de recevoir de M.
Xavier da Cunha une très aimable
lettre. Peut-être M. Xavier da
Cunha me demande la traduction
de quelques textes de Camoens.
Je me mets entièrement à sa

disposition et j'essaierai bien volontiers de faire ce petit travail. Seulement j'ai besoin de quelque délai ; j'arrive du Congo, assez fatigué et je dois m'occuper sans retard de terminer un ouvrage que l'éditeur réclame pour le mettre sous presse. Du reste je vais écrire ces jours-ci à M. de Cuneha.

Le mauvais état de ma santé m'empêche de donner suite à mon projet d'assister aux fêtes et congrès du Centenaire de Christ. Colomb. Peut-être aurais-je eu la bonne chance de vous y rencontrer.

Veuillez agréer, cher et honoré confrère, l'expression de ma vive sympathie et de mes sentiments bien dévoués

Ach. Millien

Beaumont-la-Ferrière (Nièvre)
le 9 octobre 1892

BIBLIOTECA NAZIONALE
VENEZIA
DI S. MARCO

Cher et excellent ami

J'ai reçu avec votre bonne lettre les volumes qui l'accompagnaient et je vous en remercie de tout cœur. J'ai déjà lu des pages d'exquise poésie et je vais y revenir ; mais sans plus attendre je veux vous envoyer une mauvaise traduction des deux belles strophes de votre grand poète, Anthero de Quental. Impossible de rendre ces beaux vers comme je le voudrais, comme je les sens. J'essaierai d'en faire une autre traduction ; en attendant, agréez celle-ci, toute médiocre, comme une preuve de ma bonne volonté et de

mon désir de vous être agréable.

Je suis bien souffrant en ce moment. La maladie qui m'a frappé il y a près de cinq ans et qui a résisté à tous les soins semble vouloir s'aggraver. J'ai pourtant beaucoup à travailler et grand besoin de santé. Dites autour chez, je voudrais terminer ce petit recueil de poésies portugaises dont je vous ai parlé. Je suis bien de votre avis : en ajoutant à la demi-douzaine de noms célèbres que vous me citez, le vôtre et un ou deux autres, peut-être on donnera une idée juste et suffisante de l'état poétique actuel du Portugal. Mon intention était de remonter un peu plus haut que la génération nouvelle et de donner quelques

Morceaux de Thomaz Ribeiro et
de divers autres ; mais je
n'ai pas pensé tout de la
période tout à fait contemporaine.
Quand ma traduction sera terminée, mon travail
terminé.

Il y a déjà longtemps que
Mendes Leal et quelques amis
désireux, depuis, voudraient me faire
l'honneur de me proposer comme
correspondant de l'Académie des
Sciences de Lisbonne ; je crois même
qu'il en avait été question dans les
articles que voudraient bien me
consacrer divers critiques dans
la Gazette littéraire de Porto (de M.
Camillo Castello-Branco) le Panorama,
l'Archivo, l'Illustração, etc. ;
articles que je n'ai jamais connus en
entier. — Je remercierais et
voudrais attendre d'avoir quelques
titres à l'appui de ma

candidature. Assurément je serais très honoré et très heureux d'appartenir comme correspondant à votre illustre Compagnie. J'ai reçu autrefois plusieurs volumes des Annales de l'Académie : pourrais-je obtenir par votre obligeante entremise le dernier volume publié et la liste des membres actuels de l'Académie des Sciences ?

Voilà que je bavarde avec vous, cher et excellent confrère, comme avec un vieil ami : il me semble que je vous connais de longue date. Veuillez agréer l'assurance de ma vive sympathie et de mon dévouement, avec l'expression de mon admiration sincère pour votre talent si délicat et si vigoureux à la fois.

Bien à vous
Achi Milliet

quelle belle ode que votre Estatua do Poeta !

Beaumont-la-Ferrière (Nièvre - France)
le 29 8bre 1892

BIBLIOTECA NAZIONALE VENEZIA S. MARCO

Cher confrère et ami

Lorsque vous pensez avec une toute amicale indulgence que je pourrais sous votre égide, frapper à la porte de votre Académie, pourvu que j'aie un adepte à l'appui de ma candidature, je vais donner à la publicité un petit fascicule des pièces que j'ai traduites du portugais. Ce sera une première livraison qui sera suivie, je l'espère

bien, à bref délai de plusieurs actes. Dès qu'elle sera imprimée, je vous l'adresserai en plusieurs exemplaires. Il sera nécessaire sans doute d'adresser une lettre officielle au Secrétaire de l'Académie : n'est-ce pas M. Lamalha Ortigão ? Du reste, le moment venu, je vous prierai de me renseigner pour les mieux.

En écrivant à M. Xavier da Cunha, je lui exprimais le désir de le connaître au moins par effigie : il m'a très gracieusement envoyé son

portrait en photographie.
Je lui disais que je serais
heureux d'avoir le vôtre :
j'espère, cher confrère et
ami, que vous voudrez
bien m'accorder cette faveur

J'essaierai certainement
de traduire votre belle
Estatua de Poeta, sans
espoir de rendre vos vers
dans leur suavité. Je
me mettrai à ce travail
dès que je le pourrai ; en
ce moment, je suis tellement
si souffrant que je ne
ferais rien de bon et
que j'ai beaucoup de peine

à corriger seulement des
épreuves. J'avais traduit votre
Michel de Morgan : je relis
cette traduction que j'avais
presque oubliée et je la
trouve détestable. Je la
refrais car je tiens à donner
une belle place dans la
librairie en question.

Croyez-moi, cher confrère
et ami, tout à vous bien
cordialement

Achille Millien

Beaumont-la-Ferrière (Nièvre - France)
le 16 xbre 1892

BIBLIOTECA NAZIONALE
VENEZIA
DI S. MARCO

Cher confrère et ami

Je viens de rentrer chez moi après une absence. Avant de partir, j'avais chargé un de mes amis de choisir dans mes cartons et de remettre à l'impression une série de morceaux des poètes portugais contemporains et de corriger les épreuves de ce petit fascicule. Je trouve, en arrivant, la chose toute prête; mais mon excellent ami ne m'avait pas bien compris: pour

que j'étais de partir à
l'improviste, je lui avais
quelques explications de vive
voix ; or, il est un malentendu,
je vois qu'il a compris dans
les poètes contemporains Barbier
du Bocage, etc. — Il y a
là une petite [illegible] —
Je vous adresse une rejouchoir
des exemplaires de cette
livraison. Vous avez eu la
bonté de me dire qu'un
simple fascicule suffirait pour
ma candidature à l'Académie
de Lisbonne : je remets
donc l'affaire entre vos
mains amies. Dites-moi,
je vous prie, ce que je dois

faire de mon côté ? Faut-il
adresser une lettre au
Secrétaire de l'Académie lui
envoyer directement la traduction ?
Dites-moi aussi si vous
avez besoin de plusieurs autres
exemplaires, pour que je vous
les adresse immédiatement.

Ce essai de traduction
est grand besoin de votre
indulgence. J'ai bien pensé
à vous souvent
du Nord, au-delà de la
limite permise.

Je serai très heureux
de recevoir de vos nouvelles !
Il y a longtemps que je n'en
ai eu. J'ai su par M.
Xavier da Cunha que vous
avez été absent. N'oubliez pas,

Mon cher ami, que j'attends
votre portrait ; il sera le
bienvenu, n'en doutez pas.

Merci pour toutes vos
bontés, cher cœur et excellent
ami. Croyez-moi votre tout
cordialement dévoué

Achille Millien.

P.S.
Comptez-vous sur votre présence
au banquet de Mamers ?

Beaumont-la-Ferrière (Nièvre)
le 2 janvier 1893

BIBLIOTECA NAZIONALE
VENEZIA
DI S. MARCO

Mon cher ami,

Je trouve votre bonne lettre en arrivant ici, avant hier. J'y reçois bien vite en vous offrant tout d'abord mes meilleurs souhaits de bonne année et en y joignant mes remerciements pour votre amicale attention.

Je vous dirais

1° pour l'Académie : nos pas le recueil couronné par l'Acad. française en 1864 ; lent cela est épuisé depuis longtemps, mais un autre recueil intitulé Voix du cœur, dont je n'ai pas retrouvé sans peine un exemplaire. Ce petit livre a été, lui aussi, distingué par l'Académie qui l'a mis hors concours avec Dantes en 1874. Voici d'ailleurs les termes du secrétaire perpétuel :

« Nous avons mis hors de concours, avec

rappel de leurs précédents livres, plusieurs
auteurs déjà couronnés par l'Académie
pour leur talent poétique. C'est encore
une récompense que cette sorte
d'ostracisme dont nous avons usé dignes
MM. Campagne (professeur à l'université de Kiev
de Donin, l'auteur de traduction de Kiev de
Mme. Antonine) Chennevot, Millien,
Durvas de Kiev.

A ce recueil je joins plus de
poésie, canzones et les chants
oraux du peuple russe. Ce dernier
volume n'est pas encore en librairie,
l'éditeur ne le mettra en vente
que dans une quinzaine de jours. Je
puis heureux d'en avoir reçu deux
exemplaires, l'un pour l'Académie,
l'autre pour vous.

2° pour vous : ce recueil des
chants russes. Un autre recueil
difficile aussi à trouver : Poèmes
et Sonnets. (Je n'en ai pas
un second exemplaire à offrir
à l'Académie des sciences.) les

Quant aux exemplaires que vous demandez
de Fleurs de poésie et des
Camoens, en voici deux.
3° Cinq exemplaires de Fleurs de
poesia portugueza, illustres cerveaux,
et vous pourrez citer les noms. J'ai
déjà ébauché plus dernier quelques
relations avec M. Oliveira Martins
qui m'a envoyé sa conférence à
l'Athénée de Madrid sur les
voyages de découverte des Portugais
antérieurement à Christophe Colomb.
J'avais bien l'intention de lui adresser
mes Fleurs de poésie, ainsi qu'à
M. Théoph. Braga auquel j'ai
envoyé je ne sais plus quelles
bribes de poésie il y a bien
deux ou trois ans.
4° Vous voulez bien me demander
mes publications relatives aux
traditions populaires; mais rien n'a
encore paru en volume. Beaucoup
de fragments (chansons, contes,
légendes) ont été publiés par
divers périodiques en France, en

Russie, en Italie, en Angleterre, etc. — Mais je n'en ai gardé que les peu de chose. Je vous envoie en double un extrait d'un recueil Italienne : petits [illegible] de [illegible] il y aura donc un [illegible] pour un pour M. Braga. Mais, du reste il n'y a qu'un exemplaire. Vous trouverez deux livraisons de la revue des traditions populaires ; dans l'une, il y a un fascicule de petits contes des paysans nivernais, contes qui ont eu un succès de curiosité ; c'est l'interprétation des cris des animaux du chant des oiseaux. Vous trouverez aussi deux numéros d'un journal local, que j'autorise de ton, si vous voulez à reproduire des légendes gaulois dans des revues, soit deux articles : la Beauce aux champs avec des formulettes, et un conte : la ferme de la misère. Vous veuillez simplement à propos d'offrir à M. Braga une de ces livraisons.

Je ne manquerai vous

traduction du sonnet que vous m'indiquez, quand j'aurai le remède.

Et maintenant, mon excellent ami, je vous remercie bien des fois pour la peine que vous allez prendre au sujet de ma candidature à l'académie de Lisbonne. Je vous en suis bien reconnaissant et vous prie de croire à mes sentiments bien cordialement dévoués

Ach Mollien

Mes compliments, je vous prie, à l'occasion, à M. X. da Costa, auquel je vais envoyer mes Fleurs de poésie portugaise.

P. S.

On me remet à l'instant
O Tempo et O Commercio do
Porto. Très touché de
votre délicate et flatteuse
attention, je vous serre
les mains avec amitié.

Braunmit la Kerrière (Trieu)
le 19 janvier 1893

BIBLIOTECA NAZIONALE
VENEZIA
DI S. MARCO

Cher ami et excellent confrère

Je mets à la poste à votre adresse un rouleau contenant le portrait gravé, en échange duquel je serais très heureux de recevoir le vôtre.

J'ai reçu des lettres et envois de mm. Cannizzaro, Stark, Bjerknes et Valtenier, avec lesquels j'avais de bonnes relations, grâce à votre initiative très gracieuse.

En Portugal, comme je vous l'ai dit, je n'ai plus que des relations de fraîche date. Toutes celles que j'y avais il y a plus de vingt ans ont été rompues par la mort, la grande destructrice,

La réimpression de mon petite pièce à Camões m'a donné l'occasion d'envoyer de nouveau aux éminences amitiés, au premier rang desquelles je mets la vôtre,

J'ai envoyé l'été dernier le Camões à une vingtaine de littérateurs et poètes portugais; bon nombre n'ont pas répondu et n'ont sans doute pas reçu.

Ces années dernières, j'avais envoyé, je ne sais plus quel recueil mien à Mme Braga, J. de Deus et aussi à M. l'Inhiro Braga qui (il y a plus de vingt-ans) avait rendu compte de mes poésies; ces envois sont-ils parvenus à destination, je n'en sais rien.

Je vous donne ces détails comme

renseignement.

J'ai eu des lettres de remerciement pour Camões de MM. Ant. Teixeira, Bulhão Pato, Cam. de Figueiredo parmi les poètes, auxquels il faut joindre MM. Oliveira Martins, Barboza du Bocage, Moreno, Cte Azevedo da Silva (chargé d'affaires à Paris) etc. — Mais M. Jul. da Cunha qui, dans sa dernière lettre, me disait vous avoir vu récemment, ainsi que notre excellent ami M. X. da Cunha.

M. da Cunha qui se souvient de mon nom prononcé par son père, a été touché de voir celui de son père en tête du Camões. Il me témoigne, comme vous, mon cher ami, une véritable affection,

Ces jours derniers, j'ai reçu
une note de plusieurs poètes
Brésiliens José Ramos Coelho, dont
je connaissais bien le nom, comme
historien distingué. Je vous le
crois être remercier de son
attention spontanée.

N'ai reçu hier vos
Occidentales ; j'y ai marqué
plusieurs pièces pour la traduction,
dès que je pourrai m'y mettre,
car, depuis une semaine, je suis
malade.

Je ne sais si vous souffrez du
froid chez vous, dans votre pays du
soleil ; mais ici l'hiver est
très rigoureux ; nous sommes sous la
neige, avec —18 degrés.

Mes meilleurs compliments, mon
cher ami ; je suis très cordialement
à vous

Adolphe Retté

BIBLIOTECA NAZIONALE
VENEZIA
S. MARCO

Beaumont la ferrière (Nièvre)
le 23 mars 1893

Mon cher ami

Vos lettres se sont croisées. Vous avez dû recevoir ces jours ci mon billet de malade, et moi j'ai reçu hier votre bonne lettre.

Agréez mes plus vifs remerciements pour les délicates attentions dont vous me donnez le témoignage, en véritable ami. C'est à vous que je dois mon admission à l'Académie de Lisbonne : merci de tout cœur, mon cher ami.

J'ai reçu la lettre officielle du secrétaire, avec votre petite annotation de souvenir. Je vais

y répondre ces jours-ci.

Ce qui m'a fait grand plaisir aussi, c'est votre photographie qui, ce me semble, me rapproche de vous et qui va prendre place au milieu de mes bons amis.

Je suis toujours malade, bien souffrant. Les médecins ne veulent pas que je travaille ; à peine [illegible] quelques lettres. Ils m'ordonnent à partir, dès que le permettra [illegible] pour quelque temps dans [illegible]. Je vais bien [illegible] le voir une [illegible] [illegible] et [illegible] une activité [illegible] qui ne [illegible] pas [illegible] [illegible], comme il [illegible] les [illegible].

Ci-[illegible] mes [illegible]

[illegible] je ne [illegible] à
[illegible], comme vous le dites,
[illegible] [illegible]
[illegible] [illegible]
[illegible] [illegible] [illegible]
il faut que vous [illegible] vous
délai. J'ai à traduire aussi
d'autres poésies, de Mlle Alice
Moderno entre autres ; mais, hélas !
il faut attendre.

Aujourd'hui même, je vous envoie
les cinq exemplaires des Fleurs de passion
et j'envoie aussi à Mlle Moderno
et au Vicomte de Castilho, auquel j'ai
déjà adressé un exemplaire qui ne lui
est pas parvenu.

Je suis tout à votre disposition
mon cher ami. Agréez mes remerciments
réitérés et croyez-moi tout à
vous bien cordialement.

Adolphe Millien.

J'ai reçu en même temps, que votre lettre un charmant billet de votre excellent ami le Dr. da Cunha auquel je répondrai bientôt.

Beaumont la Ferrière (Nièvre)
14 mai 1893

BIBLIOTECA NAZIONALE VENEZIA S. MARCO

Mon cher ami

Je n'avais pas disponibles des Camaeus ; j'en attendais pour vous répondre. Enfin les voici et j'en mets quatre à la poste à votre adresse. Si vous en désirez d'autres, un mot, et vous les aurez.

J'ai bien de la peine à recouvrer mes forces perdues. Les médecins veulent que j'aille passer un mois aux eaux dès le commencement de juin, de sorte que voilà tous mes beaux projets de cette année renversés. Je n'ai pas pu faire mon petit séjour à Paris. J'avais ensuite quelque intention d'aller à Rome, à la fin de ce mois,

une occasion extrêmement favorable se présentant. Et au lieu de tout cela, il faut s'occuper d'une santé délabrée, sans avoir même la consolation de travailler comme on le voudrait. Pour ce motif, mes chers poètes portugais sont en retard, mais je ne les oublie pas. Je mettrai la verve de Jaime dans la prochaine livraison. Voici mes amis de Madrid et de Seville qui veulent que je les traite comme ceux de Lisbonne et que je donne aussi des traductions de Clorpagnol. J'ai fait beaucoup de ces traductions et, il y a quelques années, nos revues de France en ont publié bon nombre, en castillan et en catalan. J'ai donc fouillé

dans mes cartons et j'en ai retiré une de pièces pour former des liaisons comme celle des Portugais.

J'ai essayé de traduire deux pièces, de Pons, de Mlle Modernode, M. Clamor Marot, de M. le Cte de Ollonaz (que m'a envoyé son charmant recueil) et je n'ai rien fait de bon. Mais ce n'est qu'un retard. Il y a des moments où l'on n'arrive à rien; dans ce cas, inutile d'insister; mais c'est ordinairement dans ces moments-là qu'on a le plus à faire.

J'ai cherché dans votre recueil les pièces à traduire de préférence; il faudrait tout traduire; il y a là des morceaux d'une exquise délicatesse, et d'autres d'une belle crânerie: vous êtes un charmant et puissant poète.

J'espère qu'une autre fois
vous me donnerez plus longuement
de vos nouvelles. Rappelez-moi au
souvenir de nos amis, je vous
prie, et croyez-moi, mon cher
ami, bien affectueusement à vous

Ach. Millien

Beaumont-la-Ferrière (Nièvre)
le 25 Juillet 1893

Mon cher ami

C'est bien la poste qui a fait la faute, car en même temps que votre lettre, je vous ai expédié le 13 [illegible] les épreuves de Fleurs de guerre. Je vais vous faire un nouvel envoi en recommandé et en même temps expédier à votre librairie aux adresses que vous m'indiquez.

[illegible] a fort approuvé [illegible] traduction des poètes modernes [illegible] composé récemment portugais [illegible]. Je projette donc, à [illegible] de donner un second livre [illegible] comme la première, de refondre le tout et de suivre le conseil qu'on m'a donné de [illegible] plus vaste du mouvement [illegible] en Portugal. Je m'occuperai des poètes qui [illegible] en 1873, il y a vingt ans, mais je donnerai plus de place au mouvement actuel.

aux poètes de la génération
présente. Je crois qu'une
quarantaine de [illegible]
très largement [illegible]
former une [illegible]
contemporaine. [illegible]
ci-après une liste [illegible]
chronologiquement [illegible]
pour m'en donner [illegible]
indiquer [illegible]
ou à supprimer [illegible]
un certain nombre de [illegible]
assez peu goutés aujourd'hui
mais qui ont eu leur [illegible]
de succès. Je suis bien [illegible]
des poètes de V. à Paris,
je compte [illegible] obligeamment
pour m'envoyer des pièces
assez courtes (sonnets ou [illegible]

de 20 à 24 ans, sauf exception
bien entendu. Je crois dont
je ne pensais [illegible] de nous,
vous [illegible] mon cher
ami que [illegible] loin d'oublier
votre noble pays.

Bons souvenirs pour
vos amis de Lisbonne
et mille compliments et
[illegible]

Votre tout dévoué :

Ch. Millien

BIBLIOTECA NAZIONALE
VENEZIA
DI S. MARCO

Beaumont la Ferrière (Nièvre)
le 15 janvier 1894

Mon cher ami

Au reçu de votre carte, je m'empresse de vous répondre. Vous trouverez sur la feuille ci-jointe mes observations sur les vers français de Mlle Madeleine. Votre protégée a des règles stupides. — J'ai [illegible] une traduction d'un [illegible] de Sainte-Beuve ; je ne lui ai pas envoyé celle du format géographique, parce que cette traduction me semble très faible. Vous trouverez les deux vers ci-joints [illegible] par mon [illegible] portugais et j'en traduis quelques pages au milieu de tous d'un travail épuisant. Mon intention est de faire le Roman du XIXe siècle en vingt volumes précédés des premiers romantiques (Jean-Jacques, Bernardin de Saint-Pierre) des quelques noms des poètes d'avant 1830 : ils sont assez nombreux, j'ai vu. Vous serez bien aimable de m'indiquer ceux qui, à partir de Boileau, pourraient figurer dans une première partie (1800 à 1830) ou dans un avant-propos : j'en

connais peu.

Je vous soumets (sur la feuille ci-jointe) la liste dressée par vous des poètes dont j'avais à m'occuper. Elle diffère de celle que j'avais établie par quelques noms supprimés (Carnaxim, entre autres) et plusieurs noms ajoutés de la génération actuelle. Voulez-vous y jeter de nouveau les yeux et savoir s'il n'y a pas d'omissions? Je n'y trouve pas le nom de Sousandrade, chose qu'il sera essentiel de mettre en son rang; il en est un certain nombre d'autres: vous les avez sûrement. Je n'en sais rien pas exemple:

Teixeira Bastos — Julio Ribeiro
Freitas — Ernesto Manoel
Fernandes — Vicente Chaves
Alegre da Conceição
Barros Lexas
Christovam Ribas
J. Sim. Dias
Oliveira Lopes

Veuillez les ajouter vous-même intentionnellement à cette.

Mais l'intention de donner à la suite des Portugais, les Brésiliens, je ne sais pas s'il en figure dans la liste que vous dressée,

aussi Salvar Martins Brésilien ?
Gomes Crespo aussi, je crois. Du moins,
il est né dans une colonie portugaise,
si ce n'est au Brésil. — Si vous avez
la bonté de me donner une liste des
Brésiliens, vous m'obligerez, car je
ne sais qu'une assez confuse avec
les noms entre autres de J. M. de
Macedo, J. de Magalhães, Matheus,
Carvalho, Gonçalves Dias, Porto alegre,
Molia Moraes, Gonçalves Espanha Souza,
etc. ——

J'ai reçu des chansons rituels de
M. Inácio Abandão Dias de Castro,
que je trouverais : la fin de qui
choisir pour mes traductions ; mais
de beaucoup de poètes, il me manque
des textes et je ne permets de
compter sur votre amitié obligeante
pour m'en fournir de temps en
temps.

Je ne sais pas si l'Académie
des Sciences de Lisbonne publie
un Annuaire, contenant la liste
des membres, etc. ; ainsi que le

[illegible] la société académique, d'ordinaire.
Dans ce cas, oserais-je, par votre
obligeante entremise, en obtenir
l'envoi ?

Merci et encore merci,
Mon cher ami, je ne cesse
de vous importuner.
Mille compliments et bien
à vous,

Ch. Millien

Souvenirs cordiaux à nos [illegible]
amis communs.

Chaumont — la Ferrière (Nièvre)
le 18 janvier 1896

Mon cher ami

Depuis le 31 décembre je suis malade. Au mois d'octobre, j'ai été gravement atteint — d'une certaine dysenterie qui m'a laissé les intestins en mauvais état. Avec mon affection de l'estomac, c'est complet et c'est décourageant. Comment travailler avec cela ?

Je vous envoie aujourd'hui ma brochure annuelle les Strenes. Mon recueil est sorti de l'imprimerie fort récemment. Je sais que Armand Silvestre en a déjà parlé dans son journal. Mais je n'en ai pas d'exemplaires. J'en attends de jour en jour. Celui qui j'ai reçu, le premier broché, ne me satisfait guère. Quoique j'aie laissé de côté beaucoup de pièces condamnées à l'oubli

éternel, j'aurais dû y joindre un certain nombre de celles que j'ai admises dans le recueil et qui, maintenant que je les vois en lettres montées, ne me satisfont pas du tout. Cependant je crois que l'impression ne sera pas trop mauvaise, si j'en juge par quelques lettres reçues de critiques que je ne connais pas personnellement et qui, ayant trouvé le volume à leurs journaux, m'ont écrit en termes très aimables pour m'annoncer de bons articles.

Vous verrez ce jeune volume bientôt, j'espère, mais il est loin d'être, comme vous le dites si indulgemment, admirable.

Je traduirai mon cher ami, très volontiers, avec grand plaisir, plusieurs de vos belles poésies pour la Naquette.

+ et cette autre Na mar

dont vous parlez. C'est le premier travail que je ferai, dès que je serai à même de travailler. Quant à l'article de M. Camillo Castello Branco, je serais fort embarrassé pour vous le communiquer, ne l'ayant jamais eu. Il m'était annoncé (vers 1866 ou 1867, je rechercherai la lettre) par une lettre de Castilho qui m'expédiait tout un paquet de livres et de journaux par l'entremise de la Légation portugaise à Paris. Ce paquet ne m'a jamais été remis; je l'ai vainement réclamé. Un autre paquet de même nature s'est perdu de même; c'est Mendes Leal qui devait le rapporter de Lisbonne. Je n'ai donc jamais connu le contenu de ces paquets, autrement que par les lettres d'envoi de Castilho qui me disait: je vous envoie les journaux où parlent de vos livres nos écrivains Camillo Castello Branco, Cesar Machado, Pinheiro Chagas, etc. — Je retrouverai les lettres de Castilho, me désignant les journaux et revues; il y avait, je crois, le

Journal de Porto, le Canorama, etc.

J'ai cherché un exemplaire des Fleurs de Poésie pour M. Faure, sans pouvoir en trouver un seul. Peut-être ferai-je réimprimer ce fascicule en l'augmentant.

Vous êtes bien aimable de vous occuper de Tinty à notre intention. Ce que vous pourrez retrouver d'anciens Tinty vous sera très agréable : je vous ai donné, je crois, la liste des manquants. Si vous en avez quelques-uns de la nouvelle édition (valeurs élevées) ils seront les bienvenus.

— De mon côté je suis à votre disposition si je peux vous être utile.

Avez-vous lu la revue Arte. On y a mis un mien sonnet et on s'est cru obligé de l'accompagner d'une note pour expliquer mon intrusion. Dans cette note, on dit que je travaille à une anthologie portugaise depuis trente bons ans. Ce serait un peu long ; c'est assez de quatre ans, car c'est en 1891 que j'ai commencé à m'y mettre. Il est vrai qu'il y a 32 ans, je traduisais déjà Gonçalves et pensais à entreprendre quelque jour une anthologie. — Mais je n'en veux pas de ce malentendu à M. le Vicomte Gaubert, qui est très aimable et qui, quoique jeune école, ne répudie pas absolument les anciens.

Bien à vous Achille Millien

Beaumont la Ferrière (Nièvre)
le 4 mars 1896

Mon cher ami

Je vous envoie aujourd'hui mon recueil de poésies. Chez nous, puissiez-vous y trouver quelques morceaux à votre goût! On lui fait ici un succès dont je suis très content.

J'avais oublié de vous dire, dans ma dernière lettre, que vous pouvez compter sur une traduction languedocienne de Zora. J'ai écrit à ce sujet à Roque-Ferrier dont je n'ai pas encore de réponse. A son défaut, je demanderai la traduction à Armaville ou à tout autre, mais vous l'aurez sûrement.

J'ai recherché dans les lettres de

Castilho et de Mendes Leal (de 1865 à 1869) à propos des articles de Camillo Castello Branco. Je n'y ai rien retrouvé que l'annonce des envois qui ne me sont jamais parvenus. Ces messieurs avaient pensé que le moyen de communication le plus sûr et le plus prompt était celui de la Légation portugaise à Paris; mais, tout y restant, Mendes Leal m'écrivait: "La plupart de nos grands journaux se sont occupés de vos Mustis et Clarons ..... — Je vous envoie un paquet de nos journaux où nos critiques en vogue ont apprécié vos poésies." Il me citait m. Teixeira de Vasconcellos, dans la Gazeta de Portugal, — la Revolução de septembro, etc. — Castilho, un autre jour, m'annonçait l'expédition de plusieurs articles écrits à propos de lui, de corp de Cinthia chaos dans Panorama et Archivo pittoresco, de Camillo Castello Branco dans la Gazeta litteraria do Porto, etc. — Enfin un autre jour (juillet 1866) Mendes Leal écrivait: Le Jol do Porto, le Jol do Commercio se sont occupés de vous ... Je traduis en ce

moment une de vos pièces et je vous enverrai bientôt le tout avec (sous la collection des Mémoires de notre académie qui est très vaste) mais le recueil des annales qui est une publication plus intéressante encore. »

En somme, je n'ai jamais lu l'histoire de Caus. Costillo Bravo et ne perce vos l'oeuvre.

Je suis toujours en mauvais état de santé. On m'interdit de travailler et je crois bien qu'il faudra que j'attende la belle saison pour me remettre sérieusement à la besogne.

Bien des compliments et amitiés

Ach. Millien

Si vous avez des timbres-poste nouvelle émission, glissez-les à l'occasion dans votre lettre. Mais on n'est jamais sûr avec les employés de la poste qui les volent, ouvrant les lettres et au besoin les supprimant. — Quant aux autres, prière de les réserver s'ils vous tombent entre les mains. — J'ai

Voyé de Padoue

no mar

Dans Sucès, J'y reviendrai

BIBLIOTECA NAZIONALE VENEZIA DI S. MARCO

Beaumont le Ferrière (Nièvre)
le 9 juin 1896

Cher ami

Je vais devenir, je crois, tout à fait invalide, impropre à tout travail ; du reste les médecins veulent que je cesse de travailler cette année. Je souffre de violentes douleurs céphaliques et des yeux ; aussi j'écris le moins possible.

J'ai bien reçu les dix exemplaires de ma traduction de vos beaux vers. J'espère bien en traduire d'autres encore, malgré tout.

Comme je vous l'ai dit, j'ai écrit pour la version languedocienne de Zara, d'abord à Roque-Ferrier, ensuite à Albert Arnavielle. Ni l'un ni l'autre n'a répondu. Mais aujourd'hui j'ai une certitude : c'est le baron Ch. de Courdoulon, le maître du languedocien, qui fera votre traduction. Je lui envoie le texte aujourd'hui même et j'espère que, sous peu, je pourrai vous faire parvenir la

version. Je ne connaissais pas personnellement le Bon de Courtonlon, mais un ami commun s'est chargé de la chose ; cet ami n'est autre que Léon de Berluc qui, sous ~~le~~ son pseudonyme ordinaire de A. de Gagniard, a fait la version provençale de Zara.

Vous aurez donc satisfaction bientôt.

Vous me demandez mon article sur J. de Deus. Il n'y a pas en d'article à proprement parler. J'ai envoyé à un certain nombre de journaux et de revues une note assez courte pour que les journaux parisiens puissent la donner en écho. Voici celle qui a paru dans la Revue de Paris :

« Le grand lyrique portugais João de Deus vient de mourir à soixante-cinq ans. Combien peu, chez nous, ont connu son merveilleux talent et la place

considérable qu'il occupa dans la poésie contemporaine ! C'était le poète de l'amour exquis des tendresses un peu mystiques. Bon imprégné de l'esprit des chansons populaires, il mettait dans ses compositions un charme ingénu, une naïveté de sentiment qu'on ne trouve chez aucun autre. Il a rajeuni la poétique portugaise et s'est fait une franche, pure et vigoureuse originalité.

Nous avons traduit un certain nombre de ses pièces. Qu'on nous permette d'en citer une, la plus courte, qui, sans donner une idée de l'imagination puissante et harmonieuse de João de Deus, montre le caractère simple et tendre de sa poésie ...

(citation) — »

Voilà tout, cher ami ; il s'agissait de ne pas laisser passer en silence la mort du poète, un plus long article n'aurait pu paraître sans délai. Je me proposais bien d'écrire une Étude sur J. de Deus

et de vous demander des notes à ce sujet; mais aujourd'hui il n'y faut pas songer.

Bien à vous

Arth. Miller

Mes collectionneurs me poursuivent à propos de timbres-poste. Eh! avez-vous de la dernière émission? Nous ne possédons que le 5 reis — le 10 — le 20 et le 25. — Si vous en avez, en dehors de ces quatre valeurs, prière de me les réserver. — ainsi que cette des açores.

De St Antoine, nous n'avons que 2½ reis — 5 — 10 — 25 et 50 reis.

BIBLIOTECA NAZIONALE VENEZIA

exemplaires, détachés-moi ; mais
je ne vous les enverrai qu'en les
recommandant — pour être sûr
qu'ils vous arriveront.

Je vous envoie les Fleurs du Mal
Moderne il y a bien cinq
ans peut être m'a-t-elle
de plaquette.

Vous avez bien déjà
mettre à traduire du
portugais ; je y trouve grand
plaisir. Dès que je serais
sorti des travaux qui me
préoccupent, je me mettrai avec
empressement.

Bien à vous de tout cœur

Ach. Millien

Mon souvenir et compliments
à nos amis.

BIBLIOTECA NAZIONALE VENEZIA

Beaumont-la-Ferrière (Nièvre)
le 25 juin 1896

Mon cher ami

Je reçois à l'instant et m'empresse de vous envoyer la version de Zara. Elle est du Baron de Courtonlon, un des maîtres de la Langue d'oc. Courtonlon, directeur de la Revue du monde latin, habite Aix-en-Provence, rue Roy-Alphéran, 13. C'est par M. de Berlue Pérussis, qui habite aussi Aix, et qui a fait la traduction de Zara en provençal, que j'ai eu cette page que je vous envoie.

Si vous avez en vue d'autres dialectes et que je puisse vous être de quelque utilité,

Vous savez que je suis toujours
votre disposition.

Soyons assez souffrants.

Cordialités sincères

Aristide Maillol

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE

Beaumont-la-Ferrière (Nièvre)
9 mai 1899

Cher et excellent ami

Berlin-de-Pérussis demeure soit à Aix, soit à Plan de Porchères, par Mane, (Basses-Alpes) et le Baron de Courtonloir rue Roy-Alphéran 13 à Aix (Bouches-du-Rhône) — Votre lettre adressée tout simplement à Aix pour l'un ou pour l'autre, parviendrait assurément à destination. —

J'ai reçu votre envoi. Mais je n'avais pas attendu jusque-là et j'avais déjà adressé à la Nova Alvorada une petite pièce sur Garnett.

Je pense vous envoyer dans quelques mois un nouveau recueil de poésies que je prépare. En attendant, bien des amitiés. Ach. Millien

Beaumont la Ferrière (Nièvre)
le 19 août 1899

Cher confrère et ami

Je suis très heureux de cette carte qui m'apporte — trop brièvement — de vos bonnes nouvelles.

Lors de la petite fête organisée à Paris pour Garrett, M. X avec de Carvalho m'écrivait, la veille, pour me demander d'y collaborer. Je était trop tard. Je vais faire en sorte d'arriver pour le numéro de « Nova Alvorada. » Mais vous serez bien aimable en m'envoyant deux ou trois petites poésies de Garrett (ainsi que de Herculano) ; ce que j'ai ici ne me satisfait pas.

A bientôt pour longue lettre et, en attendant mille amitiés

Ach. Millien

CARTAS DE WILHELM STORCK
A
JOAQUIM DE ARAÚJO

(1) Münster i/W. 17. Oct. 1891.

Hochverehrter, lieber Freund, die traurige Nachricht von dem unseligen Hinscheiden unseres unglücklichen Freundes hat mich in tiefster Seele erschüttert. Der Ueberdruss an Welt und Leben, welchen er so überzeugend und eindringlich in seinen prachtvollen Sonetten ausgesprochen hat, war also tiefster Ernst und hat den letzten, entscheidenden Schritt nicht gescheut. Ich hatte gehofft, dass er mit seinem Geschicke sich aussöhnen und sein Leben, wie es sich nun einmal gestaltet hatte, mit ruhigem Gleichmuthe ertragen werde; aber er hat den Ausgleich nicht zu finden vermocht. Traurig, tieftraurig, aber unabänderlich!

Die erste Kunde von dem schrecklichen Ereignisse erhielt ich auf Ihre Veranlassung durch den Herrn Manoel Pinto de Souza zu Villa Nova de Famalicão am 10. d. Mts. Der Brief giebt nur an, dass Adquental sich „dans la ville de Augia do Heroismo" den Tod gegeben habe, und bittet um einen Beitrag „à la commemoration de notre grand Mort". Diesem Ansuchen habe ich am selben Tage entsprochen. Ich vergegenwärtigte mir den gewaltigen Eindruck der Todes-Sehnsucht-Sonette und schrieb ein Sonett nieder, welches ich sofort mit wenigen Geleit-Zeilen am 10. d. Mts. (eingeschrieben) der Post übergab. Hoffentlich hat Herr M. Pinto de Souza es erhalten. Ich ersehe aus Ihrer freundlichen Karte, welche mir vorgestern zu Handen kam, dass Sie dem edlen Freunde eine Extra-Nummer Ihres Lize. Cam. zu widmen gedenken. Gerne liefere ich einen Beitrag. Mein Sonett, welches ich H. M. Pin-

to

to für die „Nova Alborada" zur Verfügung stellte, lautet so:

Die Erdenwelt erschien Dir ein Gefängniss
Und, was sie beut, ein Tand, verschalt und bitter;
Und fiel ein Dämmerstrahl durch's enge Gitter,
So zeigt' er rings Dir bloss Beschwer und Bängniss;
Im harten Kampf mit schmerzlichem Verhängniss
Sehnsüchtig riefst Du oft den düstren Ritter
Auf schwarzem Ross, den allgewalt'gen Schnitter,
Dich milde zu befrei'n aus Noth und Drängniss;
Umsonst! er zog vorbei und liess in Kummer
Und Zweifelmuth Dich lebensmüden Pilger,
Der nichts begehrte mehr als ew'gen Schlummer;
Ach, da erzwangst Du selbst Dir Rast und Ruhe,
Vorgreifend rasch dem säumenden Vertilger,
Und klagend steh'n die Freund' an Deiner Truhe.

* *

Ne bis in idem! Ich könnte einen zweiten besseren Nachruf nicht gestalten. Wenn Hr. M. Pinto de Souza das Sonett abdrucken lässt, so würde es Ihnen, lieber Freund, vielleicht ~~erscheinen~~ als unpassend erscheinen, es nochmals im Circ. Cam. zu veröffentlichen. Bitte, entscheiden Sie selbst darüber. — Vielleicht erscheint Ihnen folgender Vorschlag annehmbarer:

In seinem letzten Briefe (29/III 91), welchen ich am 14. April dieses Jahres beantwortete,

beantwortete, schrieb mir unser verewigter Freund, den ich um Mittheilung von Gedichten behufs Uebersetzung und Aufnahme in meine damals geplante, Blütenlese portugiesischer Dichtungen ersucht hatte, unter Anderem Folgendes:

„Por agora limito-me a enviar-lhe duas pequenas composições, „não incluidas nas Primaveras por serem posteriores ao anno „de 72. A segunda (Serenata) nunca foi impressa, que eu sai-„ba, embora não seja de modo algum inedita, pois, tendo sido „composta, ha 4 annos, nas Ilhas de S. Miguel, a pedido d'um „grupo de rapazes, que ali formaram uma sociedade cantante, „é lá muito conhecida e cantada por esses e outros nos seus „passeios musicaes em bellas noites de verão."

Serenata.

Cahiu do céo uma estrella,
Ai, que eu bem a vi tombar!
Era a noite pura e bella,
Murmurava ao longe o mar.

Era tudo extasiado na alma,
Perfume, encanto, fulgor.
Como fundo da minha alma
Que descansa é que dor.

Dorme

Dorme e sonha, minha bella,
Embalada ao som do mar ...
Cahiu do céo uma estrella,
Triste do que a viu tombar!

Era uma estrella cahida,
Uma entre tantas, não mais!
Era uma illusão perdida,
Era um ai entre mil ais!

E has de viver torturado,
Louco, incerto coração,
Só por um astro apagado,
Por uma morta illusão?

—

Dorme e sonha, minha bella ...
Como chora ao longe o mar!
Cahiu do céo uma estrella,
Ai de mim, que a vi tombar!

Dies einschmeichelnde Lied, welches so volksthümlich anmuthet und zum Gesange sozusagen zwingt, verdeutschte ich sofort und überschickte dem Verstorbenen

II.

storbenen am 14. April d. Js. nachstehende Verdeutschung:

Abendständchen.

Es fiel ein Sternlein so feine,
Ich sah es, und that mir gar weh;
Die Luft war so hell und so reine,
Von ferne rauschte die See.

Still ruhte die nächtliche Runde
In duftigem Zauberstrahl;
Ich einzig — im Herzensgrunde
War trüb' ich und traurig zumal.

So schlaf und träume, Du Meine,
Einlullt Dich die rauschende See;
Es fiel ein Sternlein so feine,
Wer sah's, und thät' ihm nicht weh?

~~Ein Sternlein war es — verglommen,~~
~~Nur eins aus vielen umher!~~
~~Ein Wähnen — gekommen, verschwommen,~~
~~Ein Ach aus tausend und mehr.~~

Und

Und willst du vertrauern in Thränen,
Arm Herz, von der Freude so fern?
Bloss um ein verlorenes Wähnen
Um einen erloschenen Stern?

So schlaf und träume, Du Meine!
Wie heult von ferne die See!
Es fiel ein Sternlein so feine;
Ich sah es, und that mir gar weh.

Wilhelm Storck.

Eine Antwort auf jenen Brief habe ich von unserem Freunde nicht erhalten, aber unsere Freundin Frau Carolina Michaëlis de Vasconcellos schrieb mir Anfangs Mai d. Js.: AdQuental, hat in Villa do Conde Ihr Schreiben erhalten nebst der Serenaden-Uebersetzung, die ihm ganz ausserordentlich gefällt – besser als sein Original. Sie klingt ihm wie ein deutsches Lied." – So möge denn, was als briefliche Mittheilung den Verstorbenen so sehr erfreut hat, als gedruckter Nachruf ihm gewidmet werden. Jedenfalls aber muss das Original meiner Copie beigefügt werden d. h. als inédito vorausgedruckt werden. Vielleicht kann als Einleitung meines Beitrages die Stelle aus AdQ's Briefe dienen. Alles das aber stelle ich Ihrem gütigen Ermessen anheim.

Es.

Es ist mir unbekannt, wie viel Raum Ihnen für „Nachrufe" zu Gebote steht. Gegebenen Falles könnten Sie vielleicht auch meine Verdeutschung des für AdQ. charakteristischen Gedichtes „Entre sombras" verwerthen. Unsere Freundin Frau CMdVasconcellos besitzt davon eine Abschrift, die Ihnen gewiss auf Wunsch zu Gebote steht. Ich bemerke noch, dass ich in Str. 7, V. 4 des genannten Gedichtes die frühere Lesart geändert habe in:

Wie Wasser in krystall'ne Schalen rinnt.

Darf ich Sie bitten, mir einiges Nähere über AdQ.'s Tod mitzutheilen. Falls es Ihnen an Zeit gebricht, senden Sie mir doch irgend ein Zeitungsblatt, welches ausführlich darüber berichtet.

Zum Schlusse bitte ich sehr um Entschuldigung, dass ich so spät für Ihre liebenswürdige Karte und die gleichzeitige Zusendung (18/VIII) von den letzten Heften des Circ. Cam., sowie von Estatua do Poeta und Intermezzo meines herzlichsten Dank sage. Ausserordentlich hat mich darin die Uebersetzung aus meinem Camoens-Leben von Frau CMdV. erfreut, und Ihre Uebersetzung Heine'scher Lieder hat meine Bewunderung erregt. An Freund Cv Reinhardstettner sandte ich sofort die ihm gewidmete Sendung. Er hat über Ihre Heine-Lieder einen höchst anerkennenden Aufsatz „Heinrich Heine in Portugal" im Feuilleton der Münchener „Neueste Nachrichten" veröffentlicht und Ihnen jedenfalls einen Abzug zugeschickt. — Gerne hätte ich Ih-

Ihnen eher gedankt, aber ich war zu sehr mit Fertigstellung eines kleinen portug. Gedichte in Uebersetzung (über 200 Strophe) beschäftigt, welche ich zu Christtag wollte erscheinen lassen. Nun ist das Bändchen druckfertig, aber ich habe noch keinen Verleger.

Lieber Freund, Sie wünschen von mir eine grössere Photographie. Zu meinem Bedauern besitze ich keine, weil ich bisher eine solche nicht anfertigen liess. Ich bitte also um Geduld. Dürfte ich bei dieser Gelegenheit, lieber Freund, nochmals den Wunsch aussprechen, dass Sie mir Ihre Photographie schicken wollten. Meine portugiesischen Freunde haben mich sämmtlich mit dieser ersehnten Gabe beehrt; nur Ihr Bild fehlt noch in meinem Album.

Für heute will ich Ihre Zeit nicht länger in Anspruch nehmen. Darf ich Ihnen für Familie de Vasconcellos beste Empfehlungen auftragen? Hoffentlich wird unsere Freundin Frau Gilda V. meine letzte Karte vom 25. Sept. erhalten haben. Seit längerer Zeit erhielt ich von dort keine Mittheilung mehr und möchte gerne Gewissheit über das Wohlsein der lieben Freunde erlangen.

Zum Schlusse wiederhole ich meinen besten Dank für alle Beweise Ihrer geschätzten Wohlwollens und zeichne mit herzlichsten Grüssen

in Freundschaft, Hochachtung u. Bewunderung

Ihr Wilhelm Storck

Münster (Westphalia) 17 Out. 1911

Estou admirado, caro amigo! a triste notícia do desastre fatal de meu amigo Cabello impressionou-me profundamente. O Engenho (Fado) da vida e da morte, que elle tanto conhecia e sentia, manifestou-se em seus horrendos, ou pois verdade e elle não recuou diante do último passo decisivo. Espero sempre, que se tranquilise com a sua morte e se reconcilie com vida, tal que lhe tem sido; pois elle não conseguiu achar o equilíbrio. Triste, tristíssimo, mas irremediavel!

A primeira notícia do seu livro foi tambem terrivel [illegible] Sr. P. d. S. de Vilhe de Tomelloso [illegible] (Obra de a sua vocação)

Em 10 do corrente. Acento apenas dia, que [illegible] e pede uma contribuição (colaboração) à la commune [illegible] de notre grand Vient [illegible] pedido [illegible] no [illegible] do.

Appresento-se que a composição importante do Sonneto, Cordeiro do quarto e o [illegible] do sonneto, que entregue incontinente, acompanhando de formosos Cistos, na Commente entregue ao correio (Registrado) depois, Snr. Dr. P. d. S. o deve ter recebido.

Se seu amavel bilhete, que me chegou ainda antes [illegible], não que fosse [illegible] de meu amigo [illegible] especial [illegible], Cic. Cum.

De bom grado fornecer uma composição (colaboração) [illegible] Sonneto, que em posse à disposição do Snr. Dr. P. d. S. [illegible] a [illegible] é o seguinte:

[illegible]

Nem bis in idem! Não posso fazer um [illegible] segundo [illegible] melhor. [illegible]

~~Publicando~~

Publicando o Snr. M. P. S. até Sonetos, ~~de certo~~ Poesias, caro amigo, lhe parecerá inopportuno, de o publicar contra ver no Cor. Cam. Queira V.ª decidir sobre isso.

Talvez a seguinte proposta lhe pareça mais acceptavel:

Na sua ultima carta (24/III 91) á qual eu respondi no dia 14 d'Abril do anno corrente, escreve-me o nosso amigo defunto, a quem eu tinha pedido para me mandar poesias para eu as traduzir e inserir na «Anthologia de poesias portuguezas» então em preparação, entre outros concursos, o seguinte:

Vamagora etc.

etc.

Decreto

etc.

Terceira porque allemão

Esta canção é immensamente, ~~que~~ d'uma feição tão popular e ~~melodia~~ melodiosa, que obriga, para assim dizer, a cantar-la, e recordei ao defunto no dia 14 d'Abril ~~em~~ p.p. a seguinte traducção:

Allemandtandolaun!

etc.

Não recebi resposta á sua carta de meu amigo, mas a mesma ultima de meu amigo M.ºel C.M. d.F. escreve-me principio de Março p.p.:

«Ud. receber a sua carta ~~mesma~~ com Titulo de Canção, assim como a sua traducção de Serenata, a qual Ella agrada extraordinariamente (á qual gosta extraordinariamente) ~~mas~~

mais que o original d'elle; sóa-lhe como uma canção allemã.

Seja pois dedicado a elle (para) micrologo impresso o que ao defunto tanto agradou ~~como~~ quando escripto na minha carta. Em todo o caso, o original deve acompanhar a minha versão, que disse, fica-lhe como 'inedito'. Talvez o extracto (a passagem) da carta de A.d.R. possa servir de introducção á minha collaboração.

Disse, Porem, tudo isto ao seu arbitrio.

Tambem, ~~quando~~ Alguns versos depois para 'Micrologos'. Talvez possam approveitar-se tambem da minha versão 'Allemã do poema ~~do~~ caracteristico para A.d.R. 'o Entre Sombras'. Mr. Mrs C.M.d.T. possue uma copia d'elle, que de certo prá ~~[illegible]~~ ao seu dispor, quando o Obsérvo ainda, que ~~[illegible]~~ a Sr. F. ~~[illegible]~~ Se pedem ~~[illegible]~~ alterar

para: 'Wie Wasser in crystallner Schale ruhet',

Remetta-me (de pois-lhe) de mais dos pormenores da morte de A.d.R. Concedendo-lhe o tempo para isso, quero remetter um jornal qualquer, que relate o caso minuciosamente.

Afinal, peço muita desculpa, de lhe agradecer tão fonde e com amavel liberdade a a revisão simpathica (1ª vez) dos ultimos numeros do 'Cine. Teatro', assim como da 'Estudo do Conto', e 'Entretenimento'. Proposito me muito com a traducção da minha 'Tida de Cabanis' para Mme. C.M.d.T. A sua traducção das canções de H. Heine despertou a minha admiração. — Remetti immediatamente ao amigo C. Rembrandt Schlaier o exemplar dedicado a elle. Elle publicou no 'Bibliotheca' de 'Münchener Neueste Nachrichten' um artigo, 'Heinrich Heine und Portugal' sobre as suas canções em tradução de H. Heine, e realtiando os seus meritos. Outrosim lhe mandou um exemplar.

A sua gentileza apareceu-lhe mais cedo, mas estava muito ocupado com a ultima demão do seu volumoso livro de "Poesias portuguezas" (mais de 200) (Traducção) e queria poder saber á hora em que, o pequeno volume ajam já esta prompto, mas ainda não tenho editor.

Caro amigo, leija um retrato, tamanho grande, de mim. O Santo muito não posuia membrinhos por ainda não ter mandado fazer; peço pois muita paciencia. Tome a liberdade, caro amigo, de aproveitar a occasião para repetir o meu pedido de uma photographia sua. Os meus amigos portuguezes todos já me brindaram com esta derradeira despeza; falta-me só o seu retrato no meu album.

Hoje não lhe roubarei mais o tempo.

Permitta-me de encarregar de muitas recommendações para a Familia Tuscanellos. Espero receber o V. I. Fr. feito e o seu ultimo bilhete de 25 p.p. Já ha muito tempo não recebi noticia nenhuma de gente sabe se os seus caros amigos estão bons.

Reitero os meus melhores agradecimentos por todas as provas da sua benevolencia para comigo e assigno-me, com sentimentos sinceros

Em amizade, estima e admiração
Seu

Wilhelm Storck

2

Münster i/W 8/V 92

Meu prezado e illustre amigo!

DI S.

Antes tarde do que nunca! — Recebi a suas cartas de 25/XII 91, de 9/I 92, e de 3/V 92; a „Canção do Berço" (exemplar de provas finaes), „A estatua do Poeta", „Na morte de Anthero", e o „Intermezzo", assim como os Numeros 3, 4, 5, e 6 do „Circulo Camoniano" e — ha tres semanas — os Numeros 7 e 8 (da parte da nossa amiga Snra. D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

Atégora não recebi as duas obras poeticas do Snr. Eugenio de Castro.

Relève-me o meu bom amigo o largo tempo que me demorei a accusar a recepção de taes e tantas finezas e não lance o meu longo silencio por maneira alguma á conta de menor amizade para comsigo.

A minha Anthologia Portugueza abrange atégora: 222 numeros, poesias de todos os seculos (87 de poetas do sec. XIX).

Agracendo-lhe muito penhorado sou para sempre

mto amigo e admirador obrig.mo Wilh. Storck.

Münster i. W. 11 de Julho 1892.

Meu bom e illustre amigo,

fico extremamente penhorado com o prezado bilhete postal de 2 de Julho e com o valiosissimo presente das „Cadencias Vagas", livrinho tanto mais precioso quanto mais raro. Recebi a amabilissima dadiva — ha pouco mais de quinze dias — da parte do Snr. Göran Björkman em Upsala com uma carta d'este philolusitano datada de 30 de Junho p.p.

Circumstancias imperiosas não consentiram que eu mais cedo accusasse ao meu illustre amigo a recepção d'estas inestimaveis reliquias do grande poeta. Agradeço ao meu bom amigo com affectuoso reconhecimento a singular honra, com que me distinguiu, inserindo na colecção minha versão do epitaphio para o tumulo da Sua immortalizada irmã Zara Margarida.

Minha colecção de poesias de todos os seculos da litteratura portugueza („Aus Portugal und Brasilien. 1250—1890. Ausgewählte Gedichte verdeutscht von Wilhelm Storck

Storck) acabará de se imprimir d'aqui a pouco. Contem 225 numeros: poesias populares No. 1–31; poesias da Escola provençal No. 32–43; da E. hispanhola No. 44–54; da E. quinhentista No. 55–112; da E. seiscentista No. 113–119; da E. arcadica No. 120–135; da E. romantica No. 136–225. Tiragem = 500 Exemplares. Quanto antes enviarei ao meu amigo um exemplar. ... ...

Escrevo muito á pressa. Agradecendo de novo ao meu illustre amigo todas as Suas finezas e apontando-lhe cordealmente a mão subscrevo-me

de V.ª

dedicado adm.dor e muito amigo
Wilhelm Storck.

BIBL. NAZ.

Meu illustre e bom amigo,

com muito gosto recebi o seu billete postal de 5/II, e agradeço-lhe penhoradissimo a fineza de ter apresentado á Academia Real o meu Parnaso Portuguez.

Sinto muito que não possa obter-lhe uma traducção hungara dos versos, para de nosso Anthero. Carteava-se comigo — ha já muito tempo — o poeta hungaro Carlos Maria Kertbeny, mas falleceu-ha pouco mais ou menos de quinze annos. — Igualmente carteava-me em tempos remotos com um allemão, que sabia hungaro, Hugo von Meltzl, catheratico na Universidade de Kolozvár (Hungria); mas tenho quebrado com elle no anno 1880, e não sei ao presente, se elle ainda haja com vida, nem onde. — Peza-me muitissimo e sinceramente que não possa ser util ao meu querido amigo.

Espero e desejo que o meu bom amigo está bom de saude, e

subscreve-me V. Ex.ª dad.º adm.dor e am.º obrig.mo

Professor Dr. Wilh. Storck

Geheimer Regierungs-Rath.

Münster i. W. 12 II 1893.

Münster i/W. 23 de Agosto de 1894. 6

Meu querido amigo,

recebi o seu bilhete postal de 15 de Julho, no qual deseja obter um exemplar de cada uma das traducções allemans de Obras de Almeida-Garrett. Remetto ao meu bom amigo com este mesmo correio: 1) A. Seubert, Der Mönch von Santarem" etc. (= Viagens); 2) A.F. Graf von Schack, Orient und Occident. II. Camoens" etc. — Muito sinto que a edição de: „Luiz de Sousa von J.B. de Almeida-Garrett. Aus dem Portugiesischen übertragen von W. S." Frankfurt a/M. 1847" está esgotada.

Peço que me continue a acreditar de V.Ex.ª

amigo e adm.or sincero

Wilh. Storck.

Münster i/W 8 de Julho de 1895

Meu illustre e querido amigo,

Venho penhoradissimo agradecer-lhe a offerta e remessa do precioso livrinho „Luigi de Camoens" etc. do nosso compatriota Q. Zuppone-Strani. Muito estimo possuir a versão de m. st enriquecendo com ella a minha collecção Straujana. — Eu actualmente quasi abandonei os estudos de traductor; as minhas obrigações no catedratico absorvem-me o tempo todo. — Pediu-me o m[illegible] — ha algumas semanas — o favor de ceder-lhe um outro exemplar do meu artigo nos „Internationale Litteraturberichte"; sinto muito [illegible] me foi possivel obter os relativos numeros, estando esgotada a edição.

Sempre ás Suas ordens subscrevo-me Seu dedd.o amigo e m. [illegible]

Wilh. Storck.

8 ~~9~~

Königsberg (Ostpreussen) 16/IX 1896.

Mon cher ami,

en demeurant avec ma femme ici (à Königsberg) dans la famille de ma fille — mon beau-fils est professeur de la minéralogie à l'université de Königsberg — et en faisant des excursions dans les environs (rivages de la mer Baltique, du Frisch-Haff et du Curisch-Haff), j'ai reçu vos envois et ceux de votre ami Mr. Francisco Machado de Faria e Maia :

1) Sulla Tomba di Camillo Castello Branco;

2) A Lirica D'Ech. ch.

3)

3) Determinação e desenvolvimento da idéa do direito;

4) La lettre de Mr. F. Machado de Faria e Maio (Milão 20/VIII 96); et

5) La lettre du même (Munich 11/IX 96) avec la vôtre (Genova 16/9 96).

Maintenant je n'ai pas le temps pour répondre à toutes ces preuves de bonté et d'amitié que vous et votre ami m'avez données, et je vous prie, mon ami, de vouloir m'excuser et d'agréer mes remerciments les plus sincères.

Dans la première moitié du mois d'Octobre je retournerai à Münster, et alors mes amis recevront bientôt mes réponses. Je vous prie, mon cher ami, d'annoncer cela à votre ami et de

lui

lui remettre la carte incluse.

Veuillez accepter l'expression de mes sentiments les plus sincères et de croire que je suis

tout à vous

Wilhelm Storck.

CARTAS DE EDGAR PRESTAGE
A
JOAQUIM DE ARAÚJO

June 23rd 1893.

Cheltern
Bowdon
England.

Dear Sir. Thank you for your kind letter which I received to-day. I send you a translation which I have made for you of 'Zara', and hope it will be found worthy of a place in your little book. I myself am a great admirer of Anthero & have already translated about fifty of his sonnets into English, but I have never read "Zara" before. It is beautiful in its very simplicity & most appropriate for an epitaph.

I shall be very glad to receive your poems. I know of you through Karl

Reinhardstoettner's book though I have never possessed a copy of your poems. I will send you soon my translation of the "Cartas da Religiosa Portugueza", which I hope you will accept. It is dedicated to my friend Olivia Martins.

I wish you would find out for me whether ~~there is~~ the original MS of "As Peregrinações" of Fernão Pinto, or any copy, exists either (1) in a public library or (2) in any private library in Portugal. — I have begun a translation of Fr. Pinto on the

lines of Yule's Marco Polo and I am anxious to find the MS from which the 1st Edition, that of 1614, was printed. My reason is that I think that all the MS was not printed, and I fear the Censor cut out some important parts at the end relating to the life of Mendes Pinto at Goa before his return to Portugal.— I shall be much obliged if you will make enquiries for me on this point. I do not know any good modern study of Pinto's life later than that of Castilho in the Livraria Classica Portugueza. Is there one?

Please excuse writing in English but though I read Portuguese easily, & speak it a little, I cannot write it. I am very fond of the "Jardim da Europa em beira-mar plantado" & have been there twice. I have studied your literature for some years, especially when I was at Oxford University ~~some~~ where I graduated, but I am only 24 years of age so I have plenty of time before me, & I hope to let my countrymen see that Gil Vicente, Sá, Fernão Lopes, Fernão Mendes Pinto & your other great authors are very worthy of their attention.—

Yours sincerely
Edgar Prestage.

P.S. Queira responder em Portuguez.

Chiltern
Bowdon
England

2nd August 1893.

Dear Mr. de Araujo.

I thank you very much for your kind letter. I send you my translation of the Six Sonnets in the "Elogio da Morte", as well as of two others for the anniversary of the death of Anthero. The two I have chosen are "O que diz a Morte", and "Na mão de Deus", which seem to me very appropriate. I will certainly let you have my photo and I feel honoured by your request. As to my version of the "Sonetos Completos

I fear it will not be published ~~until~~ this year for I am busy now studying for a lawyer, and I have not much time for literature —

But all my spare time is given to Portuguese to the exclusion of all other fields of research —

When are you going to erect a statue to the author of "Frei Luiz de Sousa"? I have often thought, when standing by the magnificent tomb of Herculano in the Jeronymos, that Garrett deserved better of his country than Herculano, & yet he has no monument. I quite agree

with Theophilo that Herculano was a much over-praised man, & that his influence on Portuguese literature, & on his country, has not been salutary. His "History of Portugal" disappointed me as much as his historical novels, & I think he will be known to future generations chiefly by his poems. He was not a great artist like Garrett, as I think. But, it is a little presumptuous of me to criticise, & you must excuse me. I suppose Theophilo exercises more influence now than any living writer, does he not? He seems to me the widest read man in Portugal and

I have read most of his books. But I think his "Historia da Literatura Portugueza" (or "da poesia", as it should be called, for it does not include the prose writers) is spoiled, like his other writings, by his hatred of Christianity which causes him to be uncritical at times, and also inaccurate. I, as a Catholic myself, disagree often with him, but I have a profound respect for his genius & great services to the cause of literature.

Yours sincere friend
Edgar Prestage.

BIBLIOTECA NACIONAL DE S. MARCOS

August 31st 1893.

Chiltern
Bowdon
England.

Dear Dr Araujo.

I must thank you for your interesting letter, which I should have answered before only that I have been in Scotland.

I send you my photograph and hope you will [illegible] yours.

I have taken the liberty to translate your magnificent verses on the death of Arthur [illegible] publish them for the benefit of friends. I send you five copies thinking you may like to give some away. [illegible] you will

Excuse my making the translation
without first asking your leave, but
I could not resist any longer, & I
did not care to wait until the
Sonnets of A. de Quental appeared,
as I said first I should ——
I wish to ask you about the lines
from the [illegible]
which are [illegible] the
Introduction [illegible]
Portuguese [illegible] I think that in
line 1, da delicia should read

na Dlaik"; what do you think?
If would then make sense, as
I think, & the first line would
translate "Flar Dlights for there
is no Dlights".
I am I admit the line out of the
[illegible], here it is "da", as
[illegible], I thought it was
a mis-reading of the [illegible] Edition from
which the Edition of Stuttgart was
linked.
Yours then Sa Carolina Michaelis'

translation of Storck's Life [illegible]
will appear! – I have been [illegible]
out for it a long time [illegible] for
the "Cartas de Bradique", which have
been in the press several years!
When, too, are we to have a [illegible]
Edition of the [illegible]
I shall be [illegible] inform
me on these [illegible]

[illegible] dear friend
[illegible]

[illegible]CA NAZIONALE
[illegible]NEZIA
S. MARCO

P.S. When the Sonnets of Anthero [illegible] appear,
will you kindly send me the newspapers with
the [illegible]

ALLEN PRESTAGE & SOARES,
SOLICITORS
HILARY MANCHESTER
TELEPHONE No 1217

Manchester, 28 de Maio de 1894

Caro Amigo.

Tenho a bondade de desculpar meu longo silencio mas até agora não tive tempo para escrever-lhe. Ainda agora estou muito occupado pelo estudo da lei, porque meu exame ha de realizar-se em quatorze de Junho. Espero que os sonetos de Antero estejam prestes na Semana Brazileira. Em todo o caso hei de mandar-lhe uma copia para si. E outra para a Academia, tão depressa possivel. Não me lembro já dos titulos dos tres livros que desejá relativos ao Cavalheiro de Oliveyra. Queria repetir ~~deus~~ os titulo de modo

que posso fazer as pesquizas que precisam. Agradeço-lhe muito a fineza com que me tratou quando estive em Lisboa. É claro que estou devendo-lhe muito.

De V.Ex.ª
Muito amigo,
Edgar Prestage.

PS. Não sei se V. poderá ler esta carta, porque parece me escripta em mão portugueza.

ALLEN PRESTAGE & SOARES.
SOLICITORS
TELEGRAPHIC ADDRESS
HILARY, MANCHESTER
TELEPHONE No 1217
NEW TELEPHONE No

65, Princess Street

Manchester, 9 de Agosto de 1894

Meu amigo.

Envio-lhe agora um exemplar das minhas obras para o relator. Faça favor de participar-lhe que, além dos livros impressos, publiquei alguns artigos jornalisticos e tambem traducções de varias poesias de Bocage, Rodrigues Lobo etc, no "Academy." Tambem meu amigo pode dizer-lhe que tenho entre mãos uma versão inteira da "Chronica de Guiné" de Azurara e dos "Lusiadas" de Guerra Junqueiro e que vou publicar, com notas minhas, a traducção que fez Richard Burton das Obras menores de Camões. Queria tambem fazer lembrar ao Theophilo aquella carta do Mestre de Avis acerca de Azurara. Até agora não

Ouvi nada delle depois da minha partida de Lisboa. Tenha a bondade de arranjar me um exemplar da "História do Município de Lisboa" como prometteu. Ainda não sahiu a edição de luxo dos Sonetos. Parece que vai tardança da mesma maneira como a minha eleição á Academia. Mas... esperemos um pouco! E talvez ambos hão de realizar se.

Sempre amigo

Teixeira Bastos

Exmo. Snr. Dr. José Joaquim de Araujo.

BIBLIOTECA NACIONAL RIO DE JANEIRO

ALLEN PRESTAGE & SOARES
SOLICITORS
TELEGRAPHIC ADDRESS
HILARY MANCHESTER
TELEPHONE Nº 1217
NEW TELEPHONE Nº

65, Princess Street

Manchester. 6th Novembro de 1894.

Meu amigo.

Agora posso dar-lhe explicações cabaes da demora da primeira copia dos Lusiadas. É verdade que meu Editor mandou-lhe o livro ha muito tempo mas mandou-o ao Porto onde regressou hontem. Que estupidez! Mas eu é que não tenho culpa, pois dei-lhe seu endereço em Lisboa.

Agradeço-lhe pelos seus formosos versos e especialmente pela dedicatoria do poema "Uma pagina dos Lusiadas". Li e reli seu livro. A poesia "Ao mar" é bellissima e "striking", como dizem os Inglezes, mas gosto tambem de "O Corsario", "Oração", e "A Tommaso Campanella".

A sua carta acenca dos versos de João de Deus parece indicar que uma edição critica, feita por elle, é já sabido, dirigido pelo Dr. Rodrigo Velloso. Queira dizer-me onde e quando se publicou o livro!

O "Lara" é magnifico. Mandei hoje o exemplar ao Museo Brittanico.

Veja se pode arranjar-me uma copia da Historia de Lisboa como indicou ha meses; mas não se

incommode caso que o autor não queira fazer uma
troca.

Ja tenho os primeiros numeros do "Circulo Camoniano",
porque meu amigo me mandou-os ha um anno
impresso não preciso dos que ultimamente tem
mandado. Preciso dos numeros começando com
o 13º até o presente tempo caso que meu amigo
dispõe delles.

De V.Ex.ª amigo obrigadissimo

Edgar Prestage

P. Quando vae para Genova?

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

"Chiltern,
Bordon
Inglaterra.

12 de Junho de 1895

Meu caro Joaquim

Agradeço-lhe a preciosa offerta de alguns numeros interessantes da "Revista Portugueza". Sinto muito que meu amigo tem estado doente. Espero que a doença não é séria!

Já recebi minha versão da "Canção perdida" de Guerra Junqueiro, tambem as Sonatas dos "Sonnets of Anthero de Quental", não é verdade? Tenho frestas a apparecer traducções de António Ferreira, Manoel de Mello, António Diniz, Bocage, Garrett, e mais uma de Guerra Junqueiro. Hei de enviar-as ao meu amigo, logo que appareçam.

Quando sahirá o livro commemorativo de Anthero?

Tenciono fazer uma viagem de recreio e de estudo em Portugal este anno. Vou visitar Vizeu, Bussaco, Alcobaça, e Coimbra, pela segunda, e depois disso demorar-me em Lisboa para estudar na Bibliotheca Nacional aquelles autores dramaticos cujas obras não tenho aqui. Ha muitos bravos relações, por carta, com Eugenio de Castro. Elle mandou-me suas obras symbolicas sobre as quais acabo de escrever duas linhas para o "Academy". Gosto muito de "Belkiss", e sobretudo da Eclogia "Tiresias", que parece-me bellissima. Ja leu?

Sabe quando sairá a tradução portuguesa da Vida de Camões por W. Storck? Ansiosamente a espero!

Não costuma a Academia das Ciências de Lisboa enviar a seus sócios correspondentes suas Memorias? Até agora não recebi nenhuma publicação sua!!

Seu do coração

Edgar Prestage

Chiltern.
Bowdon
Inglaterra.

15 de Janeiro de 1896.

Meu caro amigo.

Sinto em extremo que V. esteja tão doente e faço votos que dentro de breve recupere a saúde. Fico muito agradecido pela offerta da linda "Canção do Berço." Mandei-lhe hontem minha versão do "Cavador" de "Os Simples" de Junqueiro (no "Yellow Book") e tambem o "Dublin Review", contendo um artigo meu sobre o "Frei Luiz de Sousa" de Garrett. — Recebi hontem a "Revista Critica de Historia y Literatura" e vi com prazer meu uma noticia que devo a minha

bondade de V.ª sobre a minha obra litteraria.
Esta Revista é deveras interessante! Quando ha
de sahir o livro de Anthero? Elle tem tardado muito,
não he verdade? Acabo de ler uma versão minha
do Canto I do "Hyssope" no Literary Club de
Manchester. A peça vae publicar-se no proximo
numero do jornal "The Manchester Quarterly", publicado pelo Club quatro
vezes por anno. A minha traducção do Coro
"Quando amor nasceu" ("Castro" de Ferreira) deve
sahir no proximo numero do "Savoy", nova
Revista de Arte e Literatura. O primeiro tomo
de Agosto também sahirá em Março, o segundo
~~em~~ no outomno de 1894. Está claro que
tenho muitas cousas entre mãos. Vou preparar
um estudo sobre João de Deus e outro sobre
F. Mendes Pinto, destinados ambos a Revista

Inglaterra. A morte do grande lyrico causou-me um verdadeiro abalo. Eu não me encontrei com elle quando estive em Lisboa a última vez. Fui a sua casa em procura d'elle mas disseram-me que o Poeta tinha saído de Lisboa, para as praias, se me lembro bem. Que grande perda acabamos de sustentar! Porque, sem duvida, o João foi o maior lyrico Portuguez depois de Camões, não acha? Oxalá que eu podesse ler em Inglez algumas de suas sublimes poesias! Mas faltam-me forças para isso. Aquella melodia havia de perder-se completamente numa traducção Inglesa. É verdade que Morais viveu o João em Inglaterra muitos dias

mas nada consegui que ~~[illegible]~~ E
[illegible] ser impressão. Parece me uma tarefa
muito difícil, senão impossível.—
Mande me carta sua quando estiver disposto.

Seu do coração

Edgar Prestage.

BIBLIOTECA NAZIONALE
VITTORIO EMANUELE III
ROMA

Cheltenham.
Bowden,
4 de Abril de 1896.

Meu caro Joaquim.

Peço desculpa de minha demora.

Gostei muito de seus versos consagrados à memória do grande poeta e grande homem [illegible] Deus. Ainda não vi o último número da Revista Crítica de Madrid, mas agradeço-lhe, muito penhorado, a ~~[illegible]~~ notícia que tenho dos meus trabalhos. Espero mandar-lhe em breve a minha versão do Canto V do "Byssopa". O primeiro volume do nosso Byssiana sairá em Julho e a minha tradução inglesa do Curso de Literatura quando [illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

BALLIOL COLLEGE,
OXFORD.

Bowdon.
12 de Setembro de 1896.

Meu caro amigo.

Acabo de receber uma carta de meu editor acerca do retrato de Antero. Elle diz que o "negative" se achou inutilisado, não podendo por isso fornecer mais copias. Sinto muito que estejam assim. Sim, meu amigo, recebi todos os opusculos de que faz menção. E gostei sobretudo da interpretação de João de Deus á Canção do Codice da Vaticana. Já mandei-lhe minha opinião

d'um choro do Castro de Ferreira.

Pedem-me, mas nunca se publicou uma versão inglesa do 'Fr. Luiz', apesar de Fonseca Amorim dizer que a celebre Mrs. Norton foi autora d'uma tal obra. Estou certo do que digo, porque percorri o Catalogo do Museu Britannico antes de entrar na minha tarefa de traduzir a obra prima de Garrett.

Tenho a bondade de relembrar-me acerca das 3 edições da traducção Italiana!

Concordo perfeitamente no que meu amigo diz acerca da 'Ark' e não

me surprehende que indagasse de. É
verdade que V. prepara um volume de
correspondência de Antero? Eu por mim
estou trabalhando num estudo sobre António
Vieira e num outro sobre o Teatro Português.
V. ~~sabe~~ sabe que o Conselheiro Pedroso
está preparando uma nova edição de Fernão
Mendes Pinto com notas elucidativas?
Eu e J. Batalha Reis há muito
pensamos nisso.
Até logo, meu amigo. Estou incomodado
com os olhos que não prestam para muito

e não me deixam escrever cartas longas.

Saudades do coração.

Elizabeth.

"Chilton", Bowdon, Inglaterra.

28 de Agosto de 1897.

Meu Caro amigo.

Mandou-lhe um exemplar da revista "The Savoy" com a minha traducção d'um trecho do "Inês de Castro" de Ferreira. Ainda não me veiu ás mãos o "Adamastor" de que o meu amigo falla. Eis a lista dos seus opusculos recebidos:—

Quattro Sonetti di H. de Luenke. 1896
Bibliographia Antheriana etc 1897
Ode R. A João de Deus etc 1897
Parodie d'Inês de Castro etc 1897
In morte di Antero. 3º Ed. etc 1897
Ruchoso. A S. de Camões. Sonetto etc 1896

J. de Araujo A João de Deus etc 1897.

" Inês de Castro etc 1897.

" Alicia DV etc 1896

Visconde dos Sempres. Braga. Pace. 1897

Fico muito obrigado pela offerta destes valiosos opusculos, que representam um serviço relevante prestado ás lettras patrias. Estou contente que V. ache interessante o meu estudo sobre Gil Vicente. E espero mandar-lhe dentro de breve a segunda parte. Ella é só para o leitor inglez que não conhece Gil Vicente e não tem pretensão á novidade. Como vae

a saude do meu amigo? Espero que melhor. Eu vou trabalhando na segunda parte da Chronica de Guiné e também numa nova edição das "Letters of a Portuguese Nun".

Seu do coração

Edgar Prestage.

BIBLIOTECA NACIONAL

Chilton
Bowdon, England.

November 3rd 1899.

My dear Grant's.

Pardon me for not having answered your last letter & for my long silence. I have been exceedingly busy for many months past & have let my correspondence get very much into arrear.

The last study of yours which I have received is the one called "No Centenario

do Padre António Vieira". I have
not received anything from you
since I shewed be glad to have anything
of yours which you care to send me.
My address is the same as before.
Will you send me a copy of your
pamphlet on the Centenario de Garrett?
I should like to see it!
At the same time would you kindly
tell me if any notable books have
been published in Portugal lately.
For the last two years I have heard

nothing about the new books & have received no booksellers catalogues. Is the "Canzoniere" & "Ajuda" ed. C.M. & l'Ascancellos, published?

Any literary news you can send me will be welcome.

With my kind regards & hoping to hear from you soon.

Believe me

Yours very sincerely

Edgar Prestage.

BIBLIOTECA NAZIONALE VENEZIA

CHILTERN,
BOWDON.

17 de Novembro de 1895.

Meu Caro amigo.

Mil agradecimentos pela offerta dos seus opusculos que não tardarei de ler, com muito interesse, é certo! Tambem agradeço-lhe muito pela sua carta com todas as informações que desejei.

Se tive tempo e occasião, mandarei estampar um opusculo

commemorando o centenario do
grande garrett, como meu amigo
indica.
Com certeza tinha lido o seu artigo
sobre michelet! Pois não! e tendo
lido, tinha dizer lealmente o
meu parecer sobre elles, como deseja.
Tenho muito prazer de ver o meu
nome ~~no~~ gravado ao lado dos amigos
estrangeiros de garrett e da patria
portugueza na medalha de que
meu amigo falla. Como não ha-
ha de estar? Poderia a minha não

é merecida, pelo pouco que fiz até o presente! Mas em todo o caso fiquei muitíssimo ~~obr~~ obrigado pela lembrança de seu nome, mandando-me pelo correio um exemplar da segunda edição das "Letters of a Portuguese Nun". Creio que já enviei-lhe exemplar; talvez extraviou-se no correio!

Parece que fica decidido que os amigos de Sarraute devem ser levados para o Sanatório. Não compreendo porque isto não se fez muito antes

Pode estar o meu nome como
deseja.

Seu muito amigo

Edgar Morin

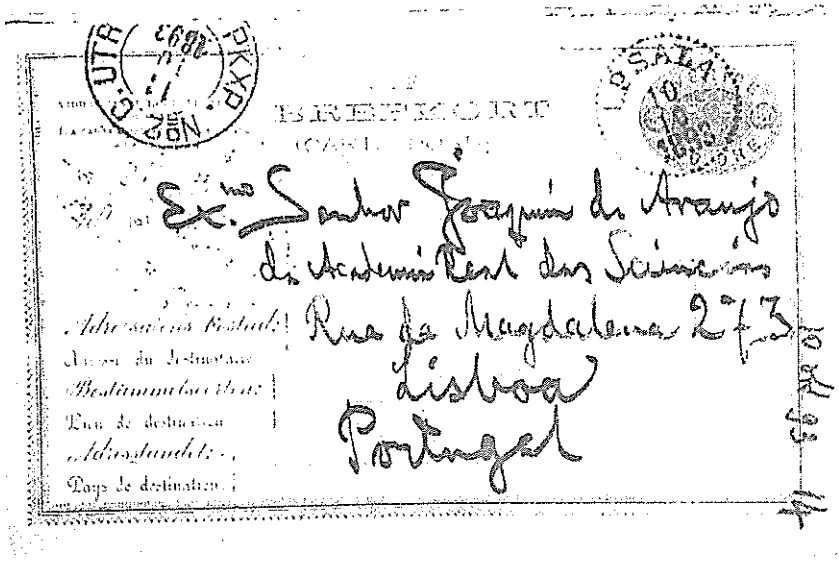
Bordon - Inglaterra.
10 de Junho de 1900.

Meu caro amigo:

É possivel que Monsieur Sabin, Shaftesbury Avenue, Londres, tenha á venda bilhetes de visita lá como deseja. Não posso indicar-lhe alfaiate que tenha livros do C. de Oliveira senão Quaritch e Mr. Sotheran Piccadilly, Londres. É muito difficil encontrar livro portuguez algum de valor em Londres. Ha annos percorri dezenas de ~~livrarias~~ estabelecimentos deste genero em busca de raridades e não encontrei nada! Já não trabalho em coisas bibliographicas. O tempo me falta. Mandei exemplares de Brittañy desta casa aos Srs. Carvalho, Fanzilli e Filho.

Seu
E. P.

CARTAS DE GÖRAN BJÖRKMAN
A
JOAQUIM DE ARAÚJO


BRIEFKARTE
Ex.mo Senhor Joaquim de Araujo
da Academia Real das Sciencias
Rua da Magdalena 273
Lisboa
Portugal

Upsala, Ö. Ag. 49, Suecia, 24/6 92

Cher Monsieur

J'ai tant d'épreuves de confraternité littéraire dont vous remercier : tous ces souvenirs du Regretté, la citation de moi dans votre hommage à sa mémoire et surtout ce nom d'ami dont vous m'honorez. J'en suis heureux, d'autant plus que je sais que chaque liaison d'amitié, établie avec un étranger, est plus sûrement fondée que celle avec un compatriote quelconque, parce que celle-là est fondée seulement sur des intérêts et des sympathies communes sans arrière-pensées et sans le risque de collisions de concurrence. Et encore, nous les fils de pays pauvres, dont le public littéraire est trop restreint, nous ne sommes pas tentés comme dans les grands pays, de nous faire de la littérature un métier à en devenir riches : nous ne sommes poètes que par un instinct d'artiste, d'autant plus sincère et désintéressé.

Dans cette conviction, et pour contribuer à un rapprochement plus personnel entre nous, je me suis le plaisir de consentir à votre demande, en vous envoyant une photographie, et pour les mêmes raisons j'ose espérer que vous voudrez bien m'accorder la vôtre.

Maintenant, en toute hâte, quelques observations ou remarques épaves !

Vous avez traduit Heine, celui qui, avec Nietzsche, est le moins germanique des génies allemands — aussi il ne faut pas oublier son extraction juive — . Eh bien, le titre de votre volume gracieux a ce double sens, n'est-ce pas, d'être à la traductrice du titre de l'original et la promesse de ce que cette tâche ne vous a été qu'un jeu, une récréation, un exercice de concentration poétique — ce signe d'un vrai sens d'artiste (justement une des qualités de la poésie d'Anthero) — et que votre Muse a d'autres visées, supérieures à cette poésie subjective et autobiographique. Sur laquelle dès longtemps je suis de l'opinion d'Anthero (esp. de poésia da actualidade, pag. 12, qui suivis).

A propos, ce discours brillant m'a été le contraste frappant d'un autre sur la même matière que je venais de lire et où la foi sur la mission éternelle de la poésie est ~~proclamée~~ avec l'enthousiasme d'un [illegible] de la Réformation, écrit celui-ci par M. Jaime Nunes à Braga l'admirateur fervent de A. Herculano. Oh! vraiment tout en admirant votre grand pessimiste efforçons-nous pour lui faire avoir tort, quand à l'avenir de la poésie!

Ne publiera-t-on aucune collection des oeuvres en prose d'Anthero?

Une autre voie de réparation de cette omission — là où "o mestre de todos nós" n'est pas cité dans l'autobiographie d'Anthero, est contenue dans la lettre à moi sur l'état actuel de la poésie portugaise: — Vous voyez donc qu'il est bien difficile à un étranger de le renseigner sur notre littérature contemporaine! Du reste, comme je vous l'ai dit, elle est très pauvre. Je vais pourtant vous indiquer les noms et les ouvrages les plus marquants. Le poète par excellence est João de Deus; ses deux volumes s'intitulent Flores do campo et Campo de flores...

Eugénio de Castro (Vasco Monteiro, pseud.) est-ce
la même personne que l'auteur d'Horas et de Oaristos, lequel
l'année passée, n'avait que 22 ans ?

Votre Parnasse portugais contemporain (cf. la conver-
sation d'il y a peu en actualité) — voilà quelque chose qui
me serait bien utile pour mon anthologie. Mais quand
paraîtra-t-il ? —

En vous remerciant encore une fois de la grande
amabilité que j'ai eu l'honneur et la joie de vous voir
me témoigner, je vous prie, cher Monsieur, d'agréer
l'assurance de mon profond respect.

Osias Györkmen

Anthero de Quental : Zara

Fäll den, som fram bland lifvets qval och strider,
bland flärd och lidelser sin kosa fann,
ovetande, som rosen blomma kan,
och lätt, som skuggan öfver vattnet glider.

Lifvet en dröm dig var — en dröm, hvars minne
blott ter sig som en rosig sky af ljus...
Du vaknade, du log... Ty lifvets brus
ej afbröt drömmen i din barnasinne.

Uppsala 3/7 92 Göran Björkman

Cher Monsieur, Apropos du mon projet de traduire votre poème "Na morte de Anthero", vous dites: — os meus versos vão sahir tambem em italiano e allemão, conjunctamente com as traducções suecas de Anthero. Est-ce qu'il y a déjà des traductions italiennes et allemandes de "Na morte de Anthero"? Dans ce cas veuillez m'en donner peut pour faciliter ma tâche, laquelle vraiment est assez difficile. Certainement le professeur Storck ne semble pas même connaître cette plaquette.

Avez-vous reçu en tout ordre ma lettre du 25/6?

Je viens de recevoir "os Simples" de Guerra Junqueiro; j'en ai une grande jouissance. Voilà pourtant un événement littéraire, comparable à la publication d'"os Sonetos" d'Anthero!

Croyez-moi, chère Monsieur, votre ami obligé

Erasmus Göthman

Upsala, Ödg. 49, Suecia, ce 22/5 92

Monsieur

Je venais de lire un traité sur le mouvement poétique contemporain en Portugal, où j'avais annoté quelques livres à commander, parmi eux vos deux livres sur l'Indien et l'Occidental. Mais voilà, avant que ma commande ait pu être expédiée, ils m'arrivent de vous-même, précédés par vos vers mortuaires sur le poète philosophe le plus grand de ce fin de siècle.

Je les voudrais bien traduire, ces vers, pour les placer comme préface dans le volume de poésies du regretté que j'ai déjà traduit et que je publierai cet automne. Mais je n'oserai pas la tâche : vos vers perdraient sans doute trop de leur intonation musicale.

Cependant, dans l'anthologie de poésie portugaise contemporaine que je prépare pour plus tard, (avec votre nom) ne manquera pas. Après une lecture fugitive de vos deux livres, j'ai déjà annoté par les morceaux des pages 147 du livre Ind. et 81, 119 et 125 Occid. pour être traduits à son temps.

Malheureusement mes occupations d'à présent me défendent pour quelques mois de dédier aucun travail suivi et productif à mes projets littéraires (qui embrassent tout le monde latin, romans contemporains, excepté Provence et la Roumanie). Mais pour cela je ne laisse pas de voir le mouvement littéraire de cette noble race de peuples, à laquelle je regrette de n'appartenir pas par la naissance comme par les sympathies.

Le caractère germanique est dénué de tout instinct artistique. Quelque race la morale et l'utilité prennent trop sur l'art.
Et que devait bien l'art germanique dans les influences romanes? —

Actuellement je recueille toutes les notices relatives au monde roman, qui me viennent sous les yeux — ce qui malheureusement n'arrive pas assez souvent quand à notre pays, par cause du manque de quelque revue ou journal critique et littéraire portugais (selon ce que m'écrivit Antero), notre Romancero paraît assez de préférence à l'étranger. Au contraire le mouvement littéraire en Espagne, Italie et France m'est facile à connaître par divers textes critiques, entre Pardo Bazán, Rizzetto Lecchi à Turin et Revue Indépendante à Paris, auxquels je suis abonné.

Donc il ne me faudra guère vous dire la vive joie que me fait toute préférence de la part des auteurs portugais aux étrangers d'autant plus s'ils se présentent comme des amis du poète de ma predilection.

A propos, laquelle a été la raison de son suicide? Une rechute de mal des nerfs?

Jugez de ma triste surprise, en lisant par hasard dans un journal allemand la notice de sa mort, peu jours après lui avoir expédié mon portrait en échange du sien, que j'avais reçu au milieu d'août 1891. ...

Enfin quelques demandes, pour le cas que vous soutrez bien m'écrire: Deux autres héros du parnasse portugais, Theophilo Braga et Com. Castello Branco, se sont suicidés aussi, n'est-ce pas? Comment cela?

Mon Fils — 79 bis rue chez Dunod Editeur. Et bien, saurez-vous me vendre ou me prêter un poème epique pour les enfants, ancien ou complet, ou seulement moyen et d'Homère à Milton, par exemple, dont tout fait secondaire, je parle mais jusques à traduire? Mon fils 17 ans vous chez Fortin Imprimeur (Paris imprimerie ou bureaux) lequelle vous le connaît?

Et les vos propres Lettres amoureux? Intéressant suggestif!

Si vous remercient encore une fois de mes recommandations, j'ai l'honneur, chère Madame, de vous présenter les hommages d'un admirateur sincère et de mon profond respect.

Teixeira de Queiroz

Luiz de Camões: Soneto XIX

Du hulda ande, som så snart blef trött
på lifvets sorl och vingad bort fick fara,
njut himlens frid bland sälla syskons skara –
jag må här sargas, tills mitt blod förblödt.

Men blef vår skuggvärlds minne ej förödt,
när du såg ljusets värld sig uppenbara,
må du en hågkomst af den eld hos dem spara,
som i min blick mot dig så ofta glödt.

Och kämen du ditt hjertas ömhet väckas
vid synen af det goal, som blef min lott
sen jag din blick, min lefnads sol, såg täckas,

O, bed då Herren fylla snart mitt mått
och låta snart min andes vingar sträckas
dit, engel, dit du ur min åsyn gått!

Uppsala 22/7 92 Göran Björkman

Upsala, Ö. Ag. 47. Suecia, 24/7 92

Monsieur et cher confrère

Je vous remercie beaucoup de votre bonne lettre du 8 mai avec la carte d'introduction chez Mlle Cavanizzaro et avec la promesse obligeante de votre photografie.

J'ai reçu les 2 livres de Mlle Moderns, et je viens d'en lire le premier. Elles sont bien jolies, palpitantes de vrai sentiment, ces confidences de jeune fille. Mais je n'aime pas trop le genre érotique, je suis fâché de le voir occuper la fantaisie des poètes et prétendre à l'intérêt du public, la vie de tout le monde et les grandes questions éternelles ayant besoin de toute la lumière divinatrice des âmes

privilégiées.

Après avoir fait la connaissance d'Anthero, voyez-vous, on a les exigences redoublées. Du reste, chez nous on en est venu là, qu'on le note comme un mérite, si un récent volume de poésie ne contient rien d'érotique.

Pourtant ne me croyez pas trop sévère ! Dans leur genre, ces poésies sont assez gentilles. Et passées les grandes désillusions de la jeunesse (cfr pag. 217, Tres gochos), avec ce talent de la forme on pourra bien produire des choses d'une conception plus vaste et moins égoïste ou subjective.

Cependant vous ne fâcherez pas la jeune fille, en lui communiquant mon critique. Après avoir lu son livre second, où peut-être je trouverai déjà une inspiration plus élevée, je lui écrirai à elle-même

en joignant quelque traduction d'une de ses poésies. En tout cas, je suis satisfait d'avoir fait la connaissance d'une femme-poète portug. aussi, le beau sexe ne devant pas manquer dans mon anthologie.

A propos, celle-ci embrassera la poésie du ce siècle et surtout celle d'après 1860. La poésie d'avant 1860 sera représentée par Mes. Almeida Garrett, Alex. Herculano, A. F. de Castilho et Soares de Passos. Dites-moi pourtant, si parmi les poètes de la même période il y aura encore quelqu'un de la valeur de ceux-ci, lequel il ne faudra donc pas omettre? —

Je vous serre les mains bien cordialement

Teofilo Braga

Upsala, Ö. Ag. 4/1. 1/10 92

Ami et cher confrère!

Je n'aime pas la poésie didactique, la poésie de tendence. Les circonstances occasionnelles et locales pourront bien être telles, que le poète aussi se sentira appelé à mettre son art au service d'une certaine cause. Mais par là son art se dépouille de sa nature universelle et devient plus ou moins inaccessible pour nous, les étrangers. En poésie de la poésie, pour l'intelligibilité de laquelle on a besoin de notes!

L'art, c'est la vie, vue à travers d'un tempérament. Mais les réflexions sur la vie et sur l'histoire, elles appartiennent à la prose de la science. Chez les autres arts, la musique, la peinture, la sculpture! Ce n'est pas dans les époques florissantes de l'art qu'on attache des bandes à sentences aux bouches des figures!

N.B. une idée est bien nécessaire pour insuffler la vie dans l'oeuvre d'art, mais une idée en action. — La vie de l'art, c'est la vie d'Adam et d'Eva dans l'Eden: laissez pénétrer là le serpent de la réflexion et les théories, et l'Eden sera détruit.

Je vous rappelle aussi le fait

que les illettrés sautent tout simplement dans les romans les passages où l'auteur parle lui-même. Tout le monde déteste les tirades des cicérones, quand il s'agit du jour d'une œuvre d'art.

Voilà pourquoi ce qui j'aime moins dans l'œuvre d'Anatole, ce sont ses "Odes Modernes". Cependant ce qui justement a provoqué ces réflexions c'est la lecture récente de "Brière les temples" de votre philosophe-historien Théophile Braga où le feuilletement des dissonances de Thomas Ribeiro ("de la famille de Bernardin") combien plus d'art, combien plus de vie et de couleur locale dans les "visions" historiques de Leconte de Lisle!

Pourtant, en général, le genre [illegible]-riste-rien ou archéologique n'est pas de ma prédilection, ni dans la poésie, ni dans le roman, ni dans la peinture. Il me laisse froid, tout en contrairs des monuments authentiques qui restent des temps qu'on veut ressusciter par ces tableaux sans modèles vivants authentiques. Imaginez-vous un moïsé japonais peint par un artiste européen, qui, selon ce que sache tout le monde, n'ait jamais demeuré dans le Japon...

Puisons aux allemands et aux anglais ces artifices alexandrins d'un art de construction, sans vie autonome! La vie de nos propres jours suffise à nos intuitions artistiques, soit la vie extérieure, telle que la représente p.ex. Fr. Coppée, soit la vie intérieure, telle que la représente p.ex. Anthero.

Cependant je me connais l'œuvre poétique de Th. Braga que j'ai lues les temps: "Orfeu", "Tempestades", "Torrents", ou "Fontes vivas", suffisent-ils plus à mes goûts, un peu altre-

intéressants peut-être ?

Voilà ma première demande ! Pourriez-vous donc surtout comme vous m'exhortez explicitement à cela dans votre lettre extrêmement obligeante du 16/8, dont je vous remercie de tout mon cœur.

Eh bien, pour ma anthologie poét. portug. il me faudrait bien me procurer le Parnaso portug. contemp. de Th. Braga ? Trouverai-je là quelque chose d'Alex. Braga, dont vous parlez ? — Et votre propre Parnaso, annoncé sur la couverture d'Il poeta non actuel, ne paraîtra-t-il ? —

Voici la liste des poètes portug. du XIX siècle qui seraient représentés dans ma anthologie, dressée selon les indications d'Epithero (dans une lettre), de Vitorino Pica (dans une lettre), de M. Fornari (dans le Parnaso di monte Artemo) et de vous (dans votre dernière lettre). — Obs. les traits rouges désignent ceux dont je possède quelque ordonnance, les traits bleus ceux dont j'ai déjà traduit quelque chose : A. F. de Castilho, Almeida Garrett, Alex. Herculano, Alex. Braga, João de Lemos, Th. Ribeiro, Antônio Feio, Soares Passos, Cesário Verde, Gonç. Crespo, João de Deus, Antero, Th. Braga, Guerra Junqueiro, Gomes Leal, Joaquim de Araújo, Conde de Monsaraz, Conde de Monsaraz, M. Duarte de Almeida, A. A. Edmundo Castello Branco, Eug. de Castro, Antônio de Oliveira Soares, Antônio Feijó, Joaquim de Lemos, Ulisses Moreno (à propos, j'ai envoyé le 31/7 une traduction de son soneto geográfico). — Mais ne manquent-il pas, moi aussi, quelques poètes importants ici ! La veuve de Gonç. Crespo ? Alfredo de Carvalho ? Bernardo Pinheiro ? Et ... qui suis-je ? Le Dictionnaire international des écrivains du jour du comte de Soubranis (éd. pour 1978) est trop insuffisant. Mais comment lui suppléer, sinon par la correspondance et le concours des auteurs eux-mêmes ? Et certes, je vous prêterai un mot,

prenaît que cela ne vous fâchera pas, n'étant comme vous personnellement patriotisme littéraire. —

Par M. Fornari vous m'avez signalé F. Cabreira (Rod.) Les poésies "Mocidade", seules épuisées? Comme traducteur d'un poète dramatique, celui de la dernière pièce, j'ai malheureusement pas encore publié, et j'ai envoyé à Marillier de Lamla, jugeant (après bibliographie) c'est vrai, mais peu original — pourquoi le détruit-il maintenant? Vous doute il vous publié quelque chose de plus et de meilleur dès 1880?

Nous, les contemporains des Pleurs, des Lamentations, des Sebastiens, des Salazaras, nous exigeons de l'Art plus les fortes passions et les vastes vues sur la destinée humaine. Nous y détestons les insécurités idéalistes, romantiques, à son temps, j'ai aussi même publié — traduction d'une pièce de Sancha, l'auteur du "Traité d'amour". Mais je préfère le grand art de l'effet prophétique ou héroïque.

A propos de drames! Selon la page 37 des Poemas d'Alma de Lamartine j'ai commandé la traduit "O Menino". Il est autant bien possible que vous, cette comédie?

L'Académie Royal des Sciences de Lisbon, entre-elle aussi (les mêmes) parts que la "Real Academia Española", l'Académie Française et notre "Academia Medica" — celles-ci seront, que je sache, les seules académies littéraires officielles?

Parcourant de mes exercices typiques, dans la prose je préfère les nouvelles, les esquisses, les tableaux de détention comme ceux de plus grande haleine: les Dantas, les Alencar, les Macedo, les Manuel Antonio, les Almeida Garrett, les Alexandre Herculano. De notre prose moderne je ne possède encore que "O Mandarim" et "O primo Basilio" d'Eça de Queiroz, "Contos escolhidos" d'Alb. Braga et "O mesmo amor" de Trindade Coelho. Mais il existe-t-il encore d'autres nouvelles d'Eça de Queiroz? Et lesquels sont les principaux confrères? Fialho d'Almeida? L'auteur de "Os Lagos"? Le vicomte de

Upsala, Ö. Ag. 49, Suecia, 3/11 92

Monsieur et cher ami

Je vous suis extrêmement reconnaissant et de votre lettre instructive et de votre prévenance inappréciable d'envoyer ou de faire envoyer à moi tant de livres, utiles à ma tâche et desquels voici la liste :

— Primeiras leituras (la légende si charmante d'Eça de Queiroz, est-ce un fragment ? Et puisé où ?) —

— Anthero, Thesouro poetico —

— Ed. Coimbra, Dispersos —

— J. Brandão, Asylais —
— J. de Deus et autres, A maior dor humana —
— Azevedo, Lyra sacerdotal —
— A. da Cunha, Endeixas e madrigais — et
— C. de Figueiredo, Horas e horas et Victorino.
Pour mon chagrin, mes occupations d'à présent ne me permettent pas d'en faire la connaissance, comme je le voudrais, ni moins encore d'entreprendre les traductions que je voudrais envoyer à chacun des auteurs en preuve de ma reconnaissance. Cela étant, j'ose vous charger de vouloir bien à l'occasion présenter de ma part et provisoirement aux auteurs cités ma vive reconnaissance de leurs envois si obligeants. Avant la fin de l'année ils auront de mes nouvelles

d'une manière ou d'autre.

À propos, par des raisons que vous comprendrez à son temps, veuillez me renvoyer la liste ci-jointe, complétée avec les titres divers des personnes y écrites, c'est-à-dire les titres qui correspondent à ces titres espagnols: "Sr. D.", "Ilmo. Sr. D.", "Excmo. Sr. D.", "Excmo. e Ilmo. Sr. D." etc., lesquels, vous le savez bien, ne sauraient être employés pêle-mêle. —

Connaissez-vous "Fedele", volume de nouvelles d'Antonio Fogazzaro? L'auteur y a inséré comme "intermezzos" des paraphrases délicates de morceaux de musique, comparables sans doute à cette "Phantasie" de Sarmento que vous promettez de m'envoyer. —

Ma traduction de
vos vers "Na morte de Anthero"
sera publiée dans le volume de
mes traductions d'Anthero, et
vous en envoyer le nombre d'exem-
plaires que vous désirez, sera
un tribut de reconnaissance
trop insignifiant pour racheter
tout ce que vous doit
votre ami dévoué

Upsala, Ö. Ag. 4q, Suède, 2/1 93

Monsieur et cher confrère

Maintenant Anthero est acquis pour la littérature suédoise. Hier je vous ai envoyé 6 exemplaires du volume, sous bande et recommandés.

J'ai désiré parfois d'accompagner ce volume par une reproduction de la Mélancholie d'Albert Dürer. Tous les deux artistes, celui de l'échoppe comme celui du vers, tout inspirés par les idées d'une époque de crise. Mais précisément comme Ibsen défend toute musique d'entre acte, quand on représente ses "Revenants" (= Gengangere), je ne voudrais d'aucune manière empêcher que toute attention ne soit dédiée aux hautes visions du grand Maître défunt.

Je suis heureux de pouvoir procurer à nos âmes d'élite une rare fête, comparable un peu à la jouissance élevée qui nous inonde, en entendant les battements d'aile de la Muse de Beethoven. Et je suis non moins heureux de pouvoir présenter en même temps un des plus dignes

héritiers spirituels du grand Voyant.

Je joins la liste des morceaux que j'ai traduits ainsi que la carte postale de Mme A. Richter.

Enfin je vous remercie beaucoup de votre lettre du 13/12/19 et de votre plaquette colombienne. Et en vous faisant mes meilleures félicitations du nouvel an, je vous prie de me croire toujours votre ami dévoué

Léon Werthemann

Upsala 2/2 73

Mon cher confrère

Je vous remercie beaucoup de votre lettre amicale du 20 janvier et de votre promesse de m'envoyer un document authentique, vu que j'aurai bientôt besoin de toute sorte de tels documents.

Malheureusement, je ne saurais ~~corr~~répondre à votre désir de connaître la "Melancholie" d'A. Dürer autrement qu'en vous renvoyant à l'édition jubilaire de la "Geschichte der bildenden Künste von Dr W. Lübke" ou à son atlas "Denkmäler de

Ferrat la feuille N° 83, supposé que ces "standard works" se trouvent à l'Académie ou l'Institut des Beaux Arts qui doit exister à Lisbonne. Mais j'espère vous faire un plaisir équivalent en vous envoyant ma traduction d'"Omisset des monges" — peut-être ce que vous avez écrit de mieux, et en tout cas une acquisition pour notre littérature.

À propos, pour mon anthologie naturellement il me faudra en premier lieu faire la connaissance des oeuvres des poètes portugais vivants qui sont membres de l'Académie Royale de Lisbonne. Veuillez donc m'en envoyer

une liste, dressée par rang d'âge.
Signalez-moi aussi les principales monographies, traités ou essais de revues et histoires de la littérature portug. de ce siècle, écrites en portugais et autres langues civilisées, exceptées les langues slaves et néogrecque, et signalez-moi surtout ce qu'est écrit sur Antero.
N.B. Je possède déjà les 2 ouvrages de Th. Braga : "Romantismo et "Idealismo e Realismo, quoique je n'aie pas encore eu le loisir de les lire.

Mr. Júlio Dantas a-t-il à présent publié son livre Sucolica ? Je ne saurais me pas admirer l'art délicat et savant de son livre d'Aphrodite. Mais comme je dois vous avoir dit, ni notre public ni moi

n'aimons la poésie confidentielle et trop subjective (= "egotistic"?) et surtout nous la poésie érotique. Cependant le "Astrologuecotica" promet quelque chose d'art objectif.

Avez-vous reçu un numéro du journal "Stockholms Dagblad", contenant un article — du reste bien flatteur pour moi — sur une traduction d'"Apostrofes"? Je vous l'envoyai, parce que votre nom y est cité.

"A Semana de Lisboa", le supplément littéraire du "Jornal do Comercio", me cite — et il de s'y abonner? Je crois que un organe littéraire portugais, comme j'en ai pour l'Espagne et l'Italie. — En espérant que vous me ferez bientôt la joie d'un écrit, je vous serre la main bien cordialement

Eugenio d'Ors

Upsala 24/3 73

Cher ami

Les norvégiens sont tout à fait intraitables, comme vous l'avez pu conclure par les notices des journaux sur le conflit unionel.
Il y a déjà un mois, j'écrivis à un rédacteur de revue sur une carte postale double (c'est à dire avec la réponse payée) en lui demandant, s'il connaît quelque poète norvégien qui sait le portugais. Puis, après avoir attendu sa réponse longtemps et en vain, j'écrivis à mr le prof. G. Storm, délégué aux fêtes du Centenaire à Madrid, et voici enfin ce qu'il m'écrit : "Je ne connais personne (c'est à dire, de la qualification indiquée par moi), si mon frère Jean non plus, auquel j'ai adressé cette demande. Et je ne crois guère qu'il s'en trouve un dans notre pays. ..."
Eh bien, cette longue attente a été la raison de mon long silence, et je me fâche que son résultat n'a pas été plus favorable. Mais que faire? En tout cas, il vous

faut savoir que la différence des langues norvégienne et danoises est tellement insensible pour nous, les autres scandinaves, que nous ne l'observons guère que par les noms des auteurs, je veux dire que nous ne remarquons guère dans quelle langue un livre est écrit [illegible] que par le nom de l'auteur, dont la nationalité, en général, nous est connue.

Permettez-moi maintenant de vous remercier infiniment 1/ de vos lettres des 1er/2 et du 7/3, 2/ du document Autrichien (contenu dans la lettre du 1er/3), 3/ des livres que j'ai eu l'honneur de recevoir par votre intermédiaire (mais desquels un, celui de mon Cousin Jardin, ne m'est pas arrivé aux mains) et surtout 4/ de votre photographie. Enfin vous voici donc sous verre ici dans ma chambre de travail, en compagnie de mes autres commissaires littéraires, Auteurs A. Guintal, M. Dumas d'Alnesil, Ramón de Campoamor, Gaspar Núñez de Arce, Víctor Balaguer, Manuel del Palacio, Cánovas del Castillo, S.A.R. l'Infante Doña Paz, Mme Pardo Bazán, A. Fonzosa, T. Comizzaro, G. Giacosa, D. Pica, Molly Prudhomme et F. Bodenstedt — Toute une falange d'amis spirituels, la seule société d'un rêveur solitaire. Et je suis d'autant plus heureux de vous voir inséré dans cette falange, que vous êtes peut-être celui qui m'avez le plus témoigné la sympathie et la prévenance qui sont

la seule récompense d'intérêts comme les auteurs.

Malheureusement, mes occupations ne me permettent pas, en général, de remercier ceux qui me font l'honneur de m'envoyer leurs livres, autrement qu'en leur envoyant en échange quelqu'un des miens. Pourtant, tôt ou tard j'espère pouvoir leur envoyer, à eux tous, quelque morceau de leur main, traduit par moi. Seulement — et cela restera entre nous — quant aux "Photographes" de Mr. Alvim Pereira (parent d'Alberto Marques Pereira?) j'ai de la difficulté à y trouver quelque chose d'assez remarquable, mais est-il peut-être publié quelque autre livre de contes?

À propos des Photographes, je viens à penser à la Photographie la comédie de F. Caldeira dont parle Mr Fournier; n'est-elle pas encore publiée?

Enfin quelques demandes bibliographiques Antheriennes! Mr Fernando Leal (Relampago, p. 154) parle d'une étude à paraître sur Antheros, écrite par la critique anglaise Burton; est-elle publiée? Du reste (où trouverai-je l'article cité à la même place et écrit par Mr M. A. Vaz de Carvalho?) veuillez me dresser une liste des études ou mémoires sur Antheros, étrangers et portugais et de quelque importance

connus par vous. A savoir que d'ici à quelques semaines j'entreprendrai à écrire un mémoire académique sur le grand défunt, si pour cette tâche j'ose compter sur votre concours si compétent et si dévoué.

Il y a quelque temps, je vous ai envoyé un numéro de [illegible], contenant une traduction (malheureusement défigurée par quelques fautes d'impression) des morceaux suivants : depois da guerra (A. Feijó), A bagatina (G. Junqueiro), O cousinho do Cabrinho (Ag. de Lima), Pesadelo (Conde de Thomaz), As Ruinas (Conde de Sabugosa). J'en ai aussi envoyé un à chacun des poètes représentés. — Dans peu vous recevrez encore un numéro, contenant d'autres épreuves de ma anthologie future, entre elles votre missal do monge.

Cordiale poignée de main

Max Gösbrace

Upsala, 6. Ag. 49, Smecia, 14/6 93

Cher ami

Je vous remercie infiniment et de votre lettre très-appréciée du 23/5 (avec la feuille d'errata) et de la photographie du buste d'Anthero, que vous avez eu l'obligeance de me procurer. J'espère, à mon tour, que vous avez reçu la carte postale que j'ai écrite en réponse immédiate à votre lettre, ainsi que la livraison No. 3 de l'Ill. N. Romana, qui à son temps je vous ai expédiée comme aux autres poètes vos confrères, y représentés.

Hier je reçus un exemplaire de l'Anthero dos Acores, expédié par le Dr. E. de Castro,

de la poésie de Mr. et de Mme de Lamartine. Je vois par là que celui-ci a reçu mon lettre et probablement aussi les 3 exemplaires de ma traduction.

En feuilletant dans ces Archives-là, j'remarque avec satisfaction que les vrais amis d'Arthur commencent à réhabiliter sa mémoire par réponse à certaines publications insidieuses et perfides, par lesquelles l'envie vénéneuse cherche à dérouter le jugement définitif de l'avenir. Et en y lisant que vous possédez une quantité de lettres d'Arthur, je me demande encore une fois, si ses héritiers littéraires pourront négliger de collectionner les débris de prose qu'il a laissés.*

Les citations sur Arthur que j'ai recueillies sur la feuille qui accom-

* y compris les articles français — cfr. Rimbaudiana, dans les éditions des écrivains du jour.

pages sur traduction, pour servir à l'une sorte de présentation chez notre public, semblent avoir occasionné une erreur chez vous. Elles sont toutes puisées dans des sources imprimées, à l'exception de celles de Vilela, l'Esthay et de Vittorio Pica, lesquelles sont puisées dans leurs lettres à moi. Que je sache, M. Pica n'a rien publié sur Mallarmé. Les seuls auteurs portugais, auxquels il doit avoir touché, sont Z. de Castro et A. Antonio Soares (dans : Arte aristocrática). Malgré ses intérêts littéraires internationaux, ce vaillant critique, ce noble champion de l'idéal pur ne s'est encore guère occupé dans ses articles que de la littérature française et, en second lieu, de la littérature de son propre pays.

Votre public théâtral
aime les bluettes, dramatiques, les proverbes, les
intrigues en un acte. Pourriez-vous m'en
recommander quelques-uns (de votre) répertoire portugais
comédie ou non, en vers ou prose ? Je crois ne
pas errer, en disant qu'aucune pièce dramatique
portugaise n'a jamais été représentée chez nous
Si, par le sort, votre nation ne
possède pas les dons dramatiques supérieurs de
vos voisins, du moins elle doit avoir produit
quelque chose qui équivaille aux productions
dramatiques modernes de l'Allemagne, trop
exclusivement représentées dans nos scènes ?
Agréez, cher ami,
l'assurance de mes sentiments d'admiration et de reconnaissance

BIBLIOTECA NAZIONALE VENEZIA

En même temps que vous me retournerez l'Archivo dos Açores veuillez m'envoyer en prêt pour quelques jours les Historias côr de rosa de Ramalho Ortigão, ce livre étant impossible à obtenir par la librairie. Pour ma collection de prosa portugaise je voudrais bien me servir du morceau de cet éminent auteur, inséré dans vos Pimeiras [illegible], mais ce morceau a le défaut d'être une paraphrase, il est vrai des plus excellentes, d'un conte de H. C. Andersen, trop connu par notre public.

En toute hâte
Votre tout dévoué
Gösta Björkman

Uppsala, 6.10.49 - Suecia

[4 de Julho de 1993]

Upsala 6/10 93

Cher ami et confrère

En vous expédiant, il y a un mois, deux numéros de [illegible] (accompagnés d'une carte postale), j'oubliai d'y ajouter un numéro de Hermès, que je vous envoie aujourd'hui pour compléter votre collection Arthérienne.

Et tout plongé à présent dans le travail de mon mémoire sur Arthéris, me voici m'en réclamant à votre intérêt commun pour obtenir quelques renseignements que personne mieux que vous ne saurait me fournir !

1/ A-t-on fait quelque publication de librairie à propos de l'anniversaire

de la mort d'Antério ! Mr. Prestage fait allusion à quelques projets de cette sorte

2/ Rebello da Silva, Escript. portug. contemp.; Poetas lyricos da geração moderna. Pereira da Silva, da literatura portugueza, son passé et état actuel; Ernesto Wiesser, Mes voyages pela literatura portugueza; et Magalhães Lima, Estudos sobre a literatura contemporanea — Sont ils de quelque valeur pour la compréhension d'Antério ou de son temps ou de ses prédécesseurs? Et y a-t-il sur la littérature et surtout la poésie portugaise de ce siècle quelque monographie plus complète et moins particulièrement politique qu'aux modernes indiens sur la literatura portugueza par T. Braga?

3/ D'après la "Carta encyclica" (que je n'ai pas encore pu obtenir), n'est-elle pas ironique, une plaisanterie avec le pape et le public — tout au contraire de ce que Mr Theophilo, en concluant que cette pièce

"mostra a sua completa insuficiência
do que é um poder espiritual" ?
4/ Quels et de quelle nature sont les "3 folles
lois", auxquels Anthero fait allusion ; Bom
Senso pag. 6 ?
5/ Veuillez me prêter une copie du texte
d'Anthero qui conclut Uma nova Idade
ou, si vous ne le pouvez pas, veuillez
m'en citer succintement le contenu.
6/ Quand parut + le volume des "Poesias" d'A. de Novaes ?
7/ "Poemas de Mocidade", pag. 228, Castilho cite
parmi d'autres poètes Xavier de Cunha. Est-ce
le Conservateur actuel de la Bibliothèque nationale ? Et
dans ce cas, quelles sont ses données poétiques et
de quelle nature ?

Dans l'espoir d'avoir
bientôt de vos nouvelles, je vous prie

Veuillez croire à notre
de mes croire [illegible] votre admiration
dévoué et reconnaissant

Upsala, Suecia, 27/11 73

Chers amis

Voici la copie de mes les lettres Authentiques. Pour la copie que vous les désirez Aussi à fins diplomatiques, c'est à dire avec les erreurs orthographiques (p.e. portugueses) aussi, il sera bon de m'envoyer une épreuve typographique avant l'impression définitive.

Ainsi à pour avoir des la poste (cfr la lettre 5), il faut observer que, ne connaissant pas encore de libraire auquel m'adresser, j'avais osé prier l'aimable défunt de mes services d'intermédiaire.

Je regrette souvent
profondément la lenteur d'écrire qui fut
la cause de ce que je ne répondis à Anthony
qui lorsqu'il était trop tard. Ma dernière
lettre à Loë, qui ne fut acheminée
avec un bout de papier collé, disant
seulement le mot sinistre Hallo-ido.
est datée 10 jours après qu'il avait
cessé de vivre. C'est une chagrine
d'autant plus que ce ne fut pas la première
fois que cela m'arrivait. Cependant
que le défunt puisse s'en réjouir ou
non, efforçons-nous de lui ériger
chacun son monument, être personnels.

Mon mémoire est prêt
en esquisse. Mais pour sa complétation il

me reste à obtenir plusieurs renseigne-
ments et à attendre, s'il ne tardera
pas trop longtemps, votre édition
complète d'Anthero. À votre retour
à Lisbonne vous aurez trouvé (avec
1 exemplaire de 1/ A. Teixeira, Fallen Blad (= F-
lyktig trista, Revista de Portugal, N° 19), 2/ Ute
vid Hemmet N° 7, 1893 – et 3/ My Illustrerad
Tidning N° 44, 1893 [contenant ma
traduction de "Alma minha gentil"])
trois parties de ces demandes. Permettez-
moi d'y ajouter une quatrième :
1/ La réponse de Faria e Maia et (son
frère ?) Mlle J. Machado de Faria e Maia,
que sont-ils, et qu'ils et le quel nature
sont leurs services littéraires ?

2/ Quels furent les 12 signataires du prospect des célèbres Conférences de Casino (jamais reparues sous aucune forme, n'est-ce pas ? Est-on donc tellement obscurantiste chez vous, ou est-ce qu'il manqua l'initiative pour une entreprise si humanitaire et si altruiste ?) ?

3/ Enfin je me permets de vous rappeler votre promesse de me signaler quelque bonne pièce dramatique en un acte, comédie ou non, en vers ou non, moderne ou non.

Croyez, cher ami,
toujours à mes sentiments dévoués

Jean Goudeau

3 février 94

Upsala 3/2 94

Cher ami

J'espère que vous avez reçu en tout ordre mon envoi d'il y a un mois contenant tout ce que vous me demandiez, lors de votre lettre du 14/12 94 (des renseignements de la faculté je vous remercie infiniment, ainsi que de la feuille prouvant cette l'existence du poète) et un exemplaire de l'Ex Ponto Albertus 1493-1500, où vous aurez trouvé quelques mots d'admiration sur votre "Miroir des moyens" (Je suppose que notre ami Camoëzens vous aura communiqué le jugement enthousiaste sur le même poème qu'il a lu dans la Tavola rotonda). En outre je me suis

permis d'adresser à vous un numéro de Cette où Flemma, destiné à votre camarade de l'Académie Mr. Coelho de Carvalho, auquel vous aurez l'obligeance de le remettre lorsqu'il sera revenu de son voyage. Enfin, ce même jour, je vous ai envoyé un exemplaire de ma Traduction des endechas de Camões sur son esclave Barbara.

Dans la conviction que cela vous fera plaisir, je vous traduis ici ma traduction d'un article sur la "Nostalgie de l'éternité", ou traduction d'Anthero, paru dans la Revue Finlandaise (Finska Tidskrift, Helsingfors), revue des revues en langue suédoise, de la plus ancienne autorité :

(Le numéro de Novembre 1893, de)

" — — — Dans la bibliothèque.

Anthero de Quental : Dikter, Oversatt

Erik Björkman. Upsala 1892, Lundquistska Bokhandeln. 57 s. 4:o. 2 kr. 50 öre.

M. D. d'Almeida: Henrik Navigator, Sta-sen, Sprus. af Erik Björkman. Upsala 1892, Lundquistska Bokhandeln. 1 kr.

Gustaf Fröding: Skogsrået. Dikter af Santiago Rusiñol, Sprus. af Erik Björkman. Upsala 1892, Lundquistska Bokhandeln. 2 kr.

Avec ces trois volumes, M. Björkman a augmenté la collection de ses traductions versifiées si intéressantes de poètes contemporains d'au delà des Pyrénées. Au public suédois une occasion y est offerte de faire la connaissance de plusieurs poètes éminents, les productions desquels par une main habile ont été revêtues d'habit suédois. Et sans doute ces épreuves de la poésie espagnole et portugaise, si peu connue chez nous, éveilleront l'étonnement de beaucoup de monde sur les

trésors lyriques qu'elle contient.

La première place parmi ces volumes derniers est due aux poésies de du Fontal, et quant à la forme artistiquement ornée de la traduction, et quant à la profondeur du contenu. Le plus grand nombre de ces poésies ont la forme du sonnet (de 40 poésies 37 sont des sonnets), la forme principale de la lyrique de la réflexion. Et dans cette forme, un peu roide pour notre langue, le traducteur a si excellemment enfermé la pensée du poète, et il a si bien appliqué tous les ~~[illegible]~~ décors métriques qui s'offrent dans ce cas — comme les choriambes, la variation de rimes mâles et féminines et la diversité dans le placement de la rime, que le lecteur supporte sans aucune difficulté

remarquable la monotonie des vers pentapodes. — Dans le poème d'introduction, un chant de mort sur le décès d'Anthero de Quental, écrit par un autre poète portugais, J. de Araujo, Mme Djakonnikoff a réussi à faire sentir une disposition d'âme, imprégnée de tristesse, une mysticité grandiose qui donne à ce chant funèbre le caractère d'un nocturne magnifique, présentant digne de cet édifice solennel et [illegible].

Mais bientôt donner la forme définitive à ma mémoire sur Anthero, je me demande avec impatience, s'il me faudra me passer des ressources que j'aurais pu trouver,

et dans votre édition complète des oeuvres d'Anthero, et dans le volume de collaboration dont vous me parlez. Quand paraîtront ils et l'une et l'autre ?

Croyez-moi toujours
votre ami sincère et votre admirateur dévoué

Stéphane Mallarmé

Dr Göran Björkman
Upsala Suède 13/94

Mon cher ami

Enfin je peux dédier quelques heures à ma correspondance. Permettez-moi donc d'abord de vous remercier de cœur et d'âme de vos lettres du 25/3 et du 18/4 94, ainsi que de votre poème "Cantoez".

Y répondant, je vous dirai que rien ne saurait être plus cher ni plus flatteur que de voir ma monographie sur Anthero traduite dans la langue de ses compatriotes, et encore traduite par un de ses amis les plus fervents. Maintenant que vous devez l'avoir reçue, vous aurez un peu pu juger par son extérieur, si elle est de nature de ne pas vous faire perdre l'envie d'réécrire votre projet.

Par cause de son caractère de mémoire académique elle vous semblera peut-être trop scientifiquement sobre et dénuée de détails et d'allusions pittoresques. Voici cependant ce

qui m'en écrit (en allemand) notre ami W. Storck :

"— Je vous remercie de la confiance glorieuse que vous m'avez prouvée par la communication manuscrite de votre œuvre méritoire, ainsi que de la haute jouissance que sa lecture (deux fois faite) m'a procurée. Quant à la peinture supérieurement réussie, je n'y trois rien à remarquer, ni je ne regrette aucun trait qui me soit connu. Vous avez non seulement donné un portrait, vous avez représenté le poète du point de vue d'éducation, de milieu, d'influence et de valeur. Le plan et l'exécution ne laissent, selon moi, rien à désirer. Votre portrait du poète est un digne monument, duquel les amis du défunt

BIBLIOTECA NACIONAL

~~[illegible] dans [illegible]~~ Malheureusement il n'y a en tout cas qu'un petit nombre de portugais qui entendent la suédois ... —

Malgré ce jugement si favorable je regrette moi-même dans mon mémoire ~~[illegible]~~ un compte-rendu

1/ des œuvres en prose (lettres et articles de journaux etc.) d'Antheros qui ne sont pas encore recueillies, ce compte-rendu étant impossible à donner avant la publication de votre édition définitive de l'œuvre d'Antheros ; et

2/ des côtés historiques et politiques d'Antheros, ces côtés

n'étant qu'intelligibles dans mon mémoire, vu que mon
érudition philosophique n'est pas assez profonde pour
que j'osasse proférer publiquement mon opinion dans
ces matières, et que d'autre part on risque de tomber
dans des conjectures et des hypothèses sans valeur, si
l'on entreprend de juger de la situation politique contem-
poraine d'un pays quelconque sans avoir controlé avec ses

propres yeux les allégations de brochures, articles journaux partiels.
Ce que j'ai voulu donner, c'est une analyse des idées géné-
rales de la poésie d'Antero, précédée d'une exposition des
traits positifs de sa biographie. L'histoire de l'évolution
intime de son individualité ne saurait être écrite que
par un témoin de la vie du poète — tâche qui même
dans cette condition ne cesse d'être bien difficile (je vous
rappelle p. ex. les observations que le poète lui-même a fait
au sujet de la caractérisation qu'Oliveira Martins a jointe
à son édition des sonnets). Pour cela cette tâche ne saurait
être mieux exécutée que par la collaboration des divers
amis du poète.

Voilà que ce soit, il m'est cher de
croire que personne ne pourra contester la piété avec laquelle
j'ai traité mon noble sujet. Que mon mémoire contribue
donc un peu à la survivance d'un nom des plus remarquables
de notre époque. —

... C'est avec le plus vif intérêt que j'attends
votre nouveau volume; on y sentira sans doute souvent le souffle de votre maître
début.

Mr Sousa Fernandes, pourquoi a-t-il cessé d'être
le Directeur de Nova Alvorada? Qu'est-il devenu? Il avait promis de me dire les
adresses de mes Coelho de Carvalho, Alberto Lacerda Pereira, Luiz Osório et Xavier
de Lacerda (disparus, seulement le premier est mentionné à l'Académie Royale des
Sciences, n'est-ce pas?), mais je n'ai pas reçu de nouvelles. Voyez-vous
la bonté de me prendre ce service. — Quoiqu'il Nova qu'il a cessé de
paraître? — J'ai adressé aux éditeurs d'ici le complément
de mon premier portugais contemporain, destiné à notre Dict. de Carvalho Martins

Maintenant je vous serre la main bien cordialement

Dr Göran Björkman
Norrtälje, Suède
23/10 94

Cher ami

Je vous remercie infiniment de votre envoi aimable et précieux d'il y a quelques jours et surtout de l'honneur public que vous me faites, en me dédiant une des meilleures pièces de votre récent recueil de poésies. Comme une pauvre preuve de ma reconnaissance je joins la traduction de votre songe si étrange et si beau "Ao mar".[x] Dans 2 ou 3 mois elle sera publiée dans la revue "Ute på Hemmet" pour paraître après dans le second volume que je prépare de mon Parnasse portugais contemporain (= Ao Portugal Imortal diletto)

À propos de ce livre, croyez-vous que l'Académie

[x] Mme la Comtesse, est-elle comtesse?

Royale des Sciences de Lisbonne attachemiste quelques volumes à la possession des autres volumes où j'ai traité votre littérature ; si je les lui offrirais dans la même forme que le "The Portuguese Institute" dédicaté, que vous eûtes la prévenance de remettre de ma part à cette savante corporation ?

Par votre remarque sur mon long silence, il est évident que vous n'avez pas reçu ni ma lettre du 13/6 ni ma carte de félicitation pour votre jour natal ni peut-être non plus votre exemplaire de ma monographie ostréienne. S'il en est ainsi, veuillez m'en informer, afin que je puisse réparer du moins cet dernier malheur.

Je vous félicite sur votre bonne fortune d'obtenir

une charge près de la grande route qui suit le commerce entre deux civilisations si parentes entre elles et avec la vôtre, comme le sont les civilisations française et italienne.
Je suis sûr que ce nouvel entourage fécondera merveilleusement un esprit si impressionnable et si délicat comme le vôtre.
Mais avant votre départ j'espère avoir le plaisir de recevoir de vos nouvelles.
En attendant, je vous prie de me croire toujours

Votre ami dévoué et obligé

Dr Göran Björkman
Norrtälje, Svezia, 6/7 91

Mon cher ami

Grand merci pour la traduction sueduoise de votre "Camões" et, plus encore, pour votre charmante "Musa", dont la possession est très-chère à mon coeur de bibliophile.

J'espère qu'à votre tour, vous avez reçu le numéro de "Svea" qui contient votre poésie "För evigt?" = "Minha irmã"!

Tout en sachant que Hagberg † et Munthe ont étudié votre langue, je ne connais pas de travaux de leur main sur les choses portugaises.

Cependant, je vous dirai la place actuelle du Dr Munthe : il est directeur de l'Institut du Commerce de Schartau, Stockholm.

Agréez enfin l'expression de ma vive reconnaissance de l'honneur que vous m'avez fait, en transmettant, pendant votre absence de Lisbonne, dans les mains du grand Theophilo le soin de poser ma candidature dans l'Académie — ce que j'apprends par une aimable lettre de ce héros de l'intelligence portugaise.

Toujours votre

Marcel Boisson

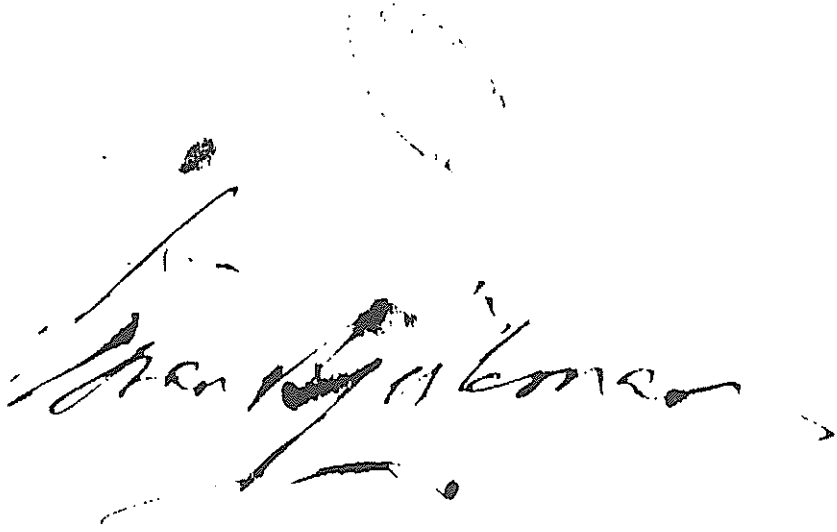
M. Gustave Lanson
Villa Montebello, Versailles, 27/3/15

Mon cher maître

Je vous écris tout de suite, afin de corriger une malentendu regrettable. Ce fut en écrivant ma dissertation sur Anthero que j'avais besoin d'obtenir en prêt pour quelque semaine les oeuvres pas encore recueillies du grand défunt. Maintenant, cette dissertation étant dès longtemps imprimée, je veux la garder. Je prendrai connaissance [illegible], [illegible] les [illegible] seront parues dans l'édition complète des écrits d'Anthero que vous préparez. Je vous prie donc de contremander

l'ordre que vous avez donné à
votre bouquiniste et je vous
demande bien pardon du trop
peu de clarté avec lequel j'aurai
exprimé mes désirs à cet égard.
Dans quelques semaines je compte pouvoir
vous envoyer le second volume
de mon livre "Le Portugal, souvenirs
littéraires", lequel sont déjà
imprimées les deux premières
feuilles, commençant par la,
"Deux Flores de moïte" dont
vous aurez reçu la traduction
manuscrite.
Jusque là je vous prie
me croire [illegible]

d'ici, avec mille vœux
pour votre santé
l'assurance de mes sentiments
d'amitié et de reconnaissance



21

8 maio 95

Dr Göran Björkman

Norrtelje, Suèzia, 8/5 95

Monsieur et très-cher ami.

Je ne saurais assez apprécier, vous le comprenez facilement, toute sorte de liens qui me puissent servir de rapprochement vers les centres de la vie intellectuelle d'un pays dont la littérature m'est devenue si chère et dont les fils m'ont prouvé tant d'estime et d'amitié. Votre propos amical, dans votre lettre du 20 mars (de laquelle je vous remercie infiniment ainsi que des trois cartes postales qui l'ont suivie), de poser ma candidature comme membre correspondant de l'Académie Royale des Sciences de Lisbonne, me fait donc un grand plaisir, et, à cette fin, je m'empresse de vous envoyer par cette même poste 4 volumes, tous reliés et tous traitant votre littérature,

qui manquent dans la Bibliothèque de l'Académie Royale des Sciences et que vous, mon ami, aurez donc la grande bonté de présenter de ma part, comme les volumes antérieurs, à cette savante corporation, dont vous êtes un des membres les plus aimables en même temps qu'illustres.

Si, oui, par votre intermédiaire compatriote, j'aurai l'honneur d'être admis dans cette corporation, dites-moi, je vous prie, si j'y trouverai quelque compatriote avant moi ? Les rapports littéraires entre nos deux pays ont toujours été des plus faibles. Mes devanciers, à cet égard, ne sont que je sache que trois : Lovén (†), Leström (†) et Vising, d'entre lesquels seulement l'activité du premier est de quelque importance.

S.M. la Reine de Roumanie sait-elle donc la langue suédoise ? Rien de plus flatteur pour moi que de me savoir lu par cette auguste Reine-Poète !

Dans ce cas, dites-moi l'adresse de votre amie, et je n'omettrai pas de lui envoyer mon dernier volume, surtout comme il contient une petite arrière-moisson de poésies de notre Authero à la légion sacrée des admirateurs duquel vous dites que J. M. s'est aussi associée — ce qui du reste était tout naturel, vu le caractère de ses propres poésies.

À propos de Authero et afin que vous puissiez avoir quelque idée de ma monografie sur lui, je joins un article, paru dans Finsk Tidskrift, Helsingfors. Un autre article sur la même monografie, signé par le Dr Vising, Gothemburg, cité plus haut, se lit dans Literatur Blatt für Germanische und Romanische Philologie, N° 10, 1894.

Enfin je remédie une négligeance : de ne pas vous avoir présenté les remerciements de Mr A. Richter de son exemplaire de Zara. – ce duquel il m'avait chargé, il y a longtemps.

Permettez-moi, Monsieur et très-cher ami, de vous serrer la main bien cordialement

Bernard Shaw

Novotelje 5/9 95

Mon cher ami

Désirant entrer en relations avec tous les auteurs lusitans ou lusophiles actuels, mon ami de Patmyat et les chargés portugaises, Mr. Louis-Pélatel de Brina d'Saubast (voyez Gulmarães) Rue Mogador 2, Trouville-sur-mer, France, me prie de le mettre en rapport avec vous. Il a été enchanté par les trésors lyriques qu'il a découverts là-bas. Il s'est proposé de faire dans la presse de son pays une propagande efficace pour la littérature portugaise, et dans cette campagne il veut se savoir secondé par les conseils et les sympathies des auteurs eux-mêmes ainsi que des autres lusophiles.

Il est un reste un lettré polyglotte, encore plein de la sève de la jeunesse. Son oeuvre principale jusqu'à présent est une grande monographie sur la Trilogie du Nibelungenring de R. Wagner. Et bien, envoyez-lui vos oeuvres, et il vous parlera, bientôt, il a déjà bien des vers de vous — "Eighteenth Century" ne compte que cinquante exemplaires.

Votre très dévoué

Gonçalves

Doktor Göran Björkman
Nybergsgränd 2
Stockholm

14/11 99

Mon cher ami et confrère

Je suis en train d'imprimer un nouveau recueil de traductions poétiques portugaises (où votre nom ne manquera pas, ni non plus celui de Garrett et d'autres) et je veut l'orner d'une reproduction du seul portrait authentique de Camões, celui qui a été publié par Severim de Faria. Or, pour mon étonnement notre ami Mr. Xavier da Cunha me fait savoir qu'il n'en existe aucune re-

Doktor Göran Björkman
Nybergsgränd 2
Stockholm

production photographique, mais que la seule reproduction qu'il connaisse

est celle qui se trouve dans votre Circulo Camoniano, et il croit que vous pourrez me prêter le cliché de cette reproduction. Je me permets donc de vous adresser cette demande ou, dans le cas où il se présenterait quelque obstacle pour son accomplissement, une autre demande, celle d'obtenir en prêt pour quelques jours un exemplaire de votre Circulo Camoniano lui-même, afin de faire faire un nouveau cliché d'après votre reproduction.

Cependant, par motif de la réponse inattendue de mr. de Cantha, il est plus urgent que jamais d'obtenir votre secours le plus tôt possible, vu que je veux publier mon livre avant le Noël.

Soyez assuré que c'est seulement

en comptant sur votre zèle patri-
tique et vos sentiments confrater-
nels, tant de fois prouvés, qu'il me
permets de vous incommoder ainsi,
et croyez-moi, Monsieur,
votre ami dévoué et obligé

Doktor Göran Björkman
Nybergsgränd 2
Stockholm

15/12 99

Cher Monsieur et Ami

Agréez mes meilleurs remerciments de votre empressement si obligeant d'aller au devant de ma demande, avec laquelle j'étais venu vous déranger. Maintenant vous aurez reçu, n'est-ce pas, et le précieux livre que vous m'avez prêté, et mon nouveau recueil de "Echos do Parnaso Portuguez"?

Dans celui-ci j'ai inséré, selon votre désir, ma feuille sur le Centenaire de Garrett, et je suis bien flatté de l'honneur que vous me destinez, en me réservant une place dans la médaille de Garrett, à côté des autres lusophiles.

Mille fois merci de cette nouvelle

prenant de sentiments amicaux,
ainsi que de vos voeux cordiaux,
à l'occasion de mon mariage.

Enfin deux demandes encore !
1) Signalez-moi quelques traductions
en espagnol (par Bénoliel ou quelques
autres) de poésies de João de Deus ; et
2) Dites-moi l'adresse actuelle
de notre excellent ami Manoel Duarte
d'Almeida ?

En vous envoyant mes sincères salutations de Noël il m'est cher de me répéter, en me disant
votre ami dévoué et obligé

Manoel Gómes

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE

Doktor Göran Björkman
Nybergsgatan 2
Stockholm

4

Consulado Geral de Portugal em Stockholmo le 19 Juillet 1901.

Mon cher Ami

Agréez mes meilleures félicitations à l'occasion de l'anniversaire de votre naissance. Que la nouvelle année apporte à vos admirateurs la réalisation d'un cher espoir, celui de pouvoir enfin lire votre Romanceiro — ce qui vaudra, sans doute la même chose que tresser de nouvelles branches dans votre couronne de laurier.

Or, à propos de nouveautés littéraires et dans l'intérêt de l'Institut Nobel, dont je suis un des employés experts, ayant à ma charge spécialement la littérature en langue portugaise, je me permets de vous demander quelques informations:

1/ Pour faciliter ma tâche de me tenir au courant du mouvement littéraire des nations portugaises, on veut s'abonner à quelques revues littéraires: autant que possibles impartiales et sérieuses, c'est-à-dire ~~non~~ dans le genre des magazines de famille à l'anglaise ~~ni~~ dans celui des organes batailleurs de certains cénacles. Malheureusement, après la disparition de la vaillante "Revista de Portugal" je n'en connais aucune. Tandis qu'en Italie on en a tant: "Nuova Antologia" p. ex. et l'excellent hebdomadaire de "Fanfulla della Domenica". "Brasil-Portugal" et "Revista Moderna" ne paraissent guère être dans les conditions demandées. Et "Ave Azul" ni n'est pas connu, ni non plus "Revista d'Ora". Veuillez donc, mon cher ami, me signaler quelque chose qui puisse satisfaire l'intérêt plus haut indiqué. Il ne sera pourtant pas nécessaire de s'adresser à Espagne ("Nuestro Crítica" de Rafael Altamira p. ex.) pour ce but?

2/ Faute d'une revue et, par conséquent, d'une connaissance suivie et complète de notre mouve-

vement littéraire, pour le présent, j'aurai évidemment des difficultés à élaborer là-dessus le compte-rendu qu'on me demande concernant les deux dernières années. Je vous serais donc très-obligé, si vous voudriez bien vous donner la peine de dresser de mémoire une liste d'une douzaine ou vingtaine d'ouvrages dans le sens de l'idéalisme (poésie, roman, théâtre) parmis ceux des dernières années et de nature de nous donner une idée de la vie littéraire actuelle en Portugal et Brésil.

Ce n'est pas seulement ma propre conscience, mais aussi l'autorité de l'Institut Nobel qui m'oblige à un travail aussi juste que possible, et je sais que dans ces choses je peut compter autant sur votre patriotisme que sur votre intérêt spécial. Voilà pourquoi je me permets de vous incommoder sans me faire trop de scrupules.

Croyez-moi, mon cher Ami,

Toujours votre très dévoué

Oviedo
7 Febrero 1909

Mi querido amigo Araujo: Después de tanto tiempo de no saber de V., he tenido una grandísima alegría al recibir sus Visões do Quixote. Mil gracias y enhorabuena por su nueva obra.

¿Ya que le veo dedicado como antes á sus labores literarias, voy á proponerle una cosa. Varios amigos Menéndez Pidal, Pérez etc. - publicamos ahora una revista grande, titulada Cultura española, que tiene sección especial de Literatura. ¿Querría V. colaborar en ella? Farinelli ya lo hace, y con él otros muchos escritores. Usted podría encargarse de la parte portuguesa, informando á nuestros lectores del movimiento literario de

de país de V.

Si acepta, le pondré en comunicación con el Director de la Sección Literaria, Sr. Pareí.

Un abrazo de su viejo amigo

R. Altamira

Oviedo
7 Mayo 1909

Acabo de llegar aquí. Perdone V. mi tardanza en contestarle, pero estoy en preparativos de un próximo largo viaje á América y dispongo de poquísimo tiempo.

Recibí y agradecí mucho la cita enviada. La medalla se la remito á V. por conducto diplomático. Así es más seguro que la reciba.

No encuentro aquí La Ilustración. En la Universidad no se recibe. Creo que la tienen en el Casino, del que no soy socio. Procuraré sin embargo verla aunque sea por segunda mano.

Creo que ya estarán Vds. en comunicación, el Sr. Pereí y V.

Salgo para Buenos Aires dentro

de tal mes. Aún escribiré a.
Vd. antes de esto.

Le abraza su buen amigo

J. Altamira

NOTAS

1 Cf. **Actas do Colóquio Victor Hugo e Portugal**, org. de Ferreira de Brito, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1987, p. 511.
2 **Idem**, p. 514.
3 **A Revista**, ano I, n.º 11, 15 de Maio de 1904.
4 BRITO, Ferreira de - **Germano Meireles - Da Geração Coimbrã à Geração de 70**, Porto, Associação de Jornalistas e de Homens de Letras, 1983.
5 FERRÃO, António - **In Memoriam do Doutor Teófilo Braga 1843-1924**, Lisboa, Imprensa Nacional, 1934, pp. 65-124.
6 Cf. BESSA, Alberto - **Jornaes da Minha Terra. Subsídios para uma Bibliografia do Jornalismo Portuense** in "O Tripeiro", 3.ª série, n. 38, 15 de Julho de 1927, p. 210.
7 LANÇA, A. - **"A Harpa" - Recordações da Mocidade,** in "O Tripeiro", 2.ª série, n.6, Porto, 1919, p. 119.
8 FERRÃO, António - **In Memoriam do Doutor Teófilo Braga, op. cit.,** p. 68.
9 **Idem,** p. 69.
10 **Idem.**
11 **Idem,** p. 85.
12 SANTOS, Delfim - "O Positivismo", in **Dicionário de Literatura Portuguesa, Brasileira, Galega e Estilística Literária** organizado por Jacinto do Prado Coelho, tomo II, 1969, pp. 863-864.
13 **O Positivismo**, Porto, IV vol., 1880-1881, p. 234.
14 **In Memoriam do Doutor Teófilo Braga, op. cit.,** p.75.
15 **Idem,** pp. 67 e 85.
16 **Idem.**
17 **Idem,** p. 77.
18 **Idem,** p. 85.
19 ARAÚJO, Joaquim de - **Sobre o Túmulo de Camilo,**

Palavras pronunciadas nos funerais do eminente escritor, Lisboa, Imprensa Nacional, 1890.

20 Citado por António Ferrão, **In Memoriam do Doutor Teófilo Braga, op. cit.,** p. 84.

21 Cf. contracapa do fascículo X.

22 **In Memoriam do Doutor Teófilo Braga, op. cit.**

23 **A Renascença**, I fasc., pp. 5-8.

24 **Idem**, p. 8.

25 **A Renascença**, pp. 1-2.

26 **Idem,** p. 2.

27 **Idem,** p. 2.

28 Carta a Teófilo Braga, in **Quarenta anos de vida literária -1860-1900,** Lisboa, 1902, p. 71.

29 **A Renascença, op. cit.**, fasc. X, p. 180.

30 Cf. BRITO, Ferreira de - **Antero e Germano - Divergência e Convergência**, in "Colóquio / Letras", Lisboa, números 123/124, Janeiro-Junho, 1992, pp. 346.

31 Cf. BRITO, Ferreira de - "António Cândido e os Vencidos da Vida", in **Entremuros**, Amarante, 1990, p.67. Há separata deste estudo.

32 Cf. LIMA, Maria Isabel da Silva Pires de - **As máscaras do desengano - Para uma abordagem sociológica de «Os Maias» de Eça de Queirós**, Lisboa, Caminho, 1987.

33 **A Renascença, op. cit.**, fasc. I, p. 20.

34 **Idem, ibidem.**

35 **Idem, ibidem.**

36 **Idem, ibidem.**

37 **Idem,** p. 62.

38 **Idem, ibidem.**

39 **Idem,** p. 103.

40 BRITO, Ferreira de - **A Renascença e a Escola do Porto**, separata do Boletim Municipal de Cultura de Penafiel, 1982; "A Escola do Porto e Victor Hugo (O Grupo de *A Grinalda)*", in **Actas do Colóquio Victor Hugo e Portugal**,

Faculdade de Letras do Porto, 1987, pp. 91-120. Há separata.

41 **Germano Meireles - Da Geração coimbrã à Geração de 70, op. cit.,** p. 98.

42 Cf. **A Renascença**, pp. 27-28, 29-30, respectivamente para Oliveira Martins e Horácio Ferrari. Os textos em causa têm respectivamente as datas de 1877 e 1878. A carta em que Oliveira Martins ataca Horácio Ferrari encontra-se publicada em **Portucale**, vol. XIV, 1941, p. 188.

43 Cf. "A Escola do Porto e Victor Hugo (O Grupo de *A Grinalda"),* **op. cit.,** pp. 91-110.

44 QUEIRÓS, Eça de - "Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais páginas esquecidas", in **Obras de Eça de Queirós**, Porto, Lello & Irmãos, 1979, vol. III, p. 913.

45 ARAÚJO, Joaquim de - **A Renascença**, p. 158.

46 **Idem,** p. 112.

47 **Idem,** p. 70.

48 **Diário Nacional**, n.º 2, 1893, p. 6.

49 **Círculo Camoniano**, n.º 7, 1889.

50 **Idem,** pp. 245-247.

51 **O Conimbricense**, 14 de Setembro de 1889, p. 3.

52 Cf. **A Revista Portuguesa**, pp. 133-134.

53 Cf. "Carta a Xavier de Carvalho", **idem,** pp. 129-130.

54 Cf. BRITO, A. Ferreira de - "La génération des écrivains portugais de 1870", in **La Licorne**, Faculté des Lettres de l'Université de Poitiers, 1984/8, pp. 77-100. Há separata.

55 **A Aurora do Cávado**, n. 47, 5 de Janeiro de 1901, p. 87.

56 **Nova Alvorada,** n.º 6, Outubro, 1891.

57 **Idem**, n.º 7,1891, p. 79.

58 **Idem,** p. 80.

59 Cf. BRITO, António Ferreira de - «Da Anterolatria no "In Memoriam" de 1891», in **Antero de Quental e o Destino de uma Geração**, Porto, Asa, 1993, pp. 53-64.

60 **Nova Alvorada**, n.º 7, p.79.

61 **Idem,** n.º 9, 1892, p. 96.

62 **Idem**, n.7, pp. 64-65.
63 Cf. «Agora e na hora da morte de Antero - autópsia de um suicídio», in **Congresso Anteriano Internacional - Actas**, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1993, p. 219.
64 **Nova Alvorada**, n. 12, 1 de Março, 1894, p.95.
65 **Idem**, p. 99.
66 **Idem**.
67 **A Revista Portuguesa**, n. 4, Março, 1895, p. 143.
68 **Idem**, pp. 148-149.
69 Cf. "Nota da Redacção", **A Revista Portuguesa**, n.° 4, p. 153.
70 **Nova Alvorada,** 1898, p. 1.
71 **Idem**, p. 95.
72 **Idem**, p. 96.
73 **Idem**., p. 99.
74 **Idem**, p. 102.
75 **Idem**., **ibidem.**
76 **Idem**, **ibidem.**
77 **Idem,** pp. 103-104.
78 **Idem,** p. 106.
79 **Idem**, n.os 10, 11 e 12, 1899, p. 174.
80 **Idem,** p. 175.
81 **Idem**, p. 176.
82 **Idem**, **ibidem.**
83 **Idem, ibidem.**
84 **Idem**, p. 177.
85 **Idem**, **ibidem.**
86 **Idem, ibidem.**
87 **Idem, ibidem**..
88 **Idem, ibidem.**
89 **Idem, ibidem.**
90 **Idem**, n.° 3, VIII ano, p. 117.

91 **Idem,** cf. "No Centenário de Michelet»»", n.ºs 6 e 7, Outubro/Novembro, 1898, p. 143. Cf. também o nosso pequeno estudo **Michelet e Portugal**, Porto, ed. do autor, 1983. Cf. ainda **Michelet e Portugal** in «Nova Alvorada», n. 1, IX ano, 1900, em que é publicada também uma carta de Gomes Leal, datada de 15 de Janeiro de 1899, na qual o poeta afirma que estava a escrever um livro, **Fim do Mundo**, e que, por essa razão, não pôde colaborar no número especial da **Nova Alvorada,** embora considerasse Michelet como «o primeiro poeta deste século, pela sua profundidade de vistas, o seu humanismo., o seu estilo, que tão bem reflectia a sua alma divina.».

92 **Idem.**

93 Cf. n.ºs 6 / 7,1898, p. 150. Os sonetos estão datados de Verona e Araújo fez com eles um opúsculo publicado em Famalicão no mesmo ano, com variantes de pormenor.

94 Cf. **Actas do Colóquio Victor Hugo e Portugal, op. cit.**, sobretudo os textos referentes às suas exéquias, em prosa e em verso.

95 COUTINHO, Xavier - **Um Ilustre Penafidelense, Joaquim de Araújo, Jornalista, Poeta, Camonianista e Erudito,** Edição da Câmara Municipal de Penafiel, 1982.

96 CUNHA, Xavier da – **Luís de Camões**, com traduções francesas e castelhanas de José Bénoliel, prefaciadas por Xavier da Cunha, Lisboa, Imprensa Nacional, 1898, p.17.

97 ARAÚJO, Joaquim de – **Luís de Camões - Poemeto,** com uma carta de Eça de Queirós, Porto, Inprensa Portuguesa, 1887, p. IX. A carta está datada de Bristol aos 15 de Junho do mesmo ano e constitui uma verdadeira pérola na vastíssima correspondência queirosiana.

98 **Idem**, p. IX-XI.

99 **Luís de Camões - Poemeto, op. cit.,** p.3.

100 ARAÚJO, Joaquim de – **A Estátua do Poeta. Ode Nacional, segunda edição, com uma carta de J. Dias Ferreira**, Porto, tip. da Casa Editora Alcino Aranha, 1891.

Foi feita uma tradução em provençal desta Ode.

101 QUENTAL, Antero de - **Carta a Maxime Formont**, in "A Revista", 1904, pp. 195-196.

102 **A Estátua do Poeta, op. cit.**

103 Cf. **Um Ilustre Penafidelense - Joaquim de Araújo, op. cit.,** p. 83.

104 **Idem,** p. 51.

105 Citado por Hernâni Cidade in **Dicionário de Literatura** organizado por Jacinto do Prado Coelho, tomo I, cf. "Camões".

106 **Nova Alvorada**, nºs. 10, 11 e 12, 1899, p. 177.

107 **Idem, ibidem.**

108 **A Renascença, op. cit.,** n.º 1, p. 2

109 **Nova Alvorada,** p. 174.

110 **Idem, ibidem.**

111 **Idem, ibidem.**

112 **Idem, ibidem.**

113 FARIA, António de Portugal de - **A Trasladação de Garrett - Bibliografia Geral das publicações feitas**, Paris, Imprensa Paul Dupont, 1903.

114 **Idem,** p. 39.

115 CARVALHO, Xavier de - **A Trasladação de Garrett.**

116 VELOSO, Rodrigo, **Aurora do Cávado,** Lisboa, 5 de Abril,

117 **Idem,** n.º 24, 20 de Janeiro de 1900.

118 **Idem,** n.º 10, 20 de Junho, 1899.

119 **Idem,** n.º 60, 20 de Julho de 1901.

120 **Idem,** 20 de Setembro, 1899, pp. 127-128.

121 **In Memoriam do Doutor Teófilo Braga, op. cit.,** p. 72. O sublinhado é nosso.

122 **Idem, ibidem.**

123 **Idem,** p. 73.

124 Cf. pp. 19-20.

125 Cf. BRITO, Ferreira de - **Cantigas de Escárnio e Maldizer do Marquês de Pombal ou a crónica rimada da**

Viradeira, Porto, Associação de Jornalistas e Homens de Letras, 1990.

126 Cf. **Nova Alvorada**, nº 3, 1893, p. 17.

127 **Idem, ibidem.**

128 Cf. **Um Ilustre Penafidelense - Joaquim de Araújo, op. cit.,** pp. 18-19.

129 MOUTINHO, Viale J.,- **Correspondência de Joaquim de Araújo com Camilo Castelo Branco e Ana Plácido**, Penafiel, 1981.

130 **Nova Alvorada**, n. 4, 1 de Junho, 1893.

131 **Idem**, nº 8, Novembro, 1895, 9. 63.

132 **Nova Alvorada**, n. 5, 1 de Agosto, 1893.

133 ARAÚJO, Joaquim de - **Julio Dinis, Lettera al Signor Vittorio Baroncelli per accompagnare la traduzione dei «Pupilie del Signor Curato»**, Bergamo, Istituto Italiano d' Arti Graphice, 1896.

134 Lisboa, Imprensa Nacional, 1890.

135 **Idem,** pp. 7-8

136 **Idem,** p. 9.

137 **Idem,** p. 11.

138 **Idem,** p.12.

139 ARAÚJO, Gioachino de - **Sulla Tomba di Camilio Castelo Branco - Parole pronunciate nei funerali del grande scrittore portoghese, tradote da Vittorio Baronceili**, Padova, tip. all'Università dei fratelli Gaílina, 1896.

140 Cf. nº 8, 15 de Fevereiro, 1904.

141 **O Conimbricense**, nº. 4901, de 4/8/1894, p. 2.

142 **A Renascença,** n.º 1, 1878, p.5. Cf. especialmente a nota 1.

143 **A Harpa**, I.ª série, p. 152.

144 **A Renascença**, vol. I, p. 2.

145 **Idem,** p. 70. O poema traz a data de 1878.

146 BRITO, Ferreira de - **Correspondência inédita entre**

João de Deus e Joaquim de Araújo, separata da revista **Confluência**, Penafiel, 1984.

147 DEUS, João de - **Prosas coordenadas por Teófilo Braga,** Lisboa, Antiga Casa Bertrand, 1898.

148 ARAÚJO, Joaquim de - **A Medalha A João de Deus - Relatório e Contas**, Porto, Imprensa Portuguesa, 1893.

149 Cf. **Correspondência inédita entre João de Deus e Joaquim de Araújo, op. cit.,** pp.13-14.

150 **Idem,** pp. 80-81, sobretudo a nota de rodapé.

151 **In Memoriam de Antero de Quental, op. cit.,** em «apêndice».

152 **Nova Alvorada**, n.º 7, 1896.

153 ARAÚJO, Joaquim de - **Primeiras Leituras**, Porto, Livraria Chardron, 1891.

154 **Nova Alvorada, op. cit.,** 1 de Dezembro de 1891.

155 **O Século,** 12 de Janeiro de 1891.

156 **Campo de Flores,** 1.ª edição, p. XIV.

157 ARAÚJO, Joaquim de - **A João de Deus**, Hayward, Califórnia, editor Meneses, 2.ª edição. Cf. "Carta" de Nuñez de Arce.

158 **Idem,** pp. 9-14.

159 **Conimbricense,** n.º 5051, de 22 / 2 / 1896, p. 3. O sublinhado é nosso.

160 **In Memoriam do Doutor Teófilo Braga, op. cit.,** p. 77.

161 **A Renascença, op. cit.,** p. 115. O poema traz a data de 1871, contava Teófilo 28 anos, e, ao que julgamos, teria sido publicado sem a sua autorização prévia.

162 **In Memoriam do Doutor Teófilo Braga, op. cit.,** p. 87.

163 **Idem,** p. 86.

164 **A Renascença, op. cit.,** pp. 67-68.

165 **In Memoriam do Doutor Teófilo Braga, op. cit.,** p. 100.

166 **A Renascença, op. cit.,** p. 75. O sublinhado é nosso.

167 Cf. **In Memoriam do Doutor Teófilo Braga, op. cit.,** p. 98.

168 **Idem, ibidem.**

169 **Idem,** p. 92.
170 **Idem,** p. 91.
171 **Idem, ibidem.**
172 **Idem,** p. 92.
173 **Idem,** p. 101.
174 **Idem,** p. 105.
175 **Idem,** p. 106.
176 **Ramalhete, op. cit.**
177 **Idem, op. cit.**
178 **Idem,** p. 13.
179 **Idem, ibidem.**
180 **Idem,** p. 51.
181 **Idem,** p. VIII.
182 **Idem,** p. 57.
183 **In Memoriam do Doutor Teófilo Braga, op. cit.,** p. 109.
184 ARAÚJO, Joaquim de - **Flores da Noite**, Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1894, p.39.
185 **In Memoriam do Doutor Teófilo Braga, op. cit.,** p. 109.
186 **In Memoriam de Antero de Quental, op. cit.,** p.XCVI.
187 **Idem, «Cartas de Antero de Quental»,** p. 1
188 **Idem,** p. II.
189 **Idem,** pp. XVII-XVIII.
190 **Idem,** p. XVIII.
191 **Idem,** pp. XIX-XX. O sublinhado é nosso.
192 **A Revista Portuguesa, op. cit.,** pp.73-77.
193 **Idem,** pp. 109-110.
194 CARREIRO, José Bruno - **Antero de Quental - Subsídios para a sua biografia,** Braga, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1981, vol. II, 2ª. edição, pp. 119-120.
195 **Teatro y Traducción,** Barcelona, Universitat Pompeu Fabra, 1995. Cf. BRITO, A. Ferreira de - *Do **Tartuffe** de Molière ao **Tartufo** de Manuel de Sousa (1768) e ao de Castilho (1870): achegas para o conceito de tradução em Portugal nos séculos XVIII e XIX,* pp. 109-120.
196 **In Memoriam de Antero, op. cit.,** pp. LXXXX.

197 **Nova Alvorada,** n. 7, 1 de Novembro de 1891, p. 62.
198 **Idem,** nº 7 de 1891, nºs 5 e 10 de 1892.
199 ARAÚJO, Joaquim de - **Na Morte de Antero,** Porto, tipografia do Bonjardim, 1891, p.5.
200 **Idem, ibidem.**
201 PRESTAGE, Edgar - **On the Death of Antero de Quental,** Englisbed by..., Privated Printed / Joaquim de Araújo, 1893.
202 DELILLE, Maria Manuela Gouveia - **A Recepção Literária de H. Heine No Romantismo Português (De 1844 a 1871),** Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Temas Portugueses, 1984.
203 ARAÚJO, Joaquim de - **Lira Íntima,** Lisboa, Empresa Horas Românticas - Editora, 1881, pp. 149-152.
204 **Idem,** p. 151.
205 **Idem,** p.78.
206 **Idem,** p.79.
207 **Idem,** p.89.
208 **Idem,** p.34.
209 **Idem,** p. 17.
210 **Idem,** p. 18.
211 Citado por Luc DESCAUNES in **La Poésie Parnassienne, Anthologie**, Paris, Seghers, p. 9.
212 GUIMARÃES, Fernando - **Poética do Simbolismo em Portugal,** Lisboa, Imprensa Nacional, 1970.
213 **Lira Íntima, op. cit.,** p. 19.
214 QUENTAL, Antero de - **Prosas**, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1881, pp. 310-316. Cf. p. 310.
215 **Idem,** p. 323.
216 BRAGA, Teóllilo, **Lira Íntima,** Barcelos, Aurora do Cávado, 1884, p.6.
217 **Idem, ibidem.**
218 BRUNO, Sampaio - **Lira Íntima,** Braga, tip. de Bernardo Sá Pereira, 1884, p. 13.
219 **Idem,** p.14.

220 PINA, Mariano - **Lira Íntima,** Braga, Tipografia Lusitana, 1884, pp. 5-6.
221 **Idem,** p. 18.
222 MARTINS, J. P. Oliveira - **Lira Íntima,** Porto, of. Tip. de João Eduardo Alves, 1881, p. 8.
223 VIEIRA, José Augusto - **Lira Íntima por Joaquim de Araújo.**
224 SÉGUIER, Jaime de - **Lira Íntima por Joaquim de Araújo,** Coimbra, Imprensa da Universidade, 1884. O texto data de 1881.
225 MATOS, Júlio de - **O Positivismo**, Porto, IV vol. 1881., p. 235.
226 ALAS, Leopoldo - in **Porvenir,** 17 de Fevereiro de 1882, n. 42. Este artigo foi mais tarde transcrito por Araújo na **Nova Alvorada**, tendo conhecido notável difusão em Portugal.
227 **Idem.**
228 **Idem.**
229 ARAÚJO, Joaquim de - **Poetas Mortos - Consagrações,** Porto, Tipografia Ocidental, 1886, p. 7.
230 **Idem,** p. 5.
231 **Idem,** p. 19.
232 **Idem,** p. 23.
233 **Idem,** p. 27.
234 ARAÚJO, Joaquim de - **Ocidentais,** Porto, Lugan & Genelioux, 1888.
235 O **Repórter,** n. 266, 24 de Setembro, 1888, p. 2.
236 **Idem,** n.º 226, 15 de Agosto de 1888, p. 1.
237 **Idem,** n.º 275, 3 de Outubro, 1888, p. 1.
238 **Idem.**
239 **Idem,** n. 276, 4 de Outubro, 1888, p. 2.
240 **Ocidentais, op. cit.,** p. 27.
241 **Idem,** pp. 103-104. **Com uma dedicatória ao lusófilo Ferdinand Denis.**
242 ARAÚJO, Joaquim de - **Intermezzo - Imitações de**

286 **Idem**, n.º 12, 1897, p. 188.
287 **Idem, ibidem.**
288 **Idem, ibidem.**
289 **Idem, ibidem.**
290 **Nova Alvorada,** 4 de Julho de 1893, p. 32.
291 **La Tribuna,** n. 139, 1882. Citado em **Visão dos Tempos poliglota.**
292 **El País,** n. 978, 2/3/1890. Citado em Visão dos **Tempos.**
293 **Visão dos Tempos, op. cit.**, p.14. O itálico é nosso.
294 Cf. **Arquivos do Centro Cultural Português**, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1971, p. 603.
295 DENIS, Ferdinand - **Résumé de l'Histoire Littéraire du Portugal suivi du Résumé de l'Histoire du Brésil** par /.../, Paris, Leconte et Durey, Libraires, 1826, pp.V-VIII. Sobre os trabalhos do lusófilo Ferdinand Denis e as suas relações com outros lusófilos em assuntos culturais relativos a Portugal, veja-se **Nova Alvorada,** nº 6, Setembro de 1896, pp. 137-139.
296 LOISEAU, Arthur - **Histoire de la Littérature Portugaise depuis ses origines jusqu'à nos jours**, Paris, Ernest Thorin Editeur, 2.ème édition, 1887. O prefácio está datado de 1885.
297 Biblioteca Nazionale di San Marco, Veneza, manuscrito 12.240. O negro é da nossa responsabilidade.
298 NEMÉSIO, Vitorino - in **Dicionário de Literatura Portuguesa, Galega e Brasileira,** Figueirinhas, 1969, vol. I, pp. 520-521.
299 RODRIGUES, Urbano Tavares – **Idem** , pp.328-329.
300 **In Memoriam de Antero Quental, op. cit.** , p.LXVII.
301 **Nova Alvorada**, n.º 4, Julho de 1893, p.29.
302 **Idem**, n.º 11, 1894, p.89.
303 MASSA, Jean-Michel – **Arquivos do Centro Cultural Português, op. cit.,** p. 604.
304 **Nova Alvorada**, 5 de Agosto, 1896, p. 131.
305 **Artes e Letras,** n.º 5, 1875, p. 76 e segs.

306 **Aurora do Cávado**, n.º 23, 5 de Janeiro de 1900, p. 1.
307 **Visão dos Tempos, op. cit.**, p. 168.
308 **Idem,** p. 170.
309 **Idem**, pp.171-172.
310 **Idem,** p. 174.
311 **Idem**, pp. 183-184. Esta tradução foi publicada no **Magazine International**, n.5, janvier 1896, pp.33-38.
312 **Idem**, p.185.
313 **Idem**, p.189.
314 **Idem.**
315 **A trasladação de Garrett, op. cit.**, p.19.
316 **Idem**, p.45.
317 **Idem**, p. 5.
318 **Idem**, p. 7.
319 **Idem**, p.12.
320 **Idem, ibidem**.
321 **Idem, ibidem.**
322 **Idem**, pp.13-14.
323 **Idem**, p. 14.
324 **Idem**, **ibidem**.
325 **Idem**, p. 16.
326 **Idem**, p. 19.
327 **Le Portugal littéraire d'aujourd'hui, op. cit.**, pp.5-6.
328 **Idem**, pp. 10-11.
329 **Idem**, p. 11.
330 **Idem**, p. 15.
331 **Idem**, 24.
332 **Idem**, p. 43.
333 **Idem** p. 331

ERRATA

As duas cartas de Rafael Altamira que, por erro de composição, se encontram pp. 555-558, devem ser integradas na série de cartas do referido crítico, por ordem cronológica, pp. 331-349.